Duque, E. (2007). *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude.

ÍNDICE

PARTE II

Os jovens e as condutas de vida

PARTE III

Atitudes dos jovens perante a Igreja

Qual é a situação real dos comportamentos e valores dos jovens do Distrito de Braga? Até que ponto nos encontramos numa sociedade que se afasta progressivamente das crenças religiosas? Até onde avançou o processo de redução das práticas religiosas a meros elementos sociais mantidos culturalmente pelo impulso da tradição?

SIGLAS E ABREVIATURAS

As siglas e abreviaturas utilizadas com mais frequência neste livro são as seguintes:

ASR - Archives de Sociologie des Religions

CESOP - Centro de Estudos Sociais e Pastorais da Universidade Católica Portuguesa

CIC - Catecismo da Igreja Católica

ES - Economia e Sociologia

FAOJ - Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis

GIS - Gabinete de Investigações Sociais

ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

IED - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

IES - Instituto de Estudos Sociais

INE - Instituto Nacional de Estatística

IPJ - Instituto Português da Juventude

ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

NUTS - Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

OPEU - Observatório Permanente sobre os Estudos Universitários

RPD - Recenseamento da Prática Dominical

UCP - Universidade Católica Portuguesa

PRÓLOGO

As sociedades ocidentais têm considerado, pelo menos nas últimas décadas, a juventude como um elemento motriz e dinamizador do processo de transformação social. É por isso vista, pela sociedade, como a impulsionadora da História, agente de reforma, de motivação, de esperança e, até mesmo, em alguns casos, como "sujeito revolucionário". O certo é que os jovens, nos anos sessenta e setenta, determinaram uma importante função no desenvolvimento da modernização das estruturas sociais e, rompendo com as estruturas normativas dominantes em busca de outros espaços e canais alternativos, assumiram novos valores, novas condutas, marcando novos rumos e abrindo novas perspectivas. A *geração jovem* surge, nesta época, como mentora de importantes convulsões sociais. Exemplo disso é, já na década cinquenta, a chamada *geração Beat*, formada com jovens intelectuais que contestavam a falta de pensamento crítico e o exagerado consumismo; na década de sessenta e posteriormente a ela, surgem vários movimentos, estilos e comportamentos que modificaram inexoravelmente o modo de vida, destaca-se o Movimento pelos Direitos Civis; a proliferação de vários géneros musicais, como o iniciado com Elvis Presley; os inumeráveis protestos de rua, como o movimento estudantil de Maio de 68 ou a Primavera de Praga; enfim, em definitivo, a juventude surge, pela primeira vez, como um ***sujeito histórico com definições identitárias claras*** e não reduzida, como muitas vezes o foi, a um agregado populacional.

Por esta função fortemente revigoradora e transformante da identidade social, a juventude constituiu-se como um objecto de estudo, nomeadamente para a sociologia empírica. Daí a proliferação de vários estudos sociológicos que têm a juventude como objecto de investigação, os quais nos proporcionam um conhecimento mais aprofundado das metamorfoses e das ***novas estruturas de sentido*** que se vêm desvelando na faixa etária juvenil e que nós, no decorrer deste trabalho, nos propomos analisar, mormente, ***os comportamentos, as crenças, as atitudes e os valores* dos jovens** na contemporaneidade.

Foram estes estudos que em épocas distintas radiografaram a juventude portuguesa e que permitiram e tornaram exequível a elaboração deste livro. Contudo, na sua execução, não nos foram alheias algumas adversidades, entre as quais, a mais difícil de vencer, foi a de encontrar indicadores significativos que se

mantivessem invariáveis ao longo de um tempo suficiente de forma a que permitissem uma análise. Após uma incessante busca, os indicadores que encontramos e sobre os quais pudemos trabalhar apresentam algumas lacunas, na medida em que haveria temáticas que entroncavam com os nossos objectivos de grande relevância para tratar, mas que não puderam ser devidamente aprofundadas, visto que as perguntas relativas a esses temas foram sendo alteradas, na forma e no conteúdo, no decorrer dos vários inquéritos. Daí se ter inviabilizado algumas análises longitudinais.

A estrutura deste trabalho, organizado em três grandes temáticas, dispõe, sempre que possível, de uma apresentação do problema no seu conjunto a nível europeu; em segundo, faz-se um enquadramento do item em análise, a nível nacional e, em terceiro, observa-se e decompõem-se a nível local. Desta forma, enquadrando os jovens no contexto efectivo que os rodeia, tanto a nível nacional como europeu, fica-se com uma imagem mais efectiva e próxima das ***formas sociais emergentes de estruturação das várias ordens de sentido***.

Deste modo, na primeira parte, aborda-se a questão da identificação religiosa dos jovens, bem como o modo em que tal identidade se ritualiza, o qual, muitas das vezes, expresso em comportamentos e atitudes, não é isento de paradoxos. Na segunda parte, apresentam-se as condutas de vida de jovens, as suas crenças e valores e quais as instituições em que depositam mais credibilidade, levando-nos a compreender, assim, não somente os valores que vêem emergindo, mas também as mudanças no modo de se gerar os mesmos e, consequentemente, a forma como estes são expressos pelos jovens. Finalmente, na terceira parte, observa-se as atitudes dos jovens perante a Igreja Católica, a sua inserção e participação, a pertença e a colaboração com os movimentos eclesiais, bem como se analisam as metamorfoses a que foram submetidos os valores e comportamentos dos próprios jovens na relação com a família e a instituição matrimonial.

Este livro termina com uma série de conclusões que oferecem uma sinopse das temáticas previamente desenvolvidas e estudadas, transcorrendo os objectivos enunciados e apontando as transformações geracionais, que fazem com que os jovens de hoje, sejam, em definitivo, diferentes dos jovens da geração de cinquenta ou de sessenta, pelo processo de ***socialização multicultural a que estão submetidos***, cuja regra e lema é a ausência de regras e lemas.

Nas análises que fazemos e propomos, partimos do princípio que a juventude se constitui frente às novas ordens de sentido global um sujeito múltiplo, diverso e heterogéneo, exposta a distintos graus de vulnerabilidade e de sentidos, agora,

manifestos segundo o princípio da diferenciação e secularização religiosa que, as gerações de outrora, não conheceram.

Finalmente, queremos elevar o nosso reconhecimento e gratidão a todos quantos tornaram factível a realização deste estudo, mormente, as palavras de ânimo da família, dos amigos, dos professores da Universidade Complutense de Madrid e do Instituto Português da Juventude, enfatizando particularmente o Dr. Pompeu Martins que, desde o início, nos apoiou neste propósito.

1. A IMPORTÂNCIA E O ENQUADRAMENTO DESTE ESTUDO:

Quando falamos de jovens, ou de juventude, de que estamos a falar? O que é que permite pensar que uma identidade cronológica supõe, por si mesma, uma identidade social? Em que sentido é possível encontrar diferentes acepções quando se pretende definir a juventude? Em muitas interpretações, a juventude é afigurada tanto como *sujeito de socialização* (geração, sujeito ou agente de mudança social), quer como *objecto de socialização* (reprodução e afirmação da ordem social vigente). Na perspectiva das ciências sociais, indagar o conceito de juventude, é entrarmos num conceito amplo e heterogéneo, com variadas formas de, comummente, se entender o mesmo.

No trabalho que nos propomos realizar, pretende-se caminhar em dois sentidos: por um lado, através das distintas teorias que abordam a acção social dos jovens, descobrir como é que eles são, vivem, pensam e agem; por outro, ao analisar a sociedade, compreender e desenredar os conceitos que implicam a "juventude", visto que é a sociedade que lhes infunde toda uma série de "modus" sociais, os quais são, por vezes, por eles admitidos ou declinados.

Vejamos algumas acepções que nos aproximam da definição do que é a juventude:

A juventude pode ser definida com um **estado** ou ***status***, isto é, como uma posição social, a que o jovem se vincula a partir de uma idade. Esta posição, na estrutura social, manifesta-se num modelo de comportamento e numa estrutura de valores, que parece converter-se no comportamento cultural da actual sociedade, na que "ser jovem" constitui um valor positivo. Desde esta perspectiva, não é a sociedade adulta a que opera como referente valioso que tende o jovem, senão pelo contrário, as características atribuídas ao grupo juvenil actuam como modelo de comportamento para os componentes da sociedade adulta. Com frequência este comportamento é questionado, considerando-o como consequência da manipulação para o consumo (cf.: Serrano Pascual, 1995: 177-200).

Também se encontram referências ao termo juventude como um ***estado incompleto***: ou seja como uma situação de caminho ou transição de um estado ao outro, no qual se manifesta um processo, um tempo de espera. Como grupo, há a tendência a caracterizar os jovens a partir da indefinição ou da insegurança, daí que a concepção do estado adulto apareça como uma meta normativa e um dever moral. Deste modo, o conceito não tem conteúdo em si mesmo, senão em referência à relação com outro: a infância ou o estado adulto. Esta postura pode assumir-se desde uma *perspectiva psicológica*, na que se destacam as diferentes mudanças (a nível biológico, cognitivo e social) que são entendidos como crises e que conduzem a uma necessária reorganização do conjunto, mediante a confirmação de uma personalidade que detecte aqueles atributos próprios do estado adulto (maturidade moral e cognitiva, adopção de um padrão laboral e sexual, pensamento lógico, posicionamento ideológico, crescimento de responsabilidades produtivas e compromisso social).

Desde uma ***perspectiva sociológica*** poder-se-á dizer que a juventude é considerada como função das estruturas produtivas e demográficas. Entende-se a transição como um processo social, como tal relativo, isto é, que não está presente em todas as culturas, dependendo do contexto social em que o mesmo se desenvolve. É possível, assim, deste modo, distinguir uma pluralidade de juventudes e de grupos sociais dentro deste intervalo de idade, das que resultariam a variável dependente, relacionada com outras variáveis estruturais como classe social, situação económica e família de procedencia[3].

Há uma outra concepção que tende a **definir a juventude como geração**. Neste sentido, os jovens constituem um grupo numa fase de vida; um grupo que, mais do que se assumir como integrado na vida social, se manifesta como um grupo de negação e de reconstituição da própria sociedade, através de novos comportamentos, atitudes, expressões, ideias, etc. Se na perspectiva anterior eram percebidos numa óptica de reprodução social (como agentes sociais), neste caso, aparecem como motor de mudança, numa relação de contradição com o estado adulto e oposto à ordem social vigente[1]. A relação entre os distintos grupos

[1] Os adultos, de acordo com Martín Serrano, pensam que os jovens são imaturos mas, como é evidente, esta imaturidade não é dada pela sua capacidade ou pela ausência de criatividade lúcida, mas sim pela distante existente, calculada pelos adultos, entre o "esperado e o real" (cf.: Martín Serrano, 1991: 13).

de idade pode aparecer como conflituosa, já que supõe universos culturais em contradição ou em diferenciação[2]. Este conceito de se apresentar a juventude como geração, surge vinculado, constantemente, ao de sub-cultura, como uma forma particular de se interpretar e perceber a realidade[3]. Não menos frequente, é a forma de se observar a sub-cultura juvenil como fonte de desordem e desestabilização (cf.: Martín Serrano, 1991: 181-182).

A *definição de juventude* que neste estudo se propõe, a que cremos que está mais próxima do fenómeno que define os jovens, parte de alguns elementos teóricos, desde o ponto de vista estrito da psicologia e da sociologia, focando as distintas características da juventude, sobretudo no momento em que se inicia a "juvenilidade", isto é, a proximidade do jovem à vida social e adulta, de onde se devem reconhecer três tendências básicas que regem a modelação da sua pessoa:

A primeira tem a ver com o processo de desenvolvimento da sua *socialização e* a sua proximidade à total potencialidade desta[4]; a segunda está relacionada com o *diagrama de intelectualização,* ou a apreensão selectiva dos elementos de conhecimento e compreensão[5]; a última refere-se à *tendência para acção* e à relação, por necessidade de dar saída ao seu potencial energético acumulado[6]. A inter-relação entre estes três elementos cria e forma as características básicas da juventude. A relação com o outro, o desenho intelectualizado das respostas individuais e as pretensões activas de construir o seu mundo particular, são, sem dúvida, as três dimensões inerentes ao processo de amadurecimento que deve atravessar a idade juvenil.

---

[2] Por exemplo, no âmbito sexual, a naturalidade e a espontaneidade dos jovens explicam a ausência de sintonia com a mentalidade tabu dos adultos (cf.: *Ibidem).*

[3] É patente que uma das características do fenómeno juvenil refere-se à lógica das acções da juventude, lógica que se traduz fundamentalmente pelo "viver" e pela realização de experiências básicas (cf.: Tornos, A., 1984: 20).

[4] Neste contexto, a juventude não pode deixar de estar em crise, porque estão, como diz Gil Calvo, na sala de espera, à espera, sem nenhum tipo de poder e assim passam o tempo, demasiado tempo sem responsabilidades nem interesses que defender (cf.: Gil Calvo, 1985: 33).

[5] Isto faz com que os jovens, ao descobrir o mundo adulto, como estranho a eles próprios, só desejam compreender e pertencer ao grupo de quem os possa acolher, de estar com os que são como eles, com quem se identificam (cf.: Rivier, 1982: 231).

[6] Por esta razão, ser jovem supõe no essencial um processo em crise. Morte na integração, assim como evolução cronológica e superação de etapas (cf.: Soto, 1983: 59).

A dificuldade de definir a juventude surge do facto de que são os jovens os que imprimem as maiores marcas ou *símbolos geracionais*, isto mediante as suas condutas, inconformismos com a ordem vigente, manifestações culturais e exposição dos problemas sociais. Independentemente dos demais grupos etários[7], os jovens possuem condições para mudar a ordem vigente e apresentam um potencial para expor os desejos do universo social a que pertencem. Não obstante em diversos casos a *juventude* não esteja simbolizada na realidade social, a forma como se comporta indica caminhos a percorrer, chamem-se falhas, ou crises. Deste modo, a juventude seria então no conceito das gerações[8], o grupo de idade responsável por determinar, de forma mais veemente, o ritmo da História.

Por isso, os jovens, por definição, não estão neutralizados ou imobilizados, nem tão pouco estão simplesmente à espera da sua realização pessoal; eles reivindicam e exigem o direito a participar activamente na história que os envolve, partindo dos seus próprios agrupamentos.

Esta forma de querer assumir uma palavra para construir o mundo e não passar despercebidos, tão próprio dos jovens, *faz com que eles se considerem distintos de todas as demais idades.*

Se, por um lado, este estudo surge para contribuir para um melhor conhecimento dos jovens do Distrito de Braga, assim como para reconhecer o que os diferencia dos demais outros grupos etários, por outro, pretende analisar as linhas de força que movem os jovens na sociedade moderna e o idealismo que os caracteriza nesta idade.

Para tal, apoiar-nos-emos em alguns inquéritos que ajudarão, de um modo longitudinal, *a problematizar, questionar e conhecer a juventude.* Referimos o "Inquérito Nacional à Juventude" do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), em 1982; no ano seguinte, foi aplicado o inquérito "Valores e atitudes dos jovens", realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED); o inquérito do Observatório Permanente sobre os estudos Universitários (OPEU), em 1985, orientado pelo Prof. João Ferreira de Almeida; posteriormente, foi aplicado outro sobre "Conflitos de gerações, conflito de valores", tutelado pelo Prof. Eurico Figueiredo e patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian; estes últimos analisaram o universo dos jovens universitários; em 1987, realizou-se o inquérito

---

[7] Cf.: Bourdieu, 1980; Martin Criado, 1993.

[8] Quando falamos do *conceito de gerações,* enquadramos este termo na *Sociologia das Gerações.*

sobre “A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações”, pelo Instituto da Juventude; em 1996, a Secretaria de Estado da Juventude celebrou um protocolo com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa instituindo o Observatório Permanente da Juventude, com vista à realização e publicação de estudos sociográficos, monográficos e inquéritos sobre valores e atitudes da população jovem portuguesa; em 1997, neste mesmo Observatório Permanente da Juventude, foi aplicado um inquérito aos jovens, com fixação e repetição de alguns indicadores do inquérito realizado em 1987, já referenciado anteriormente.

Além destes inquéritos, apoiamos a nossa investigação no “Inquérito aos Jovens da Arquidiocese de Braga”[9], aplicado em 2002 e realizado pelo Centro de Estudos Sociais e Pastorais da Universidade Católica Portuguesa (CESOP), sob a orientação do Prof. Manuel Luís Marinho Antunes; no “Recenseamento da Prática Dominical”[10] de 1977, 1991 e 2001; e, de um modo mais ostensível, no “Recenseamento Geral da População e Habitação” do Instituto Nacional de Estatística, mormente trabalhando os dados de 1991 e 2001.

2. OS JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO

2.1. OS JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL

Como é sabido, os jovens, em todas as sociedades de todos os tempos, foram e continuam a ser uma mais valia para a sociedade; são a vanguarda do progresso social, económico e político. A sua contribuição intelectual e o seu poder de mobilização faz dos jovens veículos de perspectivas inovadoras. O progresso da sociedade depende da capacidade desta mesma em saber captar e incorporar essas contribuições juvenis para o desenvolvimento de projectos que serão vitalizadores

---

[9] Visto que o inquérito referido não é do conhecimento público, explicitamos que o mesmo tinha como objectivo recolher informação sobre algumas questões relacionadas com a religiosidade dos jovens da Arquidiocese, bem como comprender a sua integração socio-cultural, o seu contexto familiar, a relação com os outros e com o mundo, a posição perante a escola, o trabalho e os tempos livres. Foi utilizada a técnica do *inquérito pessoa*l à população jovem de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos. O inquérito foi aplicado através de um questionário estruturado, com perguntas abertas e fechadas. De um total de 1200 entrevistas realizadas, 1124 foram aceites como entrevistas válidas, obedecendo a critérios de qualidade das respostas obtidas por coerência. O erro da amostra é de 2,92 e o grau de confiança é de 95%. A unidade da sondagem foi a família, sendo esta escolhida seguindo um caminho *aleatório sistemático*.

[10] Pela iniciativa da CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, realizou-se, em todo o território Português, uma operação de contar o número de pessoas com 7 anos ou mais de idade que estiveram presentes nas celebrações dominicais do Domingo dia 11 de Março de 2001, incluindo as celebrações na véspera. Os censos permitiram contar o número de pessoas presentes, assim como o número de pessoas que comungam em cada celebração, segundo o sexo e o grupo de idade. Operações semelhantes foram realizadas na mesma altura do ano em 1977 e 1991.

do tecido social, que no futuro levará à construção de uma sociedade melhor. Esta capacidade de inovar e criar, por parte dos jovens, foi e é indiscutível ao longo dos tempos.

Não obstante, nos nossos tempos, surgiram uma série de transformações estruturais e grandes mudanças sociais que exerceram fortes influências sobre as condições e formas de vida das novas gerações, o que fez mudar a identidade dos próprios jovens e da própria sociedade.

Anthony Giddens, estudioso das mutações ocorridas nas sociedades mais avançadas, salientou dois factos que estariam na origem dos grandes problemas que motivaram estas transformações e que originaram uma nova identidade.

1. Por um lado, ***a globalização***, na medida em que se trata de um complexo fenómeno constituído por uma mistura de processos não carentes de contradições, embora que, no seu conjunto, produzam um forte impacto no contexto da experiência social (cf.: Mardones, 1996: 108). Um dos elementos ligados ao fenómeno religioso e que vai experimentar o impacto da ***globalização é a tradição***. Não é que as tradições tenham desaparecido, como muito frequentemente se diz com certa precipitação, embora se bem muito afectadas: o que antes era considerado como algo absoluto e indiscutível pode ser agora questionado e *relativizado*. É neste sentido que Giddens fala de uma ***destradicionalização***. As tradições, que desempenharam um papel estabilizador de primeira ordem, vêem-se agora submetidas à reflexão mais ou menos crítica. Não desaparecem, pois, os jovens continuam, grande parte das vezes, a mantê-las, embora, agora, sejam por eles reinterpretadas, reformuladas, submetidas a uma justificação própria da criatividade, apanágio da própria idade.

Agora bem, com esta crítica às tradições, a ordem social perde estabilidade, dado que o solo sobre o qual assentavam as tradições se torna menos firme e mais movediço[11]. Frente a esta situação, segundo o autor, tudo deve ser submetido à reflexão, inclusive a própria identidade, para que assim, em vez de se tratar de uma identidade mais ou menos dado por aparente, passe a ser uma *identidade reflexiva* (cf.: IDEM).

2. Por outro, *a* ***homogeneização funcional*** que se trata de um processo que tem a ver com determinados acontecimentos próprios da modernidade

[11] Cf.: *Ibidem*, 109. Para fazer frente e responder a estas e a outras situações, tal como a insegurança, Giddens fala da necessidade da “reflexão social” que consiste em enfrentar as diversas decisões que os seres humanos têm que tomar pelo facto de viver e estar inter-ligados nesta sociedade.

ocidental, como são a revolução industrial, o crescente prestígio e o influxo social e cultural da ciência e da técnica. Produziu-se um tipo de sociedade e de cultura fortemente impregnadas de uma ***mentalidade científico-técnica*** e de valores, como são o da utilidade, da eficácia, do pragmatismo, etc.

Segundo pensamos, estes valores são vistos hoje, pelos jovens, como uma condição absolutamente necessária para progredir na sociedade da eficácia, altamente individualizada e competitiva. Daí que os jovens tendam a relativizar aqueles valores mais clássicos, como o da "humildade", da "disposição ao sacrifício", do "controlo das próprias necessidades", da "submissão", do "amor ao próximo", da "vocação para o serviço", da "lealdade às organizações" (laicas ou religiosas), etc. Não obstante esta relativização, estes valores não desaparecem necessariamente, não significa forçosamente o seu fim. Por um lado, podem ser modernamente reinterpretados ou actualizados, utilizando uma nova linguagem, um novo software, uma nova imagem para os novos tempos; por outro, podem coabitar com outros novos valores que também impulsionem à participação[12]. Pode ainda acontecer que, nos tempos modernos, valores como a "autorrealização", a "autonomia" e a "competência em acção" substituam o lugar de valores "tradicionais" como a "disciplina", o "respeito aos mais velhos", a "participação organizada", etc. (cf.: Beck, 1986). Tudo é permissível e exequível, pois esta é uma máxima da modernidade.

É neste contexto, que, J. Habermas e muitos outro autores, partindo desta mentalidade científico-técnico ou das ciências (naturais), chamam "*racionalidade funcional*", a esta forma de ver a realidade, que acentua a dimensão quantitativa e mensurável das coisas e, deste modo, não é de estranhar que a sociedade e a cultura sejam reprimidas pelas dimensões humanas dadoras de sentido (cf.: Habermas, 1999: 202). Este segundo ponto, *a fragmentação do sentido*, de que nos fala, entre outros, Lyotard e Weber supõe que a *racionalidade lógico-empírica e científica* não dá respostas às questões do *sentido da vida*[13].

Hoje, torna-se claro, com analistas como Touraine ou Morin, que a prevalência da *racionalidade funcional* não deixa de ser uma tirania de um tipo de mentalidade

---

[12] A proliferação dos chamados "pós-materialistas" – apelativos para o aumento da participação dos cidadãos, para a garantia da liberdade de expressão, para o aumento da qualidade de vida, etc. – enquadra-se no novo rol de valores (cf.: Inglehart, 1977).

[13] São muitos autores que exploram este filão. Entre eles destacamos a Lyotar que considera como raciocínio consequente da *fragmentação*, a *desintegração do sujeito* (Lyotard, 1983: 36 y 78); Weber, 1983: 19; a obra *The Fragnientation of Reason de* Stich; Fleck, 1986; Letocha, 2000: 77-86.

e de atitude que supõe a repressão de uma série de dimensões humanas, entre elas ***a religiosa***, como veremos posteriormente (cf.: Touraine, 1994: 276). Na opinião de Mardones, esta racionalidade acabou com o predomínio da visão global do *mundo de raiz cristã* e facilitou a dissecação das *fontes de sentido, da tradição, dos valores*, etc. (Mardones, 1996: 112-114).

Esta situação de ***fragmentação cosmovisional e de pluralidade de referentes de sentido*** produz também mudanças de valores na *sociedade no seu conjunto*, que se traduzem, por sua vez, tanto em mudanças nos *estilos educativos* no interior da família e na escola, como nas *orientações de valores* dos jovens, incluindo aquelas mudanças de valores na disposição ao compromisso e à participação social e política. Há também algumas transformações ao nível da *conduta social,* no sentido de que, entre a população juvenil, já não é tanto o meio ambiente social o que marca o estilo de vida que alguém considera apropriado para si mesmo, mas, sim, a decisão individual a favor de uma via de formação, uma profissão, uma forma de viver, de consumir, etc. Deste modo, a tese central é que na sociedade pós-industrial ou pós-moderna, as diferenças clássicas vão desaparecendo, para dar lugar a ***uma pluralidade de condições e estilos de vida,*** que já não dependem apenas ou fundamentalmente dos recursos e oportunidades existentes no entorno vital, mas, sim, da capacidade dos sujeitos, de se "apropriarem" e utilizarem estes recursos em proveito do seu próprio progresso.

Assim, afirma-se como sujeito social, participar socialmente, ter voz, voto e identidade social e, portanto, não ser diferente ou marginalizado, envolvendo a formação e reformulação ideológica dos sujeitos nos processos sociais. Isto implica que os caminhos para a vida adulta *já não são marcados tanto por ritos únicos e exclusivos*, senão por uma grande quantidade de processos e níveis que se juntam e se confundem.

Poder-se-á dizer, em género de conclusão, que os jovens, tanto *reinterpretando* valores ditos "tradicionais" como *substituindo* aqueles por novos, *sofrem, de facto, uma languidez ou anemia das grandes ideologias de enquadramento moral, político e, como veremos, religioso*. Em contrapartida, emergem *novas formas de filiação*, mais fundadas nas "comunidades emocionais"[14]

[14] Foi D. Hervieu-Léger quem, tomando uma expressão weberiana, definiu como "comunidades emocionais" os diversos grupos de inspiração cristã que predominam hoje na Igreja: carismáticos católicos, grupos rurais neomonásticos, comunidades neocatecumenais, círculos ecuménicos "livres", etc. (cf.: D. Hervieu-Léger, 1985: 50-62). Segundo Mardones todos estes grupos apresentam uma série de traços similares, tais como: são grupos reunidos em torno de um personagem carismático, são modos flexiveis de

que as "comunidades tradicionais", dando origem ao nascimento de novos imaginários sociais que convergem, em muitos dos casos, em novos cultos.

2.2. OS JOVENS NO CONTEXTO RELIGIOSO

Os jovens são fruto da geração e da sociedade que os envolve. A religião, por sua vez, não se pode separar da sociedade. Queremos com isto dizer que a religião, e neste caso concreto a dos jovens, atravessa um tempo circunstancial, que vai acompanhando o ritmo da própria sociedade.

A perda do monopólio religioso, por parte das instituições ou Igrejas e com ele a perda do capital simbólico, que agora pode ser *livremente reinterpretado e manipulado*, prescindindo de qualquer estrutura, rito ou regra, deu origem a *novas configurações* ou *sensibilidades religiosas*. Assim se explica o ressurgimento de numerosas práticas sociais (cf.: Mardones, 1996: 24 e 93).

Apesar do narcisismo[15] e o individualismo que pode caracterizar a sociedade moderna (cada um interpreta livremente sem se obedecer à herança recebida), os jovens não deixaram de manter uma ***relação com o transcendente***; ou, de outra forma, não deixando de se manifestarem pessoas religiosas, os jovens acreditam que "Deus" é importante para o seu futuro pessoal[16], o que pode indiciar que, contrariamente ao que muitos profetizaram, o fenómeno religioso não se extinguiu, mas regressou, voltando a ser reafirmado[17].

As causas desta afirmação ou deste *regresso religioso*[18], segundo alguns estudiosos, deve-se à grande desilusão ante o fenómeno da modernidade. Esta última prometeu resolver todos os problemas da humanidade. De facto, tivemos neste século avanços extraordinários na tecnologia, nas ciências e nos

---

associação, há um predomínio da experiência espiritual frente às formulações dogmáticas ou objectivas, etc. (cf. Mardones, 1988: 123).

[15] O próprio ideal da personalidade *narcisística* parte de uma metáfora orgânica: o crescimento dá-se em todas as direcções. Nesta linha de interpretação, o "homem proteico" tem uma actuação lábil e fluída, composta por "*fragmentos de identidade*" combináveis e variáveis, de uma situação ou outra, de uma relação ou outra, sem entregar nenhuma (cf.: Bejar, 1990: 216-218).

[16] Cf.: II PARTE, Cap. I, Alinea 1.2. "*Las formas de vida y el futuro de los jóvenes*".

[17] O "regresso" implica uma presença anterior. Em relação ao fenómeno religioso, falamos de um "regresso" do cristianismo, enquanto configuração histórico-cultural, na nossa cultura ocidental-europeia, pelo menos até o início da chamada modernidade (cf.: Duque, 2003: 163-168).

[18] Cf.: Entre outros a Touraine, 1998; Vattimo, *O Rasto do rasto*, in Derrida, 1997: 95; Velasco, 1999; Gellner, 1994: 39; Mardones, 1999.

conhecimentos humanos. Contudo, as consequências da modernidade não tardaram: os jovens e mesmo as outras faixas etárias experimentam a decepção ao ver questionadas muitas das suas visões do mundo e dos seus comportamentos. Os referentes de sentido vacilam, e, com eles, a própria identidade, tanto do próprio jovem como da população em geral. Desta forma, não é estranho que surjam duas correntes:

a) Por um lado, segundo os estudiosos, o que poderia acontecer não seria um regresso à esfera do divino, mas, sim, à *privatização da fé*[19], cujo nome mais próximo para a população jovem seria o *indiferentismo religioso*. Este, em muitos lados, já não conhece fronteiras sociais, nem económicas. Um número cada vez maior de pessoas está a tornar-se *religiosamente indiferente* (cf.: Moser, 1996: 26). Para tais estudiosos, o impacto da modernidade produziu pouca importância para o sagrado. Resulta indiferente se existe ou não um ser transcendente. Como muito, o que pode acontecer é a procura de um elemento religioso quando se precisa dele. A religião torna-se, para estes, uma espécie de *supermercado*, onde, cada um, quando precisa, vai buscar o "produto que mais lhe convém no momento" (cf.: *ibidem*, 29). Trata-se de uma religiosidade para a satisfação das necessidades do consumidor (cf.: Mardones, 1996: 87).

b) Por outro, tratar-se-á de uma segunda tendência, em nome da segurança, surgem movimentos de regresso à pureza das doutrinas, à autoridade das escrituras, à interpretação magisterial, etc. O resultado é, muitas vezes, o fundamentalismo com que alguns jovens parecem actuar[20].

Estas duas atitudes ou tendências, se quisermos, podem ser interpretadas no sentido de que a multiplicidade de opiniões seria causa da resistência dos indivíduos à uniformização planetária induzida pela cultura técnico-científica moderna e a sua capacidade para respeitar a diversidade de culturas. A alergia aos dogmas e às doutrinas sistematizadas e intelectualizadas leva à rejeição das relações burocráticas ou ideologizadas e abstractas, que organizariam as relações humanas (cf.: Mardones, 1988: 124).

---

[19] Desta forma, a religião livra-se do seu papel de instância legitimadora social e passa a ser entendida na sua dimensão mais interior, somente espiritual (cf.: Luckmann, 1973: 22 e 179).

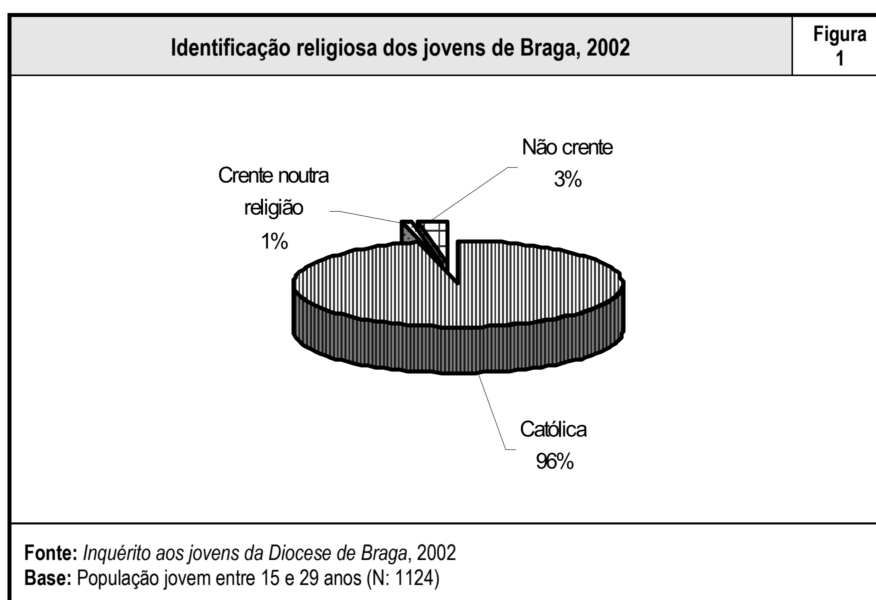
[20] O fundamentalismo poderia ser definido como "um modo tradicional de defender a tradição" ou de afirmar a identidade sem reflexão crítica (cf. *Ibidem*, 110).

2.3. A REDUÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS A FENÓMENOS SOCIAIS

Até onde chegou o processo de redução das práticas religiosas a meros elementos sociais mantidos culturalmente pelo impulso da tradição? Com este estudo pretendemos mostrar que os Jovens do Distrito de Braga continuam a declarar-se maioritariamente católicos, embora, ao mesmo tempo, se tenham afastado, em grande percentagem, das práticas religiosas e, muitas vezes, só mantêm os elementos culturais do catolicismo.

Daí que este estudo acentue, de um modo especial, a perspectiva sócio-religiosa, em resposta à preocupação que determinou a elaboração deste trabalho.

O *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, de 2002, não vem senão confirmar de forma empírica as apreciações de numerosos comentadores e ratificar a perda do peso das crenças religiosas dos Jovens na sociedade Bracarense. Ainda que o trabalho se possa aplicar a *qualquer tipo de crença religiosa, em qualquer região do país*, tratamos, aqui, basicamente de uma ***reflexão sobre o catolicismo em Braga***, já que, da população jovem do Distrito de Braga, apenas 1% dos jovens se declara *crente em outra religião* e só 3% se declara *não crente*, enquanto que 96% continua a declarar-se, em matéria religiosa, *católico* (cf.: F.1.).



3. O DISTRITO DE BRAGA

CARTOGRAFÍA DO DISTRITO DE BRAGA



Mapa do Distrito de Braga

Fonte: Instituto Geográfico Português, (2001), Lisboa

3.1. UMA VISÃO DO DISTRITO DE BRAGA

- ***Contexto histórico***: Braga é capital do Distrito e sede da arquidiocese. A cidade é de origem pré-romana. O Distrito é composto por catorze concelhos distintos, tal como se ilustra no mapa superior, ligando as zonas marítimas de Esposende às zonas fronteiriças de Terras de Bouro e montanhosas de Bastos. Daí que confine a confina a Norte com Espanha e o Distrito de Viana do Castelo, a Sul com o Distrito do Porto, a Leste com o Distrito de Vila Real e a Oeste com o oceano Atlântico. Estende-se por uma área de 2.673 km², constituindo-se o décimo quinto Distrito maior de Portugal. Tradicionalmente pertence à província do Minho.

➧ ***Contexto económico***: o Distrito de Braga apresenta parâmetros de desenvolvimento e de qualidade de vida relativamente diferentes dos da média nacional: enquanto que a *Taxa de Actividade* (que permite definir o peso da população activa sobre o total da população) era nos últimos Censos de 45,6%, a nível nacional era de 48,2%. Relativamente à *Taxa de Desemprego*, no sentido lato, o Distrito de Braga, tanto em 1991 como em 2001, apresentava taxas inferiores de desemprego, apesar da diferença, entre o Distrito e a nível nacional, ser mais reduzida em 2001 do que em 1991 (cf.: Q. 1).

Taxa de Actividade e Taxa de Desemprego no Distrito de Braga e em Portugal entre 1991 e 2001		Quadro 1
	1991	2001
	Distrito de Braga	
Taxa de Actividade HM	42,7%	45,6%
Taxa de Desemprego HM	5%	6,2%
	Portugal	
Taxa de Actividade HM	44,6%	48,2%
Taxa de Desemprego HM	6,1%	6,8%
Fonte: INE, *Estatísticas Gerais*, 1991 e 2001.		

➧ ***Contexto demográfico:*** o Distrito de Braga, em relação à dinâmica demográfica manifesta, entre 2000 e 2004, uma *Taxa de Crescimento Natural* superior tanto à Região em que está enquadrado, no Norte, como a nível nacional. Não obstante que, mesmo sendo superior, vem acompanhando a diminuição, ao longo dos tempos, do *crescimento natural* verificado a nível nacional. No Distrito de Braga no ano 2000 era de 4‰ e em 2004 de 2,1‰. Notamos que, a partir de 2003, se manifesta uma ténue inversão da tendência que se vinha a sentir, manifestada no *crescimento natural,* entre 2003 e 2004, passando de 2‰ para 2,1‰. Tendência manifesta também tanto no Norte como a nível nacional (cf.: Q. 2 e Q. 3).

Estes números reflectem um consequente *envelhecimento da população*, manifesta entre a diminuição dos nascimentos e o aumento da mortalidade. Todavia, a tendência anteriormente expressa entre o ano de 2003 e 2004 foi devida não ao aumento da *taxa de natalidade*, mas à diminuição da *taxa de mortalidade*, verificada não só no Distrito de Braga, mas também a nível nacional (cf.: Q. 2 e Q. 3).

Apesar de se constatar que o decréscimo da *taxa da natalidade* tem sido uma realidade no decorrer destes últimos anos, o Distrito de Braga apresenta valores superiores destas mesmas taxas tanto em relação ao Norte como a Portugal (cf.: Q. 2 e Q. 3).

Quanto à relação do matrimónio com o *divórcio*, constata-se que, à medida que os anos avançam, diminui o número de *casamentos* e aumenta a *taxa de divórcio*, embora esta realidade esteja também presente no Distrito de Braga, este apresenta, nos últimos anos, taxas *superiores* de nupcialidade e *inferiores* de divorcialidade quer em relação às da Região Norte quer às nacionais, (em 2000, a título de exemplo, verifica-se em Braga uma *taxa de nupcialidade* de 7,9‰ e de divórcio de 0,8‰; na Região Norte, a taxa de nupcialidade era de 7‰ e de divórcio de 1,4‰ e em Portugal de 6,2‰ e de 1,9‰, respectivamente. Em 2004, verifica-se, no Distrito de Braga, uma *taxa de nupcialidade* de 5,8‰ e de divórcio de 1,4‰; no Norte, 5,2‰ e 1,9‰ e, em Portugal, de 4,7‰ e de 2,2‰, respectivamente) (cf.: Q. 2 e Q. 3).

Indicadores de população de Portugal e de Braga, 2000 a 2002										**Quadro 2**
		Taxa de Natalidade	Taxa de Mortalidade	Taxa de Crescimento Natural	Taxa de Nupcialidade	Taxa de Divórcio	Taxa de Fecundidade	Nados-vivos fora do Casamento	Casamentos Católicos	Índice de Envelhecimento
		‰						%		
2000	**Portugal**	11,7	10,3	1,4	6,2	1,9	46	22,2	64,8	102,3
	Norte	12,3	8,7	3,6	7	1,4	45,9	13,3	76,2	80,1
	Braga	12,7	8,7	4	7,9	0,8	47	9,4	78,4	77,3
2001	**Portugal**	10,9	10,2	0,7	5,7	1,8	43,2	23,8	62,5	103,6
	Norte	11,4	8,7	2,6	6,2	1,4	42,8	14,8	74,0	81,9
	Braga	11,9	8,7	3,3	6,6	0,9	44,5	10,1	76,7	78,9
2002	**Portugal**	11,0	10,2	0,8	5,4	2,7	43,7	25,5	62,5	105,5
	Norte	11,3	8,7	2,7	5,9	2,2	42,8	16,2	73,7	84,2
	Braga	11,8	9,1	2,7	6,6	1,4	44,3	12,1	76,6	78,1

Fonte: INE, *Anuário Estatístico*, 2002 a 2002

Indicadores de população de Portugal e de Braga, 2003 e 2004									Quadro 3
		Taxa de natalidade	Taxa de mortalidade	Taxa de crescimento natural	Taxa de nupcialidade	Taxa de divórcio	Taxa de fecundidade geral	Taxa de fecundidade na adolescência	Nados vivos fora do casamento
		‰							%
2003	**Portugal**	10,8	10,4	0,4	5,1	2,2	42,9	20,1	26,9
	Norte	10,8	8,9	1,8	5,6	1,9	40,9	17,3	17,5
	Braga	11,1	9,2	2	6,1	1,2	41,5	---	10,6
2004	**Portugal**	10,4	9,7	0,7	4,7	2,2	41,7	19,6	29,1
	Norte	10,2	8,3	1,9	5,2	1,9	38,9	16,9	19,5
	Braga	10,6	8,5	2,1	5,8	1,4	39,7	---	13,4
Fonte: INE, *Anuário Estatístico*, 2003 e 2004									

✦ ***Contexto sócio-cultural***: este Distrito está marcado por uma "extraordinária herança religiosa" do cristianismo. Esta herança, com variantes e diferenciações, teve uma forte influência significativa no *modelo social e cultural* no Norte de Portugal[21], assim como, por regra geral, em todo o país. A família, neste Distrito, é muito característica, *seguindo o modelo da família clássica*[22], com uma média de 3-4 filhos *versus* os 2-3 filhos em Portugal[23] (cf.: Q. 2 e Q. 4); trata-se de uma família muito "agarrada" às tradições culturais, que se manifesta na transmissão das heranças recebidas, na vivência do espírito da fraternidade, na prática dos valores religiosos e na interiorização dos princípios morais e éticos (cf.: Q. 2 e F. 2).

---

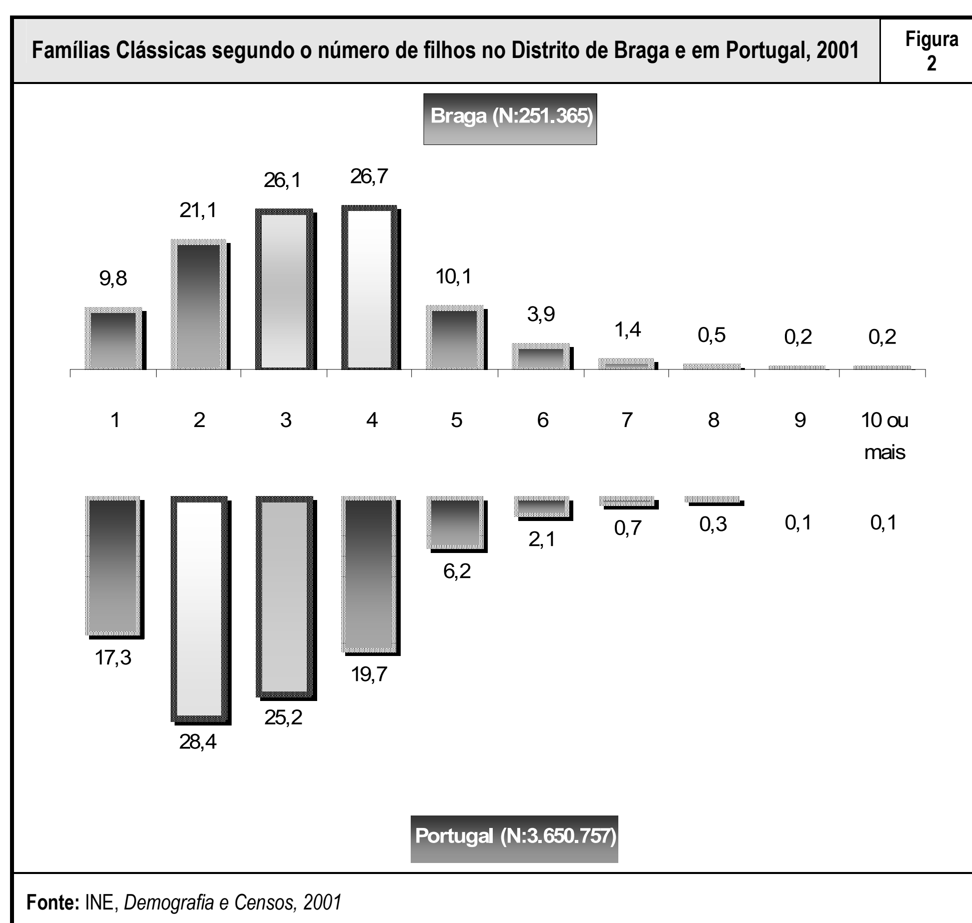
[21] Proporcionalmente, é no Norte que se regista maior número de *Famílias Clássicas* (33,2%), seguindo-se Lisboa e Vale do Tejo (35,7%), regiões onde se centralizam igualmente os maiores níveis de população residente, depois, no Centro (17,2), Alentejo (5,2) e Algarve (3,8) e, os valores mais baixos, encontram-se nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (2,0%, para ambas), coincidindo com níveis populacionais também mais baixos (cf.: INE, *XIV Recenseamento Geral da População e Habitação,* 2001*).*

[22] Cf. INE, XIV *Recenseamento Geral da População (Censos 2001).* Por ***famílias clássicas*** entende-se o conjunto de pessoas que residem na mesma casa e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento; por ***famílias institucionais*** compreende-se o conjunto de indivíduos residentes num alojamento colectivo que, independentemente da relação de parentesco entre si, observam uma disciplina comum, são beneficiários dos objectivos de uma instituição e são governados por uma entidade interior ou exterior ao grupo.

[23] Em Portugal, a não ser nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, em que a Família clássica é constituída por uma média de 3,3 pessoas por família, é no Norte em que se regista o maior número pessoas por família (3) e o mais baixo em Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, com 2,6 pessoas, em média, por família (cf.: INE, *XIV Recenseamento Geral da População e Habitação*, 2001).

Famílias Clássicas e Institucionais, 2001		Quadro 4
	Famílias Clássicas Residentes Nº	Famílias Institucionais Nº
Braga	251.365	201
Norte	1.210.631	959
Portugal	3.650.757	3.876
Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001		

Famílias Clássicas segundo o número de filhos no Distrito de Braga e em Portugal, 2001 — **Figura 2**



Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

No Distrito em estudo, existe um ***turismo,*** possivelmente o mais significativo, com muitas atracções, trata-se do *turismo religioso*. Mas além das Igrejas que são verdadeiros depósitos de heranças culturais, devemos referir também o número de museus ligados ao fenómeno religioso. Não menos importante, são as festas populares e as festas religiosas, que se realizam em diversas épocas do ano, e que, entre nós, não é de estranhar, a presença de turistas estrangeiros, com especial referência aos nossos vizinhos espanhóis.

- ***Contexto religioso***: contudo, apesar deste profundo e enraizado legado social e cultural, a situação tendeu a transformar-se. Para o observador superficial, a socialização torna-se visível quando se começa a notar uma *diminuição sensível da prática religiosa*. A prática dos actos religiosos é, de facto, um dos indícios de maior interesse e que bem elucidam a situação religiosa de uma população. Contudo, devemos ter presente que há outros indícios e que, no Distrito de que falamos, não são menos sintomáticos de um processo de socialização por ventura já iniciado.

Poder-se-ia dizer, para sermos exigentes, que a prática externa de actos religiosos nem sempre revelam convicções esclarecidas e profundas. A prática unânime, ou quase unânime, tal como se manifesta neste Distrito, pode "sobreviver" por um fenómeno de pressão social, sem que a fundamente uma autêntica formação moral e religiosa das consciências. Neste processo, os primeiros passos são geralmente a anemia da fé, por falta de uma séria formação; a invasão de um materialismo prático, revelado pelo egoísmo, pela ambição e pela busca desmedida das comodidades da vida; a diminuição das vocações sacerdotais e missionárias, etc. Numa palavra, se poderia dizer que, antes que os hábitos mudem, mudam as mentalidades.

Não só os indivíduos, mas também as instituições, sofreram, de certo modo, este impacto da "*globalização*"[24]. A família começou a ter uma nova configuração (surge a família monoparental) (cf.: Leandro e Ferreira, 1997: 434 e ss). Outro exemplo é o *Domingo*[25], uma das instituições cristãs de maior protecção social, que sofre uma certa laicização, perdendo o sentido religioso que lhe é essencial, para se tornar, muitas vezes, num dia quase inteiramente pagão[26]. O ensino e outras iniciativas artísticas, científicas, difusivas do pensamento, deixam de ser monopólio da Igreja. Em matéria de costumes populares ou tradições, nascidos e suportados à sombra da Igreja (festas populares, cumprimentos cristãos, etc.) vão sendo substituídos por outros desprovidos de sentido cristão (bailes, excursões,...). As

---

24 Com esta expressão pretende-se dizer que o homem está cada vez mais preso a uma comunidade universal (cf.: Reis Rodrigues, 1991: 99).

25 Cf.: Pais, M. 1998. Neste livro, encontramos no Capítulo VII "*Vida Religiosa*", uma alínea sobre a "*participação no culto: frequência e razão*", cf.: 484-488.

26 Cf.: CEP, 1993; *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 2174-2195; Cân. 1248; *Normas Universais do Ano Litúrgico e do Calendário*, 1969, nº 4; Concílio Vaticano II, Const. sobre a *Sagrada Liturgia*, SC, nº 106, AAS 56 (1964), p. 126, etc. Por deliberação do Episcopado, fez-se no dia 6 de Fevereiro de 1977 o *primeiro censo da Prática Dominical* (presença nas Missas dominicais) nas dioceses do país. Este censo preocupou os Bispos e, então, depois de uma reflexão teológica e pastoral, decidiram desenvolver, ao longo do ano pastoral seguinte, um esforço conjugado de esclarecimento dos fiéis sobre o *Domingo* e as formas de o celebrar. Esse esforço foi notório na região de que estamos a falar.

instituições eclesiásticas são as que mais sofreram com os agentes mais virulentos da socialização. Na região de que falamos, o clero diminuiu em número e, de certo modo, consequentemente, perdeu também alguma da sua influência e prestígio (cf.: Q. 5).

Clero, Religiosos e candidatos ao sacerdócio da Diocese de Braga, por ano								QUADRO 5
		Ano de 1995	**Ano de 2001**	**Ano de 2002**	**Ano de 2003**	**Ano de 2004**	**Ano de 2005**	**Diferença 1995-2005**
Sacerdotes diocesanos		522	498	493	493	483	473	-9,4%
Sacerdotes religiosos a residirem na Diocese		118	112	119	107	110	94	-20,3%
Religiosos não sacerdotes		87	71	66	53	68	69	-20,7%
Candidatos ao Sacerdócio	Clero Diocesano	71	66	29	34	64	64	-9,9%
	Clero religioso	30	12	12	3	17	17	-43,3%

Fonte: Arquidiocese de Braga
Base: Todo o clero, religiosos e candidatos ao sacerdócio

Como resultado desta perda progressiva dos valores cristãos e, como síntese de todos os sintomas desta socialização que acabamos de referir, começamos a viver a formação de um clima ideológico e institucional, em grande parte laicizado, que envolve todas as manifestações da vida individual, religiosa e social.

3.2. EVOLUÇÃO DA VIDA SOCIAL

A acrescentar à socialização das instituições, às quais já nos referimos, surgiram, a nível nacional, novos problemas. Entre muitos outros fenómenos característicos dos nossos dias, salientamos o *aumento demográfico*, o movimento urbano, a crescente importância das comunicações, o progresso vertiginoso da ciência, o acesso de todas as classe sociais e culturais à democratização de todas as formas de difusão de ideias, os avanços da descristianização das estruturas e forças sociais que processam o modelo cultural português, a reinserção dos nossos

emigrantes, sobretudo dos seus filhos, a grave situação de muitos dos nossos concidadãos, que sofrem as amarguras do desemprego, dos salários insuficientes e, por vezes em atraso, de falta de casa digna, das injustiças provocadas pelas assimetrias regionais e sectoriais do desenvolvimento e ainda as novas formas de pobreza...enfim, todos e muitos mais fenómenos exigiram que a *Igreja estivesse em estado de alerta* e que desse uma palavra ao homem em concreto[27].

No ***Norte***, onde se situa, entre outros Distritos, o Distrito em estudo, também se manifestam estes fenómenos característicos da *socialização*, embora, na generalidade, não sejam tão acentuados. Um desses fenómenos é a mudança *demográfica*, que se manifesta no aumento populacional de cerca de 6%, passando de 3.472.715 em 1991 para 3.687.293 indivíduos em 2001 (cf.: Q. 6 e Q. 7). Quando comparada com a estrutura da população do continente, verifica-se que é no ***Norte aonde se encontra a população mais jovem***. Em 2001, a proporção de jovens, de 23,3%, representa, entre todas as outras Regiões, o valor mais *elevado*, enquanto que a dos *idosos* representa, simultaneamente o mais *baixo*, cerca de 14% (cf.: Q. 6). Quanto ao *envelhecimento demográfico* verifica-se que foi uma realidade em todas as Regiões do país, apesar de não ter sido tão acentuado no Norte, pois embora a proporção da *população jovem* do Norte (23,3%) seja ainda superior à idosa (14%), entre 1991 e 2001, houve um *decréscimo* de 16% na população com 14 e menos anos, de 6% entre a população *jovem* (dos 15 aos 29 anos) e um *aumento* de 30% da população mais *idosa* (cf.: Q. 6 e Q. 7).

---

27 Por estes motivos e porque não passaram à vida as orientações contidas na Palavra de Deus e nos documentos da Igreja – especialmente nas *Cartas Pastorais e Exortações Apostólicas* – e também porque todos os dias há novos desafios, a Igreja está sistematicamente a reflectir e a abordar a realidade (a interpretar os *sinais tempos*) à luz da Doutrina Social que anuncia (Mt 16, 2-3).

População Residente por NUTS e Grupos Etários, 2001						Quadro 6
	NN	De 0 a 14 anos	De 15 a 29 anos	De 30 a 44 anos	De 45 a 64 anos	De 65 ou mais anos
Portugal	10.356.117	16,0	22,2	21,8	23,7	16,4
Norte	3.687.293	17,5	23,3	23,0	22,2	14,0
Centro	1.782.178	15,0	20,9	20,7	23,8	19,6
Lisboa e Vale do Tejo	3.468.901	14,9	21,8	21,4	25,5	16,3
Alentejo	535.753	13,5	19,3	19,6	24,0	23,5
Algarve	395.218	14,6	20,6	21,6	24,5	18,6
R. A. Madeira	245.011	19,1	23,8	22,9	20,4	13,7
R. A. Açores	241.763	21,4	24,9	21,6	19,1	13,0

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001

Nota: *Unidades Territoriais para Fins Estatísticos* (NUTS): Divisão e classificação do território nacional em regiões estatísticas equivalentes às dos outros Estados Membros da União Europeia (cf. INE, *Nomenclatura*).

População residente na região Norte, por grupos etários, 1991						Quadro 7
	NN	De 0 a 14 anos	De 15 a 29 anos	De 30 a 44 anos	De 45 a 64 anos	De 65 ou mais anos
Norte	3.472.715	22,1	26,2	20,3	20	11,4

Fonte: INE, Demografia e Censos, 1991

O ***Distrito de Braga,*** tal como o Norte, espaço onde aquele se enquadra, também não esteve isento de algumas alomorfias quanto ao seu tecido social, posto que, nos últimos 30 anos, a sua população teve um aumento na ordem dos 25%, sendo que, nos últimos 10 anos, entre 1991 e 2001, conheceu um acréscimo de 9%, passando de 754.593 e passou para 831.366 indivíduos em 2001 (cf.: Q. 8).

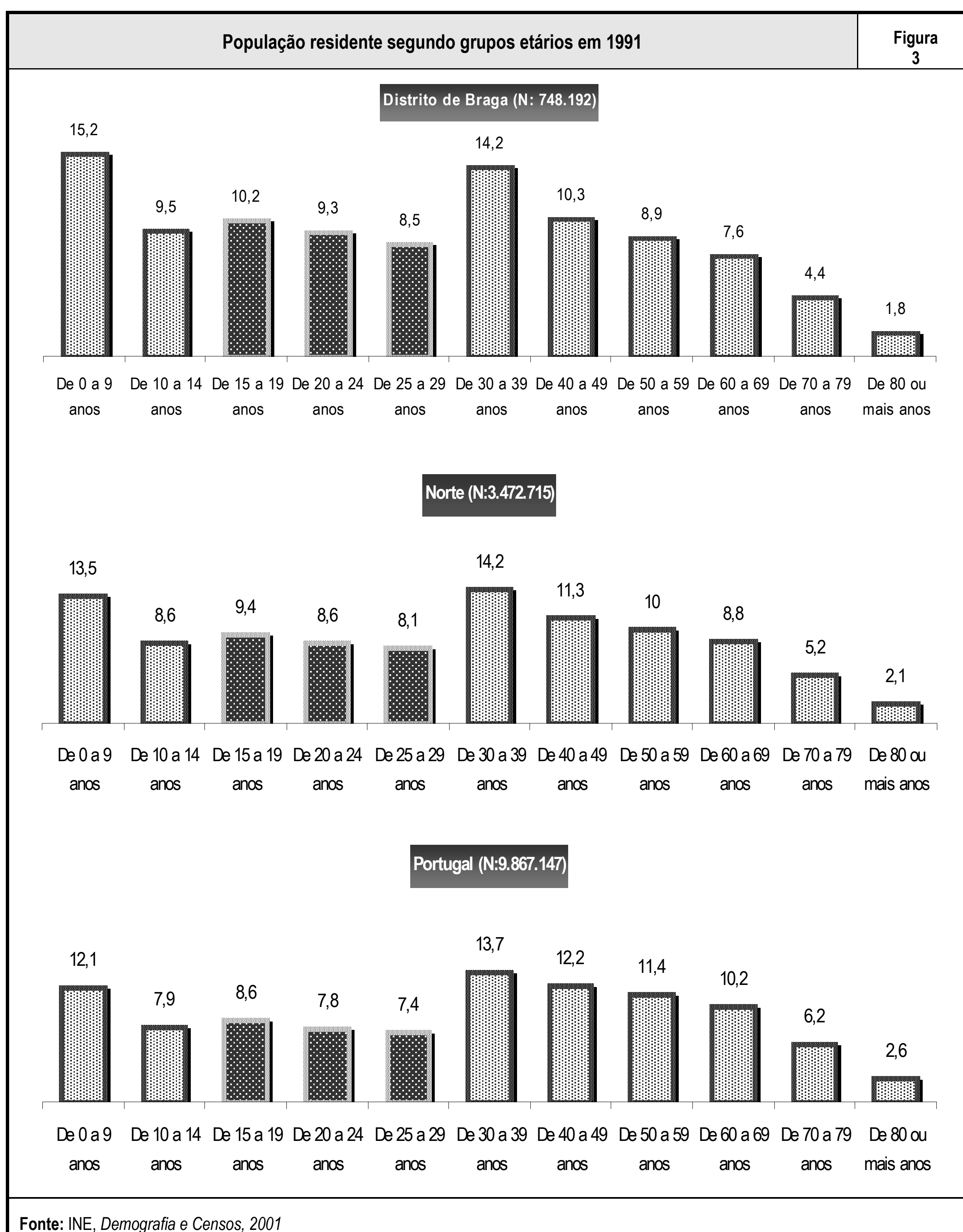
População residente no Distrito de Braga, por Concelhos, 1991 e 2001		Quadro 8
Concelhos	**1991**	**2001**
Amares	16.715	18.521
Barcelos	111.733	122.096
Braga	141.256	164.192
Esposende	30.101	33.325
Terras de Bouro	9.406	8.350
Vila Verde	44.056	46.579
Fafe	47.862	52.757
Guimarães	143.984	159.576
Póvoa de Lanhoso	21.516	22.772
Vieira do Minho	15.775	14.724
Vila Nova de Famalicão	114.338	127.567
Vizela	20.006	22.595
Cabeceiras de Basto	16.368	17.846
Celorico de Basto	21.477	20.466
Total	**754.593**	**831.366**

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 1991 e 2001

Base: Toda a população residente

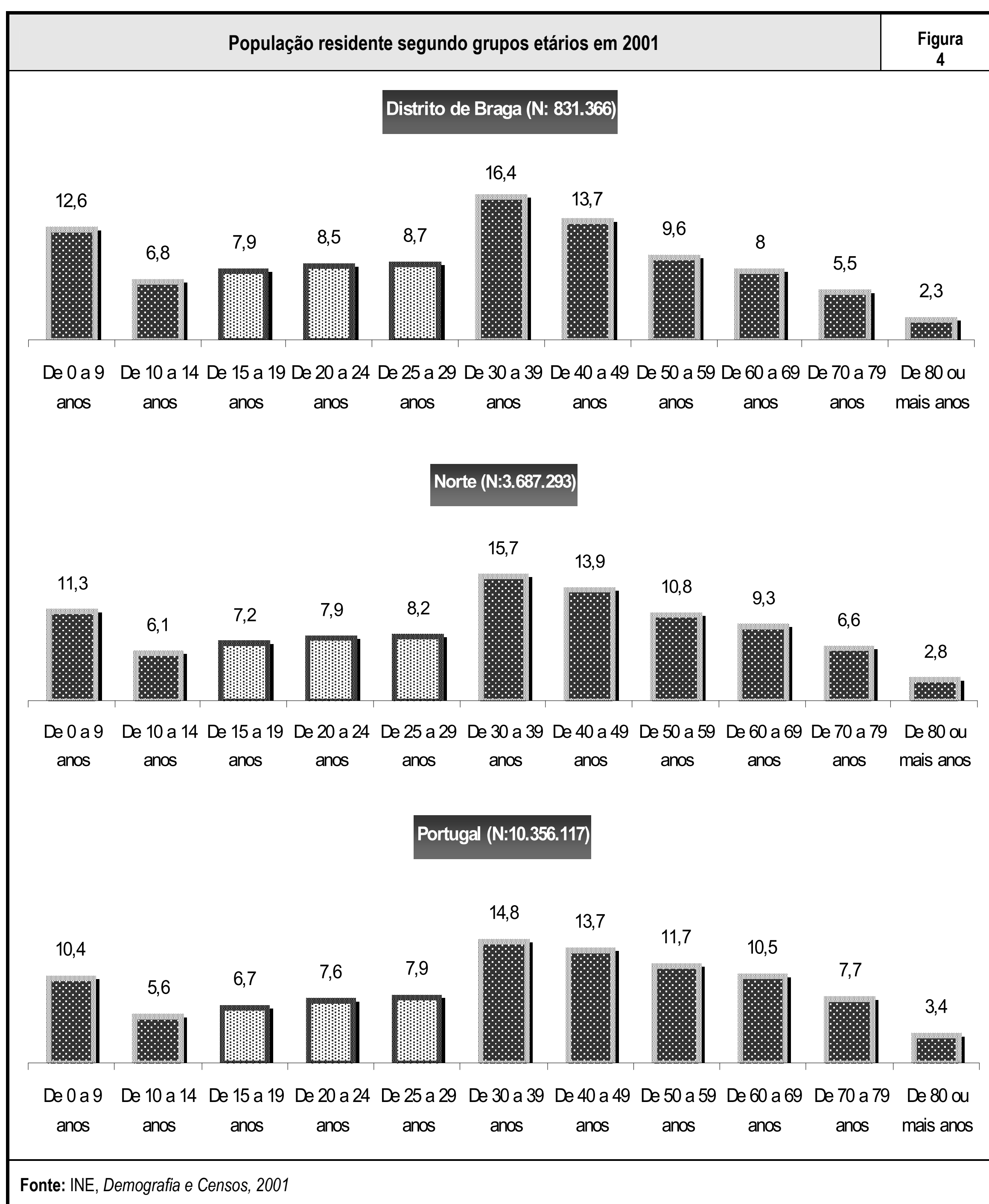
Nota: O Quadro 8 e a Figura 3 (abaixo indicada), parecem, à primeira vista, manifestar um paradoxo quanto à população residente em 1991 no Distrito de Braga, visto que nos referimos ao total da população do Distrito com dois totais, divergentes entre si: no Q.8 referimos um total de 754.593 indivíduos e na F.3 apresentamos um total de 748.192 indivíduos que constituíam o Distrito de Braga em 1991. Esta divergência deve-se ao facto de que a desagregação por faixas etárias referenciada na Figura 3 - que apresenta um total da população do Distrito de Braga de 748.192 indivíduos -, não contempla ainda o Concelho de Vizela, o qual foi somente criado em 1998 por desanexação do Concelho de Guimarães (Distrito de Braga) e dos Concelhos de Lousada e Felgueiras (Distrito do Porto). Deste modo, o total de 754.593 indivíduos descrito na Figura 3 contempla já a alteração administrativa ocorrida em 1998 (cf. INE, *Retratos Territoriais e Pesquisa por Unidade Territorial*, 1991).

Este substancial aumento global da população coincide com a notória diminuição dos *grupos de idades mais jovens* (até aos 25 anos), o que confirma, tal como a tendência nacional, um aumento gradual dos grupos de idades mais envelhecidos (cf.: F. 3 e F. 4). Mesmo assim, no panorama demográfico do Distrito, verifica-se, em 2001, um número considerável de jovens, quase de *um quarto* da população. Na pirâmide de idades, Braga é um das cidades mais jovens da Europa (foi considerada a cidade mais jovem da Europa em 1989).



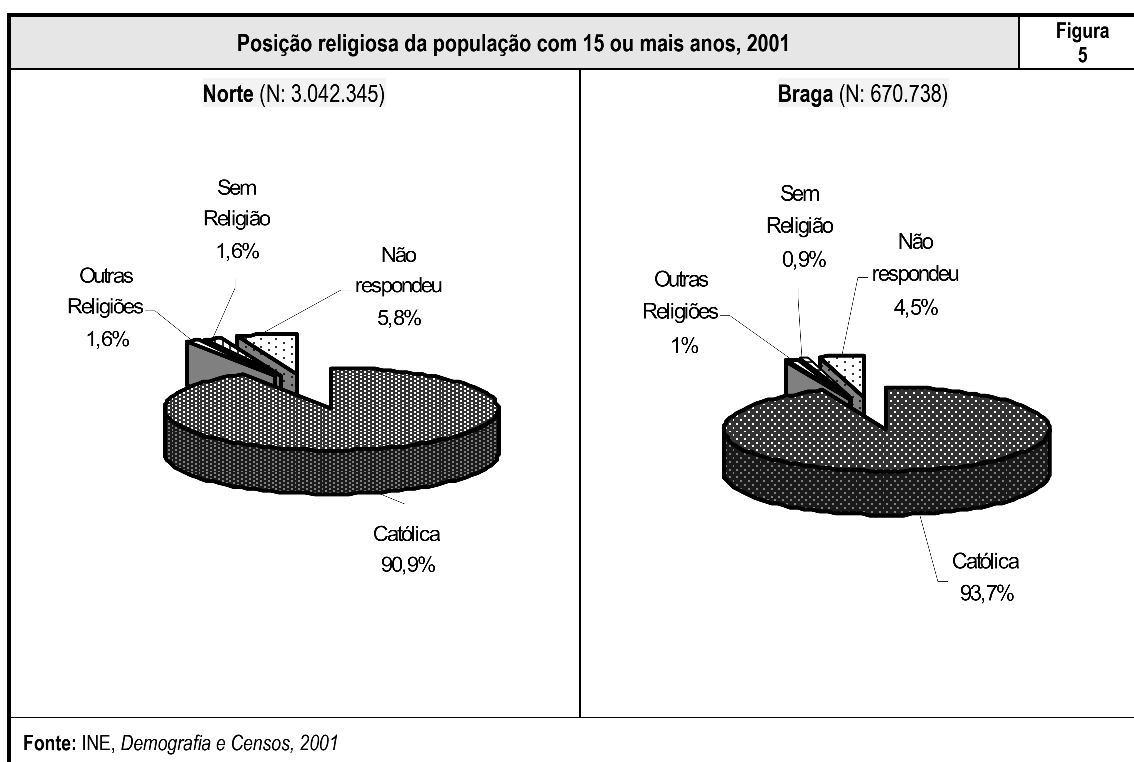
População residente segundo grupos etários em 1991 — **Figura 3**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*



Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

Em relação à identificação religiosa, como vamos referir no primeiro capítulo da primeira parte, é na região Norte onde se regista, em relação ao panorama nacional, o maior número de pessoas que se declaram católicas, cerca de 91%. Esta percentagem é também equivalente à que se verifica no Distrito de Braga (cf.: F. 5).



Posição religiosa da população com 15 ou mais anos, 2001 — **Figura 5**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O objectivo primordial deste estudo é explicar as mudanças e modalidades específicas das transformações que ocorreram e ocorrem nos ***jovens do Distrito de Braga***, mudanças que são o resultado de estratégias de desenvolvimento dos vários sectores, especialmente da religião, da família e da escola. Esta análise ocorre segundo três vectores (o poder religioso, social e cultural), que não serão considerados de forma estática, mas sim numa interacção dinâmica.

Parte-se do pressuposto teórico segundo o qual os processos de mudança assumem características sistémicas, englobando dimensões sociais, religiosas, culturais, associativas e organizativas que se entrecruzam, o que constituem uma realidade contrária a qualquer tipo de determinismo.

Uma vez que tratamos de compreender os factores que contribuem para a convergência ou divergência dos modelos sociais, através da influência da especificidade do contexto cultural e institucional-associativo, a nossa reflexão deve limitar-se a considerar fenómenos concretos e bem definidos para evitar juízos

globais e apriorísticos. Para isso, estabeleceremos critérios que permitam uma discussão crítica dos diversos dados e uma hermenêutica que os interprete.

No que concerne a comportamentos de cariz religioso, convém notar que os dados observados neste estudo serão considerados *religiosos* no seu sentido mais amplo[28], segundo a perspectiva sociológica, que cobrem necessariamente de forma não exaustiva, as grandes dimensões da religião, o que grande parte dos sociólogos revelam no estudo desta instituição e das suas organizações e grupos, a saber: crenças; ritos e práticas; moral e modelação dos comportamentos; pertença e organização comunitária.

Quanto à análise de dados, propomos uma *análise longitudinal*, em vez da transversal (ou de conjunto) que é a que se utiliza com mais frequência. Daí que se tome como referência primária o princípio da "*coorte fictícia*" ou "*geração*" de forma a observar o que se modifica ou o que permanece no decorrer dos tempos à medida que estas "*coortes*" vão superando sucessivas idades e vãos sendo substituídas pelas faixas etárias que, naturalmente, se seguem. Deste modo, ao mesmo tempo, propomos, uma *análise comparativa* das diferentes gerações, para que a partir desta se possam estabelecer as semelhanças e as dissemelhanças que as próprias gerações vão produzindo entre si.

5. CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS PORTUGUESES

Distribuição percentual da População Jovem nos anos de 1991 e 2001					Quadro 9
Censos	**Total da população**	**População entre os 15-29 anos %**	**Faixas Etárias**		
			15-19 anos %	**20-24 anos %**	**25-29 anos %**
Portugal, 1991	9.867.147	23,7	36,2	32,7	31,1
Portugal, 2001	10.356.117	22	30	34	36

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação, 1991 e 2001*

[28] Cf.: Prades, 1987; Bourdieu, 1971: 295-334; Delumeau, 1997; Durkheim, 1897-1898: 1-28; Marx e Engels, 1974; Weber, 1983.

1. Demografia: Tomando a população residente a nível nacional como base, observa-se um decréscimo de jovens, passando de 23,7% em 1991 para 22% em 2001, sendo entre os 15 e os 19 anos, a faixa etária que mais sofreu, descendo cerca de 6% (cf.:Q. 9).

2. Situação religiosa: verificou-se, no período entre 1991 e 2001, uma descida acentuada de jovens com *prática religiosa* de 15,4% passou-se para 11,5% de *praticantes*, o que representa um decréscimo de 124.657 indivíduos. Tanto em 1991 como em 2001, a presença feminina é, em número, maior que a dos homens nas celebrações litúrgicas (em 1991 H-38% e M-62% em 2001 H-39% e M-61%) (cf.: RPD, 1991 e 2001)[29].

3. Crença em Deus e confiança na Igreja: ter fé na existência de Deus, tanto dos *praticantes* como dos *não praticantes e crentes noutras religiões*, ascende a 85%; e é na instituição da *Igreja Católica* que os jovens *mais* depositam a sua confiança (63%)[30].

4. Confiança nas Instituições: os jovens depositam *pouca* confiança nos partidos políticos (80%) e no Governo (72%) (cf.: *ibidem*). Mais de metade da população jovem *não* votou nas últimas eleições (legislativas 1999), isto deve-se ao facto de que muitos dos jovens ainda não tinham alcançado a idade de voto (47%). 21% diz que a política não lhes interessa e apenas 7% têm confiança nos políticos[31].

5. O tempo livre: os jovens valorizam *muito* os amigos e com eles ocupam os seus tempos livres (42%). Só depois, e a larga distância, surge a convivência familiar; é em casa que ocupam a maior parte do seu tempo livre, principalmente nos tempos "livres receptivos": ver televisão (mais de 90% vê televisão diariamente); depois, em ordem descendente, vem a música, com percentagens próximas; apenas um quarto lê periódicos diariamente, percentagem que ascende a 32% quando se trata de uma frequência semanal e, com uma significativamente menor de 22%, diz que lê livros diária/semanalmente (mais de 65% raramente ou nunca) (cf.: *ibidem*).

---

[29] Quando nos referimos aos "jovens" do Recenseamento da Prática Dominical, compreendemos a idade entre os 15 e os 24 anos e não entre os 15 e os 29 anos.

[30] Cf.: Inquérito "Gerações e valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea" pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, analisado no âmbito do Observatório Permanente da Juventude, com o apoio da Secretaria do Estado da Juventude.

[31] Cf.: Inquérito "Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo", opus cit.

6. O casamento: a opção pelo *matrimónio* é adiada, decrescendo a *nupcialidade* entre a população jovem portuguesa. Também se torna progressiva a para a secularização do casamento. Ainda que o *casamento católico* continue a ser a forma predominante de celebração entre os jovens, o facto é que esta modalidade, desde os últimos anos, tem vindo progressivamente a diminuir e a aumentar a *cerimónia civil*: em 1996, dos 46.571 casamentos celebrados entre os jovens, 75% foram celebrados catolicamente e 25% pelo civil; em 2000, os casamentos católicos baixaram para 73,1% e os civis subiram para 26,9%; em 2002, dos 37.696 casamentos celebrados, 70,9% foram católicos e 29,1% pelo civil e em 2004, a tendência para a diminuição dos *casamentos católicos* continua a manifestar-se, sendo que, dos 30.309 casamentos entre os jovens, 67,1% foram celebrados catolicamente e 32,9% foram celebrados pelo civil. Deste modo, em 8 anos (entre 1996 e 2004), o número de *casamentos católicos* desceu cerca de 8%[32] (cf. INE, *Demografia e Censos*, 1996-2004).

7. O divórcio: outra manifestação da *secularização* é o divórcio. A partir de 1996, nota-se uma supressão na sobrevivência do casamento, pois, dos 13.429 divórcios realizados, 13,9% foram de jovens; em 2000, há um aumento de divórcios para 19.302, dos quais 15,7% são de jovens; já em 2002, se realizaram 27.960 divórcios, dos quais 16,7% foram também de jovens; em 2004, há uma diminuição de divórcios para 23.348, dos quais 15,1% acontece entre a população jovem[33]. Não obstante os números apresentados, *não* é na faixa etária jovem, que se realiza o maior número de divórcios, pois estes registam-se, maioritariamente, entre os 30 e os 34 anos de idade[34] (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 1996-2004).

8. Emprego: a taxa de desemprego dos jovens em 2001 foi de 9,4%, o que representa um acréscimo significativo em relação ao ano de 2000 que foi de 8,8%. Este aumento revelou-se tanto nos homens como nas mulheres. Contudo, e mesmo assim, o ano 2001, foi bem melhor que o ano de 1997 que apresentava uma taxa de desemprego de 14,8% (cf.: INE, *Emprego e Desemprego*).

9. Os estudos: contrariamente às gerações mais velhas, a situação de inactividade juvenil é uma realidade e, pelo que se pode observar, é uma tendência

---

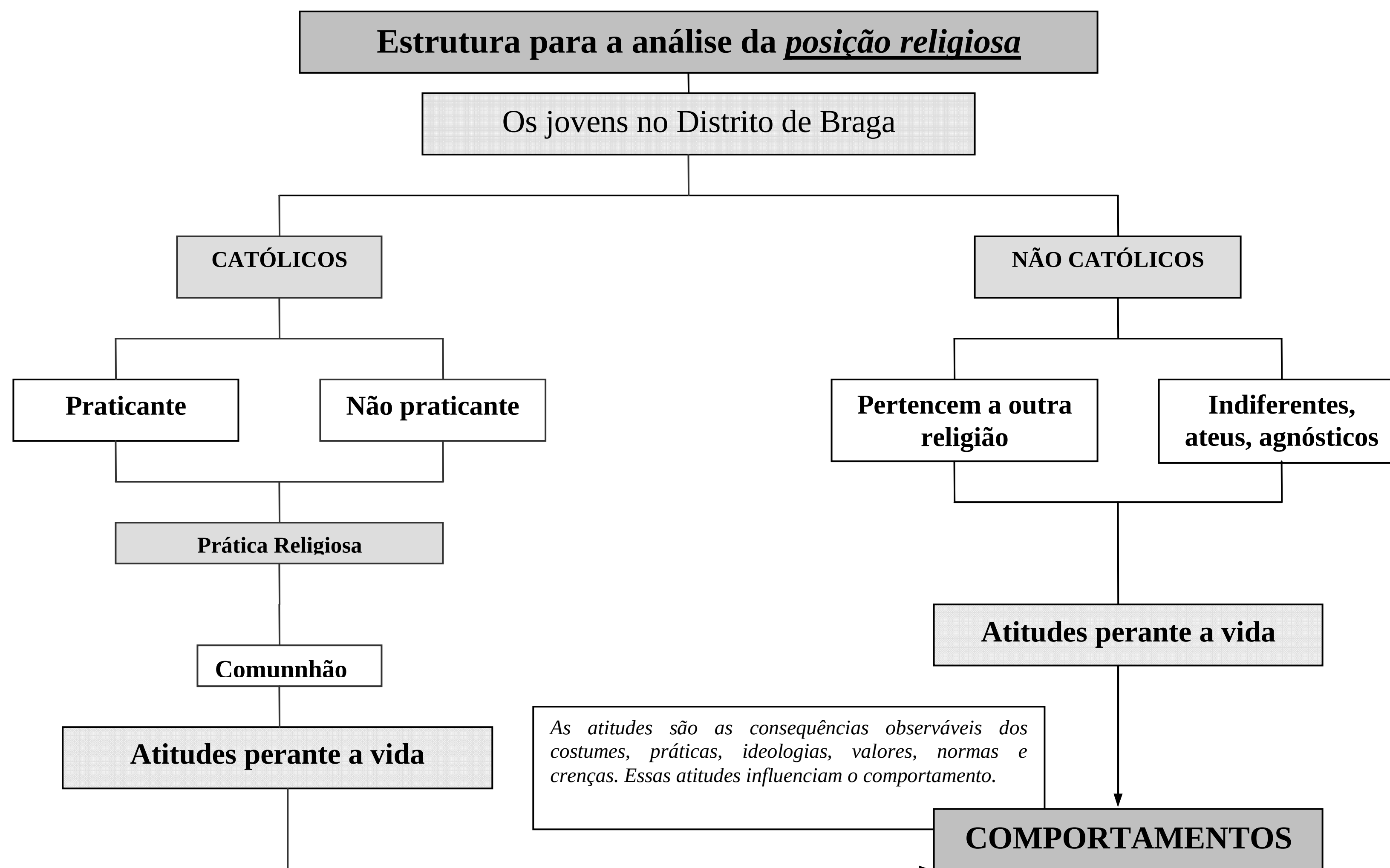
[32] Em relação ao *casamento* considerou-se a *faixa etária jovem* os que casaram com *menos de 17 anos* até aos 29 anos.

[33] Em relação ao *divórcio* considerou-se a *faixa etária jovem* os que se divorciaram com *menos de 20 anos* até aos 29 anos.

[34] Entre os 30 e os 34 anos de idade, em 1996 realizaram-se 19,3% divórcios; em 2000, 18,5%; em 2002, 19,5% e, em 2004, 19,2% (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 1996-2004).

que se tende a aprofundar e a ganhar raízes, em boa medida, devido ao facto dos jovens *prolongarem os seus estudos*. Consequente, este prolongamento leva à entrada mais tardia no mundo profissional, bem como à dilatação do tempo da dependência económica e da criação de uma família, levando esta situação ao prolongamento da dependência da família de origem. Esta combinação contribuiu para o *prolongamento da condição juvenil*.

Apesar dos números expressarem uma ampliação dos estudos e um grande aumento do número de estudantes, com um nível de escolaridade acima do obrigatório, a população jovem padece ainda de baixos níveis de qualificação de estudos. Nos Censos de 2001, 1% dos jovens carecia de qualquer tipo de qualificação académica (*sem nível de ensino*); cerca de 23% tinha ou frequentava o Ensino Superior; cerca de 36% chegou ao Ensino Secundário e, a maioria, cerca de 40%, apenas estudava no Ensino Básico (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 1996-2004).



Estrutura para a análise da posição religiosa
Os jovens no Distrito de Braga
CATÓLICOS
NÃO CATÓLICOS
Praticante
Não praticante
Pertencem a outra religião
Indiferentes, ateus, agnósticos
Prática Religiosa
Comunnhão
Atitudes perante a vida
Atitudes perante a vida
As atitudes são as consequências observáveis dos costumes, práticas, ideologias, valores, normas e crenças. Essas atitudes influenciam o comportamento.
COMPORTAMENTOS

Estrutura para a análise da ***posição religiosa***

Factores que se tomam em consideração para analisar os comportamentos religiosos

O comportamento manifesta-se em crenças, atitudes e valores e afecta ou origina práticas sociais e individuais.

CRENÇAS

- **Confiança nas Instituições**
- **Confiança na Sociedade**
- **Factores que influenciam o seu futuro**

ATITUDES

- **Perante a vida**
- **Perante a Igreja**
- **Perante a Sociedade**

VALORES

- **Religiosos**
- **Familiares**
- **Sociais**

PARTE I

AS MODALIDADES DA PRÁTICA RELIGIOSA

1. IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA

<u>Panorama Europeu</u>

Antes de entrar no nosso estudo propriamente dito, observemos, ainda que ao de leve, o **panorama religioso dos jovens na Europa**. Entre a juventude europeia, que pode considerar-se a mais secularizada, a edição de 1999 do "European Values Survey"[35] revela que a adesão às Igrejas e a prática cultual têm diminuído. Todavia, a nova geração mostra-se mais interessada no fenómeno religioso do que os seus irmãos mais velhos e seus pais. A ideia de que há um desinteresse crescente dos jovens pelas respostas religiosas não corresponde à realidade, pois, como já fomos referenciando o fenómeno religioso tem que ser interpretado na sua interacção com o desenvolvimento social e pessoal.

A atitude religiosa dos nascidos depois de 1970 é ambivalente. Por um lado, a percentagem de jovens entre os 18 e os 29 anos, que declaram pertencer a uma religião diminuiu, desde 1981, em quase todos os 12 primeiros países da União Europeia que se consideram no estudo, com a excepção da Áustria e Portugal. Por outro lado, e apesar da diminuição, a média europeia está acima dos 70%; pois, em Espanha, a 71%, enquanto que os países que se apresentam como mais secularizados são França (47%) e Holanda (30%). A percentagem dos **"sem religião"** aumentou de 22% do primeiro inquérito de 1981, para 32%, em 1999 (cf.: *ibidem*).

A diminuição dos que manifestam pertencer a uma religião é corroborada pelo aumento do número dos que se consideram ***"sem religião"***. Se os jovens dos anos 60 viveram um período marcado por ideologias de ruptura com a religião, a geração seguinte está mais aberta a questões de tipo religioso. Estes últimos são os filhos dos que eram adolescentes no Maio de 68, que decidiram não transmitir a educação religiosa que eles mesmos haviam recebido. Os seus filhos cresceram com uma carência de educação no sentido eclesial. Todavia, tão pouco manifestam a

[35] O "European Values Survey" é um inquérito sobre a evolução dos valores europeus e têm como objectivo fundamental medir as atitudes dos europeus perante a família, o trabalho, a política, a religião, as normas sociais, etc., e proporcionam dados comparativos que logo alimentam os estudos sociólogos. Os estudos que citamos referem-se aos inquéritos de 1999.

hostilidade de seus pais, perante a Igreja, e, paradoxalmente aqueles mostram, por vezes, interesse pelas respostas que a religião dá ao sentido da vida (cf.: *ibidem*).

Em geral, do inquérito que estamos a falar, do "European Values Survey", depreende-se que a nova geração é mais sensível aos problemas religiosos, ainda que não seja por isso que frequente mais as Igrejas. Entre os jovens crentes, reafirma-se um cristianismo de convicção, que manifesta sem complexos a fé. Ao mesmo tempo, há uma tendência perante a religiosidade "a la carte", individualista, sem que isto suscite oposição à instituição. Entre os jovens que se manifestam "sem religião" vai nascendo uma espiritualidade autónoma, difusa, à margem do cristianismo (cf.: *ibidem*).

Panorama Nacional

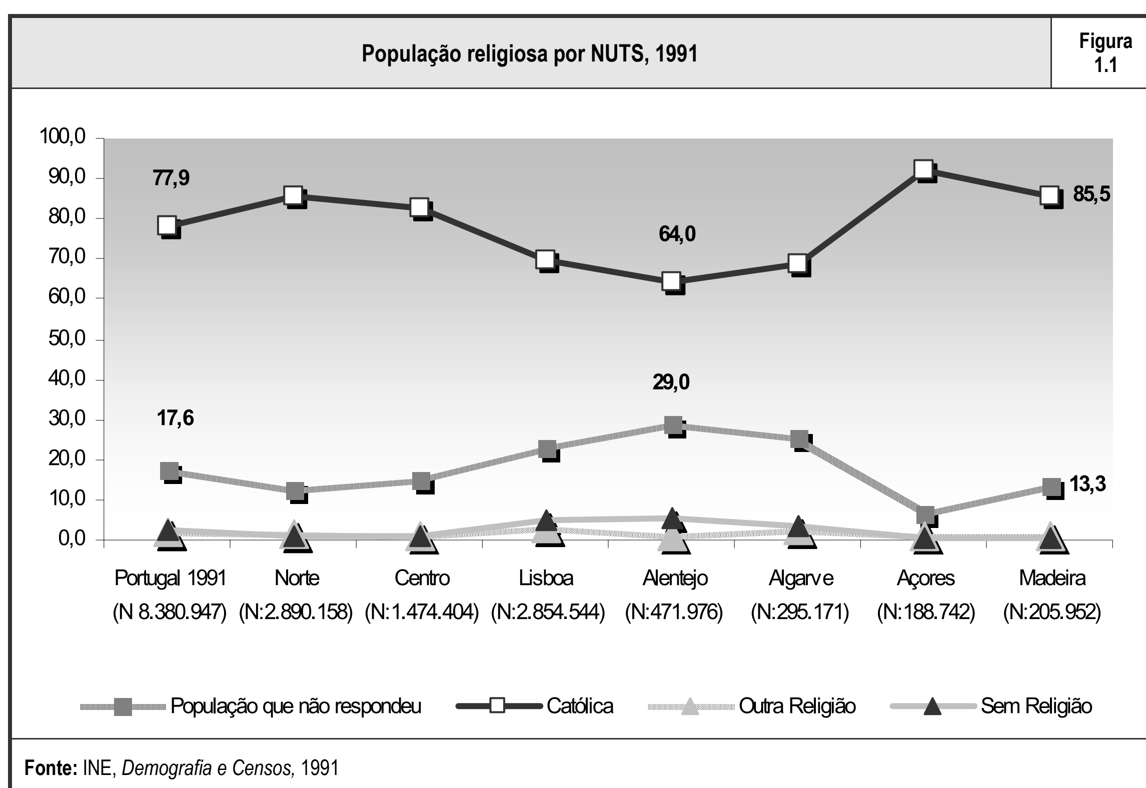
Quanto ao posicionamento religioso, em relação ao panorama nacional, a maioria da população manifesta-se católica, tendo mesmo havido, entre os períodos censitários de 1991 e 2001, um crescendo de católicos superior ao aumento populacional, isto é, enquanto que a população residente, entre o período observado, cresceu 4,7% (de 9.867.147 para 10.356.117), a população católica cresceu mais de 11%, passando de 6.527.595 de católicos em 1991 para 7.353.548 de católicos em 2001 (cf.: Q. 1.1).

População residente com 15 ou mais anos, segundo a resposta à pergunta sobre religião, Portugal, 1991 e 2001					**Quadro 1.1**
		1991		**2001**	
		População	**%**	**População**	**%**
Religião	Católica	6.527.595	77,9	7.353.548	84,5
	Ortodoxa	11.322	0,1	17.443	0,2
	Protestante	36.974	0,4	48.301	0,6
	Outra Cristã	79.554	0,9	122.745	1,4
	Judaica	3.523	0	1.773	0
	Mulçumana	9.159	0,1	12.014	0,1
	Outra não Cristã	9.476	0,1	13.882	0,2
	Sem religião	225.582	2,7	342.987	3,9
	População que não respondeu	1.477.762	17,6	786.822	9
	Total:	8.380.947	100	8.699.515	100

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 1991 e 2001

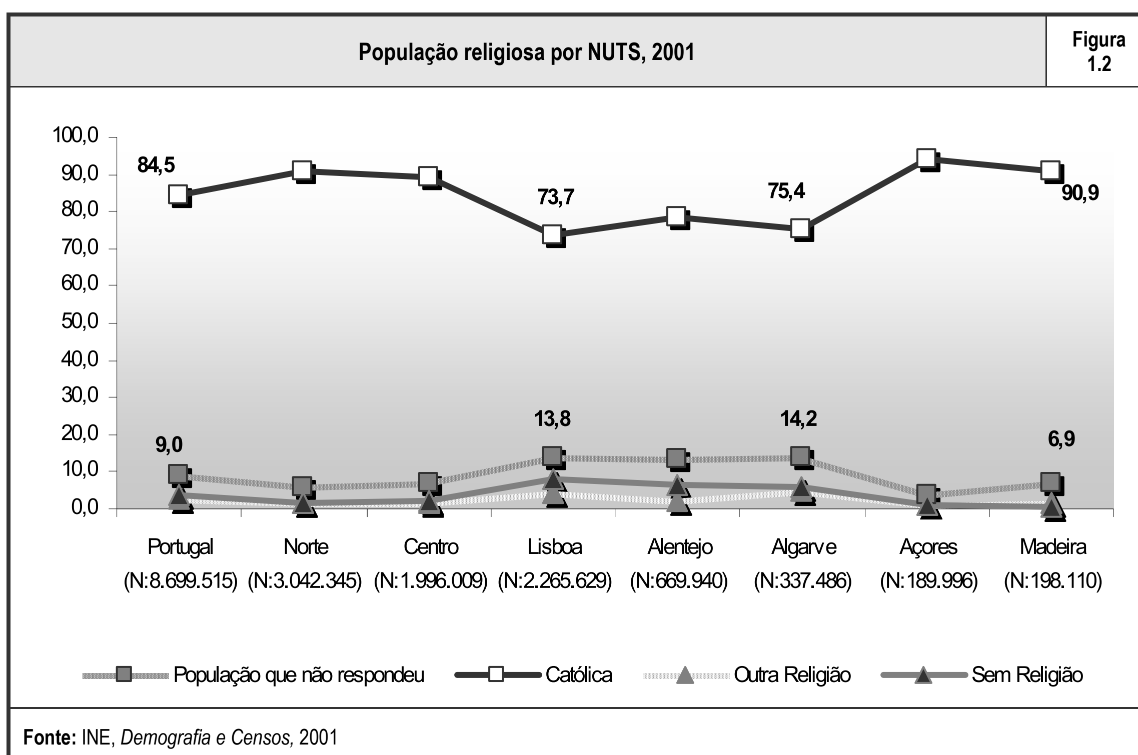
A percentagem da *população que não respondeu* é, no panorama nacional, significativa, não obstante a sua diminuição entre 1991 e 2001 (17,6% e 9%, respectivamente). Cruzando os valores da *população que não respondeu* com a *população católica*, observamos que a diminuição daquela, de um modo especial no Alentejo e no Algarve, se deve ao facto de, nestas regiões, em 2001, ter aumentado o número de católicos, registando-se, assim, no Alentejo uma subida de cerca de 14% (de 64% em 1991 para 78,3% em 2001) e no Algarve uma subida de cerca de 7% (de 68,7% em 1991 para 75,4% em 2001) (cf.: F. 1.1 e F. 1.2).

População religiosa por NUTS, 1991 — Figura 1.1



Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 1991

População religiosa por NUTS, 2001	Figura 1.2

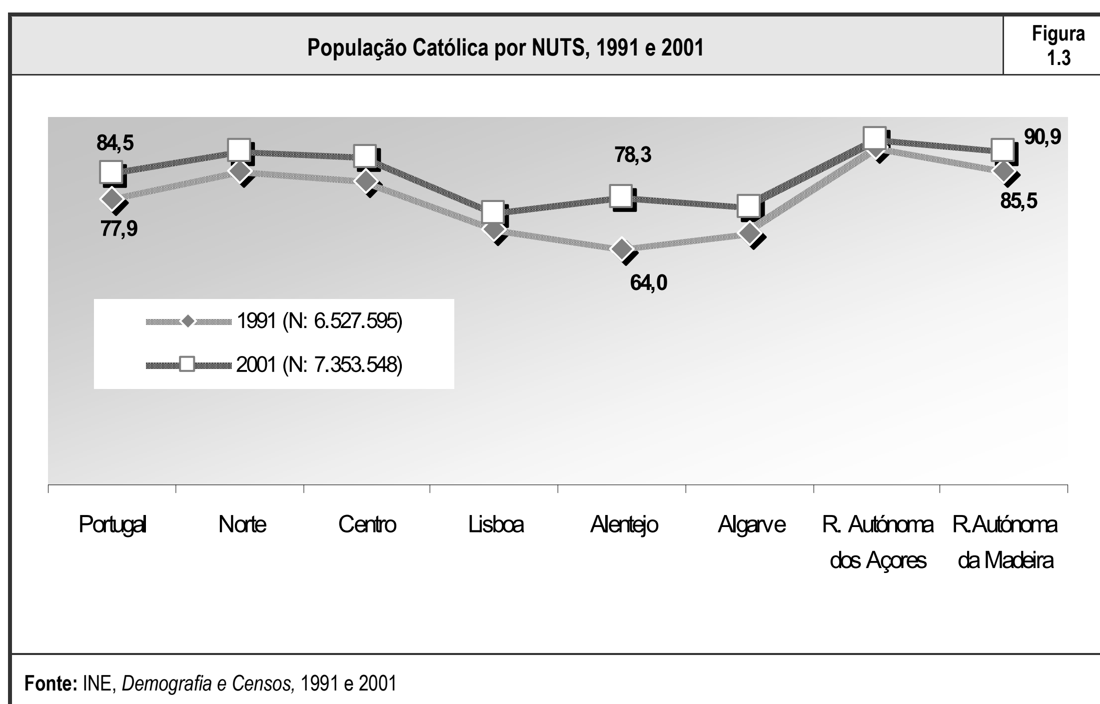


Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001

Além dos *católicos* (84,5%) e dos que *não responderam* (9%), merece ser realçado os que dizem *não ter religião* (cerca de 4%), visto que o seu número é superior aos que manifestam *ter outras religiões*, as quais, isoladamente, apresentam valores residuais (consideramos a religião ortodoxa, protestante, outras cristãs; bem como o judaísmo, o islamismo e outras não cristãs) (cf.: Q. 1.1).

A percentagem de cerca de 4%, em 2001, que disse *não ter religião* - que corresponde a mais de 300.000 indivíduos -, pode revelar alguma displicência ou indiferença que a população portuguesa, tal como a europeia em geral, tem vindo a sentir face ao fenómeno religioso, já que, em 1991, o número dos que se diziam *sem religião* era de 2,7% (cf.: Q. 1.1).

Se tivermos em conta somente a *população católica*, observamos que a *menor* percentagem de católicos se circunscreve à região de Lisboa, com 73,7%, do Alentejo, com 78,3%, e à região do Algarve, com 75,4% de católicos, e, no outro extremo do Continente, com o *maior* número de católicos, encontramos o Norte com 90,9% e o Centro com 89,2% de católicos, não obstante ser nas Regiões Autónomas onde se apresenta a maior população de católicos (cf.: F. 1.3).



Se nos detivermos mais afincadamente nos números e decompusermos as regiões em Distritos observa-se que Setúbal, Beja e Faro (com 70%, 73,7% e 75,4% de católicos, respectivamente) são os Distritos mais secularizados, enquanto que Vila Real, Bragança e Açores (com 94,4%, 94,2% e 94,1% de católicos) surgem como os Distritos onde se observa mais o catolicismo. Pelo meio da tabela situa-se o Distrito de Leiria (88,4% de católicos) a mediar o do Porto (87,9%) e o de Aveiro (com 90,6% de católicos) (cf.: Q. 1.2).

Pormenorizando um pouco mais, observa-se que os Concelhos de Grândola, Sines (ambos do Distrito de Setúbal, com 53,2% e 59,2%, respectivamente) e Aljustrel (Distrito de Beja, com 60,7%) figuram como os Concelhos que apresentam o menor número de católicos, *versus* os Concelhos de Mesão Frio (Distrito de Vila Real, com 98,3%), Corvo (R. A. Açores, com 98,1%) e Baião[36] (Distrito do Porto, com 98%), que se apresentam como os Concelhos *mais católicos de Portugal* (cf.: T. 2).

[36] O Concelho de Baião localiza-se na Região do Norte (NUT II) e do Tâmega (NUT III), na margem norte do Rio Douro, confinando com o Concelho de Mesão Frio a este, daí que, embora pertença ao Distrito do Porto, tem uma configuração religiosa muito semelhante à do Distrito de Vila Real, a que Mesão Frio pertence.

Distribuição percentual de Católicos por Distrito, 2001			Quadro 1.2
Distrito	**População residente**	**Religião católica**	**%**
Aveiro	592.257	536.538	90,6
Beja	139.437	102.757	73,7
Braga	670.738	628.169	93,7
Bragança	129.102	121.669	94,2
Castelo Branco	181.128	166.352	91,8
Coimbra	379.271	330.238	87,1
Évora	149.533	119.033	79,6
Faro	337.486	254.307	75,4
Guarda	155.630	145.923	93,8
Leiria	386.851	341.814	88,4
Lisboa	1.820.473	1.375.606	75,6
Portalegre	110.067	94.737	86,1
Porto	1.467.249	1.289.349	87,9
Santarém	389.442	333.514	85,6
Setúbal	669.082	468.508	70,0
Viana do Castelo	212.534	198.970	93,6
Viseu	331.329	308.105	93,0
Vila Real	189.800	179.150	94,4
R. A. Madeira	198.110	180.090	90,9
R. A. Açores	189.996	178.719	94,1
Total:	**8.699.515**	**7.353.548**	**84,5**
Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*			

Visto que a religião católica é a que tem a maior amplitude representativa em Portugal, vamos, de seguida, examiná-la, analisando e decompondo quantos membros integra, quem são e em que idades, ou grupos etários, mais se a pratica. Para o fazermos vamos recorrer ao *Recenseamento da Prática Dominical*, posto que o *Recenseamento Geral da População e Habitação* não disponibiliza esta informação por faixas etárias, nem tão pouco por sexo.

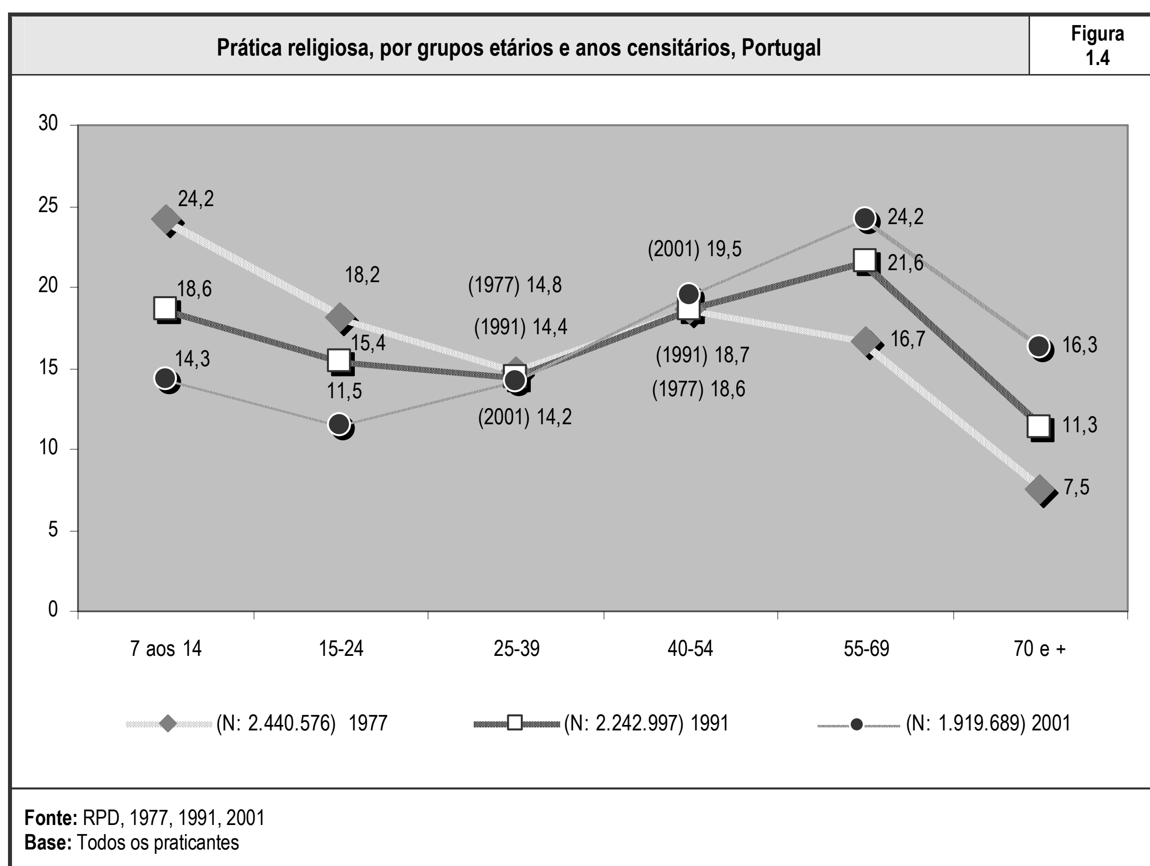
Deste modo, segundo o Recenseamento Dominical, em 2001 havia 1.919.689 *praticantes*, sendo *36% de homens e 64% de mulheres*. Este valor representa um pouco mais do que **26% de *praticantes*** se tivermos em conta o universo dos católicos (7.353.548 católicos) e cerca de 22% se se observar a população residente

com 15 ou mais anos, segundo a resposta à pergunta sobre religião (8.699.515) (cf.: Q. 1.3). Estes valores referentes à ***prática religiosa*** são inferiores aos de 1991, que apresentavam uma *prática* (sobre os católicos) na ordem dos 34%, representando 2.242.997 indivíduos, sendo 37% homens e 63% mulheres. Presencia-se, assim, a nível nacional, a uma *queda* nos praticantes na ordem dos 8% (cf.: INE, *Demografia e Censos* 1991 e 2001 e RPD 1991 e 2001).

Prática religiosa sobre a População Católica, segundo os Censos, Portugal, 1991 e 2001						**Quadro 1. 3**
	População residente com 15 ou mais anos	População católica	Prática religiosa		Praticantes sobre a População **%**	Praticantes sobre os católicos **%**
			H	M		
2001	8.699.515	7.353.548	691.381	1.228.308	22,1	26,1
1991	8.380.947	6.527.595	821.676	1.421.321	26,8	34,4
Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 1991, 2001 e RPD, 1991, 2001.						

Se observarmos a variável da *idade na prática religiosa* vemos que os comportamentos das diversas faixas etárias têm sofrido muitas alterações, isto porque enquanto que em 1977 havia uma prática significativamente *alta* entre os 7 e os 14 anos e uma *queda* a partir da faixa etária dos 40-54 anos, em 1991 e 2001 regista-se, pelo contrário, uma tendência para uma quebra na prática religiosa nas camadas mais jovens e um aumento significativo depois da juventude, com incidência na faixa etária entre os 40-54 anos, até à idade da reforma, onde se regista uma quebra natural (cf.: F. 1.4).

Há razões mais que suficientes que justificam, em termos sociológicos, a quebra da *prática religiosa* nas camadas *mais jovens*, bem como o aumento da prática na idade entre 40 e os 54 anos. Se, por um lado, nos tempos modernos, contrariamente à geração de 70, existe uma maior liberdade por parte dos filhos de escolherem o seu caminho (inclusive o religioso), por outro, a fase dos 40-54 anos é de maior tranquilidade e, consequentemente, de estabilidade e placitude familiar o que pode conduzir a uma intensificação da prática religiosa.



Prática religiosa, por grupos etários e anos censitários, Portugal — **Figura 1.4**

Fonte: RPD, 1977, 1991, 2001
Base: Todos os praticantes

Distrito e Arquidiocese de Braga

Depois de se abordar, em linhas gerais, as tendências religiosas em Portugal, vejamos, agora, a configuração religiosa da população do Distrito de Braga.

O Distrito de que falamos apresenta, como já se referenciou, 93,7% de católicos, surgindo como o 5º Distrito com a maior população católica do país (cf.: Q. 1.2). Contudo, tal como acontece com outros Distritos, também o Distrito de Braga não coincide com a sua Arquidiocese quer na densidade populacional quer nos limites geográficos. Como estamos a falar da relação da população com o fenómeno religioso e, dentro desta, nos interessa mensurar a *prática religiosa*, vamos, agora, referir-nos à Arqui*diocese e não ao Distrito*, visto que foi através das paróquias (desmembramento da Arquidiocese) e não das freguesias (desagregação do Distrito) que se quantificou, através do RPD, a *prática religiosa*. Todavia, recorrer-se-á à *população residente* tanto do Concelho como da freguesia, através do *Recenseamento Geral da População*, para se saber o grau da participação na prática religiosa, sendo que só através deste termo comparativo se consegue aferir o verdadeiro valor da *prática religiosa*.

Há ainda que referir que existem *paróquias* que também não coincidem com os limites das *freguesias* e, nestas circunstâncias, utilizar-se-á a população da freguesia - ou das freguesias das quais se inseriam as paróquias que ocasionaram a procedência da nova paróquia -, para se determinar a percentagem da *prática religiosa*.

Enquadrando as paróquias no seu devido Arciprestado (o que exige, no nosso estudo, retirar algumas freguesias do seu Concelho), observa-se que a população do Arciprestado é, em alguns casos, divergente da população do Concelho. Assim, temos o Arciprestado de Celorico de Basto e Vila Verde com uma população inferior à dos respectivos Concelhos e o Arciprestado de Fafe, Guimarães e Vizela, Terras de Bouro e Vila Nova de Famalicão com uma população superior às dos respectivos Concelhos (cf.: Q. 1.6), o que leva a que o total da população da Arquidiocese seja superior à do Distrito (sendo a população da Diocese de 1.016.069 de indivíduos *versus* os 831.366 indivíduos que compõem a população do Distrito)[37].

Dito isto, observa-se que a ***prática religiosa*** da Arqui*diocese de Braga* é superior à *prática religiosa nacional*, pois enquanto esta é de 22% (se tivermos em conta o universo dos católicos), aquela é de ***34,4% de praticantes***, sendo o Arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim e o Arciprestado de Braga (com 18% e 29,8%, respectivamente) os que apresentam *menos praticantes* e, pelo contrário, os Arciprestados de Póvoa de Lanhoso e Celorico de Basto (com 59,2% e 49,1%, respectivamente), os que apresentam uma percentagem superior de *prática religiosa* (cf.: Q. 1.6).

Decompondo a Diocese em paróquias, podemos observar, através do RPD de 2001, que, das paróquias respondentes, as que registaram uma *prática religiosa inferior* (em relação à população residente) foram as paróquias nas zonas citadinas[38], visto que é nessas que residem grandes núcleos de população, a qual, muitas das vezes, devido à mobilidade dos tempos modernos, apesar de estar recenseada numa zona citadina, praticam o seu credo, ou não, na aldeia, aonde regressa ao fim-de-semana. Daí que se exige alguma atenção, de forma a evitar juízos apriorísticos, quando se relacionam o *número de praticantes* com a

---

[37] Note-se que 5 paróquias do Concelho de Vizela estão integradas no Arciprestado de Guimarães e Vizela, tal como o próprio nome do Arciprestado sugere. Convém também referir que o Arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim, que é constituído por paróquias de Vila de Conde Póvoa de Varzim, embora religiosamente pertençam à Diocese de Braga, civilmente pertencem ao Distrito do Porto.

[38] Entre as paróquias onde registou a menor prática dominical, a título de exemplo, está a paróquia de Vila do Conde que tem uma população de 25.731 e uma prática de 8,6%; S. Vitor (Braga) com uma população de 25.407 e uma prática de 12,5%; Creixomil (Guimarães) com uma população de 9.393 e uma prática de 12,7%, etc. (Cf. INE, *Demografia e Censos*, 2001 e RPD, 2001).

população residente. Por seu turno, as paróquias que registaram uma *maior prática religiosa* são, por um lado, as que se enquadram em meios rurais, manifestando uma baixa densidade populacional[39], por outro, as paróquias onde existe algum santuário ou situadas em pontos de acesso fácil, representando, deste modo, um ponto de passagem e de confluência de peregrinos e cidadãos, que *são praticantes* mas não paroquianos[40].

Além da prática religiosa podemos também *medir* o comportamento religioso através da *comunhão*, sendo este um indicador que pode auxiliar a compreender os comportamentos e as atitudes religiosas.

Dos *praticantes*, se tivermos em conta os que ***comungam*** observa-se que o Arciprestado de Terras de Bouro e de Vieira do Minho (com 40,9% e 48,2%) são os que apresentam a percentagem mais *baixa de comungantes*, enquanto que o Arciprestado de Esposende e Cabeceiras de Basto (com 66% e 58,4%, respectivamente) surgem como os Arciprestados com o *maior* número de comunhões (cf.: Q. 1.6).

Também na Arquidiocese de Braga, tal como a nível nacional, são as *mulheres* que *mais praticam*, contudo, na Arquidiocese, o nível de participação na eucaristia é mais igualitário, entre homens e mulheres, que a nível nacional; pois, enquanto que em Portugal existe uma participação de 36% de homens *versus* 64% de mulheres, na Arquidiocese de Braga, a *prática religiosa* das mulheres é um pouco mais baixa do que a nível nacional, mas mais próxima da *prática* religiosa do homem, sendo cerca de 40% a participação dos homens e quase 60% a das mulheres (Q. 1.7).

---

[39] Consideramos, aqui, como exemplo, as paróquias que registam uma percentagem de *prática religiosa* acima dos 90%: a paróquia de Courel (arciprestado de Barcelos) que tem 518 habitantes e uma prática religiosa de 91,1%; a paróquia de Vila Cova (Arcip. de Fafe) com 252 habitantes e 92,5% de prática religiosa; a paróquia de Figueiredo (arcip. de Guimarães e Vizela) com 484 habitantes e uma prática religiosa de 94,6% e a paróquia de Felgueiras (arcip. de Fafe) com 135 habitantes e uma prática religiosa de 94,8% (Cf. INE, *Demografia e Censos*, 2001 e RPD, 2001).

[40] Serve de exemplo as paróquias que apresentam uma prática religiosa maior que a população residente, como S. João de Souto (arcp. de Braga) com uma população de 932 indivíduos e uma prática religiosa quase de 400%; Espinho (arcp. Braga) com uma população de 1.334 indivíduos e uma prática de mais de 270%; a paróquia de S. Sebastião (arcp. de Guimarães) com uma população de 1.949 pessoas e uma prática religiosa de 260%; a paróquia de Rio caldo (arcp. de Terras de Bouro) com uma população de 993 indivíduos e uma prática religiosa de 108%, etc.

Quanto à ***prática religiosa da população juvenil***[41] ***da Arquidiocese de Braga***, se denota, entre os 24 anos que decorreram entre os períodos censitários, uma *diminuição* da população juvenil *praticante,* tal como a nível nacional (cf.:F.11), isto é, enquanto que em 1977, dos praticantes, 21,2% era jovem (representando 87.650 indivíduos), em 1991 passaram a 19,9% (79.005 indivíduos) e, em 2001, eram somente 15,1%, que representa uma perda de 35.043 jovens nas Igrejas da Arquidiocese de Braga, em relação a 1977 (cf.: RPD, 1977, 1991 e 2001) (cf.: Q. 1.4).

Deste modo, se tivermos em conta a população da Arquidiocese em estudo (1.016.069 indivíduos), observa-se que, dos que assumiram ter uma *prática religiosa*, somente cerca de 5% é jovem. Também aqui, as raparigas são em número mais que os rapazes, observando-se as mesmas percentagens que a nível nacional, sendo cerca de 41% homens e 59% mulheres. Aliás, esta tendência não se tem alterado, verificando-se valores análogos, tanto no Recenseamento de 1977 como no de 1991 (cf.: RPD, 1977, 1991 e 2001) (cf.: Q. 1.5).

Prática Dominical Jovem, por anos censitários, Distrito de Braga			**Quadro 1.4**
	Total da População praticante	**Pop. Jovem praticante**	**%**
1977	413.915	87.650	21,2
1991	397.871	79.005	19,9
2001	349.537	52.607	15,1
Fonte: RPD, 1977, 1991 e 2001			

Prática Dominical Jovem, segundo o sexo, por anos censitários, Distrito de Braga			**Quadro 1.5**
Ano	**Homens**	**Mulheres**	**NN**
1977	41,1	58,9	87.650
1991	40,7	59,3	79.005
2001	40,9	59,1	52.607
Fonte: RPD, 1977, 1991 e 2001			

[41] Contrariamente a todos os outros dados apresentados sobre os jovens, quando nos referirmos à população juvenil do RPD, referimo-nos à faixa etária entre os 15 e os 24 anos, visto que o RPD não disponibilizava a faixa etária dos 15 aos 29 anos.

Olhando para a ***prática religiosa juvenil*** por Arciprestado, observa-se que é em Vila do Conde/Póvoa de Varzim e em Braga (com 2,6% e 4,1%, respectivamente) que existe a *menor prática religiosa juvenil*, sendo os Arciprestados da Póvoa de Lanhoso e Celorico de Basto os que apresentam o *mais elevado* número de *jovens praticantes*, com 9,5% e 8%, respectivamente (cf.: Q. 1.6).

Reportando-nos, agora, ao número de ***jovens comungantes*** na Arquidiocese – sendo-nos impossível traçar uma análise longitudinal da *comunhão*, visto que não dispomos desses dados –, observa-se que, em 2001, da população praticante, 7,4% está entre os 15 e os 24 anos, sendo mais as meninas que os rapazes a frequentarem a *comunhão* (36,8% *versus* 63,2%) (cf.: Q. 1.7), verificando-se, deste modo, a mesma tendência manifesta na *prática religiosa* (cf.: Q. 1.6). Decompondo esta informação por Arciprestados, verifica-se que Terras de Bouro e Braga são os Arciprestados que apresentam um *menor número* de comungantes (com 4,7% e 5,8%, respectivamente), sendo os Arciprestados de Esposende e Póvoa de Lanhoso os que apresentam o maior número de indivíduos que comungam, com 10,6% e 9,1%, respectivamente (cf.: Q. 1.6).

Católicos Praticantes, por Arciprestado, 2001										Quadro 1.6
	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Arciprestado	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Amares	18.521	8.367	45,2	1.297	7	8.367	4.133	49,4	616	7,4
Barcelos	122.096	54.262	44,4	8.988	7,4	54.262	27.666	51	4.208	7,8
Braga	164.192	48.922	29,8	6.755	4,1	48.922	23.858	48,8	2.852	5,8
Cabeceiras de Basto	17.846	7.342	41,1	1.198	6,7	7.342	4.291	58,4	661	9
Celorico de Basto	19.282	9.475	49,1	1.552	8	9.475	4.870	51,4	826	8,7
Esposende	33.325	14.555	43,7	2.405	7,2	14.555	9.608	66	1.543	10,6
Fafe	53.941	19.859	36,8	2.695	5	19.859	10.254	51,6	1.178	5,9
Guimarães e Vizela	173.474	64.324	37,1	9.753	5,6	64.324	32.954	51,2	4.718	7,3
Póvoa de Lanhoso	17.651	10.455	59,2	1.679	9,5	10.455	5.317	50,9	947	9,1

Terras de Bouro	9.251	3.867	41,8	498	5,4	3.867	1.581	40,9	181	4,7
Vieira do Minho	14.724	5.889	40	868	5,9	5.889	2.840	48,2	372	6,3
Vila Verde	45.678	20.424	44,7	3.287	7,2	20.424	11.643	57	1.626	8
Vila do Conde/Póvoa de Varzim	183.940	33.127	18	4.763	2,6	33.127	19.114	57,7	2.660	8
Vila Nova de Famalicão	142.148	48.669	34,2	6.869	4,8	48.669	26.010	53,4	3.338	6,9
Total da Diocese	**1.016.069**	**349.537**	**34,4**	**52.607**	**5,2**	**349.537**	**184.139**	**52,7**	**25.726**	**7,4**

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001 e RPD, 2001

Católicos Praticantes, segundo o sexo, idade e Arciprestado, 2001 — **Quadro 1.7**

		Praticantes				Comungantes				Lugar de Culto	N.º de Celebrações
Arciprestado	**N**	**Dos 7-70 e + anos**		**Dos 15-24 anos**		**Dos 7-70 e + anos**		**Dos 15-24 anos**			
		H	**M**	**H**	**M**	**H**	**M**	**H**	**M**		
Amares	8.367	3.485	4.882	547	750	1.459	2.674	217	399	26	53
Barcelos	54.262	22.583	31.679	3.747	5.241	10.293	17.383	1.585	2.623	109	222
Braga	48.922	19.728	29.194	2.792	3.963	8.266	15.594	1.049	1.803	124	240
Cabeceiras de Basto	7.342	3.019	4.323	477	721	1.516	2.775	230	431	37	44
Celorico de Basto	9.475	3.862	5.613	611	941	1.790	3.080	288	538	32	40
Esposende	14.555	5.652	8.903	984	1.421	3.345	6.263	613	930	23	56
Fafe	19.859	7.413	12.446	1.024	1.671	3.258	6.996	384	794	54	93
Guimarães e Vizela	64.324	26.316	38.008	4.019	5.734	11.971	20.983	1.728	2.990	98	244
Póvoa de Lanhoso	10.455	4.228	6.227	702	977	2.012	3.477	449	498	37	60
Terras de Bouro	3.867	1.558	2.309	193	305	568	1.013	72	109	21	29
Vieira do Minho	5.889	2.420	3.469	377	491	1.017	1.823	146	226	33	44
Vila Verde	20.424	8.189	12.235	1.318	1.969	4.193	7.450	579	1.047	63	104
Vila do Conde/Póvoa de Varzim	33.127	12.430	20.697	1.820	2.943	6.237	12.877	915	1.745	52	114
Vila Nova de Famalicão	48.669	19.745	28.924	2.884	3.985	9.039	16.971	1.210	2.128	75	179
Total da Diocese:	**349.537**	**140.628**	**208.909**	**21.495**	**31.112**	**64.964**	**119.359**	**9.465**	**16.261**	**784**	**1.522**
%		(40,2)	(59,8)	(40,9)	(59,1)	(35,2)	(64,8)	(36,8)	(63,2)		

Fonte: RPD, 2001

Do que ficou dito, se conclui que existe uma grande discrepância, na população nacional, entre o número dos que se dizem *católicos (84,5%)* (cf.: Q. 1.1) e o número de *praticantes*, sendo que, a nível nacional, a ***prática religiosa é de 26%*** sobre os católicos (cf.: Q. 1.3) e, na Diocese de Braga, um pouco superior à nacional, sendo de ***34,4%*** (cf.: Q. 1.5)**,** mas, mesmo assim, este valor está muito arredado do número dos que se dizem católicos, 93,7% (este valor foi aferido a partir do Distrito de Braga e não da Arquidiocese) (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 2001).

Quanto à ***prática religiosa dos jovens, a nível nacional,*** é manifesta uma *clara diminuição* dos mesmos nas celebrações. Dos praticantes, em 1977, 18,2% era jovem, passando para 15,4% em 1991 e, em 2001, eram já somente 11,5% os que integravam a fase entre os 15 e os 24 anos[42], manifestando-se, deste modo, uma quebra de jovens nas Igrejas de cerca de 7% (cf.: F. 1.4). Na Arquidiocese de Braga, verifica-se também uma quebra de *jovens nas celebrações* eucarísticas, muito próxima à nacional, sendo, todavia, inferior àquela, registando-se uma quebra na ordem dos 7%, passando de 21,2% em 1977, para 15,1% em 2001 (cf.: RPD, 1977, 1991 e 2001).

Tanto a nível nacional como em Braga, quer considerando a população no seu conjunto quer somente entre a população jovem, observa-se uma ***maior participação das mulheres*** do que dos homens nas Eucaristias. Esta participação é acompanhada da ***comunhão***, sendo, assim natural, que haja mais comunhões entre o sexo feminino que masculino.

---

[42] Lembramos que quando se mencionam valores da juventude do RPD refere-se a idade dos 15 aos 24 anos e não dos 15 aos 29, como no Censos da População e da Habitação.

2. RAZÕES QUE LEVAM AOS JOVENS A PRATICAR OU NÃO A SUA RELIGIÃO

Os jovens têm as suas próprias razões para *praticar ou não* a religião. Os que *praticam* alegam para si, como razões primárias da sua prática religiosa, a herança religiosa familiar, a fé e a paz da consciência. As variâncias tanto do género, como da idade não são significativas em relação a esta questão (cf.: F. 2.1 e 2.2).

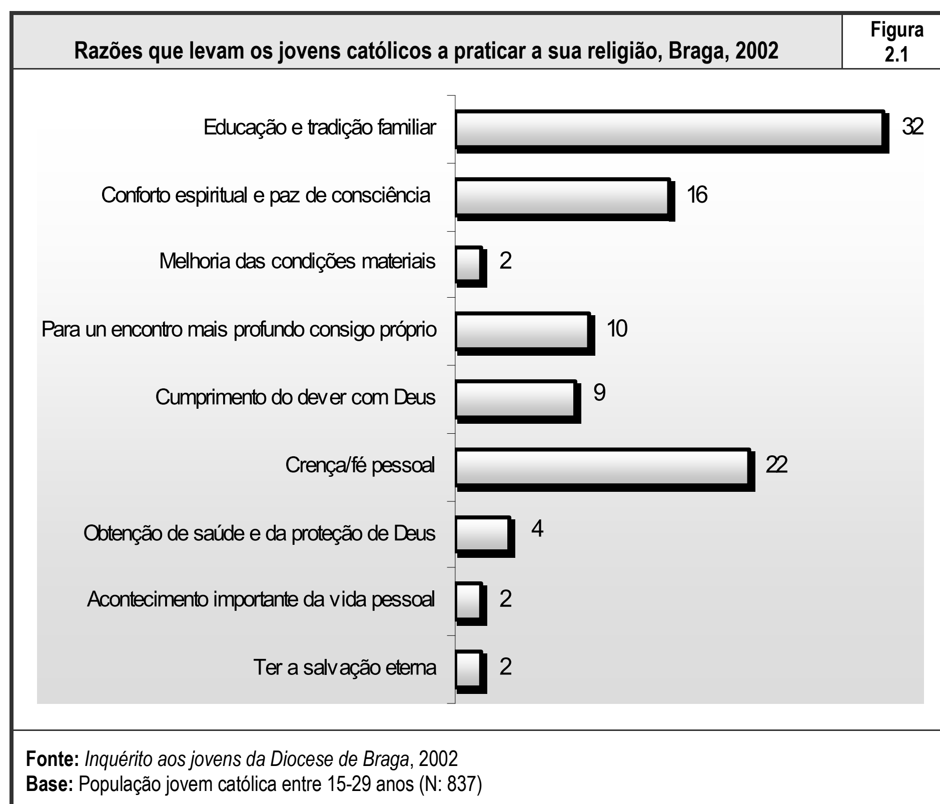
De facto, a família apresenta-se como o grande factor de personalização, como o corpo intermédio no qual cada ser humano tem condições para alcançar uma certa plenitude. Deste modo, a família é, assim, no entender destes, testemunhal e instrutiva.

As razões são distintas quando falamos dos *não praticantes*, que dizem que, para ser uma pessoa religiosa, não é necessário praticar qualquer religião. A falta de tempo é a segunda razão invocada por estes para não praticarem, pois ocupam a sua vida com outras opções, a que dão mais importância, como por exemplo, o trabalho. É também comum constatar que, entre os *não praticantes*, a razão que os leva a não se comprometerem com uma prática religiosa é, segundo eles, o comportamento da hierarquia da Igreja e dos crentes praticantes, justificando a sua falta de compromisso com os maus exemplos dos que praticam. Isto é realçado à medida que a idade dos jovens vai aumentando, pois, os mais jovens, não responsabilizam de uma forma tão acentuada os exemplos de vida da hierarquia e das pessoas praticantes, como os mais velhos o fazem para não praticarem (cf.: F. 2.3 e 2.4).

Razões que levam os jovens *a praticar* a sua religião	**Razões que levam os jovens *a não praticar* a sua religião**
Os itens aqui apresentados estão por ordem de preferência dos jovens	
Educação e tradição familiar	Não é necessária a prática para ser uma pessoa religiosa
Crença/fé pessoal	Falta de tempo
Conforto espiritual e paz de consciência	Comportamento dos sacerdotes ou responsáveis religiosos
Para um encontro mais profundo consigo próprio	Mau exemplo dos crentes praticantes
Cumprimento do dever com Deus	Outro motivo
Obtenção de saúde e da protecção de Deus	Meio ambiente desfavorável
Melhoria das condições materiais	Tradição familiar e falta de educação religiosa
Acontecimento importante da vida pessoal	Situação irregular frente às normas da Igreja ou religião
Ter a salvação eterna	Acontecimento importante da vida pessoal

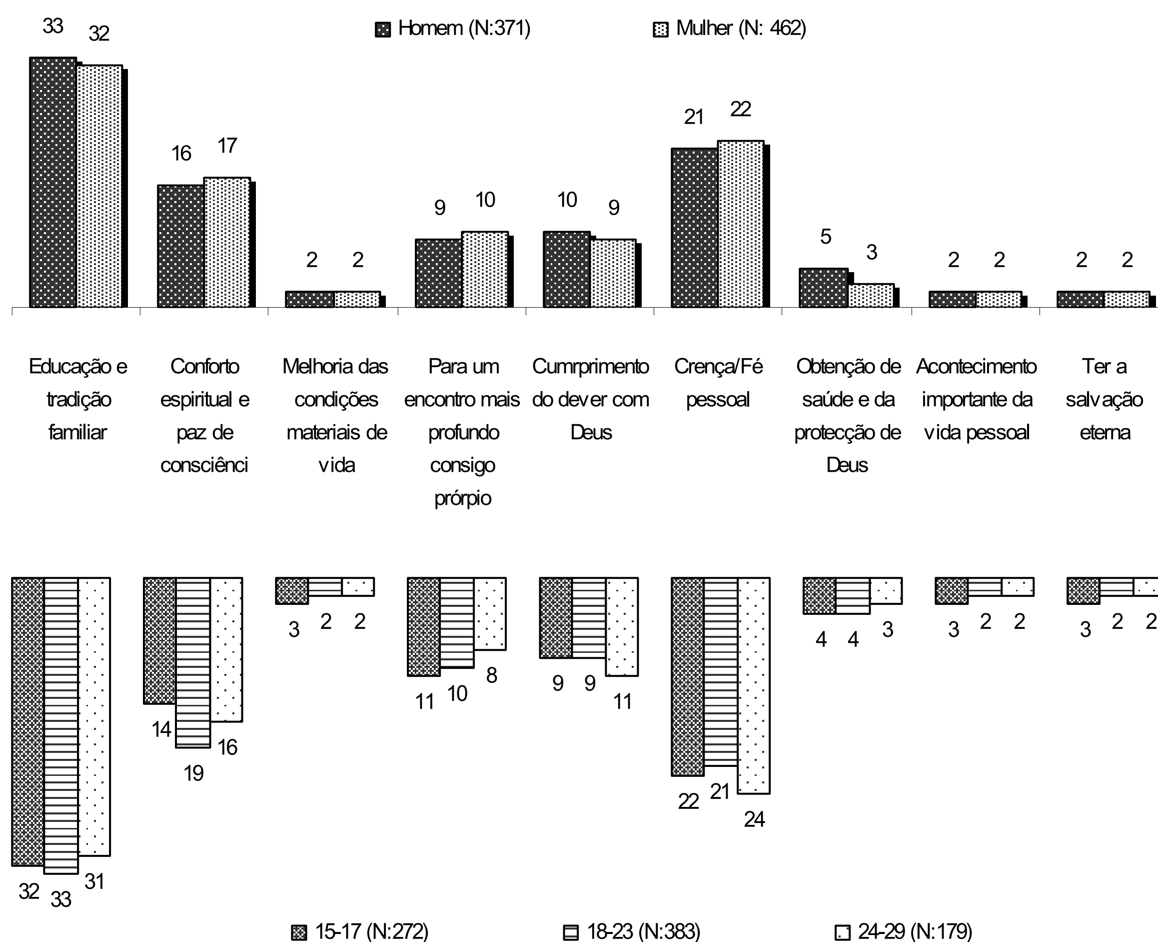
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem católica entre 15-29 anos.

Razões que levam os jovens católicos a praticar a sua religião, Braga, 2002 — **Figura 2.1**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem católica entre 15-29 anos (N: 837)

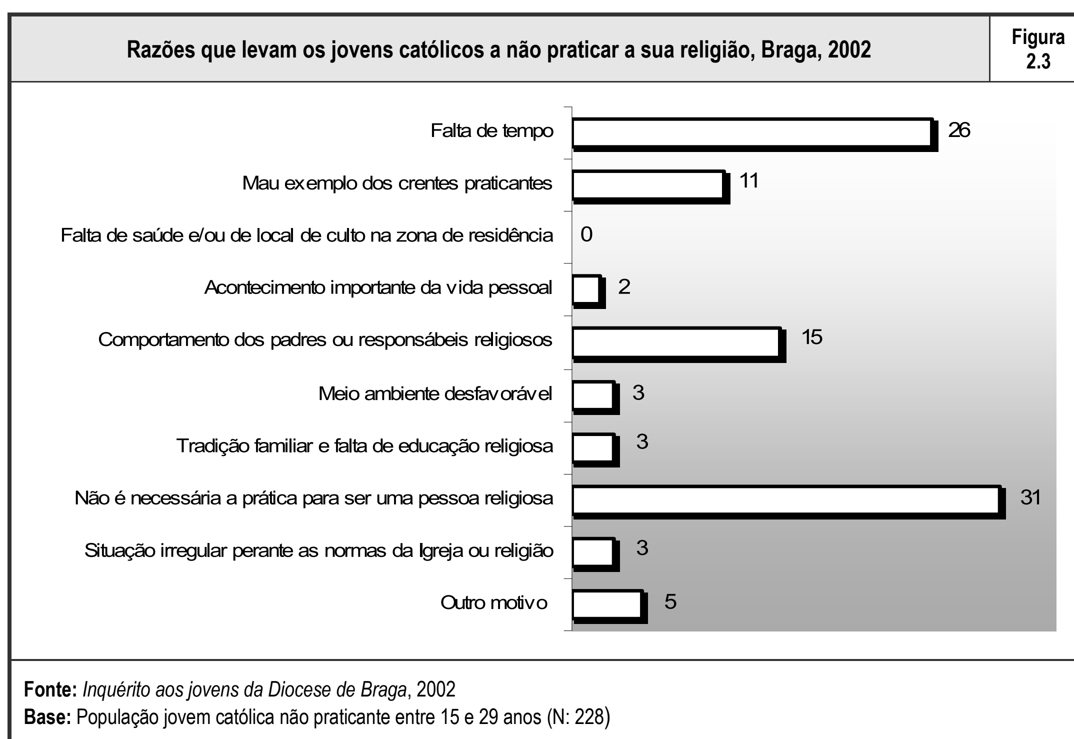
Razões que levam os jovens católicos a praticar a sua religião, segundo o sexo, Braga, 2002 | **Figura 2.2**



Razões que levam os jovens católicos a praticar a sua religião, segundo a idade

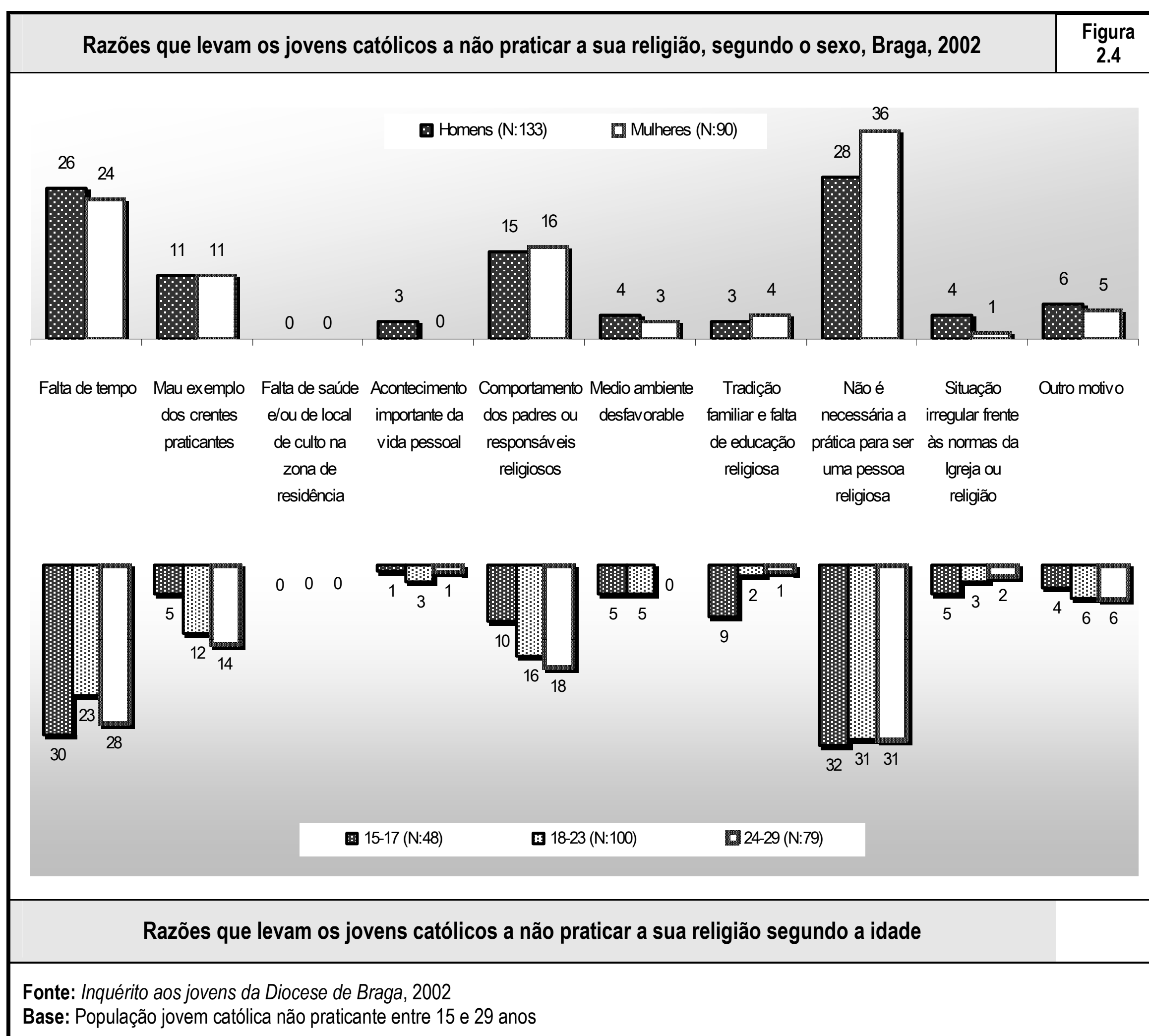
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem católica entre 15 e 29 anos

Razões que levam os jovens católicos a não praticar a sua religião, Braga, 2002	Figura 2.3



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem católica não praticante entre 15 e 29 anos (N: 228)

Razões que levam os jovens católicos a não praticar a sua religião, segundo o sexo, Braga, 2002	Figura 2.4



Razões que levam os jovens católicos a não praticar a sua religião segundo a idade

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem católica não praticante entre 15 e 29 anos

Não se pode dizer muito sobre os jovens que dizem que "não têm religião", visto que a amostra não o permite. Não obstante, queremos realçar as razões que os levam a não ter nenhuma religião, num Distrito maioritariamente e culturalmente católico.

Segundo eles, por um lado, as doutrinas das religiões não lhes agradam, por outro, preferem estar independentes de qualquer tipo de religião (cf.: F. 2.5). Estes jovens, apesar de pertencerem a famílias que se dizem católicas, são famílias que, numa percentagem significativa, não têm uma prática religiosa.

Apesar destes jovens não terem uma família com uma *prática religiosa* regular, não se pode justificar a identidade religiosa que assumem pela educação familiar, visto que os seus pais eram *católicos* (cf.: alínea 1ª do Cap. 2 da 3ª Parte).

Quando se procura uma explicação para *não praticar uma religião*, encontramo-nos com um *fracasso na transmissão da tradição religiosa católica* às novas gerações. Consuma-se uma ruptura que se pode considerar como uma verdadeira perda de memória de uma tradição ou, se se quer expressar de um modo mais veemente, como uma ruptura com essa tradição, na que intervêm uma série de factores.

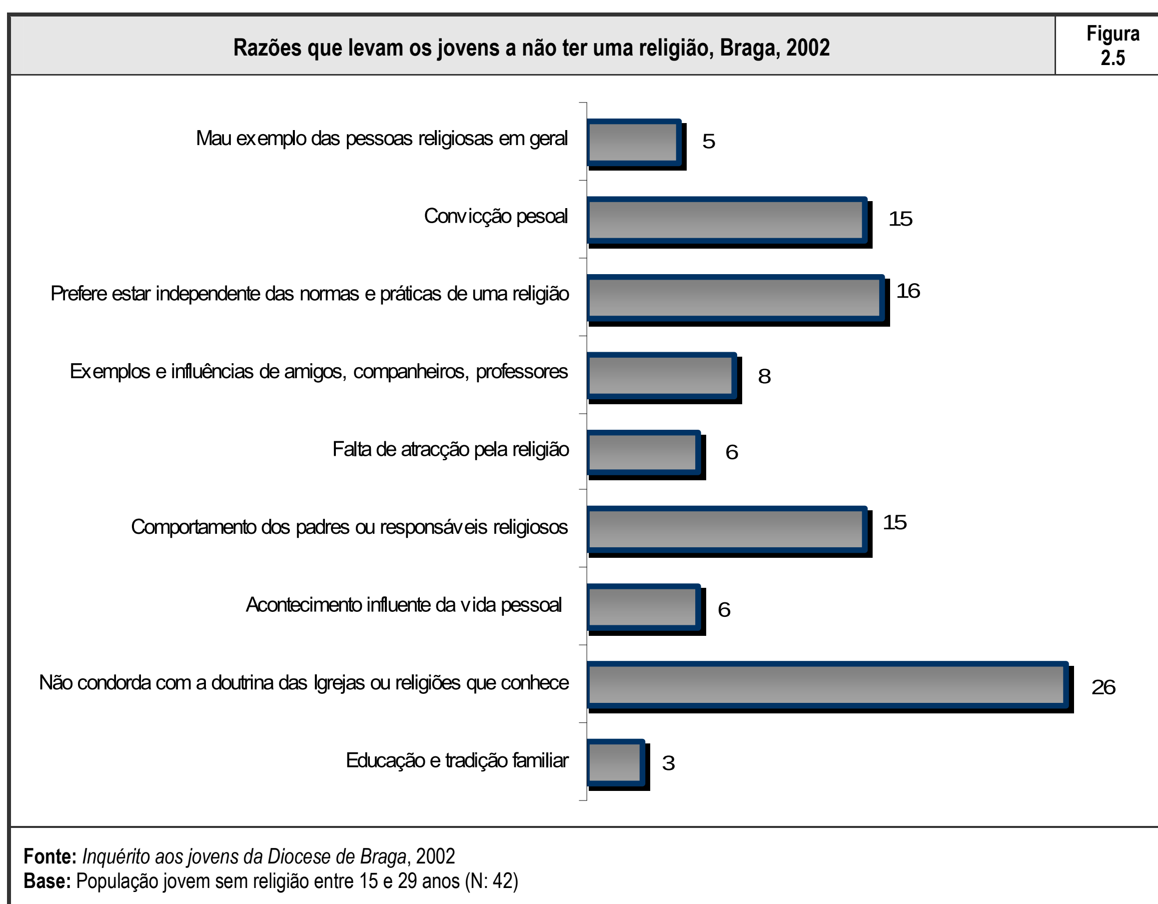
Entre os factores, há que fixar-se em todos aqueles que configuram os rasgos de uma sociedade secular numa rápida mudança. Citamos os que mais sobressaem: as mudanças verificadas na *família*[43] e a crescente autonomia da *mulher*; a sociedade da *produção e do consumo*; a *sociedade da informação* e do *conhecimento* que está a criar uma *"cultura da imagem"* que contrasta com a cultura do livro e da Palavra própria da Igreja e da transmissão tradicional da fé cristã. O que G. Steiner[44] denominou o fim da *cultura da palavra* que tem implícita uma reviravolta mental e do imaginário, incidindo fortemente na transmissão dos valores e da visão do mundo. Estamos inseridos numa *nova* cultura, a que podemos denominar *cultura do efémero*, a qual atribui um maior valor ao imediato do que ao permanente, dando prioridade ao espaço sobre o tempo.

---

[43] Cf.: 2º Capítulo "Aspectos da Socialização religiosa" da III Parte.

[44] Cf.: CAMPICHE, R. J., (1997), *Cultures jeunes et religions en Europe*. París: Cerf, 45s.

Razões que levam os jovens a não ter uma religião, Braga, 2002 — **Figura 2.5**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem sem religião entre 15 e 29 anos (N: 42)

PARTE II

Os jovens e as condutas de vida

1. EM QUE CRÊEM OS JOVENS

1.1. Os jovens e suas vivências

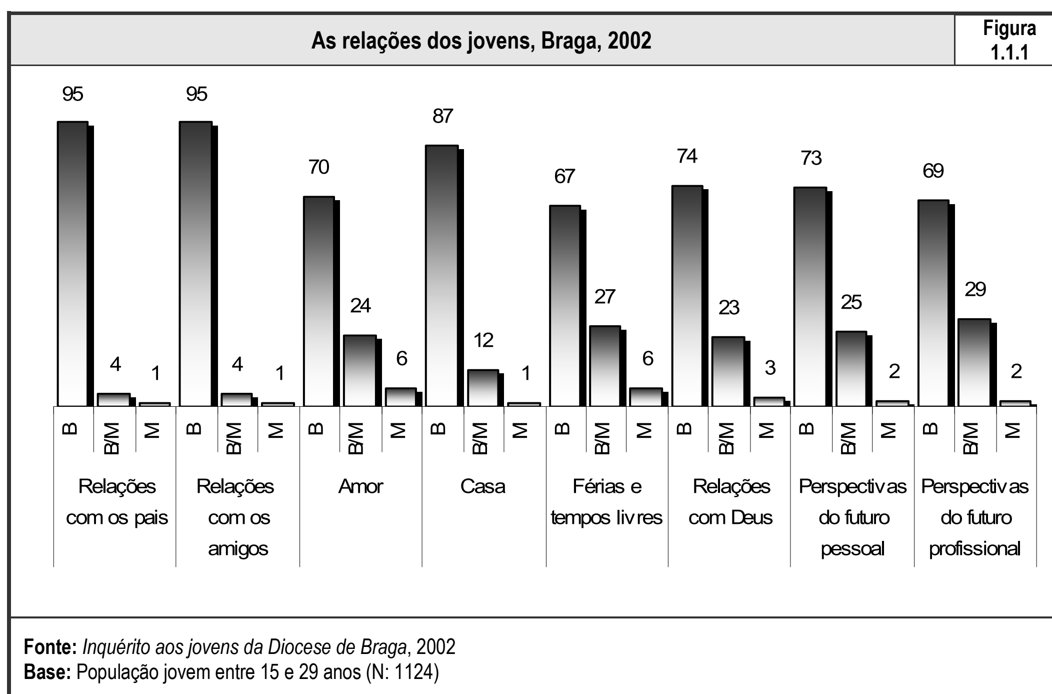
A juventude não é somente um estádio de vida em que se perfaz o desenvolvimento físico, é, sobretudo, uma fase onde ocorrem uma série de transformações sociológicas, que ocorrem entre o abandono da infância e a entrada no mundo adulto. Trata-se de uma fase muito relacional e o seu crescimento vai depender muito das suas vivências.

Distrito de Braga

No Distrito de Braga, os jovens apresentam-se com bastante confiança e exprimem optimismo com o que os rodeia. Quase sempre, mantêm boas relações com os seus pais e amigos; com Deus, dizem ter uma boa relação; sentem-se bem na sua casa, etc.

Esta estabilidade relacional deve-se, em parte, ao facto de viverem, ou terem vivido, com os seus pais até uma idade bastante avançada (cf.: F. 1.1.1 e T. 1.1.1).

As relações dos jovens, Braga, 2002 — **Figura 1.1.1**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

De facto, a boa relação entre pais e filhos é muito importante para um desenvolvimento saudável da formação integral dos jovens. Falar da família tradicional, em Braga, ainda tem todo o sentido, visto que os jovens dizem procurar o apoio familiar para a resolução dos seus problemas, assim como pedem conselhos para os momentos mais diversos (cf.: F. 1.1.2 e 1.1.3 e T. 1.1.2).

Quando se fala na ocupação dos tempos livres, os jovens dão um grande valor à amizade, isto porque existe uma grande reciprocidade nas opiniões, gostos, desejos, etc. Os amigos ocupam o centro de todos os interesses dos jovens; excepto quando se trata de questões mais sérias, que recorrem aos seus pais.

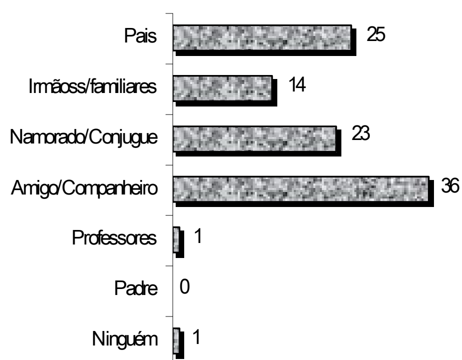
Esta importância que os jovens depositam na relação com os seus amigos não é só notável neste inquérito, mas é corroborada noutros, por exemplo, no inquérito realizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), em 1986-87, intitulado "A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações", indica que, segundo Luísa Schmidt, estudiosa deste inquérito, os grandes índices de convivência revelados, exibem a importância que os amigos da mesma idade têm, uns para os outros, para se sentirem compreendidos e acompanhados, bem como para conceberem as suas referências. Por outro lado, esta convivência amistosa é uma forma de participação dos jovens na vida social, de um modo informal, através da participação em grupos de amigos (ou seja, de um modo que não requer a participação em organizações ou instituições formais)[45].

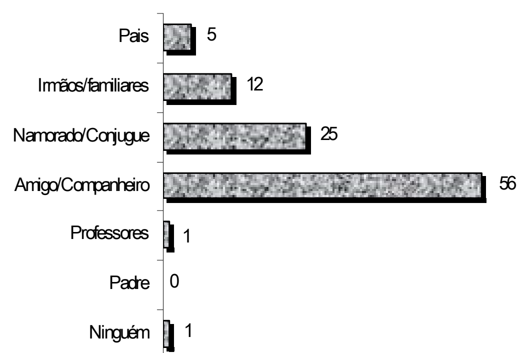
Merece destacar a posição que ocupa o noivo/cônjuge na vida dos jovens mais velhos. É com eles que se sentem melhor, têm mais opiniões em comum e ocupam os tempos livres. Aqui se compreende que o noivo/cônjuge possa exercer uma grande influência sobre o jovem, pois é com ele que mais se identifica, embora não se possa omitir que, estas relações, nunca abstraem ou retiram o lugar dos pais, nos momentos mais importantes (cf.: F. 1.1.2 e 1.1.3 e T. 1.1.2).

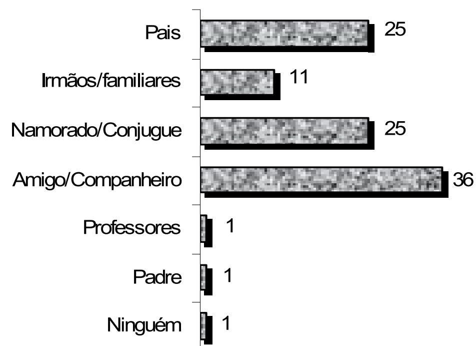
---

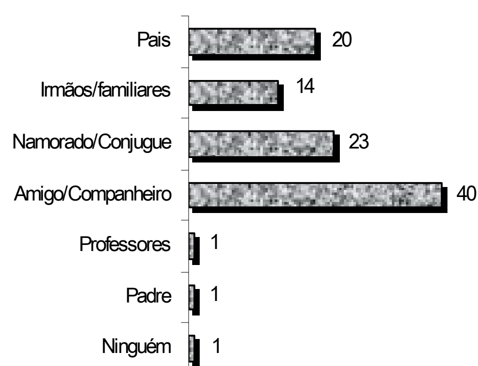
[45] SCHMIDT, Luísa (1989), *O Discurso Publicitário e a Construção da Juventude como Categoria Social.* Trabalho de sínteses pelas provas de acesso à categoria de assistente de investigação. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 225.

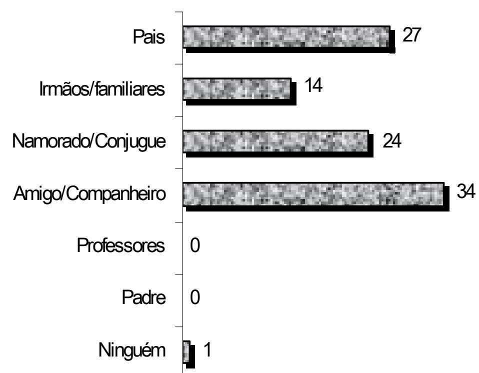
Com quem os jovens se ocupam na sua vida, Braga, 2002	Figura 1.1.2

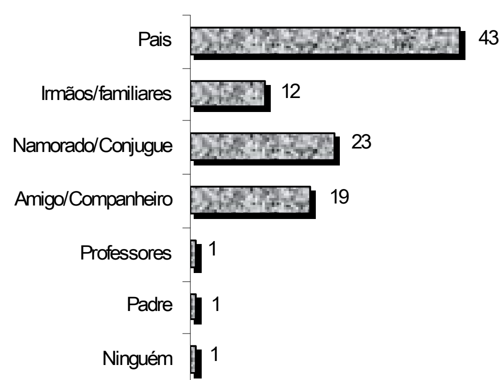


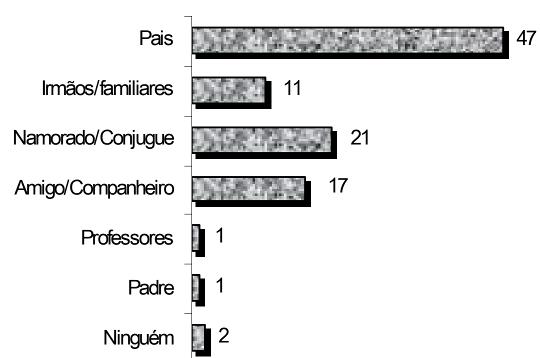






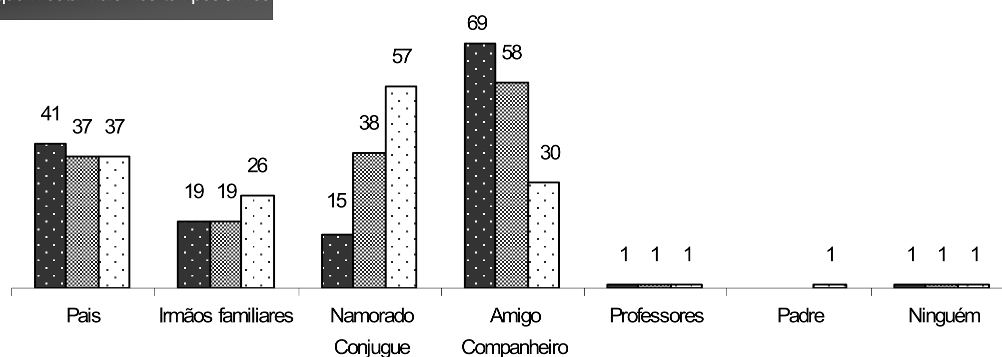


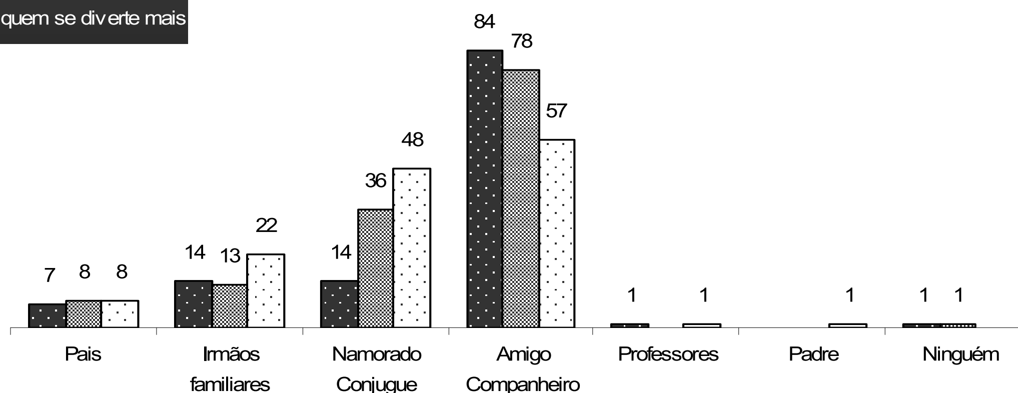


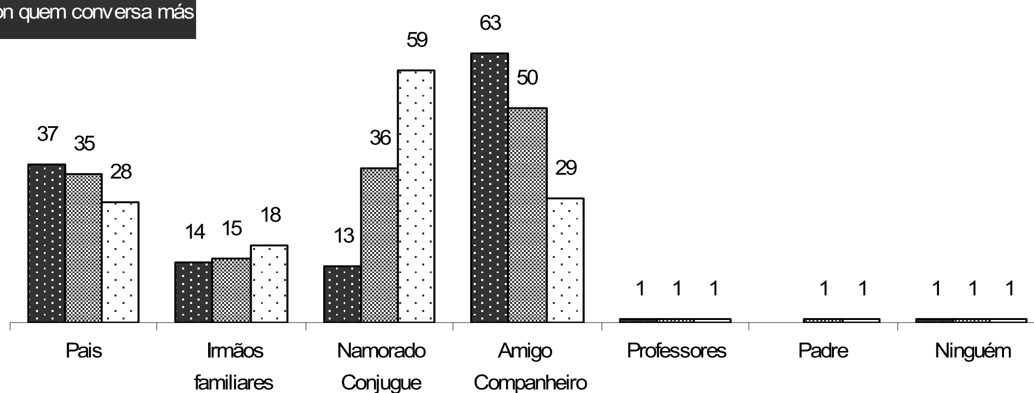


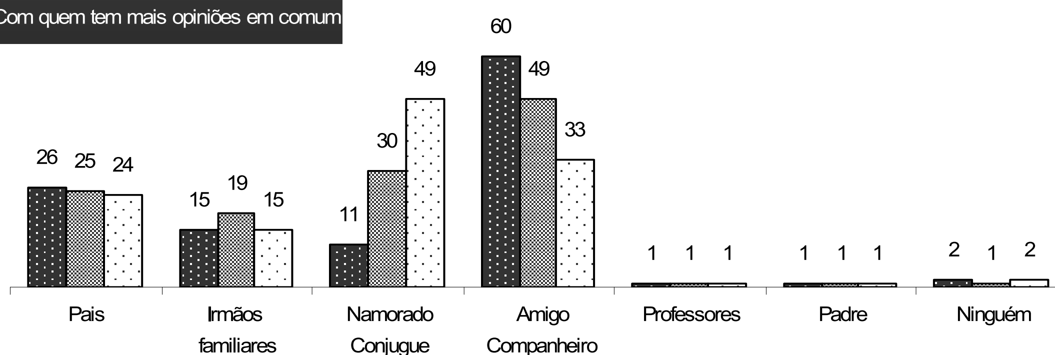
Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

Com quem os jovens se ocupam na sua vida segundo a idade, Braga, 2002	Figura 1.1.3





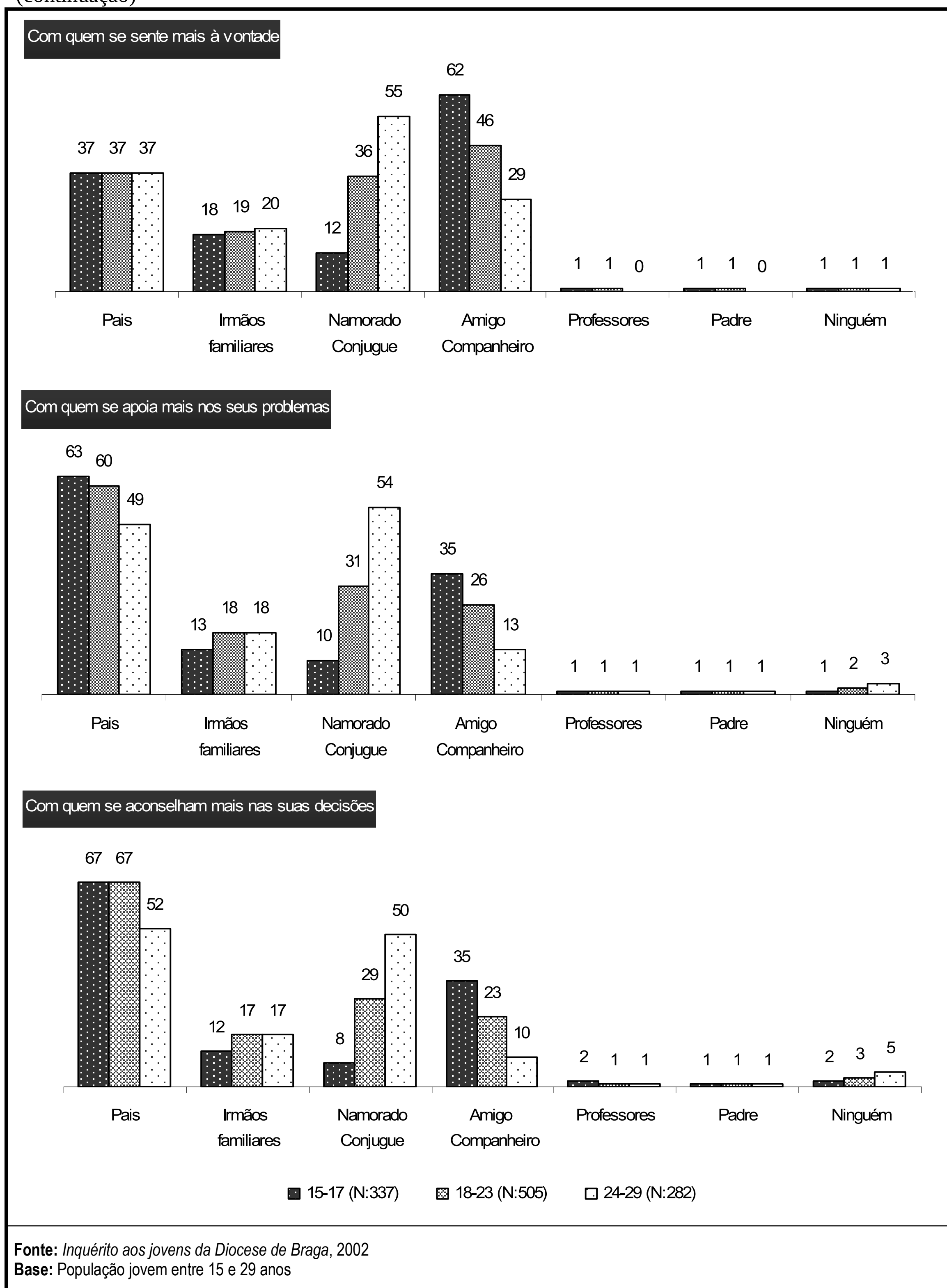




15-17 (N: 337) 18-23 (N: 505) 24-29 (N: 282)

segue…/…

(continuação)



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

Depois da leitura dos anteriores gráficos, pode-se dizer, de uma forma mais sucinta, que os jovens do Distrito de Braga reconhecem nos seus pais, um modelo de aprendizagem e um exemplo a seguir, pois a eles recorrem nos momentos mais

decisivos. Não obstante, quando se aborda as práticas do quotidiano, vemos que os jovens conversam pouco com os seus pais, convivem pouco com eles nos seus tempos livres e parecem raramente comungar com as suas perspectivas. Esta aparente falta de comunicação entre pais e filhos, não significará necessariamente um conflito intergeracional, podendo ser reflexo de diferentes modos de estar na vida entre as diferentes gerações. Na perspectiva dos jovens, a distinção parece ter como indicadores fulcrais: a diferença de gostos nas formas de vestir e de se apresentar; a música que se escolhe e a maior importância atribuída aos tempos livres; o cuidado com o corpo e a forma como se concebe a sexualidade.

É interessante recordar que estas mesmas conclusões foram confirmadas por outros inquéritos, apesar da diferença de quase duas décadas que os separam, de um modo especial referimo-nos ao inquérito do ICS[46], o qual incluía uma questão sobre as pessoas com quem mais se relacionam os jovens.

Os tipos de relação foram agrupados em torno de três áreas fundamentais: área expansiva do ócio (tempos livres e diversão); área de comunicação-afectividade (conversação, opiniões, sensação de fazer a sua santa vontade) e área de projecção perante o futuro e as próprias decisões (apoio na resolução de problemas, conselhos na tomada de decisões). Podemos ver que, na maior parte dos tipos de relações propostos, os jovens se relacionam preferencialmente com os amigos: é com eles com quem mais convivem nos tempos livres, mais se divertem, com quem melhor se sentem, mais conversam e mais partilham opiniões.

Apenas em duas dimensões - "quem os apoia mais nos seus problemas" e "com quem se aconselham mais na tomada de decisões" -, os amigos não são quem ocupa o primeiro lugar nas preferências dos jovens. Eles preferem relacionar-se com o seu namorado/a, com o cônjuge e com os seus pais.

1.2. As formas de vida e o futuro dos jovens

Este capítulo tem por base as preocupações que os jovens manifestam em relação à vida e aos factores que mais podem influenciar o seu futuro.

---

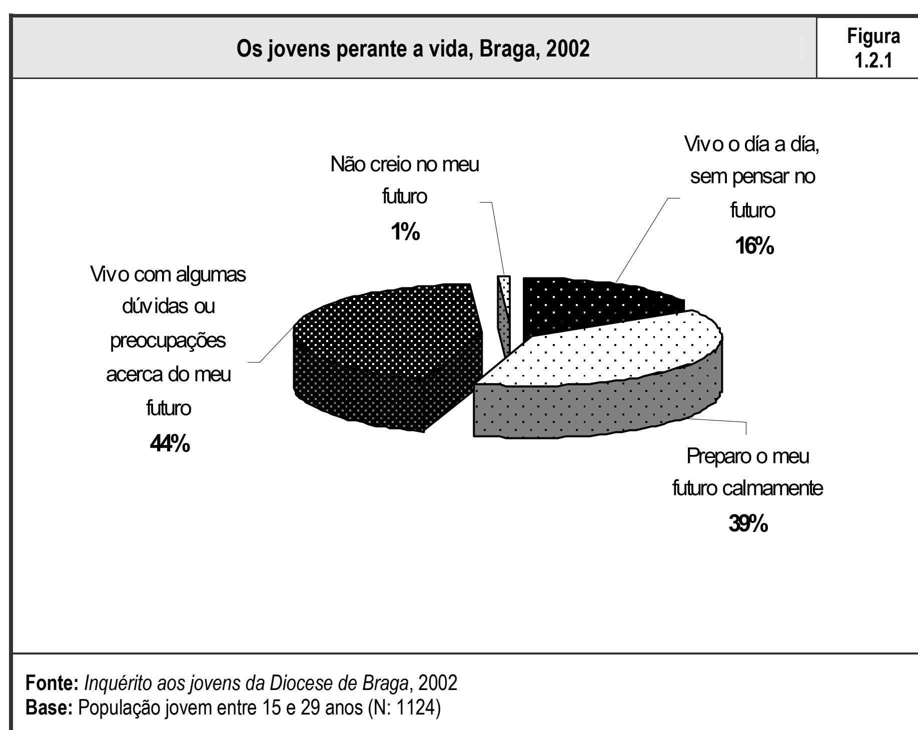
[46] Cf.: Inquérito sobre "*A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações*" realizada, em 1986-87, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS).

Abordaremos, em primeiro lugar, as preocupações e, em segundo, o futuro dos jovens.

Uma parte significativa dos jovens manifesta estar preocupado com o seu futuro, sendo maioritariamente as mulheres quem apresenta esta preocupação. Uma parte menor, diz que prepara o seu futuro com calma e são mais os homens que manifestam esta opinião (cf.: F. 1.2.1 e 1.2.2 e T. 1.2.1).

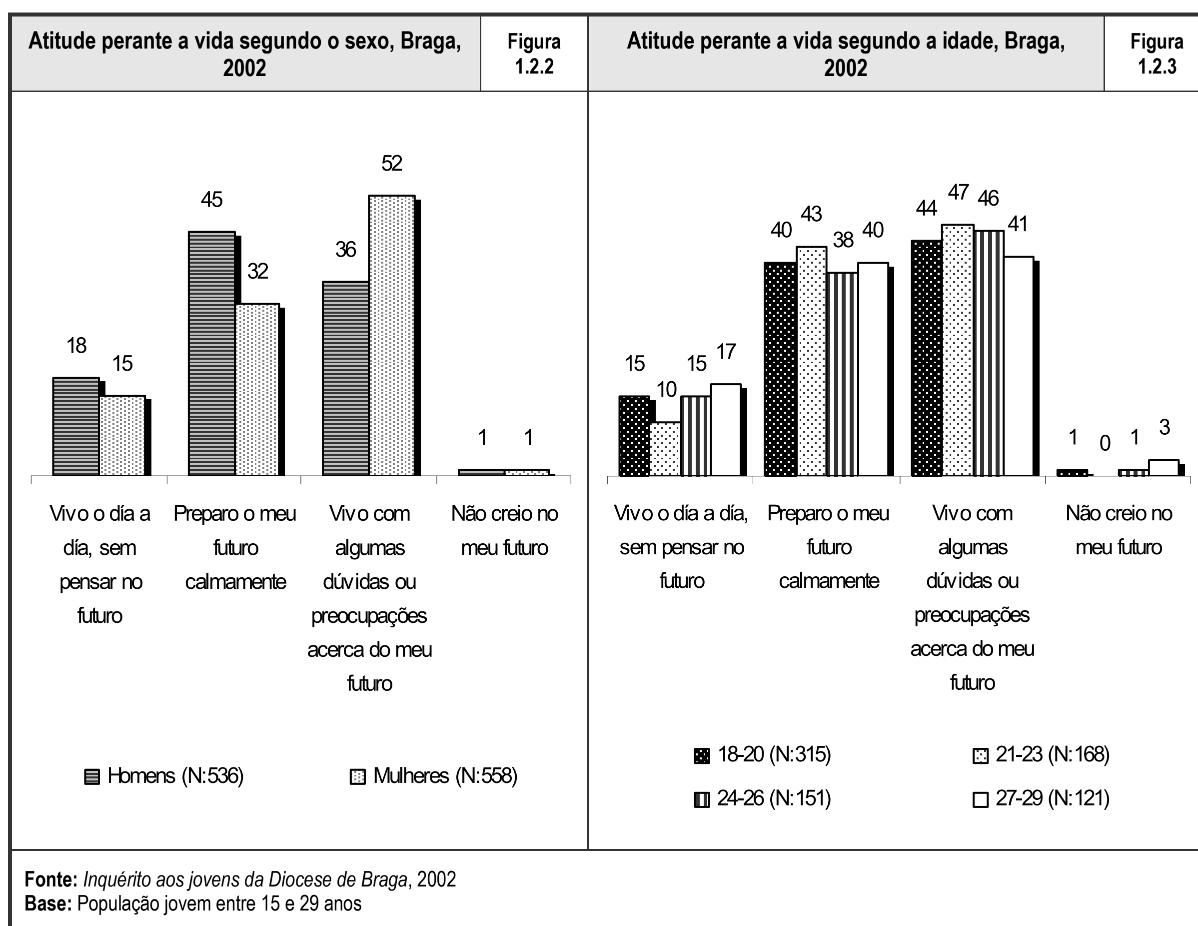
Em relação a esta atitude perante a vida, verificamos que os jovens mantêm a mesma postura nos diferentes grupos etários. Tanto os mais jovens como os mais velhos vivem com alguma preocupação em relação ao seu futuro (cf.: F. 1.2.3 e T. 1.2.1).

Esta inquietude acerca do futuro revela, por parte dos jovens, uma insegurança e uma indeterminação sobre as questões centrais da sua vida, tais como: a família, o trabalho, a situação económica, etc., dado que são estes os problemas que mais preocupam a sociedade portuguesa.



Os jovens perante a vida, Braga, 2002 — **Figura 1.2.1**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)



Em relação a estas preocupações, os jovens crêem que há factores que podem influenciar o seu futuro: como os estudos, a sua capacidade de trabalho e Deus. Para as mulheres Deus é mais importante que o trabalho. Também os estudantes mais velhos acreditam que a sua capacidade de trabalho e Deus[47] podem influenciar a sua vida (cf.: F. 1.2.4 e 1.2.5 e T. 1.2.2).

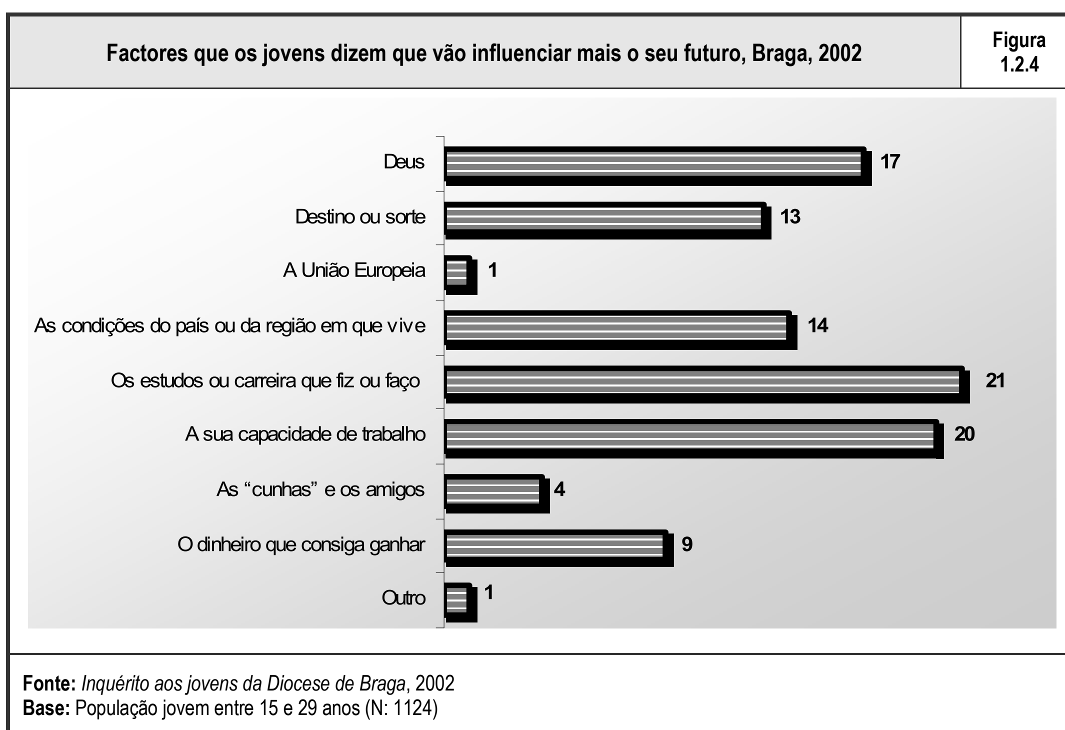
Portanto, eles depositam pouca confiança, ou quase nenhuma, na União Europeia para construir o seu futuro.

De uma forma sintetizada, pode-se adiantar que os jovens crêem mais nas suas capacidades e em Deus para resolver o seu futuro, do que nas políticas da U.E., nas "cunhas" ou nos amigos (cf.: F. 1.2.4 e 1.2.5 e T. 1.2.2).

---

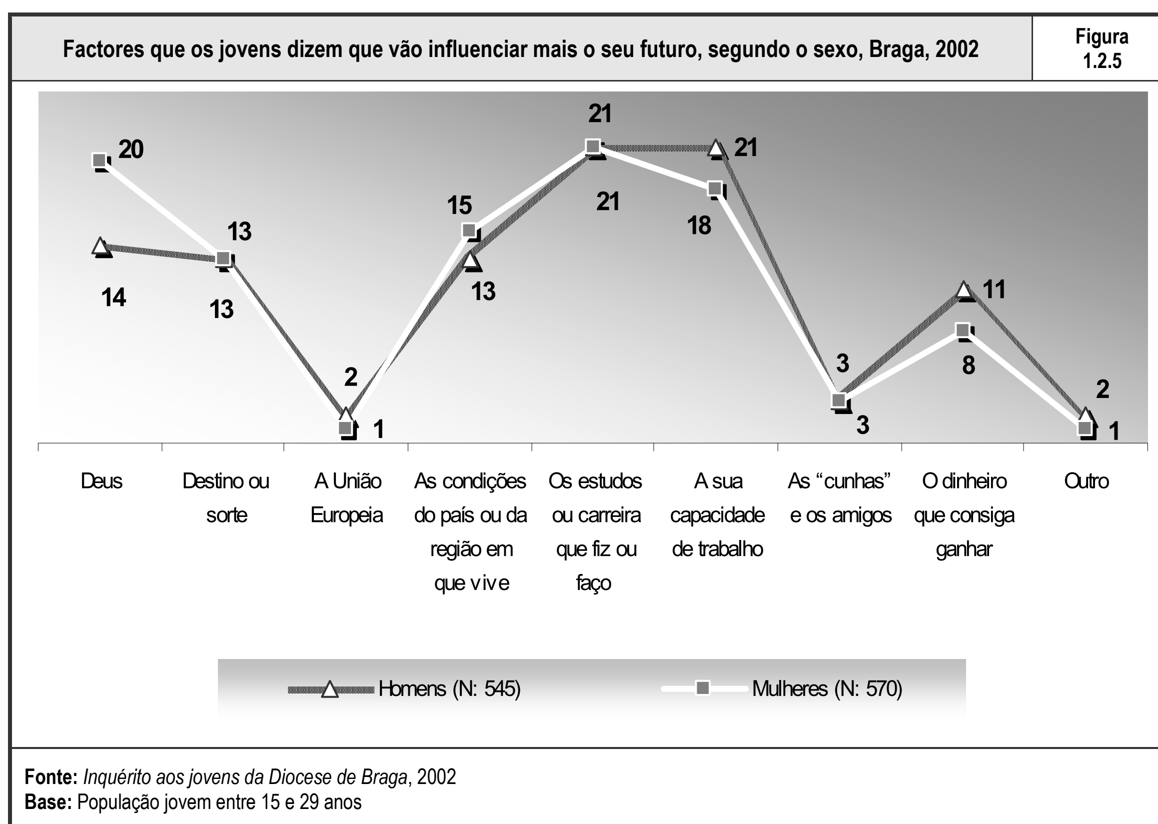
[47] Segundo o estudo do "Eurobarómetro" a crença en Deus desce em seis países desde 1981, entre eles: Espanha, que passa de 76% para 68%; mas cresce noutros seis, sobretudo em Itália (87%) e em Portugal (86%). Inclusive entre os que se declaram "sem religião", houve uma subida dos que dizem crer em Deus, dos 20% para 29%, e os que esperam *uma vida depois da morte* dos 19% para 28%. É interessante ainda destacar que o país mais religioso dos 12 inquiridos é a Irlanda, onde 90% dos jovens *crêem em Deus* e 43% mantêm uma prática religiosa. Cf.: "European Values Survey", *Les Jeunes Europeens/The Young Europeans,* (1991).

Factores que os jovens dizem que vão influenciar mais o seu futuro, Braga, 2002 — Figura 1.2.4



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

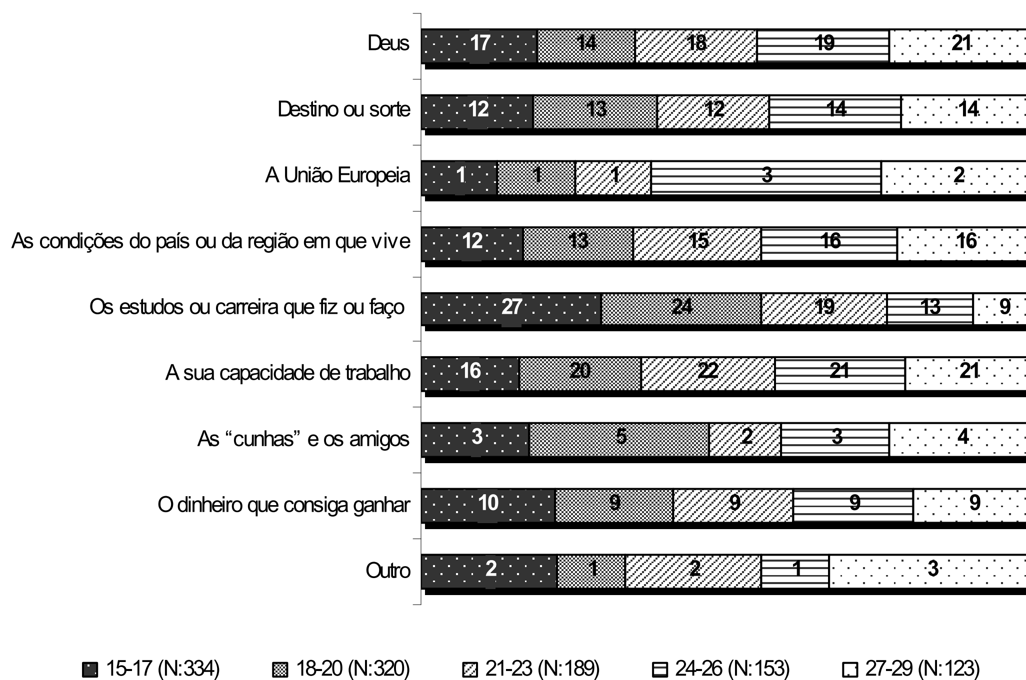
Factores que os jovens dizem que vão influenciar mais o seu futuro, segundo o sexo, Braga, 2002 — Figura 1.2.5



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

Factores que os jovens dizem que vão influenciar mais o seu futuro segundo a idade, Braga, 2002

Figura 1.2.6



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

2. OS JOVENS E A SOCIEDADE

2.1. Os jovens e o futuro do país

Os jovens não pensam unanimemente em relação ao futuro do seu país. Eles, quando se lhes fala da sua pátria, demonstram sentimentos muito diversos, quando propõem mudanças para renovar a sociedade.

Envoltos nestas preocupações, os jovens manifestam dois grandes sentimentos: por um lado, *preocupação e angústia*, por outro, *esperança e confiança* no futuro do país (cf.: F. 2.1.1 e T. 2.1).

Esta dupla sensibilidade, expressa pela maioria dos jovens, deve-se, sobretudo, à crise que afecta a nossa sociedade, o espaço europeu e o mundo. Não é só uma crise económica, mas também, e sobretudo, uma crise cultural e social. Entre outros aspectos, ela traduz-se na relativização de valores e princípios, na perda de confiança num futuro melhor, na preocupação de lutar por uma sociedade mais justa e pacífica.

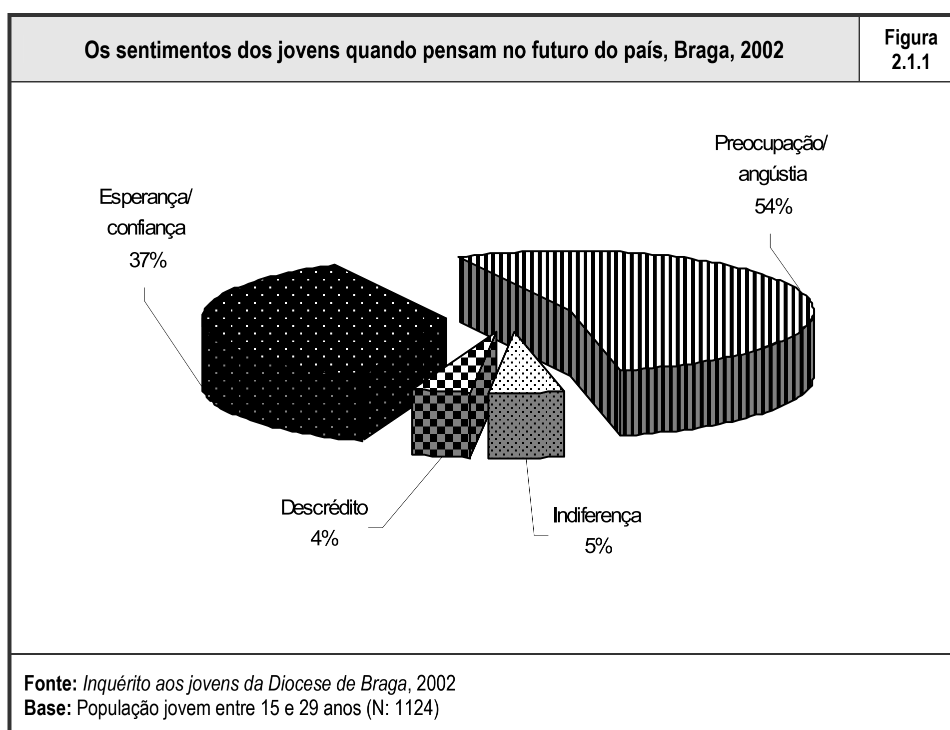
Por esta razão, podemos dizer que estes sentimentos evidenciados pelos jovens estão inter-ligados, posto que, ao sentir preocupação pelo futuro do seu país, sentem também a esperança de que as mudanças que propõem aliviarão os problemas actuais que angustiam a sociedade.

Independentemente do género e da idade, os grandes problemas são: *a saúde, o emprego e a educação*. O trabalho nestes âmbitos é considerado por eles como prioritário, para melhorar a sociedade portuguesa (cf.: T. 2.1).

Olhando em forma de diagnóstico para o nosso país, vemos que, de facto, são estes os problemas que mais afectam, na prática, a vida dos jovens e o seu futuro.

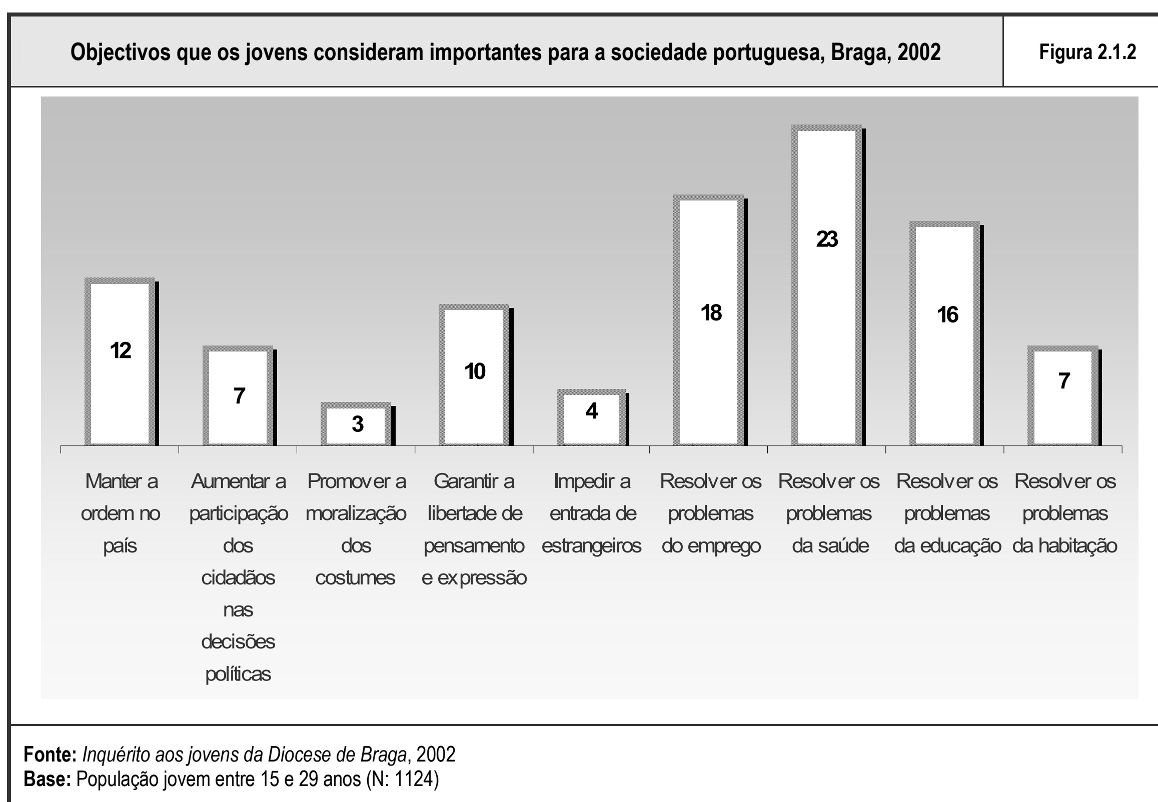
Quando se fala de que uma das grandes preocupações dos jovens é a *saúde*, refere-se os problemas do sistema de saúde português e a dificuldade que a população sente em receber uma resposta clara e efectiva, de forma a ver resolvidos os seus problemas sanitários, já que a saúde é um bem primário para o para o bem-estar e desempenho de todas as tarefas.

Para os jovens, estas preocupações sociais manifestam-se plenamente no período que decorre entre o final da trajectória escolar e a integração no mercado de trabalho. É um período difícil de transição, no qual os jovens se encontram à procura do primeiro emprego. Falamos de jovens trabalhadores com contratos precários e jovens que esperam um lugar mais seguro na estrutura laboral. Este período deve-se, na maioria dos casos, à falta de emprego que engloba os jovens (cf.: F.2.1.2 e T. 2.1).



Os sentimentos dos jovens quando pensam no futuro do país, Braga, 2002 — **Figura 2.1.1**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

2.2. As organizações e os jovens

Panorama Europeu

Segundo o Eurobarómetro de 1990, 1 em cada 2 europeus, jovens ou adultos, faz parte de uma *organização* ou de uma *associação*. Esta proporção, algo mais elevada que em 1987, varia fortemente de país para país, particularmente em função da sua situação geográfica. A *participação social* é "forte" na Dinamarca (85% entre os jovens e 86% entre os adultos), no Luxemburgo (76% e 74% respectivamente) e nos Países Baixos (74% em ambos os casos); é "mediana" (à volta de 60%, tanto entre os jovens como entre os adultos) na Bélgica, Alemanha, Irlanda e Reino Unido. "Mais débil" em Portugal (24% entre os jovens e os adultos), Grécia (26% entre os jovens e 24% entre os adultos), França (41% entre os jovens e 28% entre os adultos) e Itália (46% entre os jovens e 40% entre os adultos)[48].

Segundo o mesmo estudo, embora do ano de 1997, não se verificaram grandes mudanças em relação à participação dos jovens nas associações, em comparação

---

[48] Cf.: "European Values Survey" (1991), *Les Jeunes Europeens/The Young Europeans*.

com a situação de *1987 e 1990*. A vida associativa dos jovens com idades entre os 15 e os 24 anos continua a manifestar-se num nível "baixo". Igualmente a 1990, apenas 1 em cada 10 jovens (47,6%) assume pertencer a algum tipo de organização, qualquer que ela seja. De todas as organizações propostas no questionário, igual ao que se realizou em 1987 e 1990, são os clubes e as associações desportivas as que comprovam ter maior capacidade de convocatória: 27,6% dos entrevistados afirma estar associado a alguma organização vinculada ao deporto (em 1990, 28 %) (cf.: "European Values Survey" (1997), *Les Jeunes Europeens/The Young Europeans)*.

As organizações religiosas ou paroquiais têm uma participação juvenil de aproximadamente 9% (8,7% em 1990). As organizações juvenis ou para jovens como os grupos de escuteiros, as casas de juventude e outros espaços similares, atraem o interesse e a participação de 7% dos jovens europeus (cf.: *Ibidem*).

A participação dos jovens nas organizações religiosas pelos países membros da União Europeia expressa as seguintes tendências:

- A pertença a organizações religiosas ou paroquiais é particularmente "intensa" entre os jovens italianos e holandeses (18% da população jovem em ambos os países), sendo especialmente "escassa" entre os belgas e os gregos (2% respectivamente). A média Europeia de pertença a estes grupos é de 9%.

- A pertença a movimentos ou centros juvenis (como os escuteiros, casas de juventude, etc.) encontra-se particularmente desenvolvida entre os jovens luxemburgueses e dinamarqueses, os quais aderiram a este tipo de organização em "grande proporção" (26% e 18%, respectivamente), embora a média europeia se situe nos 7%. Este tipo de participação social é "diminuta", especialmente entre os jovens gregos e portugueses (com 3% e 5%, respectivamente)[49].

---

[49] O *Eurobarómetro de 1997* mostra claras **diferenças de género** em relação ao tipo de filiação: enquanto que as *mulheres* estão mais representadas em grupos e associações sociais e de beneficência (5,6% vs. 3,9%), religiosas e paroquiais (10,1% vs. 7,4%), culturais e/ou artísticas (5,8% vs. 4,5%), de protecção da natureza e do meio ambiente (6,5% vs. 4,5%), em associações *espontâneas* (4,6% vs. 3,1%) e mesmo entre as não organizadas (50,4% vs. 44,3%); os *homens* mostram um maior agrado de filiação em organizações desportivas (31,6% *vs.*24,1%), em organizações juvenis ou casas de juventude (8,5% vs. 6,3%) e em sindicatos e partidos políticos (5,4% vs. 3,5%) (cf.: *ibidem).*

Panorama Nacional

Alguns inquéritos realizados na década dos 80's, aportam dados que apontam a uma relativa convergência em relação ao nível de associativismo dos jovens. O inquérito de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) perguntava aos jovens se eram membros de alguma associação ou organização, dos quais, cerca de 33%, responderam positivamente e, cerca de 67%, negativamente. As associações mais frequentes eram as de carácter desportivo, recreativo e cultural e eram também aquelas a que a maioria dos jovens que dizem não pertencer a nenhuma associação, embora gostariam de pertencer[50].

No inquérito do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), também foi feita a mesma pergunta, tendo-se verificado uma diminuição no número de jovens que confessam pertencer a uma associação, cerca de 25%, e o consequente aumento dos que dizem não pertencer, cerca de 75%. As associações preferidas por estes jovens foram as desportivas (60%)[51].

A mesma pergunta foi feita no inquérito do Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), onde se verificou que houve uma pequena participação dos jovens: só três tipos de associações revelam percentagens de adesão superiores a 4%: o clube desportivo com 16%, as associações recreativas com 13% e as equipas/grupos desportivos com 8%. É de salientar a escassa pertença a associações estudantis (4%), a associações sócio-profissionais ou sindicatos (4%), nos partidos políticos (2%) e, ainda com menor adesão, aos grupos de acção social (1%). Neste inquérito evidencia-se ainda que os poucos jovens que *pertencem* a associações/clubes/grupos dão preferência ao associativismo mais lúdico (clubes ou grupos desportivos e associações recreativas). E os que *não pertencem,* caso viessem a aderir, gostariam de pertencer às associações antes referidas, bem como a grupos musicais, de teatro e de cine-clube, entre outras. A grande percentagem de jovens que não responderam a esta pergunta (cerca de 85%) poderá significar *o pouco interesse* que os jovens revelam pela prática integrada em organizações institucionais[52].

---

[50] Cf.: *"Inquérito Nacional à Juventude"* (1982), realizado pelo FAOJ.

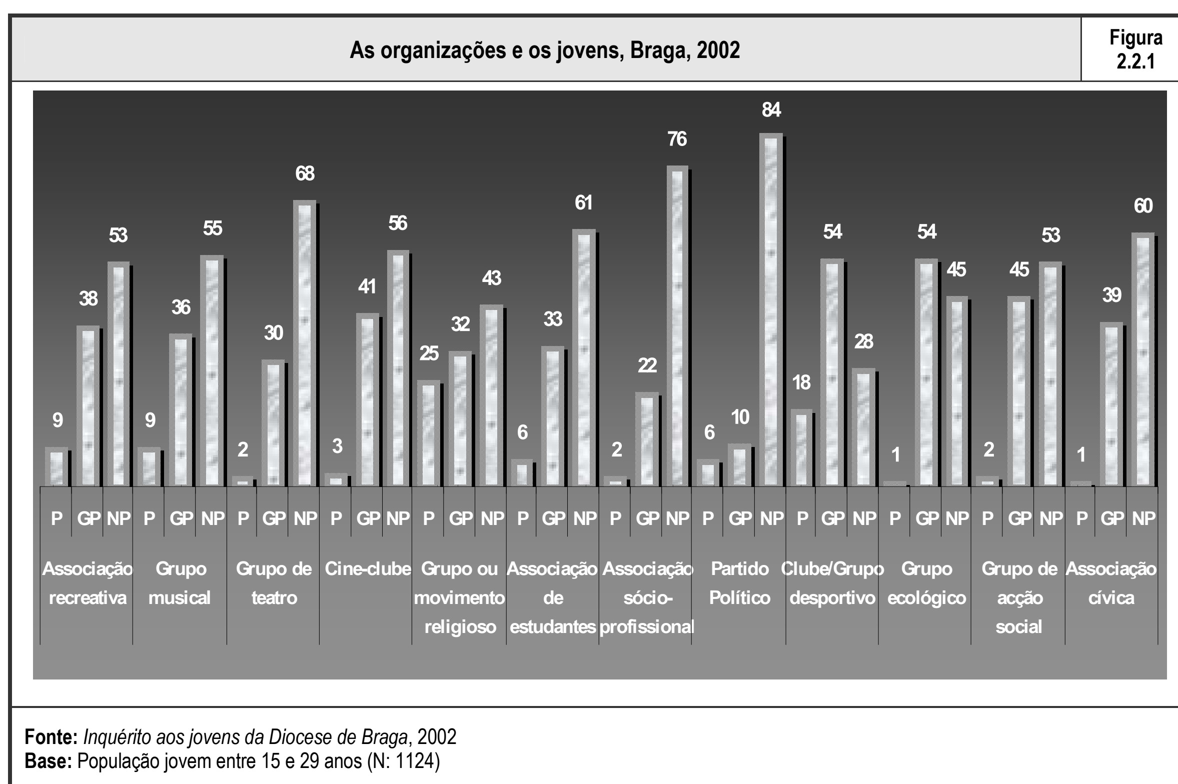
[51] Cf.: Inquérito *"Valores e Atitudes dos Jovens"* (1983), realizado por IED.

[52] Cf.: Inquérito *"A Juventude Portuguesa: situações, problemas, aspirações"* (1986-87), realizado por ICS.

Distrito de Braga

O Distrito de Braga segue a mesma tendência de que temos vindo a falar, revelando uma escassa tendência pro-organizacional. Não obstante esta tendência, as organizações ou grupos em que os jovens mais participam, por ordem descensional, são os grupos ou movimentos religiosos (25%), os grupos desportivos (18%) e os grupos musicais (9%). Ao decompor estes números, verifica-se que a tendência europeia se inverte nas prioridades do Distrito de Braga, pois, na Europa, são os grupos desportivos que, de uma forma significativa, atraem a um maior número de jovens e só depois surgem os movimentos religiosos. Merece algum realce, também, a percentagem de jovens do Distrito que não pertencem a nenhuma organização, nem tampouco demonstram interesse em pertencer (cf.: F. 2.2.1 e T. 2.2).

As organizações e os jovens, Braga, 2002 — **Figura 2.2.1**

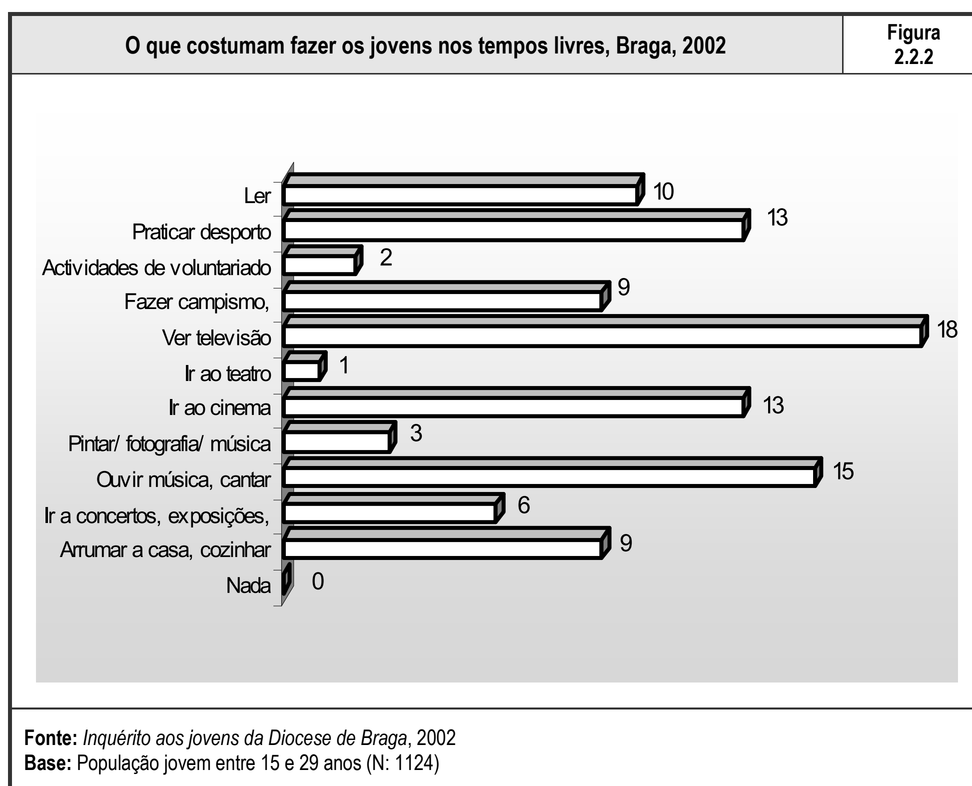


Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

É relevante o facto de que os jovens, pelo que dizem, não se interessarem por participar nestas organizações. Isto pode ser um indício para levar a pensar que *os jovens de hoje não querem estar vinculados a nenhuma organização*, pois não é este tipo de ocupação a que eles dedicam o seu tempo.

Apontam-se duas teorias para explicar a falta de participação: por um lado, que os jovens de hoje estão cada vez mais desinteressados e indiferentes com o que os rodeia, apenas se fixam nas actividades, problemas e ofertas numa perspectiva consumista e pouco activa, ou seja, mesmo diante de muitas e variadas propostas (referimo-nos a associações, grupos e movimentos com diferentes objectivos e finalidades), os jovens não manifestam grande interesse e, como tal, têm pouco participação, excepto quando se trata de actividades ligadas às áreas lúdico-recreativas, nomeadamente, quanto estão associadas ao fenómeno da noite. Por outro lado, aponta-se que as organizações não têm capacidade de se tornarem, aos olhos dos jovens, atraentes, cativantes, apelativas, o que as torna, ou pode tornar, instituições fantasma, na medida em que existem, mas não satisfazem a sua razão de ser.

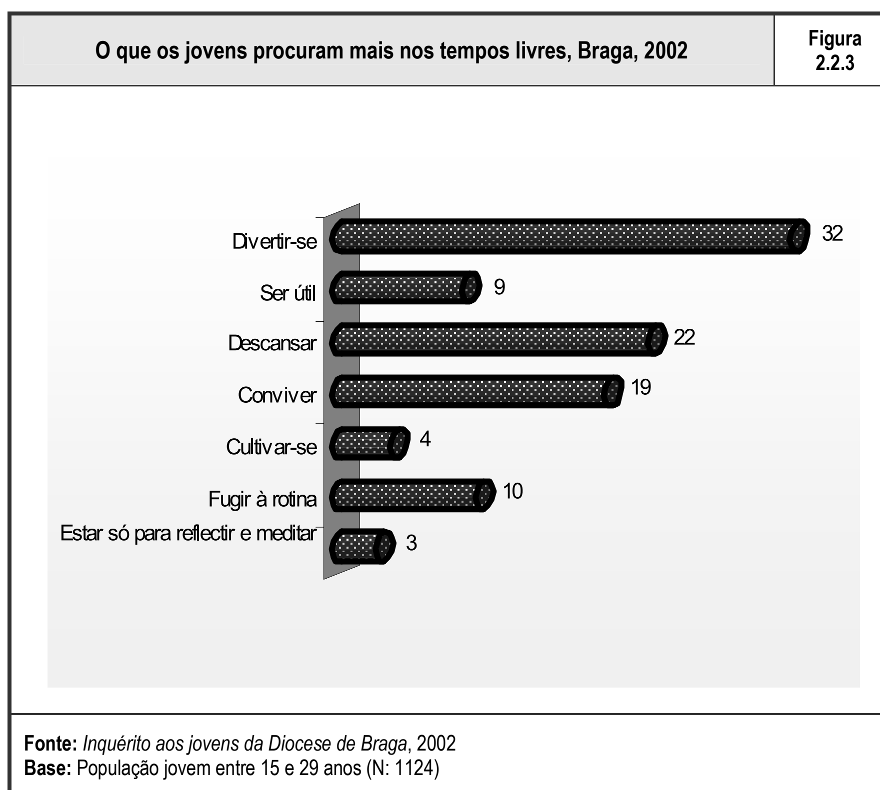
Há, porém, outras actividades a que os jovens se acomodam ou investem o seu tempo livre: por prioridade, podemos dizer que lhes agrada ver televisão, ouvir música, cantar e ir ao cinema, isto é, preferem ocupar os seus tempos livres divertindo-se e descansando (cf.: F. 2.2.2 e 2.2.3).



O que costumam fazer os jovens nos tempos livres, Braga, 2002 — **Figura 2.2.2**

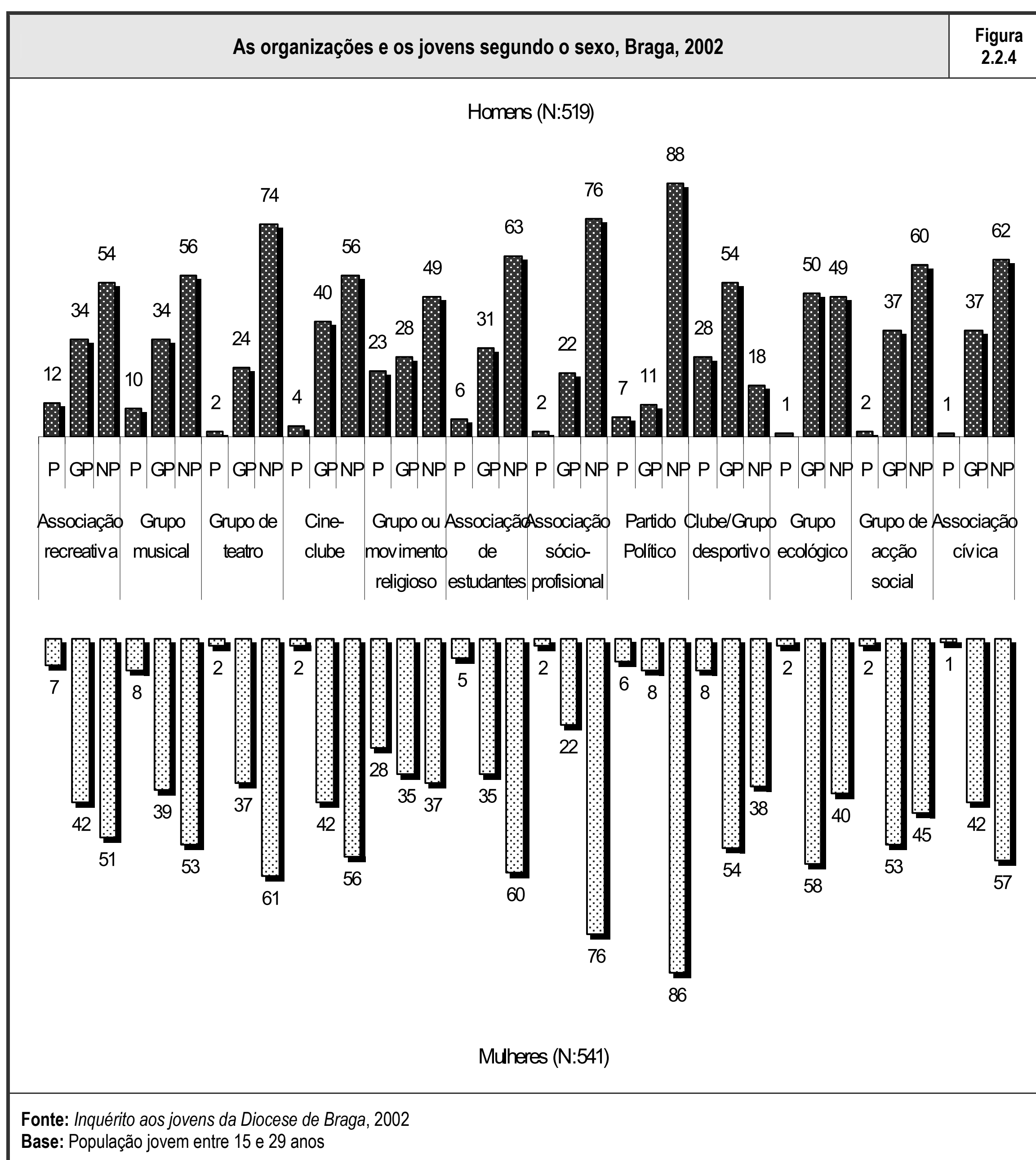
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

O que os jovens procuram mais nos tempos livres, Braga, 2002 — **Figura 2.2.3**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

Faz-nos reflectir o facto da juventude - apesar de, por definição, ser uma idade de relação, isto é, voltada para os demais -, indiferentemente do *género e da idade*, preferir passar mais os seus tempos livres em casa, do que participar em actividades sociais, culturais e relacionais, como são as actividades das actividades de que já havíamos falado (cf.: F. 2.2.4 e T. 2.2).



As organizações e os jovens segundo o sexo, Braga, 2002 — **Figura 2.2.4**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

2.3. Que esperança e confiança têm os jovens nas instituições?

Em termos gerais, os jovens de hoje não têm grande *confiança* nas instituições e, concludentemente, não *depositam nelas esperança*. De acordo com alguns autores, as sociedades ocidentais contemporâneas estão a assistir, tal como já se abordou, a uma era predominantemente individualista, caracterizada, entre outros elementos, por um menor “investimento emocional” na esfera pública, geralmente associado aos interesses colectivos e aos assuntos políticos. Assim, se explica o

diminuto interesse pela vida política e a minguada predisposição para o envolvimento na gestão da vida pública (cf.: Lipovetsky, 1989).

A maioria dos jovens considera que lhes faltam estruturas adequadas, isto é, estruturas com as quais se possam identificar e criar mudanças efectivas na sociedade. Isto pode levar-nos a pensar que as instituições educativas, políticas e sociais deveriam, também elas, questionar a sua própria praxis e perguntar se hoje e no futuro imediato, sendo outras as expectativas sociais e os motivos pessoais que impulsionam os jovens à participação, não deveriam também ser outras as formas e as possibilidades de participação real que a sociedade lhes deveria oferecer para lhes dar repostas adequadas e conformes (cf.: Ferreira, 1993).

Panorama Nacional

Em Portugal, José Machado Pais e outros, no estudo sobre *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea,* confrontaram os seus entrevistados com uma lista de quinze instituições sociais e políticas, solicitando-lhes que respondessem se essas instituições lhes mereciam "muita" ou "pouca" *confiança.* Os resultados mostraram, em primeira instância, um contexto, maioritário, de *escassa confiança* institucional (cf.: Pais, 1998: 210).

Do total seleccionado, as instituições que maior credibilidade (indicador "*muita confiança"*) mereciam, entre o conjunto dos inquiridos, incluídos os jovens, foram: a escola (62,3%), a igreja (62,7%)[53], os hospitais (59,9%) e os bancos (55,6%). Com índices de confiança menos pronunciados, ainda que bastante próximos de 50%, no indicador "*muita confiança"* se situavam os Tribunais de Justiça e as Forças Armadas (cf.: IDEM).

Num outro patamar, se encontram as instituições que têm a função de assegurar o funcionamento regular da democracia, que são as que *menos confiança* inspiram ao conjunto dos portugueses: no indicador "*pouca confiança"*, situam-se os partidos políticos (com 79,5%, os mais penalizados), o Parlamento (76,1%) e o governo (71,8%). São as instituições em relação às quais se expressa a "*maior desconfiança"*, sentimento que se prolonga de forma mais atenuada às autoridades

[53] A nível europeu, segundo o Barómetro um caso chamativo é o de Portugal, por se tratar do país, entre todos os da União, onde é maior a confiança na Igreja. Cf.: "European Values Survey", *Les Jeunes Europeens/The Young Europeans,* (1991).

locais, aos sindicatos e ao Estado. As organizações empresariais (55,4%), a polícia (60,9%) e a imprensa (54%) são instituições que tampouco gozam de "*muita confiança"* (cf.: IDEM).

Os dados respeitantes à relação dos jovens com a política, disponíveis nos diversos inquéritos[54], revelam, tal como já se aludiu, um certo desinteresse ou distância dos jovens em relação à vida política. No inquérito do Instituto de Ciências Sociais (ICS) pediu-se aos jovens que apontassem os aspectos que consideravam mais importantes para o seu futuro pessoal, somente 3% dos inquiridos referiram a participação na vida política, como um dos aspectos mais importantes, constituindo o objectivo menos valorizado por todos os jovens, independentemente das suas origens sociais. Para além de ser considerado um domínio pouco importante para o futuro pessoal, a participação política e social é ainda vista com indiferença pela maioria dos jovens, pois, 36% dos inquiridos, se declaram indiferentes, diante desta participação.

Esta atitude de desinteresse tinha sido já acusada, quer pelo inquérito do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), de 1982, seja pelo inquérito do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), de 1983. O primeiro, revela que 41% dos jovens inquiridos não se interessavam "nada" pela política, 46% interessavam-se "pouco" e apenas 13% diziam interessar-se "muito". O segundo, apresenta resultados muito semelhantes, pois 43% dos inquiridos declaravam não ter qualquer interesse, 46% afirmavam pouco interesse e apenas 10% diziam ter interesse pela política.

No marco desta generalizada *desconfiança* dos portugueses em relação às suas instituições políticas, é interessante constatar que os níveis de confiança nas instituições tradicionais mais autoritárias, como a Igreja, as Forças Armadas e a Polícia, continuam *a ser altos*. Também é interessante observar que a *desconfiança* nas instituições tradicionais, assim como naquelas instituições políticas e de regulação democrática (não se incluem aqui as sociais), como o Estado, o Parlamento, o Governo, os partidos políticos, as autoridades locais, os sindicatos e os empresários tende a decrescer à medida que a idade avança. Quanto mais jovens são os inquiridos, *menor é o grau de confiança* nas instituições mencionadas. Isto é particularmente correcto para o caso da Igreja (que em todos as faixas etárias segue mantendo um *alto nível de confiança*), para Polícia, o Estado, os empresários e as

---

[54] Cf.: Inquérito do FAOJ, 1982; inquérito do IED, 1983 e inquérito do ICS, 1986-87.

autoridades locais. Esta tendência também se observa – a um nível de *desconfiança mais baixo* – em relação aos sindicatos, às Forças Armadas, ao Governo, ao Parlamento e aos partidos políticos (cf.: IED, 1983: 212 e 213).

Estas prioridades descrevem bem as *preocupações que os jovens* sentem em relação à sociedade onde estão inseridos.

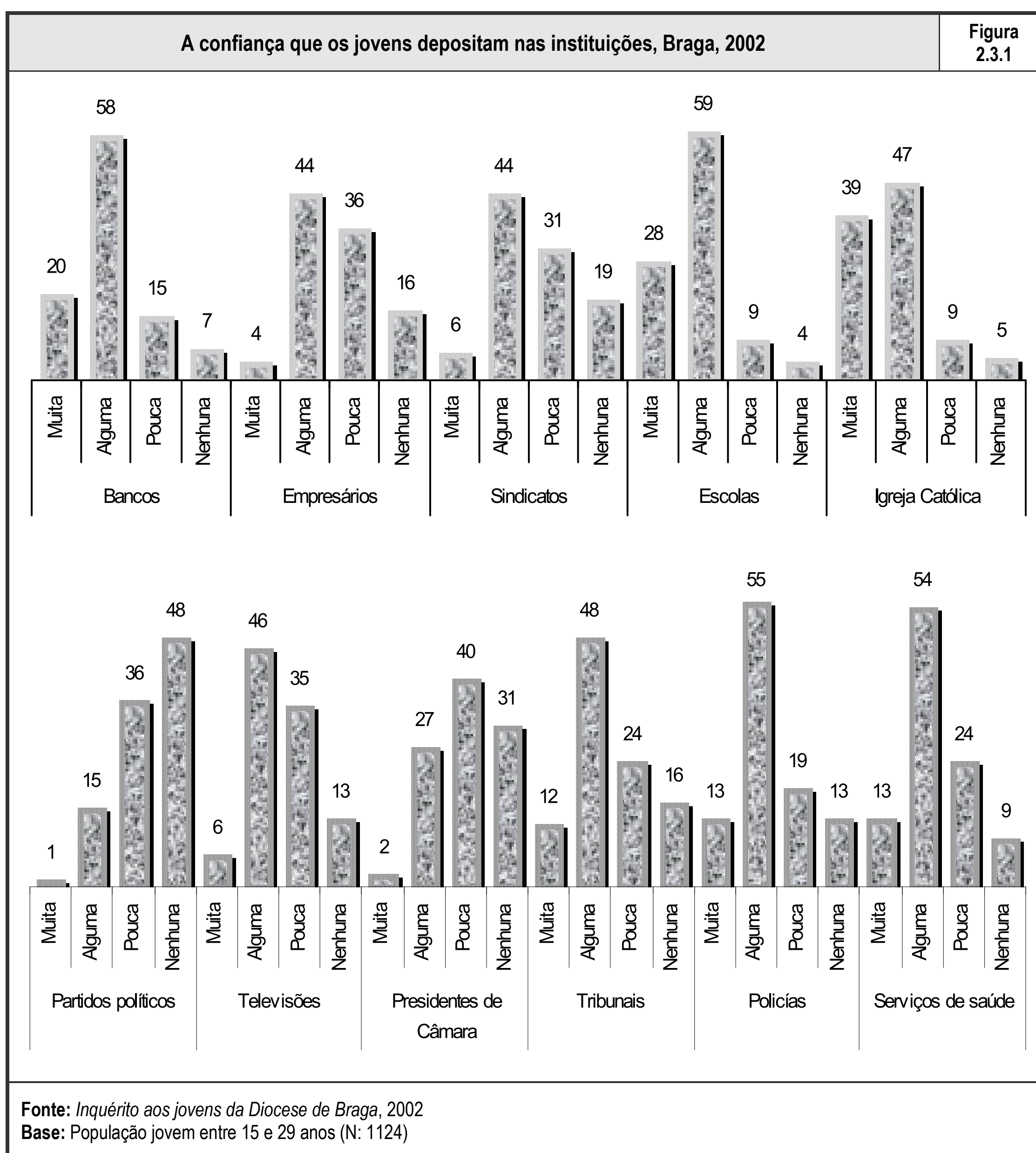
Distrito de Braga

No inquérito aos *Jovens da Arquidiocese de Braga, em 2002,* perguntou-se aos jovens do Distrito que *confiança e esperança* depositavam nas instituições. Em resposta, os jovens manifestaram as suas opções de um modo claro, realçando que "*confiam e esperam mais*" em instituições como a Igreja Católica e nas escolas, frente a outras que têm *"pouca ou nenhuma confiança"*, tais como instituições democráticas de grande envergadura na articulação das nossas sociedades, como são os partidos políticos e os presidentes de câmara; há um número significativo de jovens que depositam *"alguma confiança"* nos bancos, na polícia e nos serviços de saúde.

O sentimento de insatisfação em relação à deficiência do sistema político tem vindo a ser reforçado, nos últimos anos, pelo surgimento de novos problemas sociais. Assim, por exemplo, como consequência de factores *externos* (abertura das fronteiras e os alargamento da União Europeia (UE) e *internos* (dificuldades com o mercado de trabalho e com o sistema de segurança social), vão surgindo novas questões políticas, como a imigração, o desemprego, a delinquência, etc., para os quais é difícil se encontrar soluções a curto prazo, daí que, progressivamente, estes temas dominem o cenário político.

A mesma tendência nacional, da *confiança dos jovens nas instituições*, de que falamos em cima com Machado Pais, manifesta-se também no Distrito em estudo, pois, se, por um lado, os jovens de Braga dizem que o que poderá *influenciar mais* o seu futuro são *os estudos, o trabalho e Deus*, por outro lado, confirmam-no, demonstrando *confiança* nessas mesmas instituições. Compreende-se que depositem *mais confiança* na Igreja, dado que a envolvência social e cultural do Distrito é de predominância *católica* - o qual apresenta 93,7% de católicos (cf.: 1.2 da Iª Parte) e 34,4% de *praticantes* (cf.: Q. 1.6 da Iª Parte), dos quais 15,1% é jovem

(cf.: Q. 1.4 da Iª Parte) -, bem como na *escola*, pois é nela que crescem, aprendem e projectam o seu futuro (cf.: F. 2.3.1 e T. 2.3).



A confiança que os jovens depositam nas instituições, Braga, 2002

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

2.4. Causas que podem levar os jovens a mudar de vida

Tal como em tempos transactos, os jovens de hoje buscam um sentido para a sua vida, procuram a sua felicidade. Contudo, a forma como a sociedade está organizada e enquadra a pirâmide de valores, conduz, muitas vezes, à perda de

referentes de sentido, os quais facilitam o surgimento de diferentes, ou até divergentes, estilos de vida, reforçados por uma visão economicista, materialista, mais visual, etc.

Um aspecto relevante desta perda ou substituição destes referentes é a mudança de valores na sociedade no seu conjunto, que se traduz, por sua vez, tanto em mudanças nos estilos educativos no interior da família e na escola, como em mudanças nas orientações de valores dos próprios jovens, incluindo a perda ou a substituição de valores de conduta pessoal, social, como a disposição ao compromisso e a participação social e política[55].

Apesar dos tempos revoltos a que se assiste, os jovens tornam-se susceptíveis a algumas causas que os podem levar a mudar de vida.

Panorama Europeu

Os dados oferecidos pelos inquéritos do Eurobarómetro[56] entre 1982 e 1990, ostentam as seguintes tendências:

1. As três **grandes causas** invocadas pelos jovens europeus, entre 1987 e 1990, que os levariam a mudar de vida foram: a construção da *paz no mundo, a protecção do meio ambiente e os direitos humanos*. O apoio massivo dado a estas causas observa-se em quase todo o espaço europeu, sendo estas mesmas as mais invocadas, também no inquérito de 1990, entre os países comunitários, excepto nos países como a Grécia, a França, a Itália e **Portugal,** onde estas **causas** não ocupam as mesmas prioridades. A *liberdade individual*, na Grécia, a *luta contra a pobreza*, em França e Portugal (48% e 6%, respectivamente) e a *luta contra o racismo*, em Itália (52%), foram as prioridades avançadas pelos jovens destes países.

---

[55] Como dissemos, na Introdução deste trabalho (ponto 3.1 *Os jovens no contexto social)*, os valores vão sendo substituídos por outros valores que também impulsionam à participação.

[56] Um dos instrumentos de investigação regularmente utilizados a nível europeu para a medição de orientações de valores, atitudes e opiniões, tanto de adultos como de jovens, são os inquéritos "Eurobarómetro", cujos resultados referentes aos jovens são publicados pela Comissão Europeia (*Comissión des Communautés Européennes*) com o título *"Les Jeunes Europeens"/"The Young Europeans"*. Estes estudos constituem, pelo seu carácter comparativo, uma das fontes de informação e de consulta mais úteis para a análise de tendências de opinião e mudanças de atitudes nos diferentes países da União Europeia.

2. A *luta contra o racismo,* à medida que a idade vai avançando, é uma causa que vai perdendo adeptos, tanto para homens como para mulheres. As diferenças entre os jovens e as pessoas com mais de 55 anos são muito grande. Por outro lado, esta causa é defendida com maior intensidade pelas mulheres do que pelos homens em todos os grupos de idades. O mesmo sucede com *a ajuda ao terceiro mundo*, mais defendida pelas mulheres, de distintas idades, do que pelos homens.

Panorama Nacional e Bracarense

Esta tendência europeia, pela defesa destas grandes causas, é advogada também pelos jovens do Distrito de Braga, embora em escalas de prioridades distintas. Estes últimos invocam, prioritariamente, a *paz, a defesa da família e a luta contra a miséria*, como causas pelas quais lutariam.

A ***paz*** é um bem pelo que todas as pessoas lutam e os jovens buscam-na como um tesouro para viver, ao ponto que estariam dispostos a dar a sua vida por esta causa. A importância deste valor, no universo simbólico juvenil, é também corroborado pelos diversos inquéritos, especialmente pelo inquérito do Instituto de Ciências Sociais, no qual havia uma questão sobre as causas sociais pelas quais os jovens seriam capazes de lutar e fazer sacrifícios, tendo sido a paz a única causa que reuniu o apoio maioritário entre os jovens (62%), revelando ser uma aspiração importante destes mesmos (ICS, 1896-87). Deste modo, vemos que a valorização da paz é um fenómeno geral e que corresponderá, possivelmente, a um dos ideais mais válidos, nos dias de hoje.

A ***família*** seria também uma causa que levaria os jovens a transformar a sua vida. Estes vêem naquela a célula de estabilidade emocional, equilíbrio e segurança. Nos dias que passam, a família tem vindo a ser desfigurada, em relação à imagem que dela se herdou, manifestamente em factos como a ruptura matrimonial e a decadência das tradições familiares; contudo, continua a ser a família a transmissora de comportamentos, atitudes, valores, crenças que vão dando sentido e ancoram a pessoa, numa sociedade tão competitiva e complexa, como a actual.

No inquérito "Valores e atitudes dos jovens", realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), em 1983, verificava-se que os jovens atribuíam um grande sentido aos *valores da família*, na medida em que lhe

atribuem uma imagem mais positiva do que negativa, apresentando-a como "grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias" (83%), "local de segurança afectiva" (72%), "local importante porque nela se encontram as raízes de cada um" (67%), "local onde as pessoas aprendem a preparar-se para a vida" (62%), "meio mais adequado para a formação da personalidade" (54%) e "meio de garantia da nossa segurança económica" (53%).

Numa sociedade em que se luta pela equidade, mas na qual, de dia para dia, se dilatam e acrescem as desigualdades, os jovens, independentemente do *género e idade*, dizem que estariam dispostos a *lutar contra a miséria* (cf.: F. 2.4.1 e T. 2.4).

Como constatam os números, não são os grandes problemas ideológicos ou de os que hoje estimulam e movem a juventude. Os problemas onde se aborda questões ligadas à ***pessoa e à cultura*** são os que mais afectam os indivíduos. Os grandes problemas económicos e mundiais não deixam de importar, ocupam, sem dúvida, as grandes manchetes dos jornais e dos noticiários, mas, o que realmente move e faz mudar de vida, é, no dizer dos jovens, aquilo que afecta, directamente, a pessoa, como é a *paz e a miséria*. Os jovens vistos, desta óptica, surgem como apreensivos, sujeitos voltados para a acção, para o desenvolvimento e compromisso, daí que, por vezes, é normal vê-los envolvidos em debates para se encontrarem novas formas de mudar o rumo da sociedade.

Causas que podem levar os jovens a mudar de vida, Braga, 2002 — **Figura 2.4.1**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

2.5. Escola e Trabalho: atitudes e trajectórias

Neste capítulo, vamos aprofundar a problemática do trabalho, do emprego e dos estudos dos jovens. Esta relação entre estas três variáveis explica-se enquanto instâncias de socialização, apesar de desempenharem funções sociais diferentes, nos estatutos que conferem e nas experiências que proporcionam.

A juventude converteu-se num dos principais focos de interesse dos estudos sociais, numa sociedade em que se parece estar a reformular o sentido do trabalho, considerado desde o século XVII, uma das vias essenciais de reprodução e legitimação social. A acentuada exclusão dos jovens do mercado de trabalho, como consequência do desemprego pelo que atravessam todas as sociedades, permite explicar, provavelmente, o crescente interesse das ciências sociais em torno desta temática.

O problema do trabalho, e da inserção nele, deriva basicamente da incapacidade do sistema sócio-económico para gerar suficiente quantidade de postos de trabalho. Esta realidade trouxe, como consequência, uma maior ***dedicação aos estudos*** por parte dos jovens, que aparece como a opção mais legítima de ocupar o tempo disponível, não só avançando nos níveis superiores, como também reincidindo no mesmo nível, quando não se conseguiu os resultados desejáveis.

O papel do trabalho como eixo nuclear, no qual se articula a sociedade, é uma característica própria da tão falada modernidade. Com o industrialismo, o trabalho converte-se na condição e no fundamento do progresso, que incitava o homem à construção e à busca de uma autonomia laboral e social, de forma que a integração no mundo do trabalho, particularmente em determinados sectores profissionais, se converte numa importante fonte de dignificação pessoal (cf.: Jacob, 1995). Não obstante na chamada pós-modernidade[57] parecer tender a modificar-se a importância ou o significado que se lhe atribuiu - resultando numerosos autores que vislumbram novas formas de trabalho para a sociedade deste milénio -, esta inserção continua a ter um importante carácter simbólico, como princípio legitimador social, acentuando-se, de um modo especial, em períodos de crise

---

[57] Não queremos, aqui, levantar a problemática que envolve a *pós-modernidade*, contudo, muito haveria a dizer e a escrever sobre este profuso conceito. Propomos para este tema: WELSCH, W. (1993), trad. em Português: DUQUE, (2003). Este livro é mais incidente na dialéctica da religião com a pós-modernidade, contudo, ao longo das suas páginas, a problemática da pós-modernidade é muito bem colocada e desenvolvida.

estrutural do emprego, como a que se vive actualmente, onde as pessoas se vêem enfrentadas com uma notável contradição: por uma lado, o papel do trabalho como âmbito de dignificação pessoal e, por outro, a profunda precarização das condições no exercício desse trabalho.

Esta mesma contradição é a que se apresenta aos jovens frente à permanência do papel nuclear da actividade laboral, como fonte de identidade e reconhecimento social, e da sua situação incerta, tanto ao nível quantitativo como qualitativo, no mercado de trabalho (cf.: Ibarrola y Gallart, 1994: 32). Como consequência desta incongruência, entre os referentes axiológicos e normativos e as situações reais, surge ***a tendência para o alargamento dos estudos***.

Diante desta situação, assiste-se, deste modo, por um lado, à tendência, entre as gerações mais novas, para ***o aumento da formação e qualificação***, o que faz com que a estabilidade profissional, financeira e familiar seja retardada; por outro, devido ao modelo económico e social excessivamente assente na mão-de-obra intensiva e barata, no falhanço das políticas educativas e na falta de investimentos e motivações para a inovação, os jovens sentem desvirtuadas as suas expectativas pessoais e profissionais, questionando, assim, a razão do investimento numa melhor educação, *mais qualificada*, se o país onde estão inseridos não corresponde a essas expectativas.

Alguns problemas que resultam da formação prolongada dos jovens
1. *Há uma frustração social provocada pelo prolongamento dos estudos e da formação e a não correspondente possibilidade de inserção no mercado de trabalho;* 2. *Experiências negativas com o mundo de trabalho: o emprego instável, por vezes de curta duração, mal pagos e, em certos casos, o desemprego;* 3. *A instabilidade do emprego (o facto de se entrar tarde para os quadros) conduz à impossibilidade de se aceder a uma habitação independente e à vida conjugal;* 4. *As oportunidades de emprego aparecem, cada vez mais, condicionadas pelo ritmo das transformações económicas;* 5. *As transformações tecnológicas, ocorridas em diversos sectores da actividade, provocaram mudanças significativas ao nível do mercado de trabalho, conduzindo ao chamado "desemprego tecnológico".*

2.5.1. Situação perante o trabalho

Panorama Nacional

Se se tiver em conta a população ***com 15 ou mais* anos** (8.699.515 indivíduos), verifica-se que, entre a *população activa*, quase metade da população portuguesa (homens e mulheres), em 2001, estava *empregada,* apresentando uma *taxa de actividade* de 48,2%, superior à de 44,6% de 1991. Esta tendência gradativa manifesta-se, da mesma forma, na *taxa de desemprego* que em 1991 era de 6,1% e em 2001 de 6,8% (cf.: Q. 2.5.1.1).

Se olharmos apenas para a ***população jovem***, os números ganham outra amplitude, sendo que a maioria se encontra *empregada*, daí apresentar, em 2001, uma *taxa de actividade* de 63,2%, superior à da população activa a nível nacional (48,2%). Contudo, a realidade muda de cenário quando se aborda a questão do desemprego, isto é, apesar da *taxa de actividade* juvenil ser superior à nacional, o *desemprego*, entre os jovens, atinge valores mais gravosos que aqueles, apresentando uma *taxa de* 9,5% (cf.: Q. 2.5.1.2).

População perante a Actividade Económica, Portugal, 2001			Quadro 2.5.1.1
	NN	Taxa de Actividade %	Taxa de Desemprego %
Total da População	10.356.117	48,2	6,8
População Jovem	2.294.248	63,2	9,5

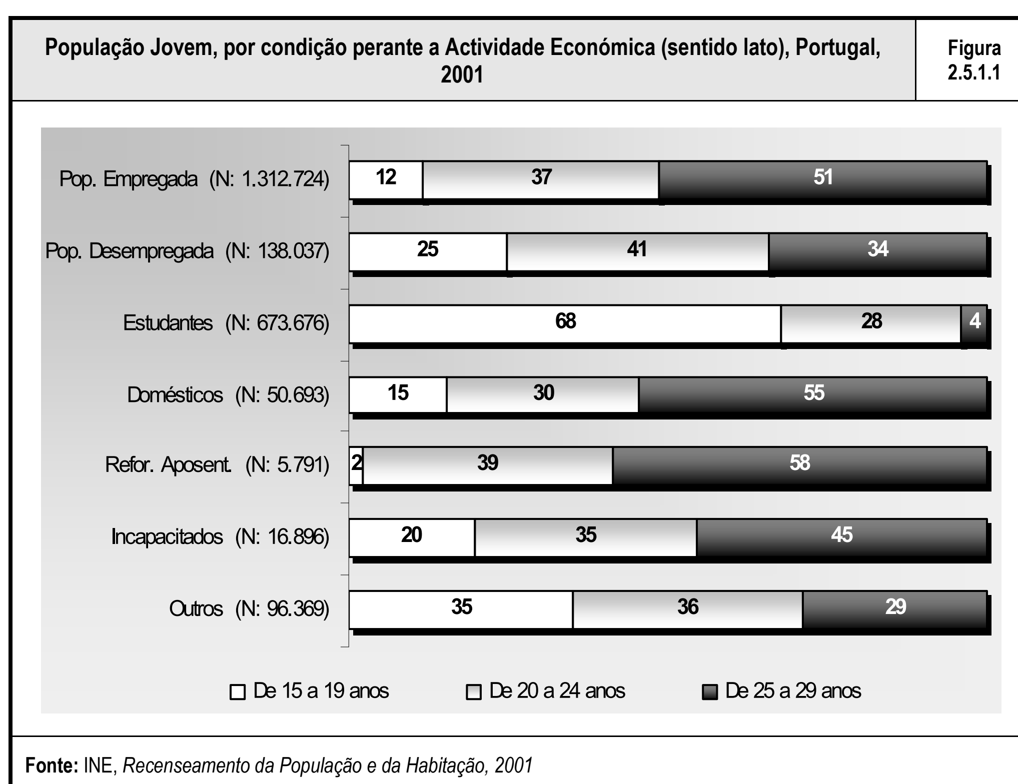
Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

População, por Condição perante a Actividade Económica (sentido lato), Portugal, 2001								Quadro 2.5.1.2
	População Empregada	População Desempregada	Estudantes	Domésticos	Reformado Aposentado	Incapacitados	Outros	NN
População com 15 ou mais anos	4.650.947	339.261	681.338	613.133	1.935.584	176.480	302.772	**8.699.515**
População dos 15 aos 29 anos	1.312.724	138.097	673.678	50.693	5.791	16.896	96.369	**2.294.248**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

Decompondo os valores referentes somente à ***população jovem***, verifica-se que é na faixa etária entre os 25 e os 29 anos que se encontra o maior número de *jovens empregados*; paradoxalmente, é na faixa etária entre os 20 e os 24 anos que se verifica o maior número de *desempregados* (41%). Salienta-se ainda que há uma taxa de 25%, entre os *desempregados*, referente à idade dos 15 aos 19 anos, que, em regra geral, corresponde a um período de percurso escolar, tal como se pode observar no indicador dos que são *estudantes*, em que a maioria destes (68%) se enquadra na faixa etária entre os 15 e os 19 anos de idade (cf.: F. 2.5.1.1).

População Jovem, por condição perante a Actividade Económica (sentido lato), Portugal, 2001 — **Figura 2.5.1.1**



Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*

Distrito de Braga

Em relação ao ***Distrito de Braga***, se tivermos em conta a *população activa* (414.384 indivíduos), verifica-se que pouco mais de metade da população está *empregada* (cf.: Q. 2.5.1.3), o que manifesta, pelos Censos de 2001, uma *taxa de actividade* de 45,6% (cf.: Q. 2.5.1.4), inferior à nacional que, no mesmo período censitário, era de 48,2% (cf.: Q. 2.5.1.1). É no Concelho de Vizela que se verifica a *maior taxa de actividade* com 54,7% e a *menor* em Terras de Bouro com 35,8%, seguido de Vieira do Minho, Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto, estas com

taxas abaixo da média do Distrito, realidade que pode traduzir o fenómeno da interioridade destes Concelhos em relação ao Distrito (cf.: Q. 2.5.1.4).

População com 15 ou mais anos, por Concelho e por Condição perante a Actividade Económica (sentido lato), Braga, 2001								**Quadro 2.5.1.3**
Concelhos	**População Empregada**	**População Desempregada**	**Estudantes**	**Domésticos**	**Reformado Aposentado**	**Incapacitados**	**Outros**	**NN**
Amares	7.419	543	1.281	1.668	3.176	281	572	14.940
Barcelos	58.934	2.631	6.919	6.676	17.246	2.045	2.997	97.448
Braga	79.298	5.896	13.761	6.039	22.464	1.855	4.146	133.459
Esposende	15.531	793	2.021	2.031	4.859	495	915	26.645
Terras de Bouro	2.651	337	526	785	2.018	207	436	6.960
Vila Verde	18.357	1.053	2.745	4.449	8.518	932	1.364	37.418
Fafe	23.414	1.631	2.969	2.556	9.407	640	2.254	42.871
Guimarães	81.304	4.528	9.678	4.480	21.602	1.697	5.042	128.331
Póvoa de Lanhoso	9.327	442	1.350	2.069	4.027	430	649	18.294
Vieira do Minho	4.858	495	1.026	1.529	3.587	206	496	12.197
V. N. de Famalicão	64.043	3.534	8.107	4.127	18.368	1.439	3.978	103.596
Vizela	11.752	608	1200	683	2.603	181	711	17.738
Cabeceiras de Basto	6.603	343	1.138	1.683	3.584	372	589	14.312
Celorico de Basto	7.528	531	1.223	2.062	4.176	505	504	16.529
Total	391.019	23.365	53.944	40.837	125.635	11.285	24.653	670.738

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação, 2001

Nota: *Domésticos:* inclui os indivíduos que, na semana de referência, se ocuparam principalmente das tarefas domésticas, nos seus próprios lares; *Incapacitados permanentes para o trabalho:* são os indivíduos com 15 anos ou mais de idade que, na semana de referência, não trabalharam por se encontrarem permanentemente incapacitados para trabalhar, quer recebam ou não pensão de invalidez; *Outros inactivos:* engloba os inactivos, com 15 ou mais anos de idade, que não podem ser classificados em qualquer das categorias anteriores (cf. INE, *Conceitos*).

<u>População Jovem</u> perante a Actividade Económica, por Concelhos, Braga, 2001				Quadro 2.5.1.4
Concelhos	**População Economicamente Activa**	**População Empregada**	**Taxa de Actividade <u>Jovem</u>**	**Taxa de Actividade da População do <u>Distrito</u>**
Amares	3.005	2.763	64,4	43
Barcelos	23.427	22.375	72,7	50,4
Braga	25.954	23.498	62,5	51,9
Esposende	5.853	5.526	69,4	49
Terras de Bouro	1.001	842	55,5	35,8
Vila Verde	7.685	7.163	66,1	41,7
Fafe	8.979	8.370	69,7	47,5
Guimarães	28.941	27.400	71,6	53,8
Póvoa de Lanhoso	3.889	3.675	67,6	42,9
Vieira do Minho	1.926	1.708	57	36,4
Vila Nova de Famalicão	21.654	20.509	69,3	53
Vizela	4.239	4.080	75	54,7
Cabeceiras de Basto	2.608	2.439	61	38,9
Celorico de Basto	3.252	3.002	65,1	39,4
Total:	**142.413**	**133.350**	**66,2**	**45,6**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

Nota: <u>*População Activa:*</u> conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, na semana de referência, constituem a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico. Consideram-se como fazendo parte da população activa os seguintes subconjuntos de indivíduos: população empregada; população desempregada à procura de novo emprego; população desempregada à procura do primeiro emprego (cf. INE, *Conceitos*).

<u>*Taxa de actividade:*</u> taxa que permite definir o peso da população activa sobre o total da população.

O *desemprego* na população do Distrito de Braga regista, segundo os Censos de 2001, uma taxa de 6,2%, inferior à taxa nacional, 6,8% (cf.: Q. 2.5.1.1), sendo Terras de Bouro e Vieira do Minho os Concelhos que apresentam a maior taxa de desemprego, com 11,3% e 9,2%, respectivamente. Paradoxalmente, os Concelhos que registam a *taxa de desemprego* mais baixa são Barcelos e Póvoa de Lanhoso, com 4,3% e 4,5%, respectivamente (cf.: Q. 2.5.1.5).

População Desempregada perante a Actividade Económica, por Concelhos, Braga, 2001				Quadro 2.5.1.5
Concelhos	População Desempregada com 15 ou mais anos		População Jovem Desempregada	
	NN	Taxa de Desemprego %	NN	Taxa de Desemprego %
Amares	543	6,8	242	8,1
Barcelos	2.631	4,3	1.052	4,5
Braga	5.896	6,9	2.456	9,5
Esposende	793	4,9	327	5,6
Terras de Bouro	337	11,3	159	15,9
Vila Verde	1.053	5,4	522	6,8
Fafe	1.631	6,5	609	6,8
Guimarães	4.528	5,3	1.541	5,3
Póvoa de Lanhoso	442	4,5	214	5,5
Vieira do Minho	495	9,2	218	11,3
Vila Nova de Famalicão	3.534	5,2	1.145	5,3
Vizela	608	4,9	159	3,8
Cabeceiras de Basto	343	4,9	169	6,5
Celorico de Basto	531	6,6	250	7,7
Total:	**23.365**	**6,2**	**9.063**	**7,3**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Nota: A taxa de desemprego foi utilizada tomando como referência o *desemprego* em sentido lato.

População Jovem do Distrito de Braga

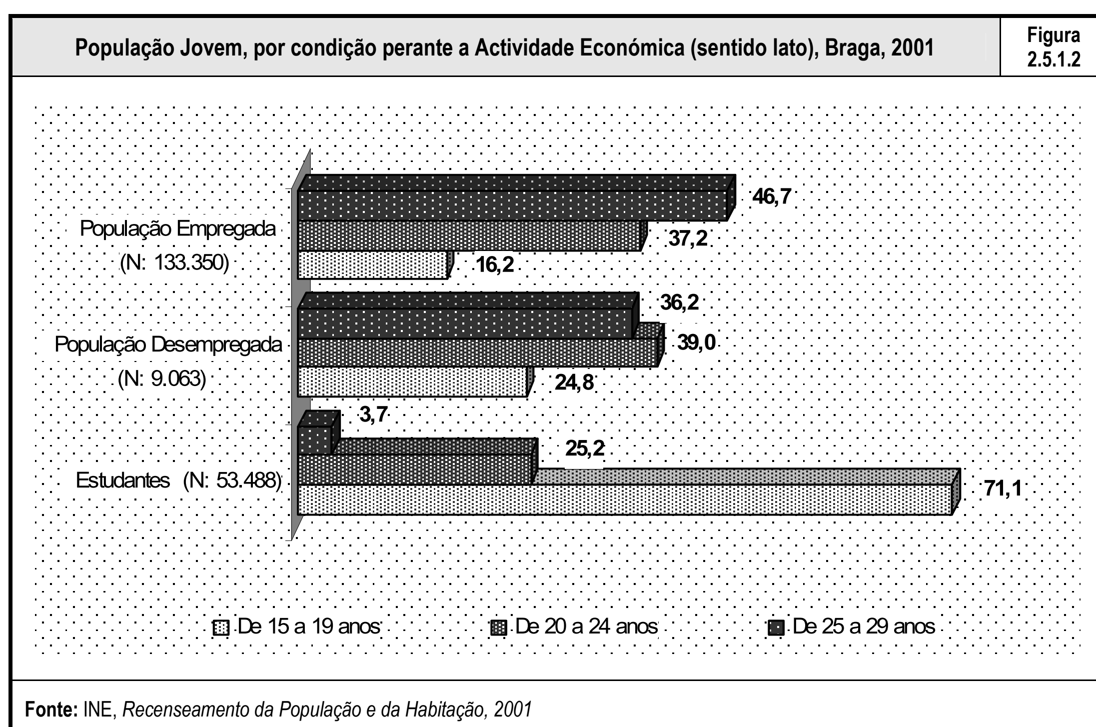
Se tivermos em conta somente a ***população jovem do Distrito***, verifica-se que, da *população activa*, uma ampla maioria da população está *empregada* (cf.: Q. 2.5.1.6), manifestando uma *taxa de actividade* de 66,2%, superior à do total da população do Distrito. Os Concelhos mais fustigados são Terras de Bouro e Vieira do Minho que apresentam uma taxa inferior à média da população jovem do Distrito, com 55,5% e 57%, respectivamente. Por outro lado, os Concelhos que mais se distinguem apresentando a *taxa de actividade* mais elevada são Vizela com 75% e Barcelos com 72,7% (cf.: Q. 2.5.1.4).

População Jovem, por Concelho e por Condição perante a Actividade Económica (sentido lato), Braga, 2001								Quadro 2.5.1.6
Concelhos	**População Empregada**	**População Desempregada**	**Estudantes**	**Domésticos**	**Reformado Aposentado**	**Incapacitados**	**Outros**	**NN**
Amares	2.763	242	1.274	157	14	31	185	**4.666**
Barcelos	22.375	1.052	6.891	528	102	231	1.042	**32.221**
Braga	23.498	2.456	13.554	355	105	253	1.279	**41.500**
Esposende	5.526	327	2.006	146	30	61	333	**8.429**
Terras de Bouro	842	159	524	82	2	21	175	**1.805**
Vila Verde	7.163	522	2.729	499	61	122	531	**11.627**
Fafe	8.370	609	2.944	172	44	100	641	**12.880**
Guimarães	27.400	1.541	9.602	209	97	255	1.332	**40.436**
Póvoa de Lanhoso	3.675	214	1.344	163	27	73	255	**5.751**
Vieira do Minho	1.708	218	1.021	178	23	37	192	**3.377**
Vila Nova de Famalicão	20.509	1.145	8.054	233	78	197	1.027	**31.243**
Vizela	4.080	159	1.195	27	9	27	157	**5.654**
Cabeceiras de Basto	2.439	169	1.132	217	32	46	241	**4.276**
Celorico de Basto	3.002	250	1.218	263	19	41	206	**4.999**
Total	**133.350**	**9.063**	**53.488**	**3.229**	**643**	**1.495**	**7.596**	**208.864**
Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação, 2001*								

Não obstante, a situação de *desemprego* é bem distinta e toma outra dimensão; pois, da mesma forma que a nível nacional tanto a *taxa de actividade* como a de *desemprego* juvenis eram superiores às da população nacional (cf.: Q. 2.5.1.2), também no Distrito de Braga esta mesma tendência se expressa, na medida em que, enquanto que a taxa de *desemprego* da *população activa* do Distrito é de 6,2%, esta mesma *taxa na população jovem* é de 7,3% (cf.: Q. 2.5.1.5). Daqui se depreende que a problemática do *desemprego*, no Distrito, à imagem da realidade nacional, é mais deprimente na camada jovem, a qual deveria, pela força da idade,

ser a faixa etária mais activa e produtiva. Decompondo esta realidade, verifica-se que, tal como na população em geral do Distrito, também é nos Concelhos de Terras de Bouro e Vieira do Minho que existe a maior *taxa de desemprego* dos jovens, com 15,9% e 11,3%, respectivamente.

Continuando a analisar a situação do *desemprego*, verifica-se que é na idade entre os 20 e os 24 anos, tal como a nível nacional, que esta realidade é mais perceptível, com uma percentagem de 39%, não deixando, todavia, de ser preocupante que, na idade entre os 15 e os 19 anos, haja um valor de 24,8% de *desemprego* (cf.: F. 2.5.1.2).



População Jovem, por condição perante a Actividade Económica (sentido lato), Braga, 2001 — **Figura 2.5.1.2**

Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*

Relacionando a questão do *desemprego com o nível de escolaridade*, chega-se à conclusão que os jovens que se encontram no *desemprego* têm um grau de instrução relativamente baixo, isto porque, tal como se pode observar no Quadro 2.5.1.7, mais de metade da população *desempregada* possui somente o Ensino Básico: cerca de 1% não tem nível escolar ou apresenta apenas o 1º Ciclo; 27,1% o 2º Ciclo e 22,8% o 3º Ciclo. É interessante verificar que cerca de 14% dos *desempregados* possuem o Ensino Superior, sendo que é entre os que possuem o Ensino Secundário que se regista a maior incidência dos *desempregados*.

Concelhos	NN	Sem nível de ensino	Ensino Básico			Secundário	Ensino Superior		
População **Jovem Desempregada**, segundo Nível de Instrução, por Concelho, Braga, 2001 — Quadro 2.5.1.7			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		Bacharelato	Licenciatura	Mestrado/ Dout.
Amares	242	0	9,1	22,7	18,6	33,1	3,7	12,4	0,4
Barcelos	1.052	0,4	7,2	27,3	24,3	25,3	1,3	13,9	0,3
Braga	2.456	0,4	6,4	14,7	17,2	33,7	2,4	24,1	1,1
Esposende	327	0,6	5,8	25,4	21,4	30,3	3,4	12,8	0,3
Terras de Bouro	159	0,6	8,8	36,5	34,6	17	0,6	1,9	0
Vila Verde	522	0	6,7	28,7	24,1	27,6	1,7	11,1	0
Fafe	609	0,2	8,5	25,5	25	27,3	2,8	10,8	0
Guimarães	1.541	0,6	10,1	23	19,9	30,6	1,8	13,7	0,4
Póvoa de Lanhoso	214	0,9	10,7	26,6	23,8	26,2	0,9	11,2	0
Vieira do Minho	218	0,5	8,3	38,1	17,4	27,5	0,5	7,8	0
Vila Nova de Famalicão	1.145	0,3	8,2	21,3	19	32,8	1,6	16,2	0,5
Vizela	159	0,6	11,9	24,5	20,1	26,4	2,5	13,8	0
Cabeceiras de Basto	169	0	5,3	32,5	29,6	23,1	2,4	7,1	0
Celorico de Basto	250	0	11,6	32,8	23,6	24	2	6	0
Total:	**9063**	**0,4**	**8,5**	**27,1**	**22,8**	**27,5**	**2,0**	**11,6**	**0,2**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*

Em relação ao nível de escolaridade dos jovens *empregados*, verifica-se, tal como nos jovens *desempregados*, um reduzido grau de instrução, visto que, dos 133.350 indivíduos *empregados*, mais de dois terços da população jovem empregada possui somente o Ensino Básico: cerca de 11% não tem nível escolar ou apresenta apenas o 1º Ciclo; 37,9% tem apenas o 2º Ciclo e 21,6% tem o 3º Ciclo. Merece algum destaque o número reduzido de jovens *empregados* com o Ensino Superior, pois, somente 8,2% apresenta este grau académico (cf.: Q. 2.5.1.8).

População **Jovem Empregada**, segundo Nível de Instrução, por Concelho, Braga, 2001										Quadro 2.5.1.8
Concelhos	NN	Sem nível de ensino	Ensino Básico			Secundário	Ensino Superior			
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		Bacharelato	Licenciatura	Mestrado/ Dout.	
Amares	2.763	0,4	12,2	34,9	19,4	25,4	1,4	6	0,3	
Barcelos	22.375	0,1	8,1	42,4	22,9	20,2	1,2	5	0,2	
Braga	23.498	0,2	6,9	21,6	19,1	31,9	2,4	16,5	1,4	
Esposende	5.526	0,3	6,9	42	20,1	21,8	1,6	7,1	0,2	
Terras de Bouro	842	0,1	8,6	39,9	21,1	22,1	1,7	5,9	0,6	
Vila Verde	7.163	0,3	10,5	42	22,5	18,3	1,1	5,2	0,1	
Fafe	8.370	0,6	9,5	42,7	22,2	18,1	1,4	5,3	0,2	
Guimarães	27.400	0,2	12,5	34,1	22,1	22,9	1,3	6,4	0,5	
Póvoa de Lanhoso	3.675	0,4	12,3	40,5	22,3	19	0,8	4,7	0	
Vieira do Minho	1.708	0,1	9,1	37,9	21,3	23,1	1,4	6,6	0,6	
Vila Nova de Famalicão	20.509	0,2	8,8	31,9	20,9	27,4	1,6	8,7	0,5	
Vizela	4.080	0,1	18,2	35,7	22,1	19,3	0,8	3,7	0,2	
Cabeceiras de Basto	2.439	0,3	10,1	42,8	24,5	15,7	1,1	5,3	0,3	
Celorico de Basto	3.002	0,1	14,2	42,7	21,6	16	1,2	3,8	0,4	
Total:	**133.350**	**0,2**	**10,6**	**37,9**	**21,6**	**21,5**	**1,4**	**6,4**	**0,4**	
Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*										

Desta relação entre os jovens *empregados e o seu grau de instrução* se depreende que, apesar dos jovens apresentarem uma *taxa de actividade* alta - mesmo superior à nacional, tanto da população em geral como da população jovem -, existe um *emprego desqualificado*, pois, o seu grau de instrução, como já se referiu, é reduzido, não permitindo o emprego qualificado.

2.5.2. <u>Situação perante o Ensino</u>

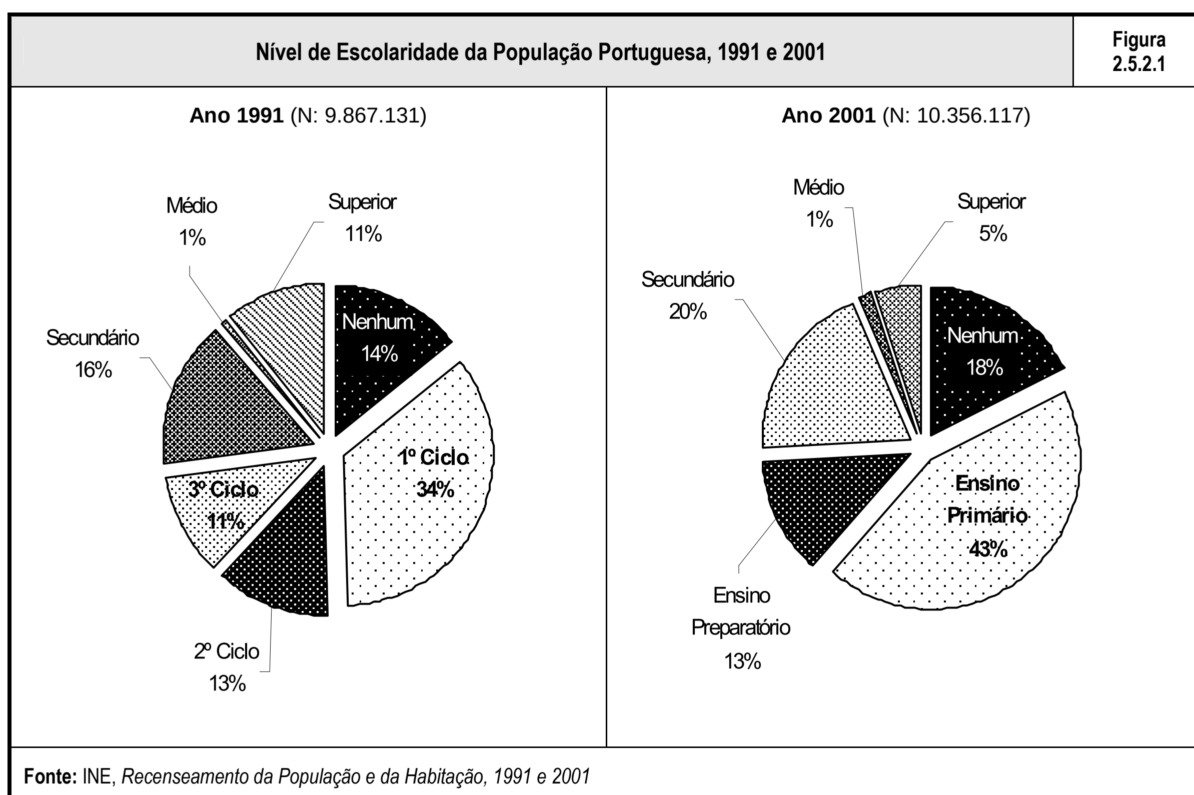
<u>Panorama Nacional</u>

Referindo-nos, agora, ao *nível de escolaridade* da população portuguesa, verifica-se que a maioria detém apenas o Ensino Básico, sendo que 34% destes possui o 1º Ciclo, 13% o 2ºCiclo e 11% o 3º Ciclo. É significativamente relevante na população os 14% que não têm qualquer grau académico (cf.: F. 2.5.2.1), contudo, esta percentagem era mais grave em 1991, onde se verificava que, em 100 indivíduos, 18 não possuía qualquer grau académico. De um modo geral, verifica-se, entre 1991 e 2001, um aumento de escolaridade, o que se traduz numa diminuição de 2% da taxa de analfabetismo, de 11% em 1991, para 9% em 2001 (cf.: INE, *demografia e Censos 1991, 2001*).

Tendo em conta a população residente, são mais ***mulheres que homens*** *os* que *não detêm qualquer grau académico*[58] (59% de mulheres *versus* 41% de homens). Dos que são detentores de *algum grau académico*, os homens são, em número, superiores às mulheres em todos os *Ciclos*, excepto quando se fala do nível *Superior*, em que as mulheres, em percentagem, são mais que os homens (56% *versus* 44%), o que indica que aquelas atingem um nível superior de estudos mais elevado que estes (cf.: F. 2.5.2.2).

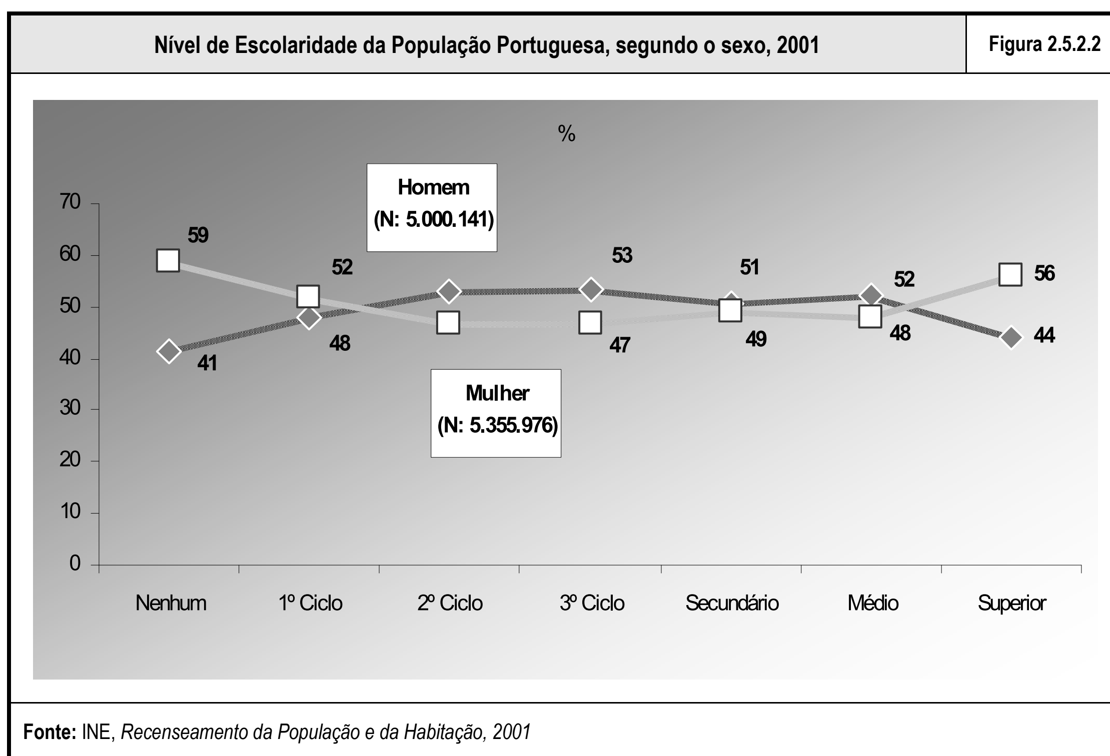
---

[58] Por não serem detentores de qualquer grau académico, não significa que não saibam ler ou escrever.



Nível de Escolaridade da População Portuguesa, 1991 e 2001 — Figura 2.5.2.1

Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 1991 e 2001*



Nível de Escolaridade da População Portuguesa, segundo o sexo, 2001 — Figura 2.5.2.2

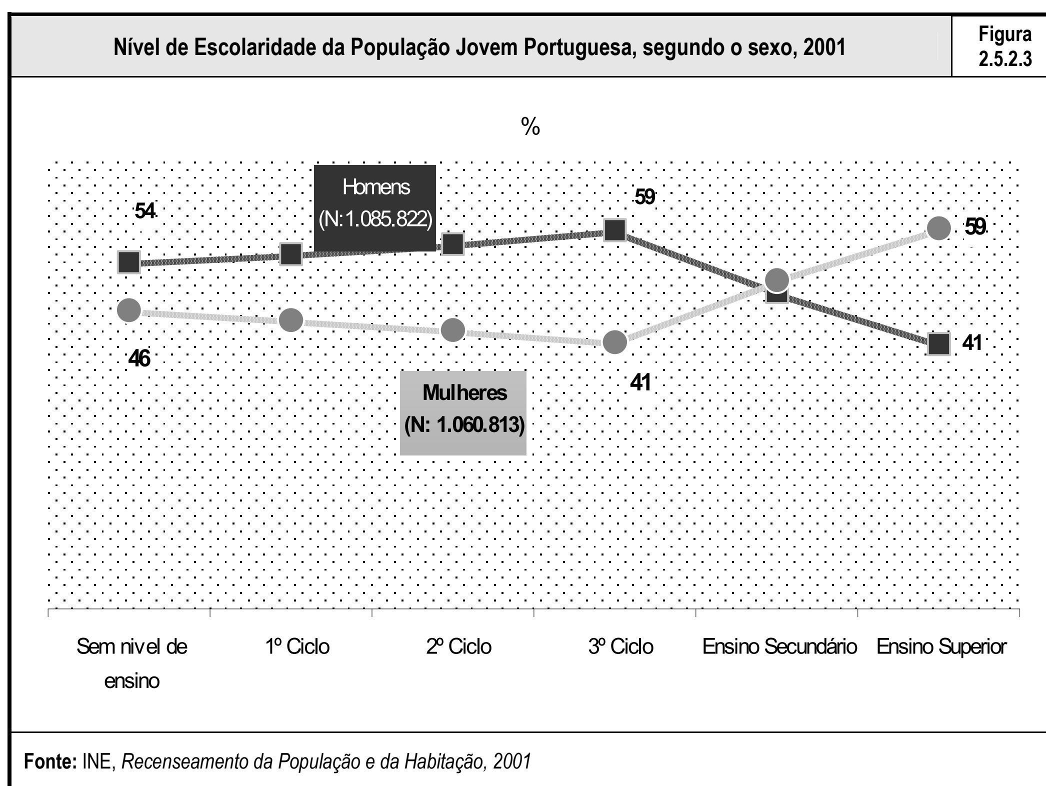
Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*

A tendência de que se falava acima, de as mulheres terem um nível mais elevado de estudos (cf.: F. 2.5.2.2), continua a manifestar-se, da mesma forma, nas camadas juvenis, entre o 15 e os 29 anos (59% de mulheres com Ensino Superior contra 41% de homens). Contudo, paradoxalmente ao panorama da população em

geral (cf.: Q. 2.5.2.2), na ***faixa etária jovem*** são mais os homens que *não têm qualquer nível de ensino* (54%), em relação às mulheres (46%) (cf.: Q. 2.5.2.3).

É ainda mercê de comparação o facto de que, se se tiver em conta a globalidade das faixas etárias na população em geral, verifica-se que a queda dos homens e a ascensão das mulheres no ensino acontece depois do Ensino Médio (cf.: Q. 2.5.2.2); todavia, se tivermos em conta somente as faixas etárias entre os 15 e os 29 anos de idade, verifica-se que há uma antecipação no desinteresse escolar, bem visível a partir do 3º Ciclo, por parte dos homens e um aumento progressivo das mulheres, o que faz com que, no Ensino Superior, estas sejam mais que aqueles (59% contra 41% dos homens) (cf.: Q. 2.5.2.3).

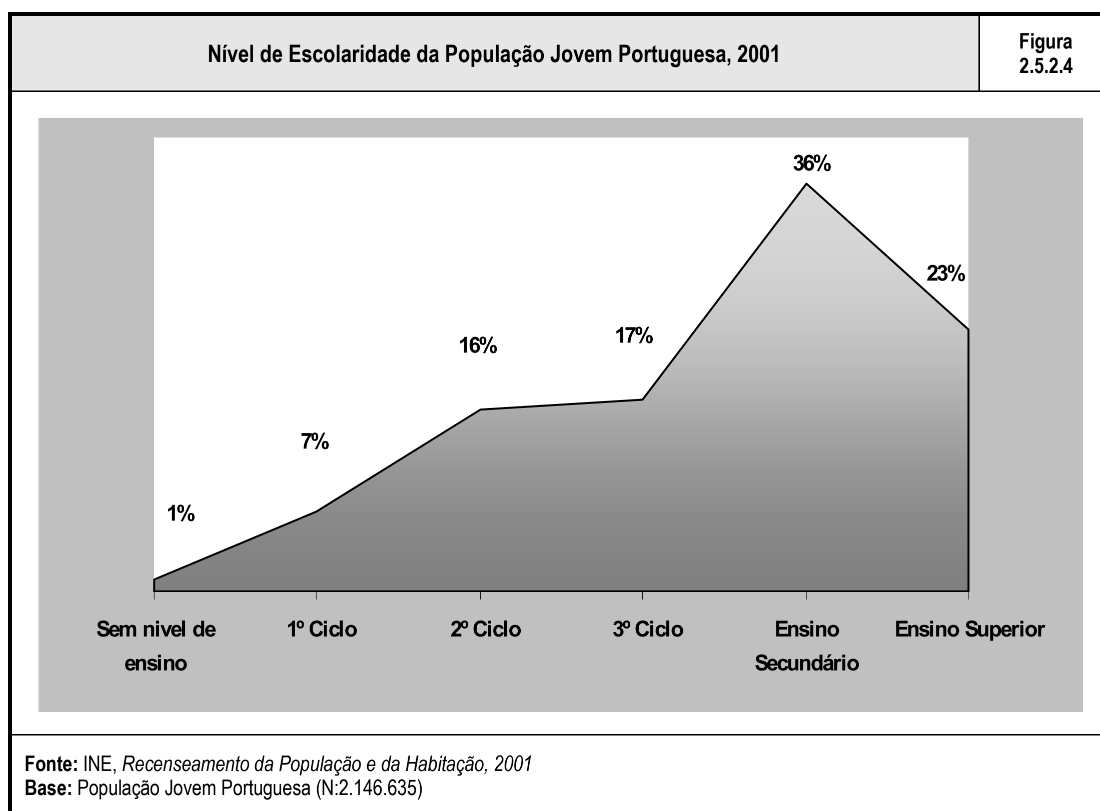
Nível de Escolaridade da População Jovem Portuguesa, segundo o sexo, 2001 — **Figura 2.5.2.3**



Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*

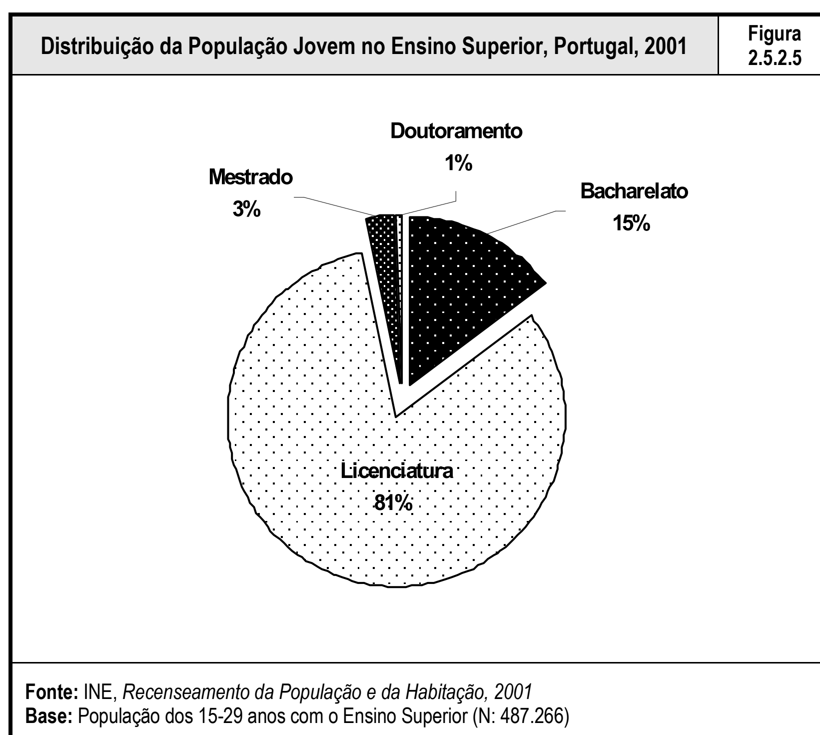
Se continuarmos a volver os olhos para a ***população juvenil portuguesa***, vemos que 1% dos jovens - consideramos homens e mulheres - não tem qualquer grau académico e 17% têm a Escolaridade Obrigatória, que contempla o 3º Ciclo. É notória a queda dos 36% que possuem o Ensino Secundário para os 23% que têm algum grau académico Superior (cf.: Q. 2.5.2.4). Entre estes (que corresponde a 487.266 indivíduos), 81% têm o grau de Licenciatura, 15% o Bacharelato, 3% o Mestrado e 1% o Doutoramento (cf.: Q. 2.5.2.5). Tal como já frisamos, é notória a presença feminina no Ensino Superior, que se manifesta em todos os graus

académicos, de um modo especial no grau de Licenciatura e de Mestrado (cf.: Q. 2.5.2.6).



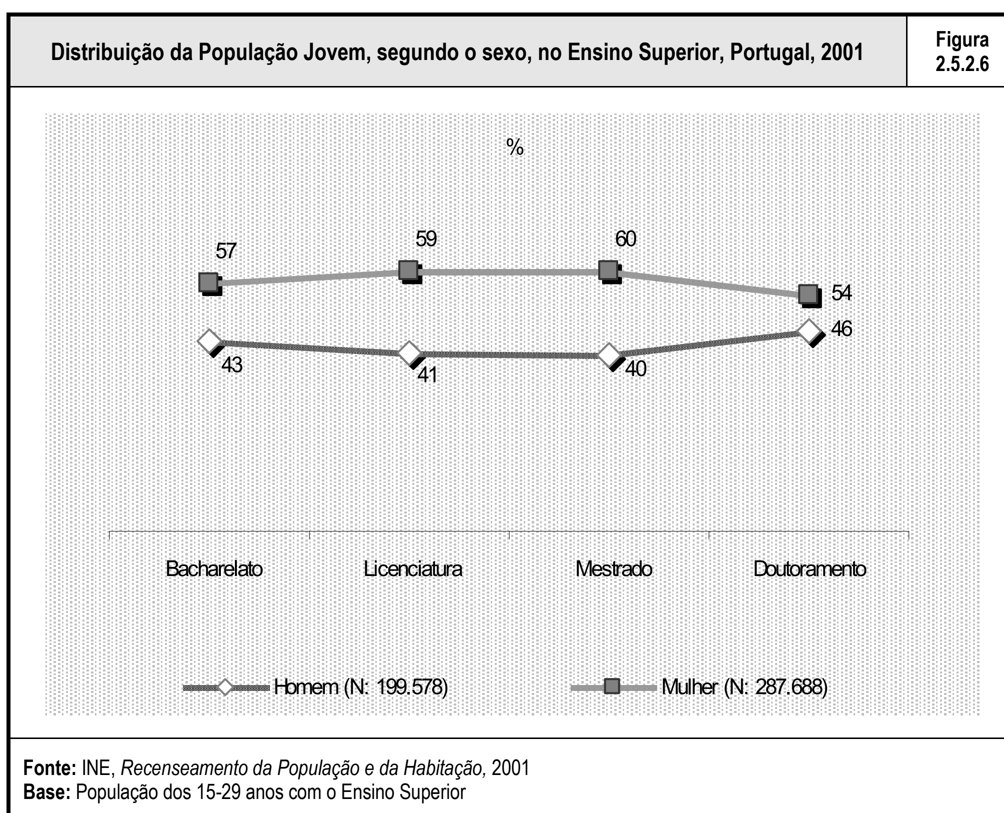
Nível de Escolaridade da População Jovem Portuguesa, 2001 — Figura 2.5.2.4

Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*
Base: População Jovem Portuguesa (N:2.146.635)



Distribuição da População Jovem no Ensino Superior, Portugal, 2001 — Figura 2.5.2.5

Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação, 2001*
Base: População dos 15-29 anos com o Ensino Superior (N: 487.266)

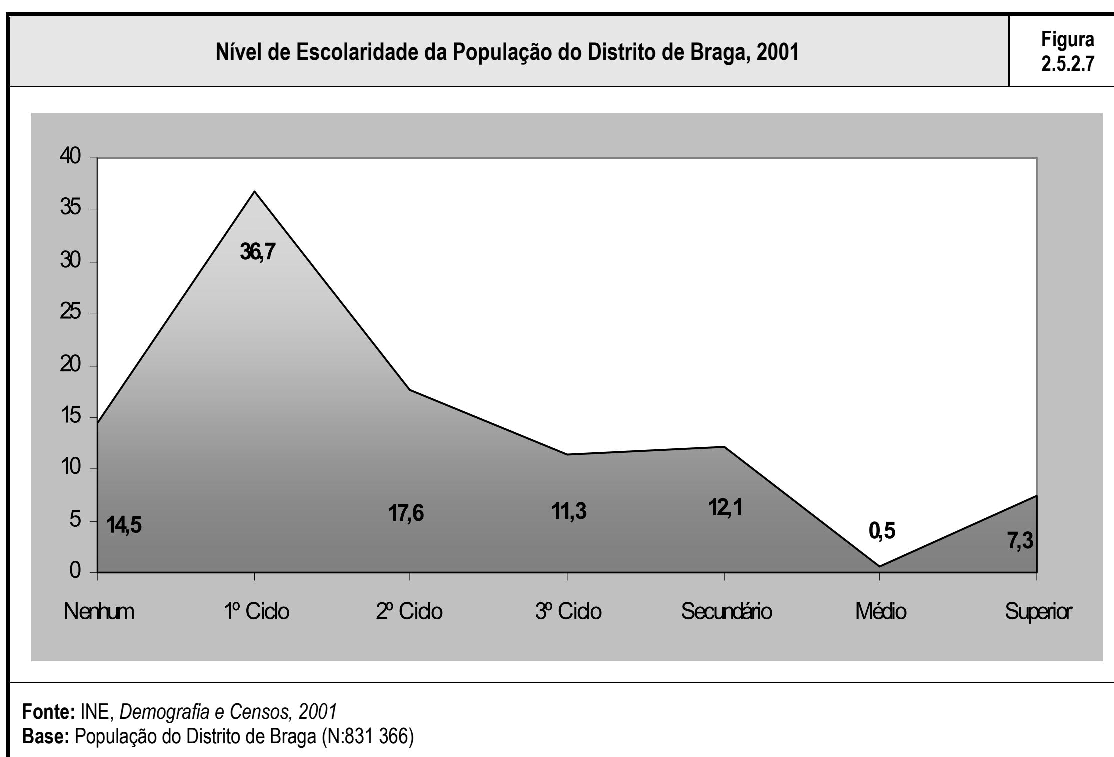


Distribuição da População Jovem, segundo o sexo, no Ensino Superior, Portugal, 2001 — **Figura 2.5.2.6**

Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação*, 2001
Base: População dos 15-29 anos com o Ensino Superior

Distrito de Braga

O nível de escolaridade da população do Distrito de Braga situa-se, maioritariamente, no Ensino Básico, 36,7% no 1º Ciclo, 17,6% no 2º e 11,3% no 3º Ciclo, sendo maior a percentagem dos que têm o Ensino Básico no Distrito (65,6%) (cf.: F. 2.5.2.7) do que a média da população nacional (58%) (cf.: F. 2.5.2.1).

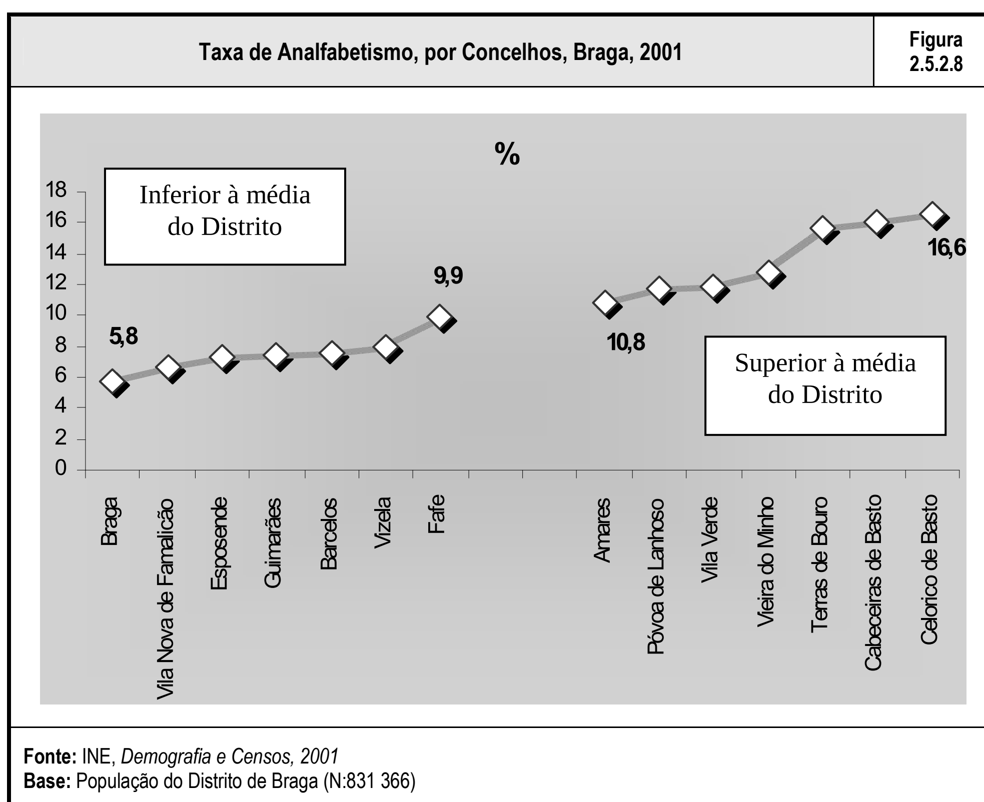


Nível de Escolaridade da População do Distrito de Braga, 2001 — **Figura 2.5.2.7**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Base: População do Distrito de Braga (N:831 366)

Todavia, esta realidade intensifica-se quando se afere a taxa de **analfabetismo,** que - sendo esta extraída da relação entre a população com 10 ou mais anos que não sabe ler nem escrever e a população com 10 ou mais anos -, em Portugal, em 2001, essa taxa era aproximadamente de 9% (superior à de 11% em 1991) e em Braga superior à nacional, com 10,6%. Temos, assim, um Distrito populacional com mais Ensino Básico e uma taxa de analfabetismo superior à nacional e, em contraste, um ensino mais graduado - no Secundário, Médio e Superior - com percentagens no Distrito de Braga inferiores às nacionais.

Se analisarmos a taxa de *analfabetismo* por Concelho, verifica-se que Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto e Terras de Bouro são os Concelhos que têm o maior número de população analfabeta *versus* Braga, Vila Nova de Famalicão e Esposende que são os Concelhos onde se regista uma taxa inferior de analfabetos (cf.: F. 2.5.2.8).

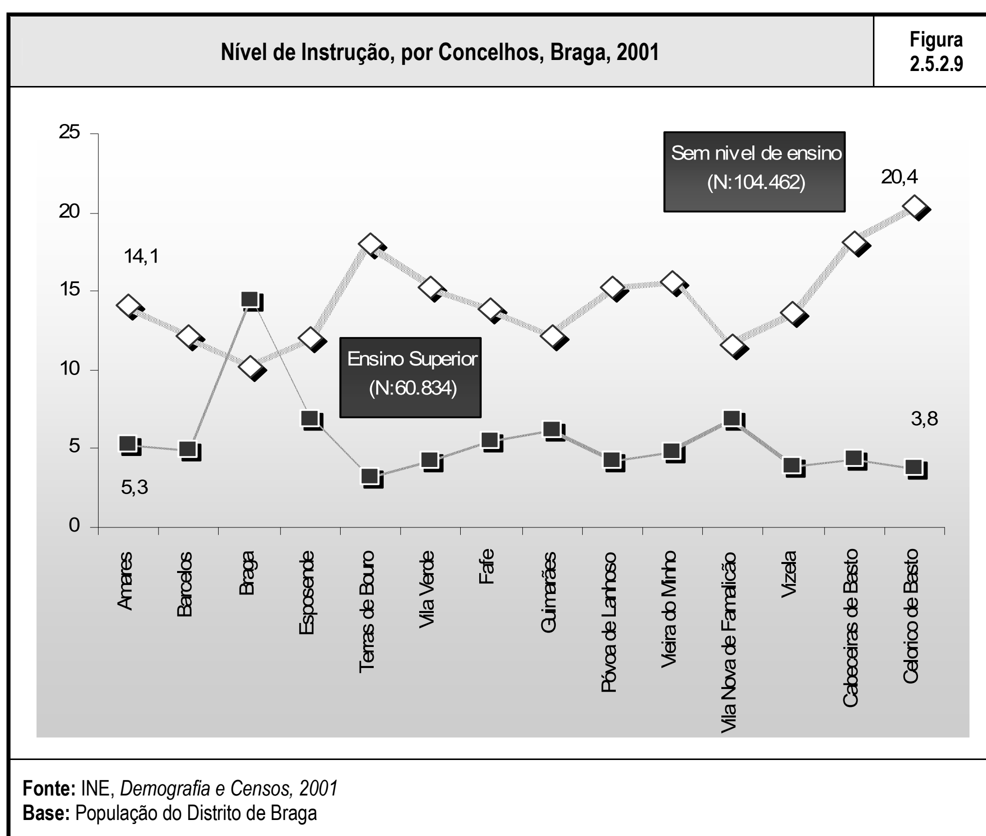


Taxa de Analfabetismo, por Concelhos, Braga, 2001 — **Figura 2.5.2.8**

Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Base: População do Distrito de Braga (N:831 366)

É relevante, no Distrito, a percentagem dos que não têm qualquer grau académico (14,5%), que perfazem o dobro dos que têm o Ensino Superior (7,3%) (cf.: F. 2.5.2.7). Os Concelhos em que se regista uma maior incidência na ausência de graus académicos são exactamente os mesmos onde se registaram as *taxas de analfabetismo*, assim, em ordem decrescente, temos Celorico de Basto, que apresenta 20,4% de indivíduos sem qualquer grau académico; Cabeceiras de Basto, 18,1%; Terras de Bouro, 18%; e, no outro extremo, temos Vila Nova de Famalicão com 11,6% e Braga com 10,2% dos 14,5% de indivíduos que não possuem qualquer grau de escolaridade no Distrito (cf.: F. 2.5.2.9).

Da mesma forma que existem disparidades entre a taxa de analfabetismo e os que não possuem qualquer grau académico entre os Concelhos, o mesmo sucede quando nos referimos ao Ensino Superior. Isto é, dos 7,3% que possuem este grau académico em todo o Distrito, os Concelhos onde se regista uma maior incidência deste nível Superior são Braga, com 14,4%, Esposende e Vila Nova de Famalicão, com os mesmos 6,9%, e, no extremo oposto, encontramos Celorico de Basto e Terras de Bouro, com 3,8% e 3,2%, respectivamente (cf.: F. 2.5.2.9).



Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Base: População do Distrito de Braga

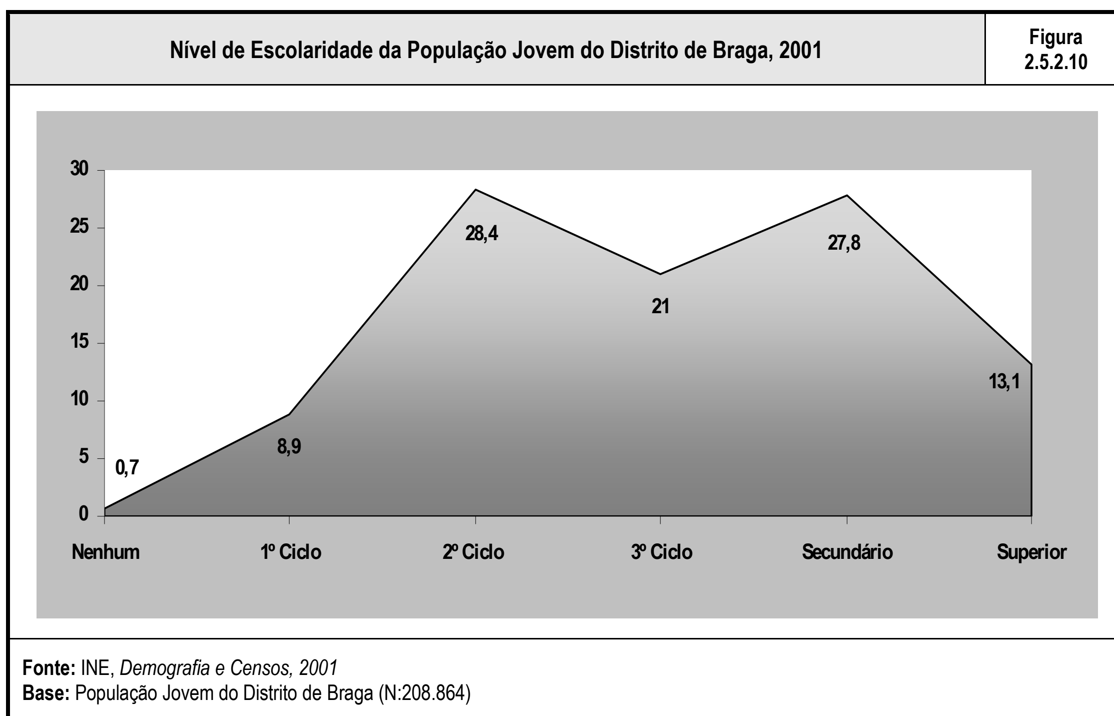
Esta discrepância entre os Concelhos quanto ao *grau de instrução* pode revelar uma correlação entre a proximidade de infra-estruturas, ainda que não sirva de desculpa, e o grau académico, visto que, quanto mais afastados estão os Concelhos do centro distrital - entendido este como um centro de desenvolvimento, de cultura, de equipamentos e de decisões -, menor é o grau de instrução.

População Jovem do Distrito de Braga

Após termos percorrido as tendências do Nível de Instrução do total da população do Distrito de Braga, volvamos, de imediato, a nossa atenção para a sua ***faixa etária Jovem***.

Se se comparar a população *geral* do Distrito de Braga com a sua população *jovem*, conclui-se que estes têm um maior nível de Instrução. Enquanto que a maioria da população bracarense tem somente um nível de escolaridade que vai até ao 1º Ciclo, os Jovens têm, maioritariamente, o 2º Ciclo e o Secundário. Paradoxalmente à população em geral, apenas um número insignificativo de jovens não tem um grau académico (0,7%), contra os 14,5% da população geral bracarense; bem como, enquanto que na população em geral somente seguem para

o Ensino Superior 7,3%, na população jovem o número quase que duplica (13,1%), todavia, é bem notória a queda, entre a faixa etária jovem, dos que têm o Ensino Secundário em relação aos que têm o Ensino Superior, pois esta queda é superior aos 50%, tal como se pode observar na Figura 2.5.2.10.



Se compararmos os jovens do Distrito de Braga com os da mesma faixa etária a nível nacional, verifica-se que aqueles não atingem níveis de escolaridade tão altos como os jovens portugueses; enquanto que a nível nacional o Ensino Secundário é o nível mais frequentado, apresentando uma taxa de 36%, (cf.: F. 2.5.2.4), ao nível Distrital, a maior incidência, situa-se no 2º Ciclo com 28,4% e no Secundário com 27,8%. É notória a disparidade entre o panorama dos jovens a nível nacional e o número dos jovens do Distrito que têm o Ensino Superior. Enquanto que 23% daqueles têm o grau Superior, somente 13,1% dos jovens de Braga manifestam este grau de Ensino. Esta realidade, que vem expressa em números, significa que os jovens do Distrito de Braga se ficam por níveis académicos mais reduzidos que a média nacional (cf.: F. 2.5.2.4 e F. 2.5.2.10).

É manifesta também a diferença entre homens e mulheres quanto ao nível de instrução da população jovem no Distrito, os quais seguem a mesma tendência dos jovens a nível nacional. Pois, é perfeitamente perceptível, a partir da Figura 2.5.2.11, que os homens, após o Ensino Básico, se vão desleixando e que as mulheres, opostamente, vão progredindo nos estudos. Progressão esta que se inicia

no Secundário, com 52,4% de mulheres *versus* 47,6% de homens, até ao Ensino Superior, com uma participação feminina de 60% e masculina de 40%.

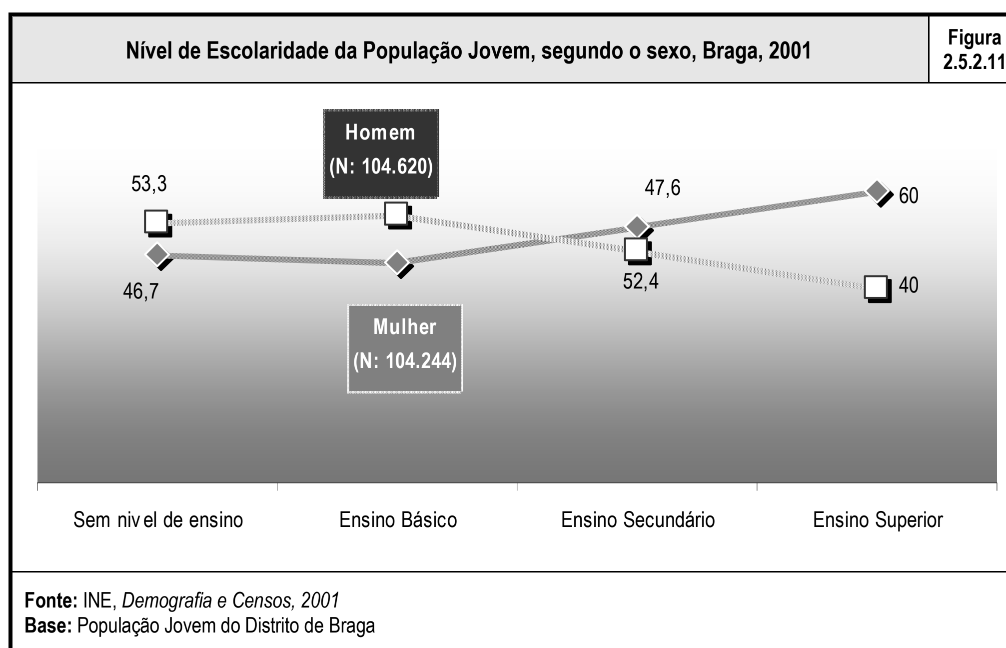
Relativamente às diferenças Concelhias quanto ao nível de instrução, verifica-se que Braga é o Concelho que assinala o maior número de indivíduos com o Ensino Secundário, bem como com o Ensino Superior; sendo Guimarães o que detém o maior número de indivíduos com o Ensino Básico. Os números que acabamos de referir são brutos, daí que merecem alguma ponderação na sua interpretação, pois, sendo os Concelhos de Braga e Guimarães os mais populacionais, também se compreende que seja neles que se registe o número mais elevado de indivíduos com os distintos níveis de escolaridade (cf.: F. 2.5.2.12).

Contudo, num olhar mais pormenorizado e tendo em conta a dimensão populacional jovem de cada Concelho, verifica-se que Braga é, de facto, o Concelho onde se regista o maior prolongamento de escolaridade, visível nos 36% de jovens no Ensino Secundário e 26,6% no Ensino Superior; o mesmo não sucede com Guimarães, que apesar de ter uma elevada população jovem a estudar (40.436), não apresenta a tendência do Concelho de Braga para o prolongamento dos estudos, sendo que 28,7% apresenta o Ensino Secundário e 13,7% o Ensino Superior. No extremo, encontramos o Concelho da Póvoa de Lanhoso onde se regista a percentagem mais reduzida de jovens, tanto no Secundário (25%), como no Superior (10%), sendo que é no Ensino Básico que se encontra o maior número de jovens neste Concelho (63,8%) (cf.: Q. 2.5.2.1).

Quanto à incidência do nível de escolaridade dos jovens, à excepção de Braga - que apresenta um valor reduzido de indivíduos no Ensino Básico (36,9%) -, todos os outros Concelhos registam um número superior a 50% de jovens no Ensino referido, sendo que o valor mais elevado se encontra nos Concelhos de Celorico de Basto, com 66,1%, e Vizela, com 64,2% (cf.: F. 2.5.2.13).

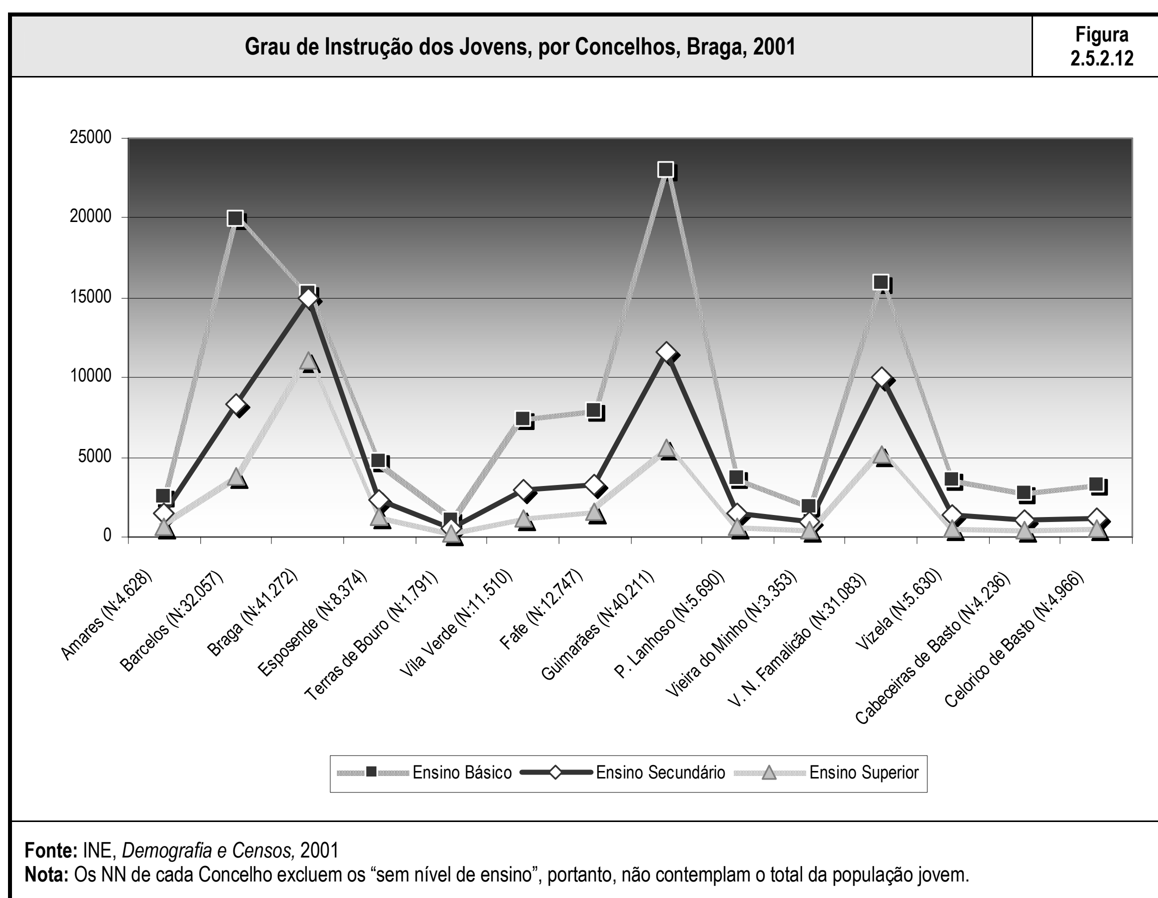
Das análises feitas se infere que o nível de escolaridade dos jovens do Distrito de Braga é tendencialmente reduzido, pois, não obstante os tempos modernos possibilitarem e facilitarem, com infra-estruturas e meios humanos, a progressão nos níveis escolares, a realidade dos jovens do Distrito de Braga permite depreender que não é de todo os estudos que os ambiciona, sendo que uma ampla maioria dos jovens coarcta a sua formação académica a níveis básicos de estudo.

Nível de Escolaridade da População Jovem, segundo o sexo, Braga, 2001 — Figura 2.5.2.11



Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Base: População Jovem do Distrito de Braga

Grau de Instrução dos Jovens, por Concelhos, Braga, 2001 — Figura 2.5.2.12

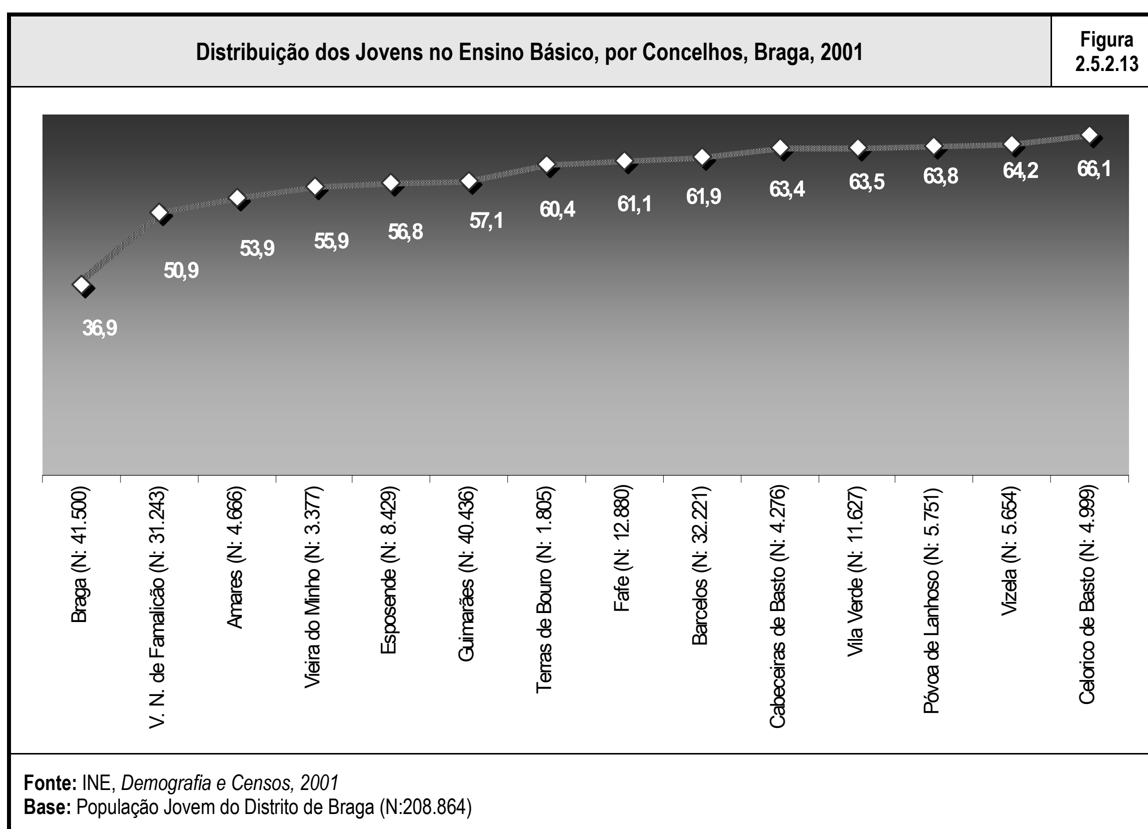


Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001
Nota: Os NN de cada Concelho excluem os "sem nível de ensino", portanto, não contemplam o total da população jovem.

População Jovem, segundo Nível de Instrução, por Concelho, Braga, 2001									Quadro 2.5.2.1
Concelhos	NN	Sem nível de ensino	Ensino Básico			Secundário	Ensino Superior		
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		Bacharelato	Licenciatura	Mestrado/ Dout.
Amares	4.666	0,8	10,2	25,6	18,1	31,7	1,7	11,7	0,2
Barcelos	32.221	0,5	6,8	32,8	22,3	26	1,6	9,8	0,3
Braga	41.500	0,5	5,5	14,7	16,7	36	2,2	23,4	1
Esposende	8.429	0,7	5,9	31,4	19,5	27,9	2,1	12,5	0,1
Terras de Bouro	1.805	0,8	7,2	29,5	23,7	28,7	1,2	8,5	0,4
Vila Verde	11.627	1	9,2	31,9	22,4	25,1	1,2	9	0,1
Fafe	12.880	1	8,2	31,9	21	25,4	1,7	10,6	0,3
Guimarães	40.436	0,6	10,1	25,8	21,2	28,7	1,5	11,8	0,4
Póvoa de Lanhoso	5.751	1,1	10,8	30,3	22,7	25	1,1	8,9	0
Vieira do Minho	3.377	0,7	7,5	28,1	20,3	29,6	1,3	12,3	0,3
Vila Nova de Famalicão	31.243	0,5	7,3	23,8	19,8	32,2	1,9	14,2	0,4
Vizela	5.654	0,4	14,6	28,1	21,5	25,2	0,9	9	0,1
Cabeceiras de Basto	4.276	0,9	9,1	30,7	23,6	25,1	1,3	9,1	0,2
Celorico de Basto	4.999	0,7	12	32,5	21,6	23,2	1,9	7,9	0,3
Total:	**208.864**	**0,7**	**8,9**	**28,4**	**21,0**	**27,8**	**1,5**	**11,3**	**0,3**

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001
Nota: Os NN contemplam toda a população jovem, inclusive os “sem nível de ensino”

Distribuição dos Jovens no Ensino Básico, por Concelhos, Braga, 2001 — Figura 2.5.2.13



Fonte: INE, *Demografia e Censos, 2001*
Base: População Jovem do Distrito de Braga (N:208.864)

PARTE III

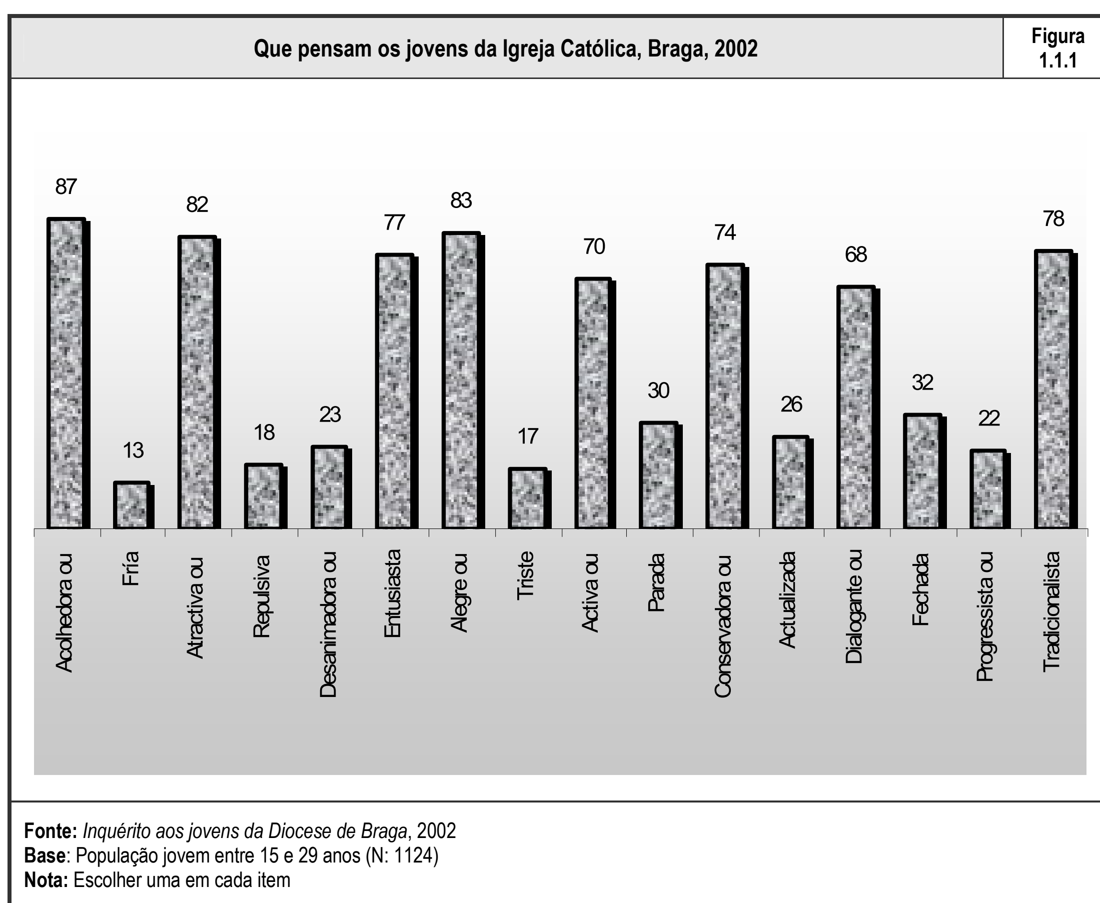
Atitudes dos jovens perante a Igreja

1. A IGREJA VISTA E SENTIDA PELOS JOVENS

1.1. A forma como os jovens vêem e desejariam transformar a Igreja

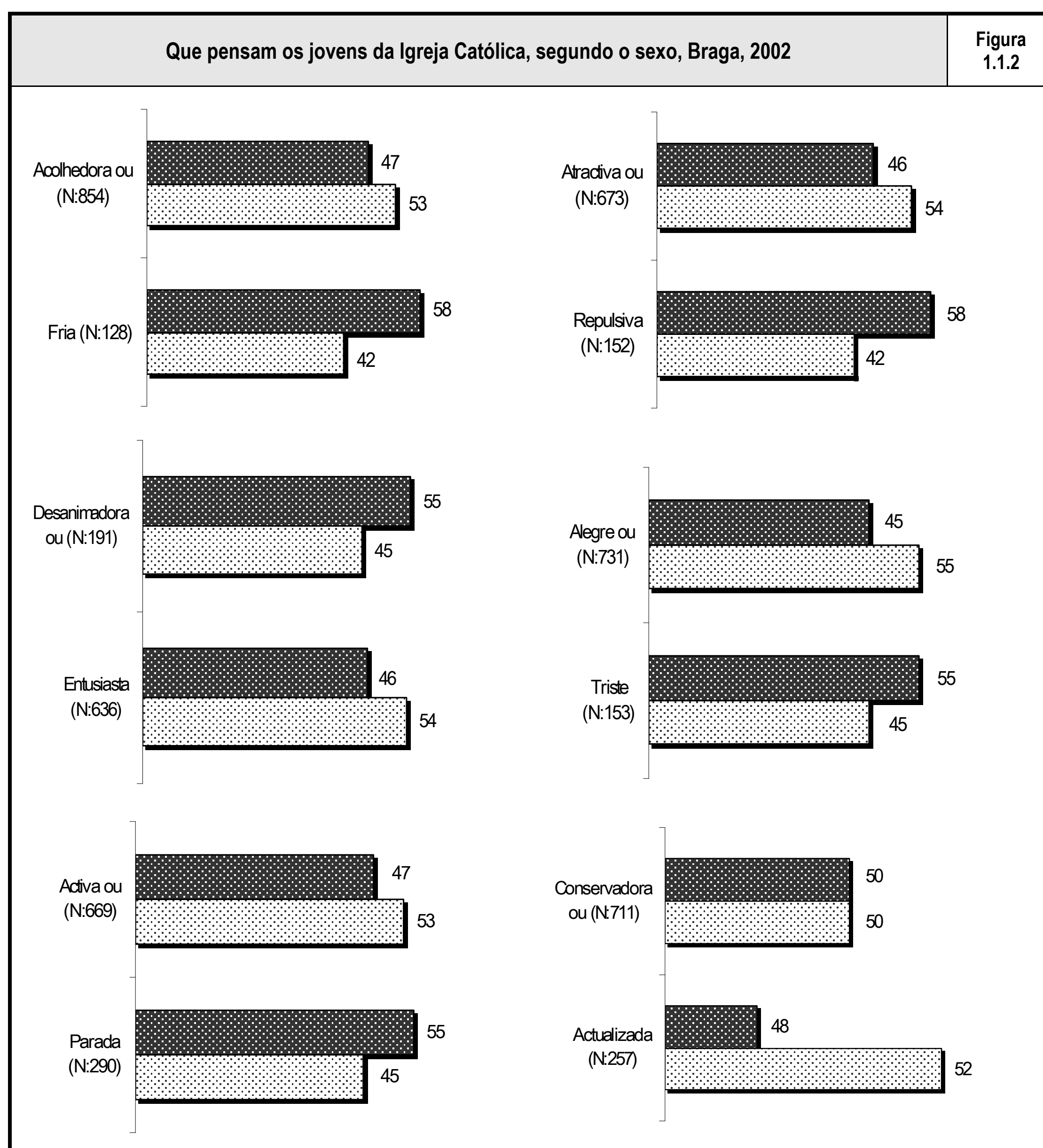
Os jovens tendem a perceber os valores no seu estado mais puro e a buscar a sua aplicação da forma mais directa, intensa e extensa que seja possível. É precisamente nesta aplicação, onde vão descobrindo, paulatinamente, a quantidade de factores que confluem na Igreja. Estes factores levam os jovens a ter uma posição diante da Igreja que se traduz numa aceitação ou negação dos valores por ela apresentados. Os jovens do Distrito de Braga dizem, maioritariamente, que a Igreja é *acolhedora, alegre, atractiva, entusiasta*, mas também *tradicionalista e conservadora*, como se pode verificar no seguinte gráfico (cf.: F. 1.1.1. e T. 1.1.1).

Que pensam os jovens da Igreja Católica, Braga, 2002 — **Figura 1.1.1**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)
Nota: Escolher uma em cada item

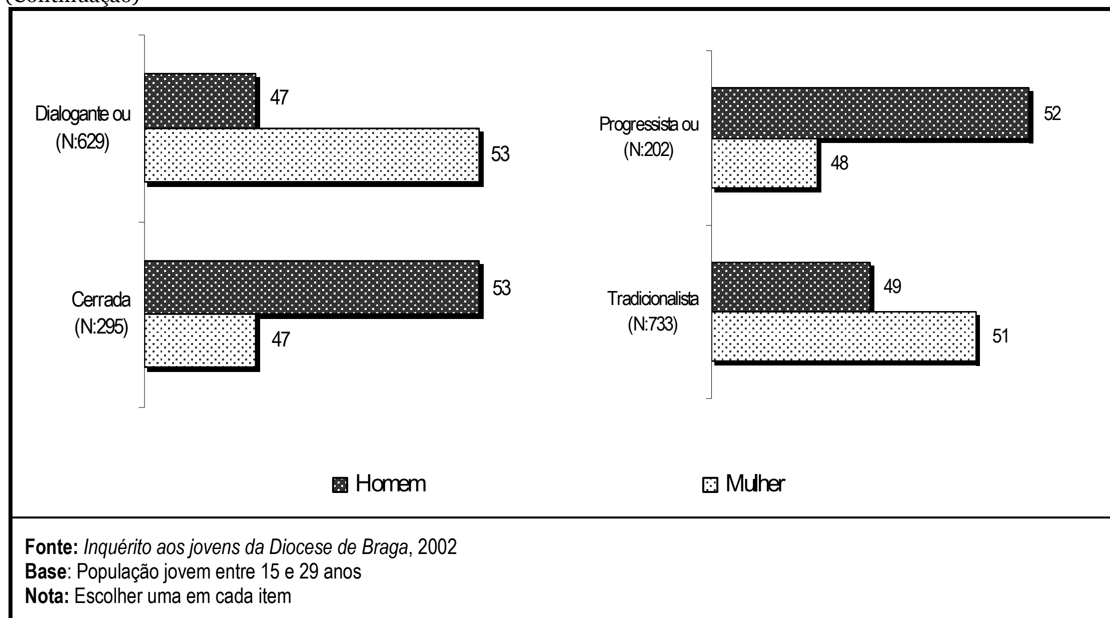
Quando se analisa a valorização positiva dos jovens com a Igreja resulta que sobressaem mais o clima de *acolhimento e alegria,* do que um ambiente *frio e triste*. Nesta variável não há diferenças substanciais de idade nem de género, embora no conjunto seja mais positiva a relação das mulheres com a Igreja do que a dos homens, em todos os indicadores. Estas diferenças, ainda que pouco significativas, entre mulheres e homens devem-se ao facto das mulheres assumirem um papel mais activo e central do que os homens no desempenho de diversas funções na Igreja, tal como se comprova no capítulo 3º da III Parte (cf.: F. 1.1.2 e T. 1.1.1).



Que pensam os jovens da Igreja Católica, segundo o sexo, Braga, 2002 — **Figura 1.1.2**

...segue...

(Continuação)



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Nota: Escolher uma em cada item

Como temos a oportunidade de verificar nos gráficos acima apresentados, os jovens, embora manifestem que têm uma relação positiva com a Igreja, dizem que ela é *conservadora e tradicionalista*.

Estas afirmações fazem-nos pensar, porque encontramos nelas um paradoxo: por uma lado, dizem que a Igreja é *activa e atractiva* e, por outro, que é *tradicionalista e conservadora*. Os jovens, na actualidade, procuram resultados imediatos. De facto, os referentes de sentido e as pautas de conduta que os jovens buscam multiplicam-se vertiginosamente, mudam e são substituídos por outros com grande facilidade, novas identidades são ensaiadas e vividas com intensidade, combinam-se de formas surpreendentes. Não se trata, contudo, de atitudes que poderíamos considerar frívolas, visto que se enquadram num contexto como o actual, em que tudo parece viável, não obstante se perceber, nos jovens, uma ânsia profunda de identidade, de renovada busca de sentido e reconhecimento, a necessidade de encontrarem uma âncora vital.

Por esta razão, os jovens dizem que a Igreja se deve *modernizar, se fixar mais nos seus problemas/projectos e tornar a prática religiosa mais emocionante e cativante* (cf.: F. 1.1.3 e T. 1.1.2).

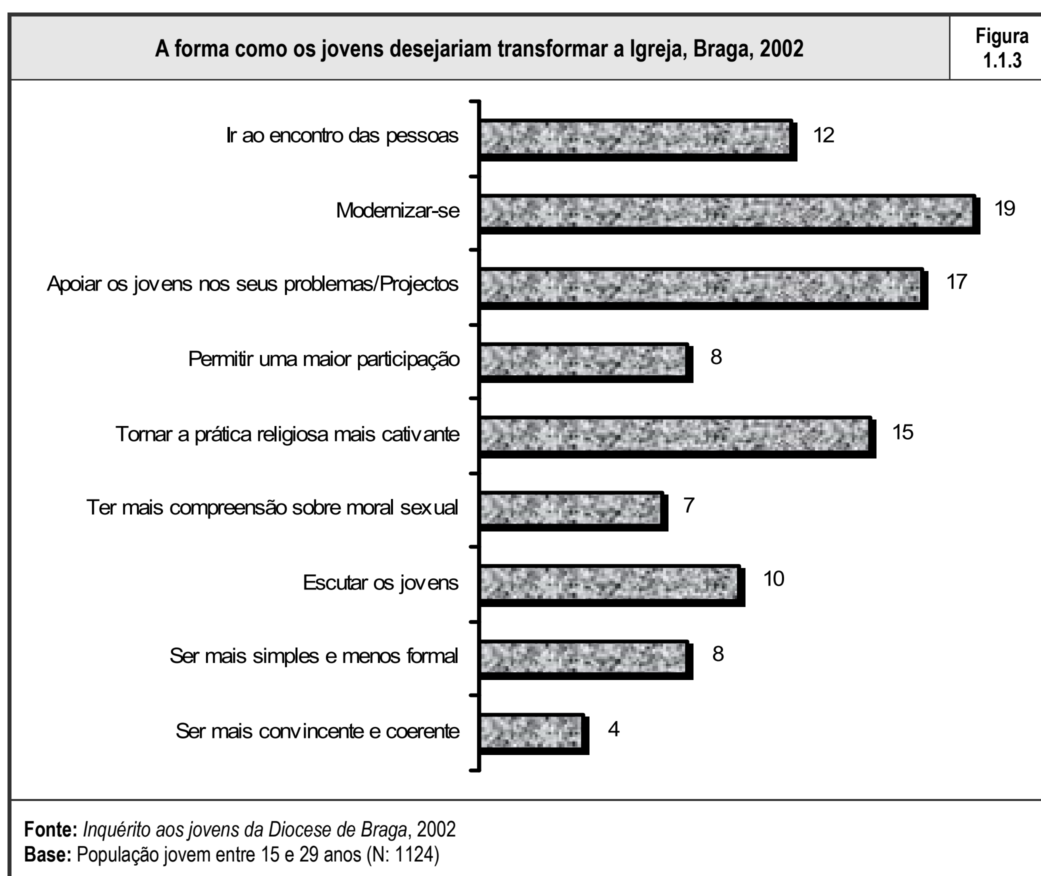
Constantemente, ouve-se os jovens e não só a dizerem que a Igreja está aprisionada em valores e costumes de há cem, duzentos ou trezentos anos. Esta imagem de uma Igreja conservadora e enclausurada em tradições, ritos e costumes está, em regra geral, associada à forma como a Igreja trata a matéria ligada às

questões morais: a sexualidade, a fidelidade conjugal, o aborto, a eutanásia, o divórcio, etc. Os jovens exprimem o desejo de que a Igreja mude, que fosse mais compreensiva, mais permissiva, mais actual, que fosse ao encontro dos problemas da sociedade moderna e que não exprima sempre, mesmo em circunstâncias diferentes, o mesmo discurso.

Estas mudanças em relação à Igreja tão desejadas pelos jovens devem-se, em parte, à cultura e à sociedade envolvente que relativiza o que é essencial e absolutiza o acessório, é uma sociedade individualista, que procura, na maior parte das vezes, respostas fáceis sem grandes compromissos, características da pós-modernidade, que têm levado ao descrédito institucional, tanto do governo ou da Igreja, como da família, manifestamente na autoridade do pai ou da mãe. Com isto se pretende deixar os homens, e de um modo especial os jovens, à mercê da sua individualidade, dos seus gostos e paixões, dos seus próprios critérios.

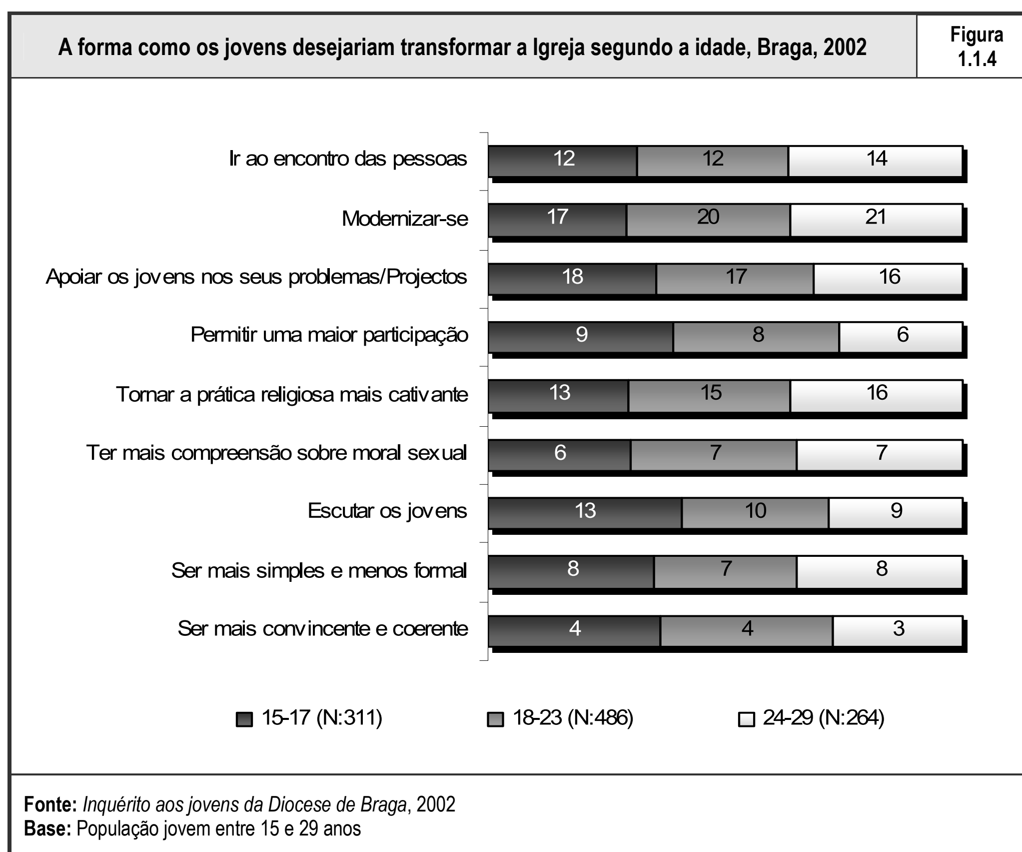
Em que é que deve mudar a Igreja, segundo os jovens?	**A perspectiva da Igreja?**
♦ *Modernizar-se: acompanhar os tempos.*	o *Há coisas em que a Igreja pode mudar, tal como a proximidade entre os leigos e a hierarquia. Contudo, não pode mudar a Mensagem que Jesus Cristo deixou instituída.*
♦ *Apoiar os jovens nos seus problemas e projectos.*	o *A Igreja já o faz e para eles tem muitos projectos e métodos.*
♦ *Tornar a prática religiosa mais cativante, sensível e próxima.*	o *A Igreja deve acompanhar os tempos, aplicando a Mensagem de Cristo a cada circunstância, contudo não deve andar por moda...*

♦ *Ir ao encontro das pessoas, em especial dos jovens.* ♦ *Ter mais compreensão sobre a moral sexual, ser mais livre e dar maior liberdade e não ter medo de falar destas coisas*	o *Por distintos caminhos, a Igreja, ao longo dos tempos, preocupa-se com o homem e a mulher concretos.* o *A Igreja não pode abrir a mão do que é essencial:* "A sexualidade compromete todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Envolve particularmente a afectividade, a capacidade de amar e de procriar e, de uma maneira mais ampla, o desejo de estabelecer vínculos de comunhão com o outro" (cf.: CIC, nº 2332).



As mudanças que os jovens desejam ver operadas na Igreja manifestam-se de uma forma distinta nos diferentes grupos etários, pois, à medida que a *idade vai*

avançando, há um maior desejo de que a Igreja *se modernize* e procure tornar a prática religiosa mais *atraente*. Os mais novos são os que mais e melhor exprimem a necessidade de serem escutados pela Igreja (cf.: F. 1.1.4 e T. 1.1.2).



A forma como os jovens desejariam transformar a Igreja segundo a idade, Braga, 2002 — **Figura 1.1.4**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

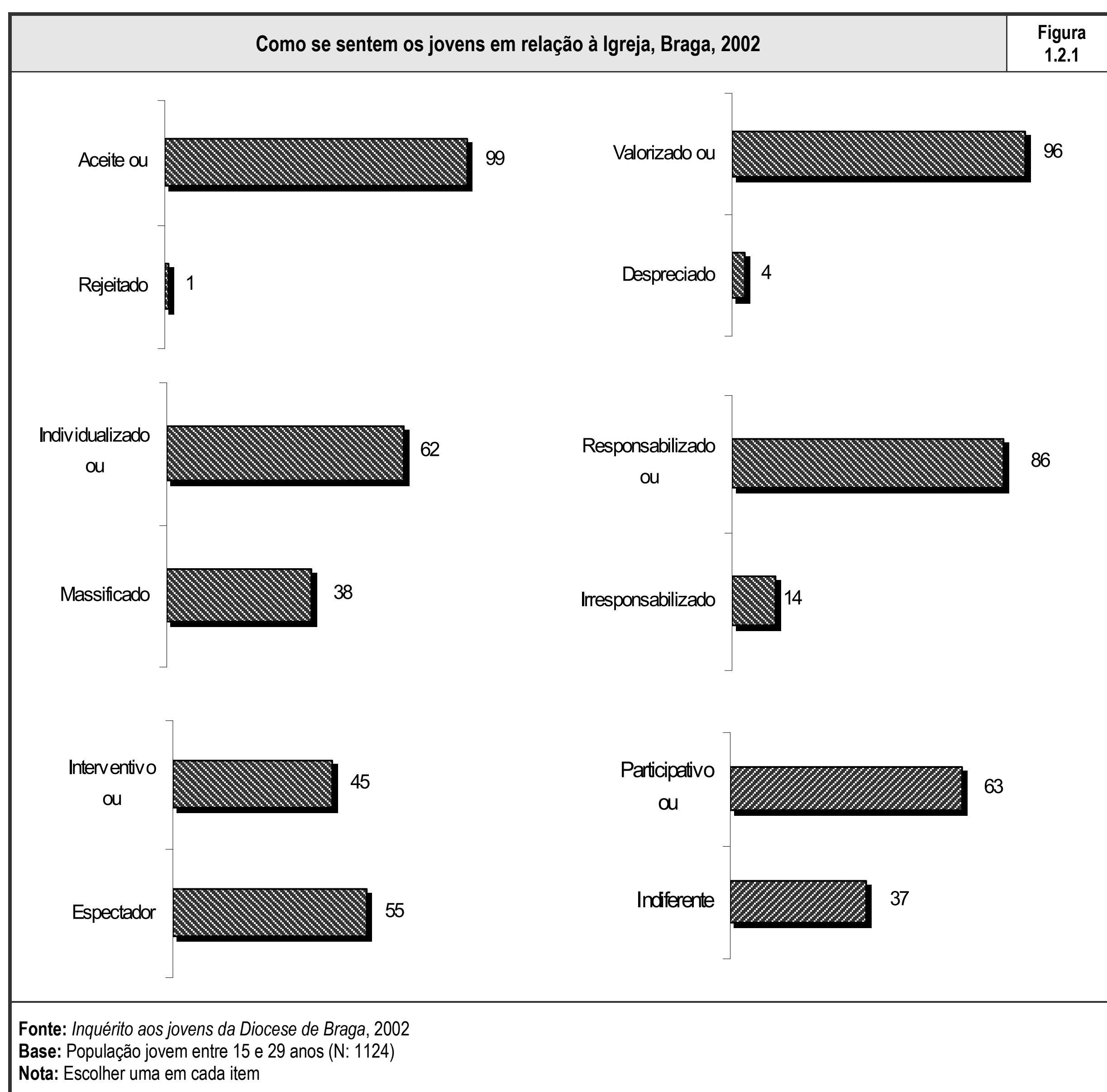
1.2. Como se sentem os jovens na Igreja

Reflectindo sobre a pergunta "*como se sentem os jovens" em relação à Igreja*, concluímos que a maior parte deles dizem que se *sentem aceites, valorizados e responsabilizados*; pois, anteriormente, já haviam manifestado a sua *confiança* na Igreja (cf.: II Parte, 2º cap., alínea 2.3). Isto vem confirmar que a Igreja é sobretudo um espaço de *liberdade e de igualdade* para os jovens (cf.: F. 1.2.1 e T. 1.2).

Também aqui se manifesta a mesma tendência já mencionada, quando se falava da forma como as mulheres e os homens vêem a Igreja, pois as mulheres dizem que têm uma relação mais próxima e profunda com a Igreja, que se manifesta na *intervenção, na participação e na individualização* por parte delas na instituição. É indiscutível, como já referimos, o papel participativo e filial da mulher dentro da Igreja (cf.: F.1.2.2 e T. 1.2).

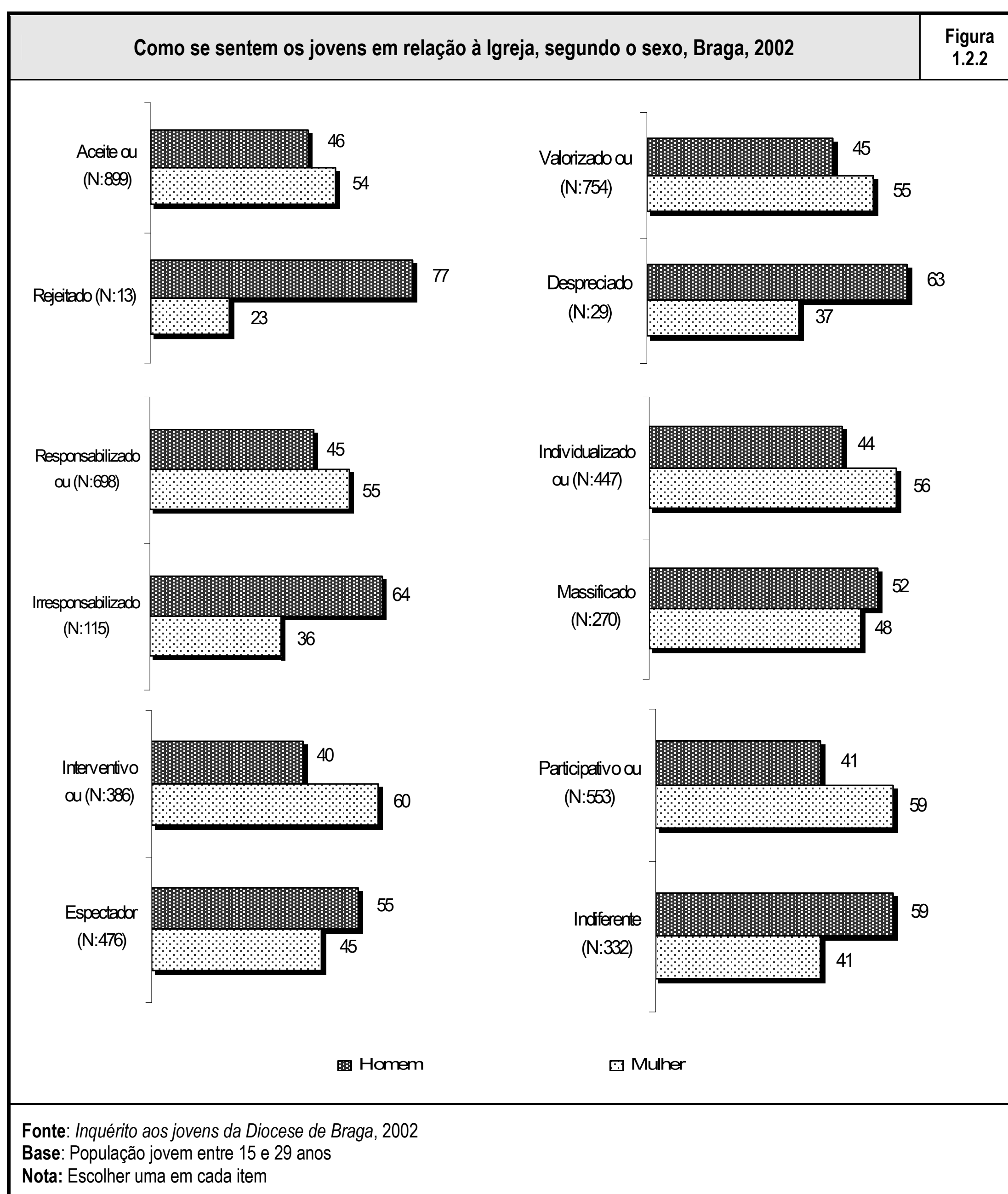
É interessante ver que, em relação à forma como os jovens se sentem na Igreja, é na idade dos 18 aos 23 anos, quando se percebe uma maior indefinição dos próprios jovens na sua relação com a Igreja. Se por um lado, afirmam ser *mais interventivos, participativos e valorizados,* por outro, dizem sentir-se *massificados, indiferentes e espectadores.* Este paradoxo pode levar a justificar, nestas idades, a diminuição das *práticas religiosas* (missa, comunhão e confissão), aumentando em consequência o número dos que se declaram *não praticantes* (cf.: F. 1.2.3).

Como se sentem os jovens em relação à Igreja, Braga, 2002 | **Figura 1.2.1**



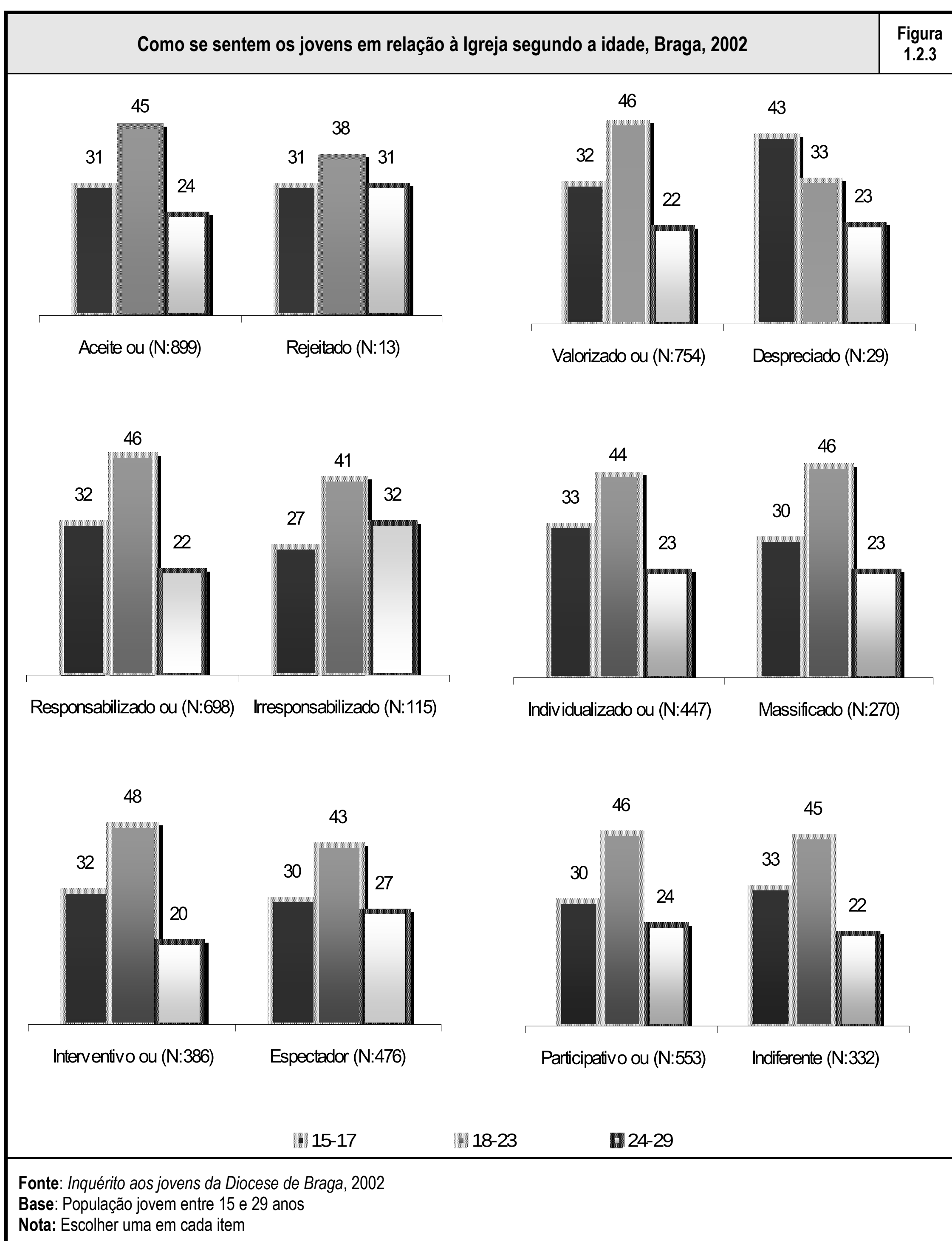
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)
Nota: Escolher uma em cada item

Como se sentem os jovens em relação à Igreja, segundo o sexo, Braga, 2002	Figura 1.2.2



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Nota: Escolher uma em cada item

Como se sentem os jovens em relação à Igreja segundo a idade, Braga, 2002 — **Figura 1.2.3**



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Nota: Escolher uma em cada item

2. ASPECTOS DA SOCIALIZAÇÃO RELIGIOSA

2.1. Educação religiosa dos jovens na Igreja

Ao falar dos jovens, referimo-nos a uma fase de vida muito característica da sua forma de ser e de estar na vida. É uma fase de vida carregada de curiosidade, de energia, da certeza de um futuro que se prolonga e se adentra por outras fases; é a fase típica da demanda da independência. Na juventude, é importante dar opiniões, mas é sobretudo relevante experimentar: experimentar sensações, situações, relações e emoções. Nesta fase, já não se experimenta com aquela pureza e desprendimento da infância, mas com outras responsabilidades, deveres e até com certa preocupação perante o futuro.

Por se tratar de uma fase de vida que desperta e estimula para novas sensações e desafios, a fase da juventude merece, por parte dos pais, um acompanhamento peculiar dos seus filhos, pois os jovens vivem numa idade em que são bombardeados de informações, de modas e costumes, que nem sempre são os mais adequados, os melhores ou mais sãos e é por isso que necessitam de um ambiente familiar propício para um crescimentos harmonioso e integro.

O jovem vai naturalmente procurando algo mais que o ajude a amadurecer como um adulto saudável, emocional, física e espiritualmente. Pensando nesse crescimento pessoal, podemos mencionar algumas instituições que são a plataforma onde o jovem pode adquirir esse crescimento, como é a família, a escola, o trabalho, a Igreja, etc.

É sobre a importância desta última (da Igreja) e da educação e influência religiosa dos pais nos seus filhos, na qual queremos fixar, agora, o nosso estudo.

A influência dos pais na educação de seus filhos não intervém apenas na educação dos valores cívicos, mas também nos valores religiosos. Os filhos aprendem, desde criança, as vivências dos seus pais, vendo neles o exemplo a seguir. É natural, por isso, que as transformações observadas na família se repercutam sobre as orientações de valores, atitudes e motivações dos jovens.

A família assume aqui um valor central. Ela, por regra geral, é transmissora de *valores, hábitos, costumes e comportamentos* que passam de geração em geração. No caso português, esta passagem do testemunho ou legado geracional, é indubitável, já que, segundo os *Censos de 2001*, quase a totalidade das famílias portuguesas seguem o modelo da *família clássica*, sendo que só uma minoria dessas seguem o arquétipo da família institucional (cf.: *Introdução*, Q. 4).

Pelo que se sabe, em diversos casos, a situação religiosa dos filhos nem sempre é a mesma, nem tão pouco semelhante, à dos pais. Há casos em que os pais são *católicos e praticantes* e os filhos têm outra posição religiosa, bem como outras configurações ideológicas divergentes das dos seus pais. Todavia, um dado adquirido é que, no Distrito de Braga, apesar de muitas vezes os pais não serem praticantes da fé católica, por diversas razões, sejam de herança familiar, tradição social ou de consciência, preferem educar os seus filhos na fé da Igreja, transmitindo-lhes, assim, o legado da educação religiosa, vendo nesta um caminho saudável, de integração e crescimento dos seus filhos.

O que acabamos de referir, reforça-se no gráfico que segue, uma vez que a educação religiosa dos filhos nem sempre está relacionada com a prática religiosa dos seus pais, posto que estes permitiram que os seus filhos se integrassem nas distintas etapas formativas da Igreja desde pequenos, independentemente da sua posição religiosa, pois, tal vemos na Figura 2.1.1, 94% dos pais *baptizaram* os seus filhos.

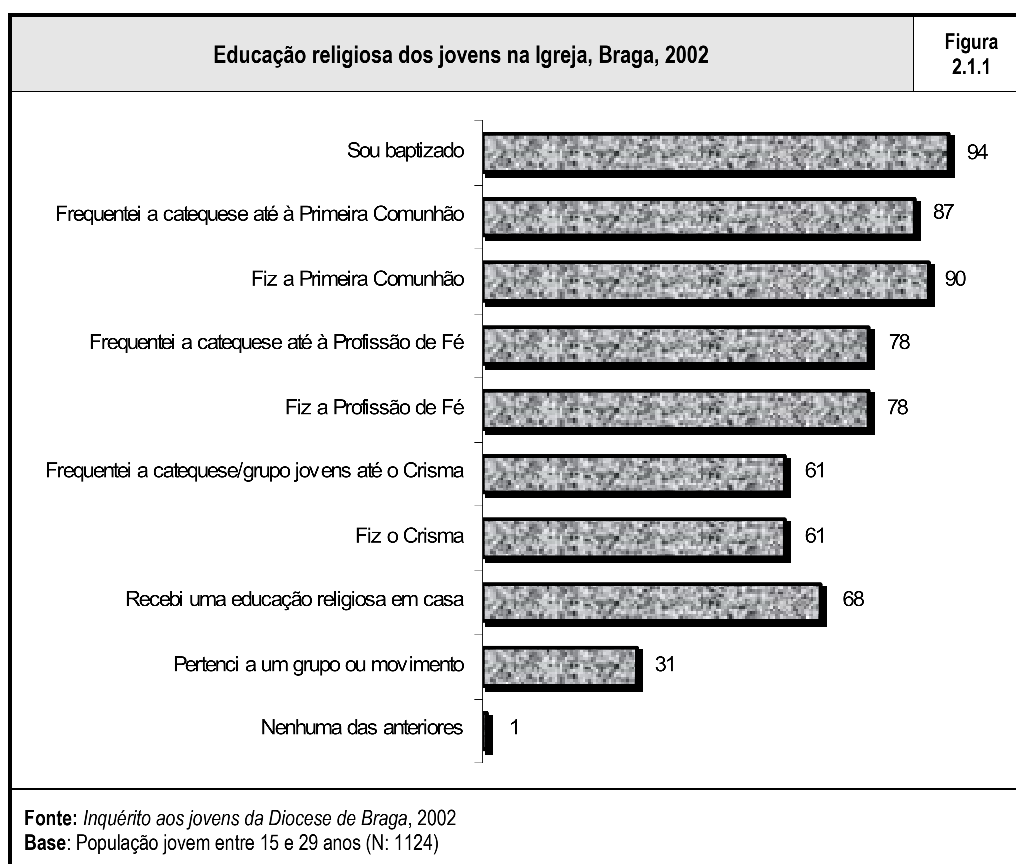
De forma a não haver dúvidas, entende-se aqui por educação religiosa todos os actos e actividades realizadas na Igreja.

Para além de baptizarem os seus filhos, alguns pais continuam a conduzir e a educá-los nos caminhos da Igreja. Isto comprova-se, de um modo muito especial, nos 87% dos jovens que frequentaram a catequese até fazer a *Primeira Comunhão*, dado que pode revelar que os pais entendem este processo religioso como um momento crucial para a vida cristã dos seus filhos.

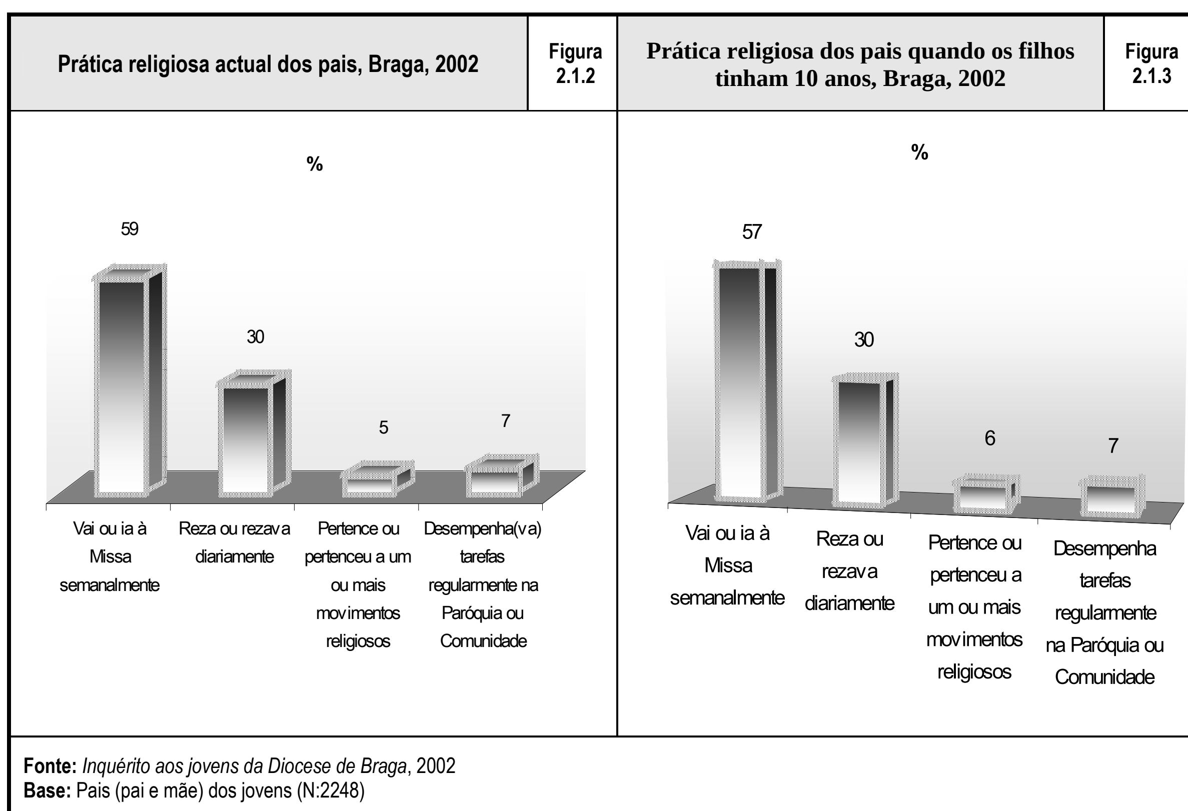
A partir deste acto religioso e eclesial, que se regista entre os 9 e os 10 anos, dá-se uma diminuição na participação dos jovens nos outros actos religiosos, apesar de mais de 50% dos jovens completarem o caminho religioso até à Confirmação. Isto é, mais de 75% dos jovens frequentam a catequese até ter feito a Profissão de Fé e mais de 60% até fazer a Confirmação. Com isto fica assim cumprido o caminho da *iniciação cristã* da grande maioria dos jovens.

Resumindo estes números, 90% dos jovens fizeram a *Primeira Comunhão* e apenas 68% manifestaram que receberam educação religiosa. Isto leva-nos a crer que os jovens entendem a educação religiosa num sentido mais amplo, que vai mais além dos actos eclesiais, como o *Baptismo, a Primeira Comunhão* e até mesmo a *Profissão de Fé* (cf.: F. 2.1.1 e T. 2.1.1).

A partir dos dados da prática religiosa actual dos pais, em que maioritariamente têm uma prática eucarística semanal, podemos concluir que os jovens entendem a educação religiosa também como uma herança e um exemplo dos seus pais, uma vez que 68% dizem que receberam uma educação religiosa em sua casa (cf.: F.2.1.2 e 2.1.3 e T. 2.1.2).



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)



Prática religiosa actual dos pais, Braga, 2002 — **Figura 2.1.2**

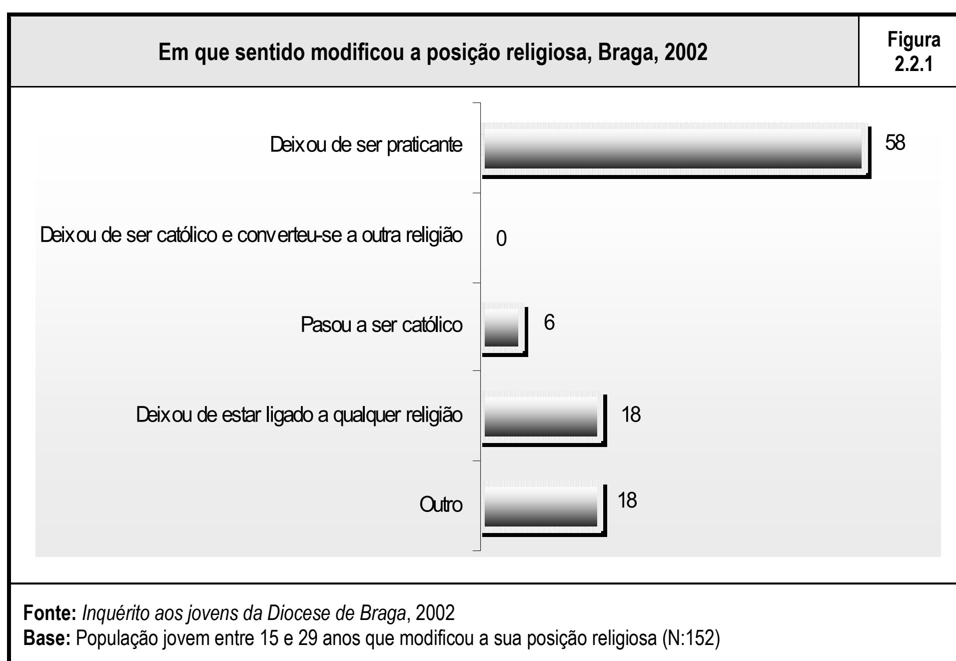
Prática religiosa dos pais quando os filhos tinham 10 anos, Braga, 2002 — **Figura 2.1.3**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: Pais (pai e mãe) dos jovens (N:2248)

2.2. A transformação religiosa dos jovens

Este capítulo pode-se revelar de menos importância, visto que apenas 14% dos jovens manifestaram ter mudado a sua posição religiosa. Contudo, apesar do número de jovens não ser muito significativo, é importante analisar as mudanças e as razões desta mutação religiosa.

Dos 14% destes, a maioria manifestou ter deixado de ser praticante (58%); 18% disse ter mudado de posição religiosa, embora não dizem para que “credo”, todavia, é importante realçar que nenhum dos jovens disse que se havia convertido, ou ter passado, a outra religião (cf.: F. 2.2.1 e T. 2.2.1).



Em que sentido modificou a posição religiosa, Braga, 2002 — **Figura 2.2.1**

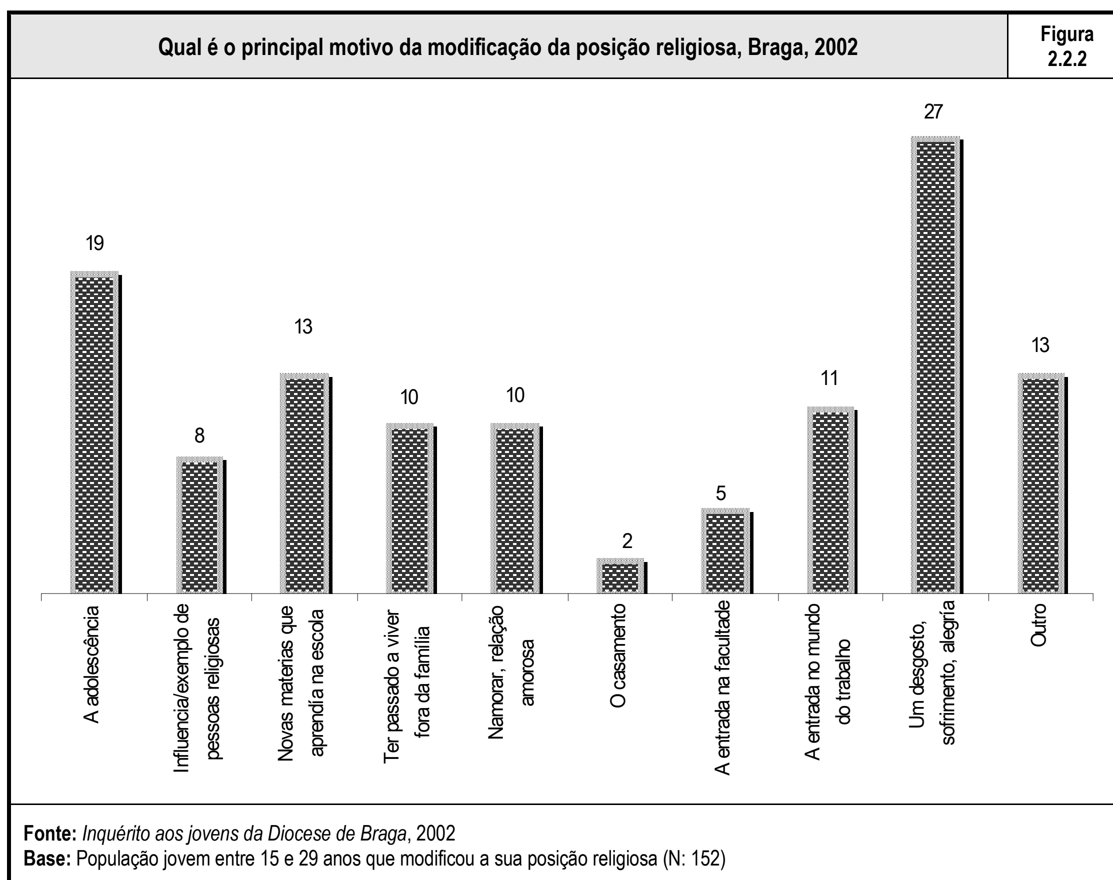
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que modificou a sua posição religiosa (N:152)

Segundo os jovens, foram várias as razões que originaram estas mudanças: destacaram, em primeiro lugar, um desgosto amoroso, um sofrimento ou uma alegria; em segundo, a adolescência e, em terceiro, devido ao facto de terem adquirido novos conhecimentos na escola (cf.: Figura 2.2.2 e T. 2.2.2).

Há uma diferença não muito acentuada nos motivos alegados pelas mulheres e pelos homens, pois elas destacam mais que foi um desgosto, um sofrimento ou uma alegria pelo qual mudaram a sua posição religiosa. Os rapazes, por sua vez, fixam-se menos numa razão e dividem-se por vários motivos para justificar a mudança na sua posição religiosa (cf.: F. 2.2.3 e T. 2.2.2).

Apesar disto, olhando o gráfico, vemos que, quase sempre, não existe um motivo único apontado para os jovens mudarem a sua posição religiosa, pois quase todos os motivos apresentados no inquérito estão relacionados com a entrada nas distintas etapas do desenvolvimento dos jovens.

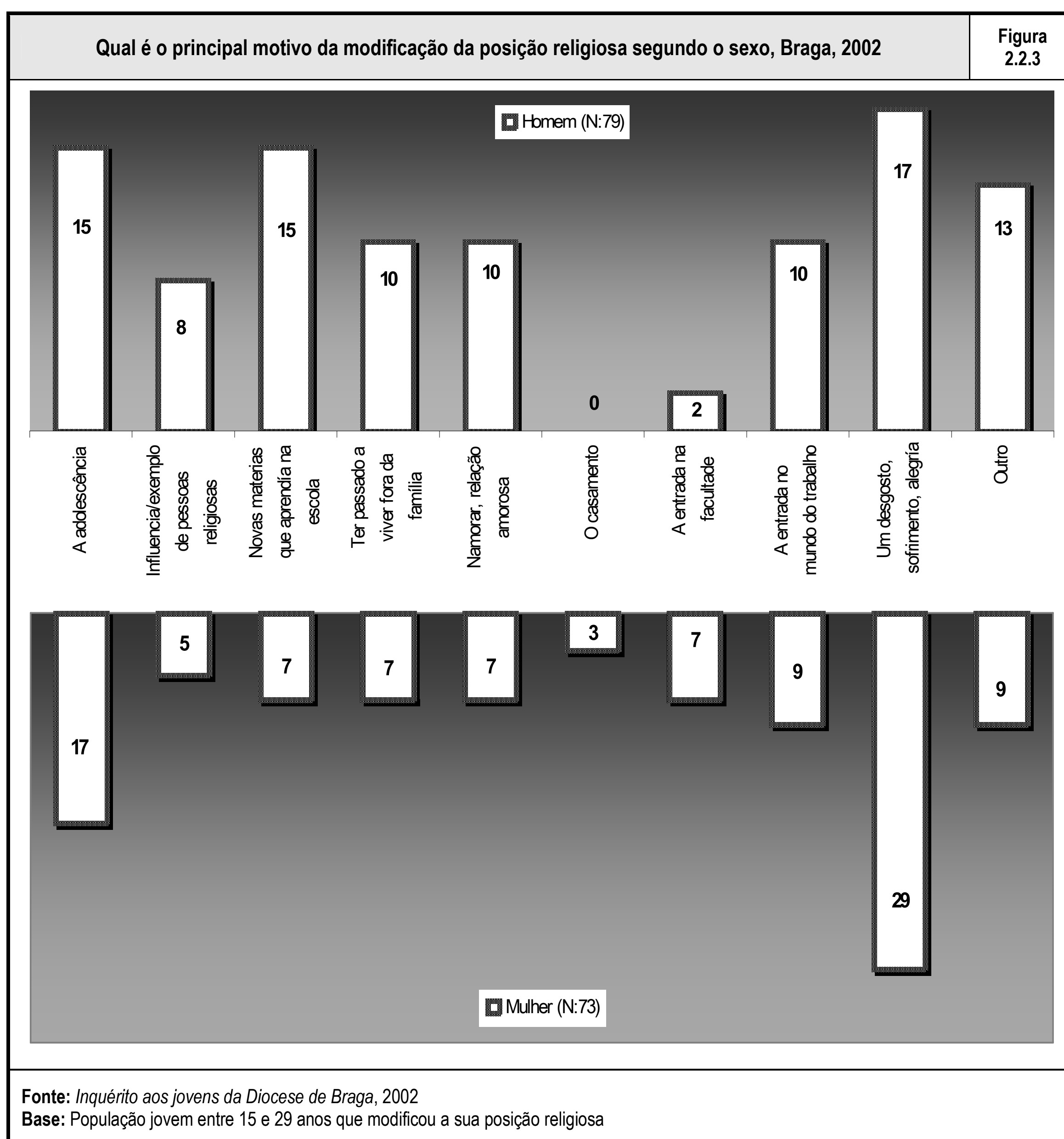
Como temos vindo a dizer ao longo destas páginas, as mudanças sociais exercem uma transformação nas condições e formas de vida das novas gerações, que se traduz, por sua vez, tanto em mudanças nos estilos educativos no interior da família e na escola, assim como em mudanças na orientação dos valores e dos próprios jovens nas diversas fases da sua vida, incluindo aquelas mudanças de valores referidos no compromisso e na participação na Igreja.



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que modificou a sua posição religiosa (N: 152)

Qual é o principal motivo da modificação da posição religiosa segundo o sexo, Braga, 2002

Figura 2.2.3



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que modificou a sua posição religiosa

2.3. O casamento

Como temos vindo a dizer, a transformação social tem-se manifestado a vários níveis estruturais, isto é, desde a segunda metade do século XX, tem havido, em toda Europa, uma redefinição de políticas, de estruturas, de organismos, de instituições. Como não é de estranhar, também ***a família*** – célula primária e essencial ao desenvolvimento do indivíduo – tem conhecido grandes transformações, não devido à intervenção de um agente isolado, mas à conjugação de uma série deles, de que temos vindo a falar, especialmente, à integração da mulher no mundo laboral e à sua consequente posição social, que, agora, já não vive

exclusivamente para a vida de casa, mas, de modo igual ao homem, tem um ofício, que lhe exige disponibilidade e ao qual tem o direito de lhe dedicar o tempo necessário, para ascender a uma carreira que pode defender e pela qual pode lutar (cf.: Segalen, 1999: 158). Outro factor que transformou a instituição familiar foi a forma como, durante séculos, se compreendeu e se viu o indivíduo, isto é, considerou-se que este vivia para a família; contemporaneamente, admite-se o princípio que o indivíduo tem direito a ser feliz, seja dentro ou fora da estrutura familiar. A ampliar a reconfiguração da família contribuiu, também, o desenvolvimento paulatino - em alguns países da Europa e Portugal não é excepção - de novas formas familiares, tal como as novas formas de conjugalidade e parentalidade, ou seja, as uniões de facto, as famílias monoparentais e as famílias reconstituídas.

Não obstante o surgimento de novos paradigmas familiares, o casamento não deixou de ser celebrado continuando a permanecer, segundo o Código Civil, Art.º 1577, um contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir família, mediante uma comunhão de vida. Contudo, estamos certos, de que deixou de ser a única cerimónia ou ritual de início de vida conjugal, para ser, como no caso da Suécia, Dinamarca e Noruega, um ritual de confirmação de um estado de coabitação em que já se vivia[59].

Panorama Europeu

No enquadramento europeu (EU 15), Portugal apresenta-se como um país onde se regista um *grande número de casamentos*. Já em 1960, juntamente com a Holanda e Dinamarca, Portugal se situava no 3.º lugar da tabela, com uma taxa de 7,8‰, rendidos somente pela Alemanha (9,5‰) e Áustria (8,3‰). Em 2001, esta mesma tendência é assegurada, agora com 5,7 casamentos por mil habitantes, superada somente pela Dinamarca, com 6,6 por mil habitantes (cf.: Eurostat, *Statistiques sociales européennes - Démographie,* 2000).

---

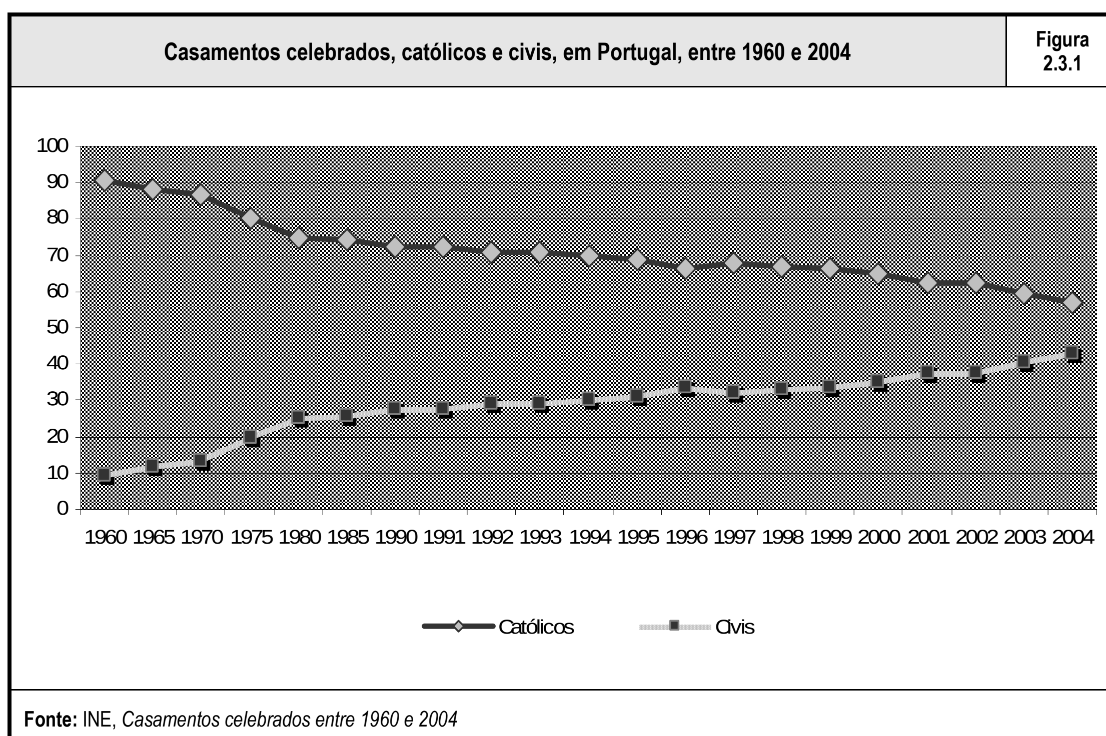
[59] "O *rito de passagem* parece ter-se tornado, cada vez mais, um rito de *confirmação*" (Cf.: Trost in Saraceno, 1997: 105.

Panorama Nacional

Considerando o total da população, e tendo por base a unidade de 1 por 1000, observa-se uma tendência para a queda da *taxa de nupcialidade*, que se vem acentuando de ano para ano, especialmente nestes últimos: em 1972 era de 9,1‰; em 1980 e em 1990, de 7,3‰; em 1995 de 6,6‰; em 2000, de 6,2‰; em 2001, de 5,7‰; em 2002, de 5,4‰ e, em 2004, de 4,7‰ (cf.: INE, *Taxa de Nupcialidade,* 1972-2002). Resumindo, em pouco mais de 30 anos, a *taxa de nupcialidade* caiu para cerca de 50%.

Em relação à ***forma de celebração do casamento***, a maioria destes são *católicos*, pese embora a tendência gradativa para a celebração *não católica*. Num olhar retrospectivo e reportando-nos ao ano de 1960, constatamos que dos 69.457 casamentos celebrados, 91% foram *católicos* e somente 9% foram *não católicos*; 20 anos mais tarde, somente 75% dos casamentos eram *católicos*, diminuindo este número para 73%, em 1990. Poder-se-ia apontar a viragem da década de 70 para 80, como o primeiro período em que foi visível a diminuição dos casamentos católicos e o consequente aumento dos não católicos; entre 1975 e 1980, houve um aumento de 5% de casamentos não católicos, o que, na época, representa um acréscimo muito significativo. A partir do ano 2001, esta tendência é mais acentuada, pois, dos 58.390 casamentos realizados, 37% *não* são *católicos*; chegando estes últimos a 43%, em 2004 (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 1960-2004). Tal como é visível na Figura 2.3.1, as linhas de tendência dos casamentos quase que se sobrepõem, facto que, pelo que nos é dado sociologicamente ver, não tardará a advir. Quando esta circunstância ocorrer, é sinal de que teremos tantos casamentos *católicos* como *não católicos* (cf.: F. 2.3.1 e 2.3.2 e Q. 2.3.1).

Casamentos celebrados, católicos e civis, em Portugal, entre 1960 e 2004 — **Figura 2.3.1**

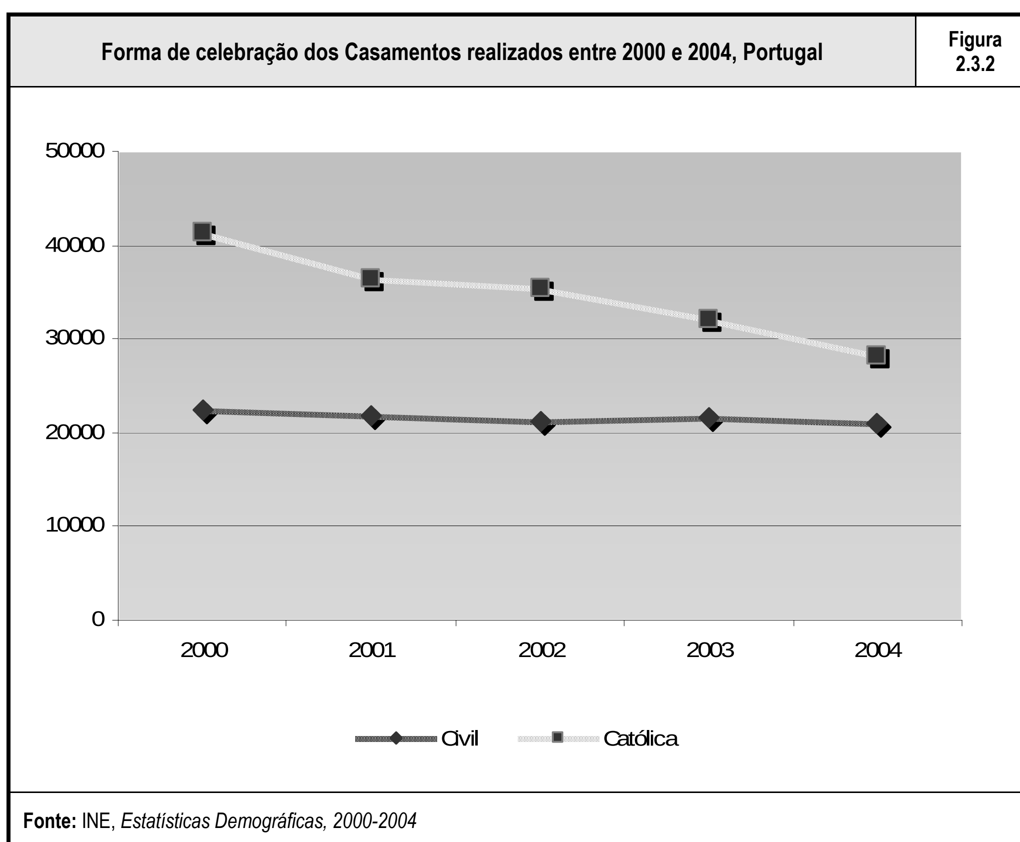


Fonte: INE, *Casamentos celebrados entre 1960 e 2004*

Casamentos celebrados, por distribuição geográfica do facto, entre 2000-2004, em Portugal — **Quadro 2.3.1**

Região	2000	2001	2002	2003	2004
Portugal	**63.752**	**58.390**	**56.457**	**53.735**	**49.178**
Norte	25.475	22.604	21.849	20.828	19.161
Centro	10.440	9.659	9.201	11.556	10.847
Lisboa e Vale do Tejo	19.855	18.651	18.269	13.100	11.730
Alentejo	2.461	2.338	2.282	3.343	2.887
Algarve	1.855	1.859	1.807	1.809	1.592
Açores	1.827	1.630	1.502	1.541	1.494
Madeira	1.839	1.649	1.547	1.558	1.467

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas, 2000-2004.*



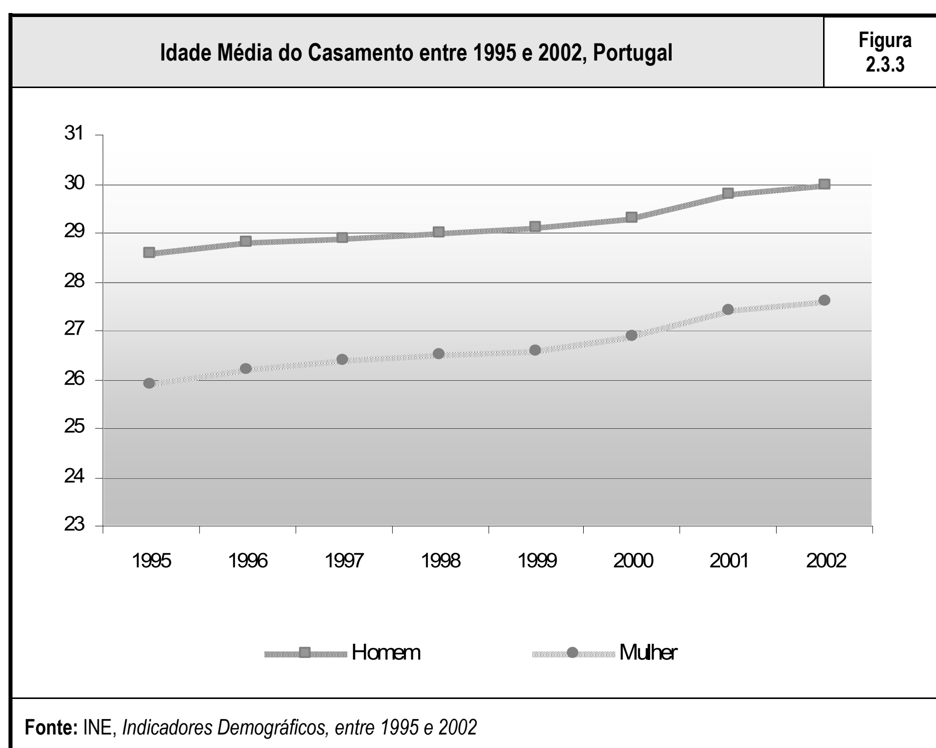
Forma de celebração dos Casamentos realizados entre 2000 e 2004, Portugal — **Figura 2.3.2**

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas, 2000-2004*

Tal como os números nos revelam, a tendência para a diminuição dos *casamentos católicos* é uma realidade que pode denunciar uma certa secularização ou laicização da sociedade. Sendo o casamento um momento em que, geralmente, as pessoas depositam o seu futuro, o que o faz ser considerado, por isso, um marco fundamental e decisivo na vida, e, querendo as pessoas – livremente, agora – contrai-lo à margem das estruturas eclesiais, significa, deste modo, que a Igreja deixou, ou vai deixando, de assistir, pelo menos tal como outrora, aos momentos mais distintos e peculiares da vida da pessoa. Este fenómeno vai acompanhado de uma série de outros relacionados entre si, que expressam estes mesmos sinais, de uma sociedade cada vez mais arredada da Igreja. Referimos, por exemplo:

⇒ **a delonga na idade do casamento** (cf.: F. 2.3.3);

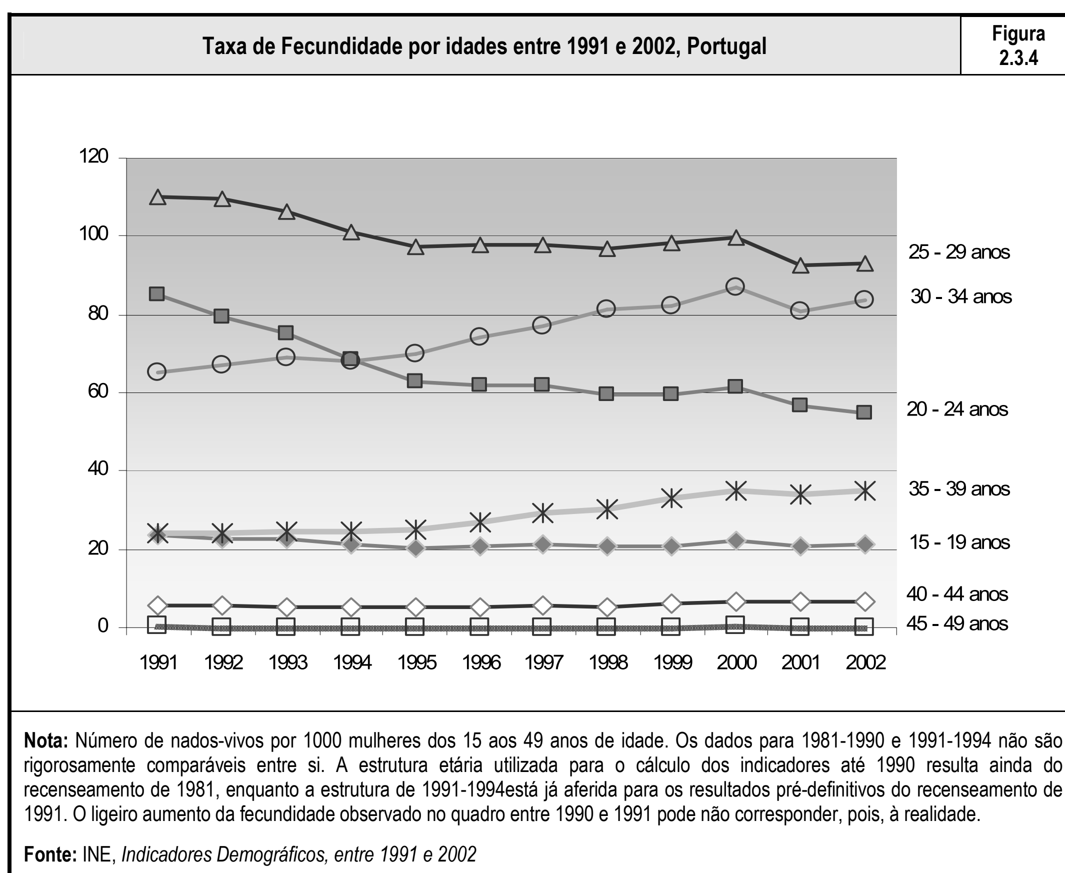
Idade Média do Casamento entre 1995 e 2002, Portugal — **Figura 2.3.3**



Fonte: INE, *Indicadores Demográficos, entre 1995 e 2002*

⇒ **a redução acentuada da fecundidade, com a consequente substituição mutilada das gerações** (cf.: F. 2.3.4);

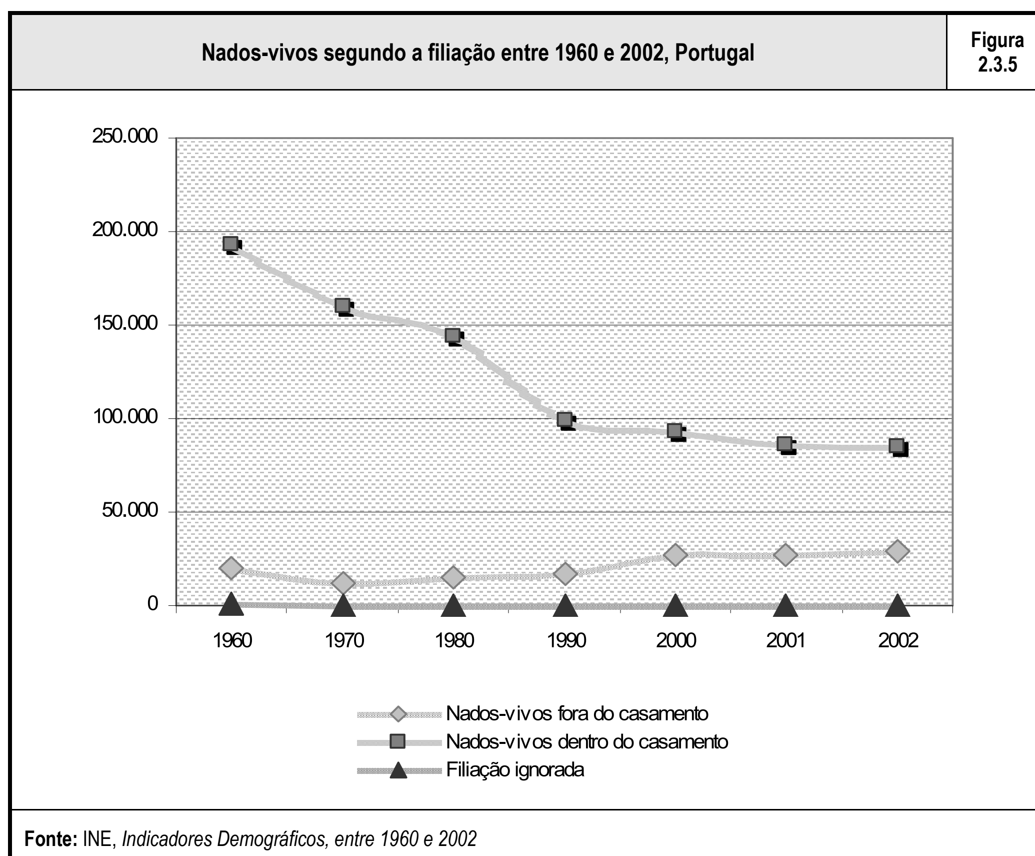
Taxa de Fecundidade por idades entre 1991 e 2002, Portugal — **Figura 2.3.4**



Nota: Número de nados-vivos por 1000 mulheres dos 15 aos 49 anos de idade. Os dados para 1981-1990 e 1991-1994 não são rigorosamente comparáveis entre si. A estrutura etária utilizada para o cálculo dos indicadores até 1990 resulta ainda do recenseamento de 1981, enquanto a estrutura de 1991-1994está já aferida para os resultados pré-definitivos do recenseamento de 1991. O ligeiro aumento da fecundidade observado no quadro entre 1990 e 1991 pode não corresponder, pois, à realidade.

Fonte: INE, *Indicadores Demográficos, entre 1991 e 2002*

⇒ **o aumento de nascimentos fora do casamento** (*ex-ilegítimos*), em 1960, dos 213.895 filhos que nasceram, 9% foram *fora* do casamento, 90% *dentro* e somente 1% de filiação *ignorada*; em 2000, dos 120.071 filhos nascidos, 22% foram *fora* do casamento e 78% *dentro*; em 2002, dos 114.456 filhos nascidos, 25% foram *fora* e 75% *dentro*. Apesar da percentagem dos filhos *dentro* do casamento ser a mais elevada, sobressai o aumento de filhos *fora* do casamento, no decurso dos anos. Em pouco mais de 40 anos, houve um aumento de cerca de 15% de filhos que nasceram fora do casamento (cf.: F. 2.3.5);



Nados-vivos segundo a filiação entre 1960 e 2002, Portugal — **Figura 2.3.5**

Fonte: INE, *Indicadores Demográficos, entre 1960 e 2002*

⇒ **a subida significativa da coabitação** e, de um modo muito notório, o aumento dos divórcios, de que falaremos mais à frente.

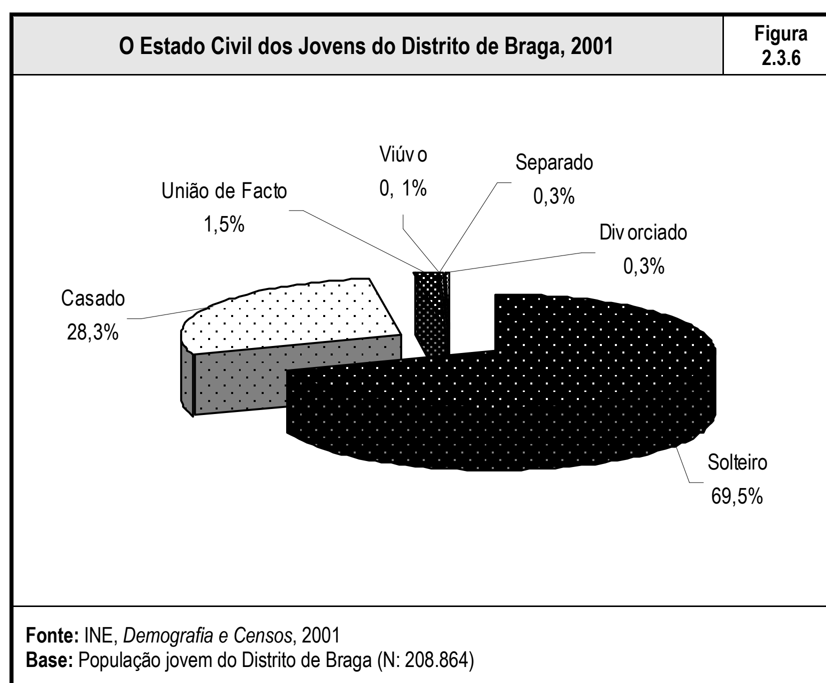
Distrito de Braga

Para se abordar a temática do ***casamento na população jovem*** do Distrito de Braga, recorremos aos Censos e, contrariamente à metodologia que acima utilizamos, vamos, agora, referir somente o número de *jovens casados* no Distrito de Braga, visto não dispormos do número de casamentos celebrados, no referido Distrito.

No Distrito em causa, pelo que se pode interpretar dos Censos de 2001, do total da população jovem (208.864), apenas 28,3% é *casada*, sendo significativamente maior o número dos *solteiros*, com 69,5%. Se se comparar estes números referentes à *população jovem de Braga* com os dos jovens a nível nacional, verifica-se que o Distrito de Braga apresenta uma média de *jovens casados* superior quer à média nacional (22,8%), quer à das diferentes Regiões, exceptuando a Região Autónoma dos Açores, que apresenta uma percentagem de jovens casados de 30,4% (cf.: F. 2.3.6 e Q. 2.3.2).

Estado Civil da População Jovem, segundo as NUTS, 2001							Quadro 2.3.2
	Solteiro	**Casado**	**União de Facto**	**Viúvo**	**Separado**	**Divorciado**	**NN**
Portugal	71,7	22,8	4,5	0,1	0,4	0,5	2.294.248
Norte	70,1	26,6	2,4	0,1	0,4	0,4	860.074
Centro	72,4	23,4	3,2	0,1	0,4	0,5	373.085
Lisboa	73,3	18,5	7,1	0,1	0,4	0,6	757.534
Alentejo	73,2	19,1	6,6	0,1	0,5	0,4	103.290
Algarve	70,9	18,1	9,7	0,1	0,5	0,6	81.608
Madeira	73,4	22,6	2,8	0,1	0,7	0,4	58.375
Açores	66,0	30,4	2,2	0,1	0,6	0,7	60.282

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001



O Estado Civil dos Jovens do Distrito de Braga, 2001 — Figura 2.3.6

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001
Base: População jovem do Distrito de Braga (N: 208.864)

Observando a realidade concelhia do Distrito, observa-se que o Concelho que apresenta, no total da sua população jovem, a maior percentagem de *jovens casados* é o Concelho de Vizela com 33, 9% dos 5.654 jovens, seguido do Concelho de Barcelos com 31,5% dos 32.221 jovens. Do lado oposto, isto é, o Concelho que apresenta, entre a sua população jovem, o menor número de *jovens casados,* situa-se Terras de Bouro, com 21,9% dos 1.805 jovens, seguido do Concelho de Braga, com 23,1% de uma população juvenil de 41.500 indivíduos. À excepção do Concelho de Braga, os Concelhos de Terras de Bouro, Celorico de Basto, Vieira do Minho, Amares e Cabeceiras de Basto – que apresentam marcas de interioridade – são os que apresentam o *menor número de jovens casados*, sendo que é entre os *solteiros* que a maior parte destes jovens se situam (cf.: Q. 2.3.3).

Estado Civil da População Jovem por Concelhos, Braga, 2001 — **Quadro 2.3.3**

	Solteiro	Casado	União de Facto	Viúvo	Separado	Divorciado	NN
Amares	72,3	25,5	1,6	0,1	0,2	0,4	4.666
Barcelos	66,8	31,5	1,1	0,1	0,2	0,3	32.221
Braga	74,0	23,1	2,1	0,0	0,3	0,4	41.500
Esposende	68,2	29,4	1,7	0,0	0,3	0,3	8.429
Terras de Bouro	76,6	21,9	1,2	0,1	0,2	0,1	1.805
Vila Verde	70,5	27,5	1,6	0,1	0,2	0,2	11.627
Fafe	67,3	30,2	1,8	0,1	0,3	0,3	12.880

Guimarães	68,6	29,4	1,3	0,1	0,3	0,3	40.436
Póvoa de Lanhoso	70,4	27,9	1,3	0,2	0,2	0,2	5.751
Vieira do Minho	73,1	24,8	1,6	0,1	0,3	0,1	3.377
Vila Nova de Famalicão	67,0	30,8	1,4	0,1	0,3	0,4	31.243
Vizela	64,6	33,9	1,0	0,0	0,2	0,3	5.654
Cabeceiras de Basto	71,3	26,5	1,5	0,3	0,2	0,3	4.276
Celorico de Basto	74,7	23,9	0,9	0,1	0,3	0,1	4.999
Total	**69,5**	**28,3**	**1,5**	**0,1**	**0,3**	**0,3**	**208.864**
Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001							

Seguindo a tendência da cultura moderna, na qual os jovens, por motivos diversos, se decidem casar mais tarde - entre eles se destaca o prolongamento dos estudos e a consequente entrada tardia no mundo do trabalho (cf.: Alínea 2.5, Cap. 2º da II Parte) -, os jovens do Distrito de Braga não são excepção, atrasando, maioritariamente, a decisão do casamento à idade posterior aos 25 anos, posto que, na faixa etária entre os 15 e os 19 anos, apenas 1,7% dos jovens é casado; dos 20 aos 24 anos, 22,7% e dos 25 aos 29 anos é a maioria, 58%. O prolongamento do casamento para idades cada vez mais tardias verifica-se também ao observar-se que 38,2% da população jovem, entre os 25 e os 29 anos, ainda é solteira. Esta mesma realidade é ainda mais manifesta ao observar-se o panorama nacional, uma vez que, na faixa etária entre os 25 e os 29 anos, apenas 46,8% da população jovem é casada e 43,8% solteira, percentagens muito próximas em idades que tradicionalmente se identificam com o matrimónio (cf.: F. 2.3.6 e Q. 2.3.4).

Estado Civil da População Jovem de Portugal e do Distrito de Braga, por faixas etárias, 2001								**Quadro 2.3.4**
		Solteiro	**Casado**	**União de Facto**	**Viúvo**	**Separado**	**Divorciado**	**NN**
PORTUGAL								
De 15 a 19 anos	N	668.809	10.390	9.172	69	167	79	688.686
	%	*97,1*	*1,5*	*1,3*	*0,01*	*0,02*	*0,01*	
De 20 a 24 anos	N	618.702	130.131	36.611	796	2.595	2.066	790.901
	%	*78,2*	*16,5*	*4,6*	*0,10*	*0,33*	*0,26*	
De 25 a 29 anos	N	357.220	381.536	58.366	1.517	6.696	9.326	814.661
	%	*43,8*	*46,8*	*7,2*	*0,19*	*0,82*	*1,14*	
NN		**1.644.731**	**522.057**	**104.149**	**2.382**	**9.458**	**11.471**	**2.294.248**
BRAGA								
De 15 a 19	N	64.118	1.088	363	4	8	1	65.582

anos	%	*97,8*	*1,7*	*0,6*	*0,01*	*0,01*	*0*	
De 20 a 24 anos	N	53.377	16.041	1.076	53	146	103	70.796
	%	*75,4*	*22,7*	*1,5*	*0,07*	*0,21*	*0,15*	
De 25 a 29 anos	N	27.712	42.008	1.723	111	416	516	72.486
	%	*38,2*	*58*	*2,4*	*0,15*	*0,57*	*0,71*	
NN		**145.207**	**59.137**	**3.162**	**168**	**570**	**620**	**208.864**

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001

2.4. Divórcio

Relacionado com o *casamento* está a questão do *divórcio*, na medida em que este abalou o modelo da "família ocidental". Este modelo familiar, tal como anteriormente era concebido, perdeu as suas referências. O casamento passou, assim, a tornar-se mais um projecto individual, do que um projecto em comum (cf.: Burguiére, 1999: 31). Deste modo, a coabitação juvenil, o divórcio, os nascimentos fora do casamento já não constituem uma excepção, mas são a causa da transformação dos processos de relações familiares (cf.: *ibidem*, 32).

Panorama Europeu

Olhando para o panorama europeu, em 2002, a taxa de divórcio em Portugal (2,7%) equipara-se aos países da União Europeia que possuem os indicadores mais elevados na proporção entre o número de divórcios legais com a população residente. Não obstante existir a diferença de um ano no período de referência, segundo os dados disponíveis dos outros países da União Europeia referidos em 2001, comprova-se que Portugal passou a ocupar os primeiros lugares no conjunto dos países comunitários, relativamente à taxa de divórcio.

Na Irlanda, houve 0,7% de divórcios por mil habitantes e na Grécia a proporção foi de 0,9%. No Luxemburgo e nos Países Baixos, a taxa de divórcios foi de 2,3%, na Suécia e na Finlândia de 2,4% e de 2,5%, respectivamente. As percentagens mais elevadas situaram-se na Dinamarca (2,7%) e na Bélgica (2,9%) (cf.: Eurostat, *Statistiques sociales européennes - Démographie*, 2001).

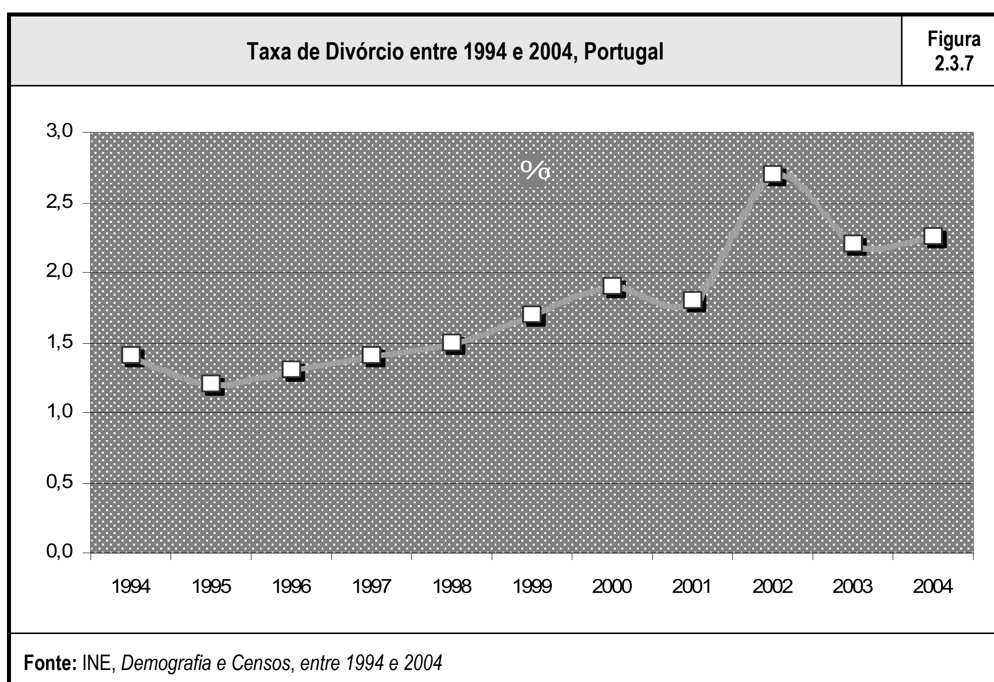
Panorama Nacional

Voltando agora o olhar para o nosso caso, em dez anos, entre 1991 e 2001, o número de divórcios quase que duplicou em Portugal, passamos de 10.619 para 19.044 divórcios; contudo, em 2002, este número sofre um grande acréscimo, passando de uma taxa de 1,8‰ em 2001, para 2,7‰ em 2002 (cf.: Q. 2.3.5 e F. 2.3.7 e F. 2.3.8). Numa análise retrospectiva, este aumento foi o mais elevado de sempre, constituindo, proporcionalmente, a maior variação desde 1977. Os anos consecutivos, entre 2003 e 2004, não foram, comparativamente a 2002, tão dramáticos, não obstante, em 2004, o número de divórcios ter sido de 23.161. Entre 2001 e 2004, houve um aumento de divórcios em 22%. Estes números gradativos revelam que o *ratio* entre *divórcios e casamentos* não pára de aumentar, pois, não recuando muito no tempo - porque quanto mais o fizéssemos, mais seria a variância -, vemos que, em 2000, por cada 100 casamentos celebrados 30 resultavam em divórcios, e, passados 4 anos, este número ascende a 48. Isto leva-nos a pensar que, nos tempos que correm, quase metade dos casamentos celebrados resultam em divórcio (cf.: INE, Casamentos/divórcios, entre 2000-2004).

Tal como a opção pelo casamento tem sido retardada – em 1994, os homens celebraram o primeiro casamento, em média, com 26,7 anos de idade e as mulheres com 24,8; em 2004, os homens com 28,6 anos e as mulheres com 27 –, assim também, consequentemente, a idade média ao divórcio, entre 1994 e 2004, tem vindo a aumentar, rondando os 43 anos para os homens e os 40 para as mulheres (cf.: INE, Idade média ao divórcio, entre 1994-2004). É na região de Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve que mais se manifesta esta tendência e, a contradizê-la, situa-se a Região Autónoma dos Açores, onde os jovens casam, pela *primeira vez,* mais cedo, com 26,3 anos para os homens e 24,0 para as mulheres, isto referindo-nos ao ano de 2004.

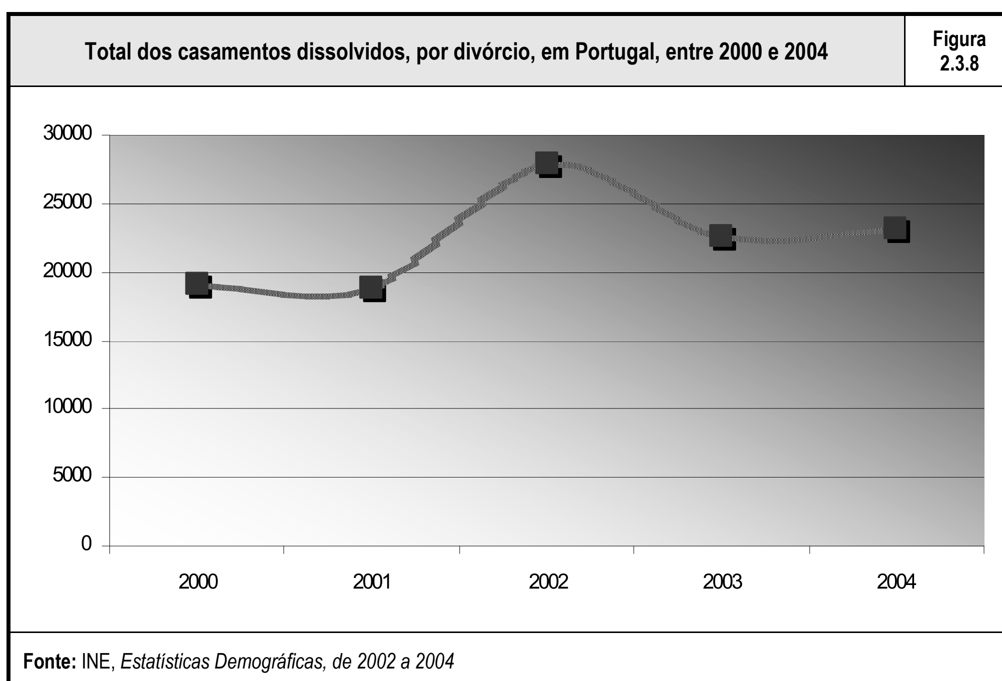
Não podemos esquecer que as últimas alterações no quadro jurídico para a tramitação processual do divórcio, ajudaram a contribuir, também, para o aumento dos divórcios.

Taxa de Divórcio entre 1994 e 2004, Portugal — Figura 2.3.7



Fonte: INE, *Demografia e Censos, entre 1994 e 2004*

Total dos casamentos dissolvidos, por divórcio, em Portugal, entre 2000 e 2004 — Figura 2.3.8



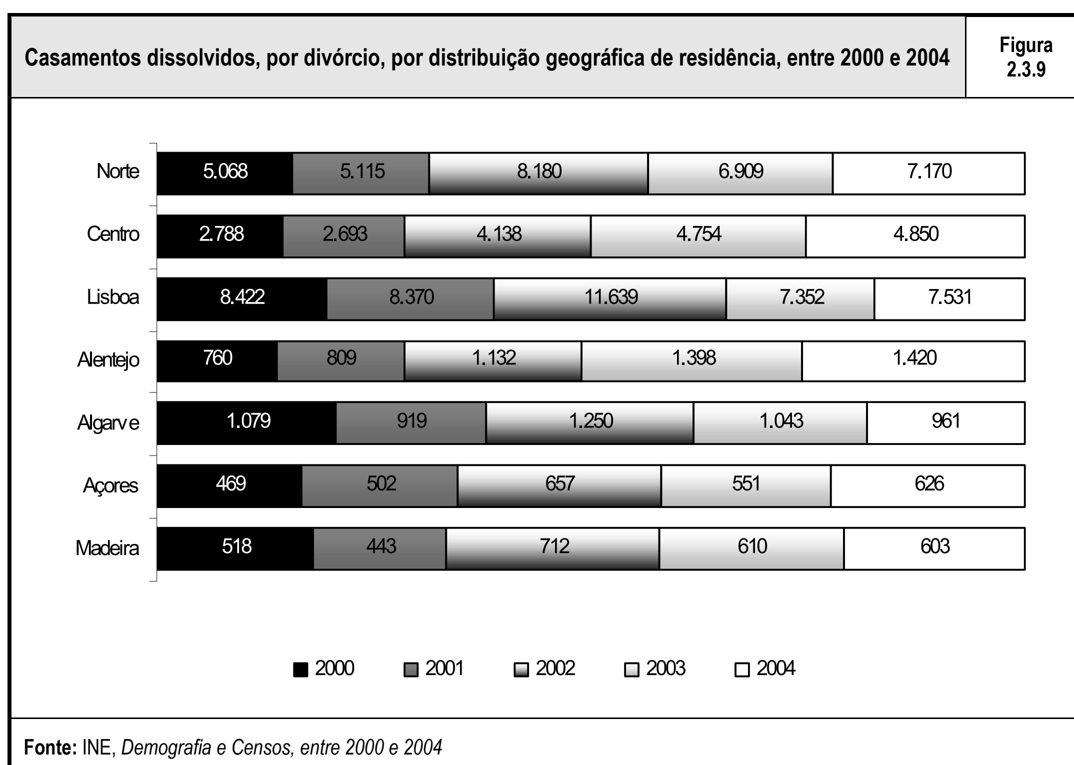
Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas, de 2002 a 2004*

Casamentos dissolvidos, por divórcio, em Portugal, entre 1991, 2001 a 2004	Quadro 2.3.5
Ano:	Divórcios
1991	10.619
2001	19.044
2002	27.708
2003	22.617
2004	23.161

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas de 1991, 2001-2004*

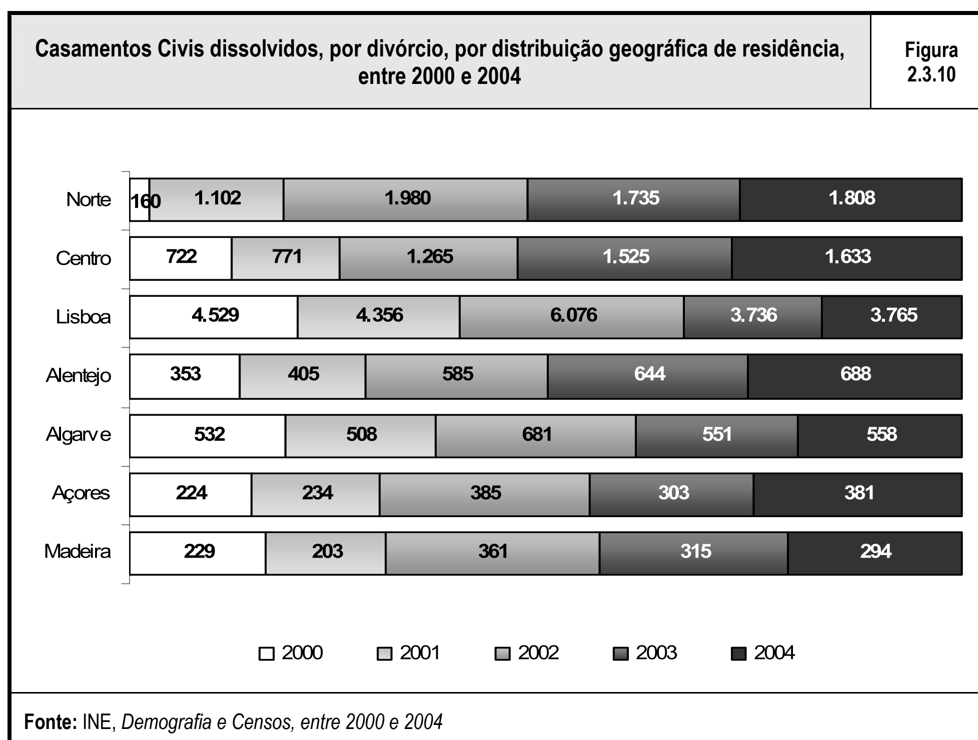
Em relação à distribuição geográfica, como se pode ler na Figura 2.3.9, Lisboa aparece como a região onde se regista o maior número de divórcios, sendo as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, onde se regista o menor. Entre 2003 e 2004, a região do Norte segue a mesma tendência que a região de Lisboa quanto ao crescimento de divórcios, no entanto aquela é levemente superada por Lisboa.

Casamentos dissolvidos, por divórcio, por distribuição geográfica de residência, entre 2000 e 2004 — **Figura 2.3.9**



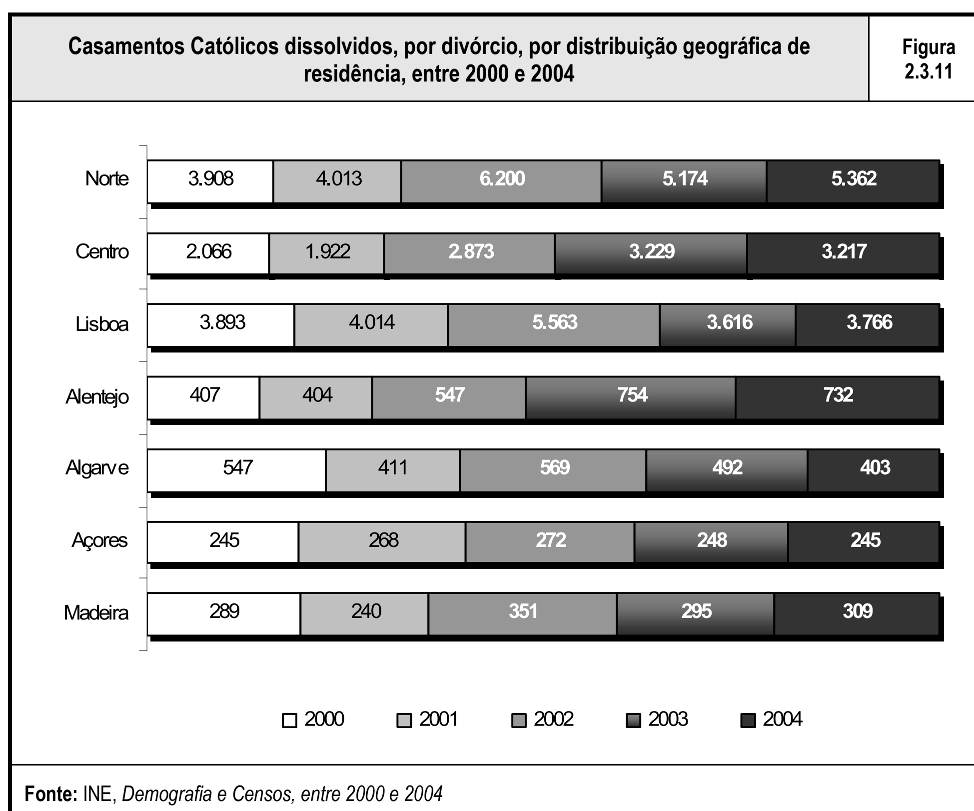
Fonte: INE, *Demografia e Censos, entre 2000 e 2004*

Quanto à ***celebração dos casamentos resultantes em divórcio***, Lisboa aparece como a região em que mais ***casamentos civis*** foram dissolvidos em divórcio. O ano 2002, também aqui, surge como o ano em que mais *casamentos civis* se dissolveram (cf.: F. 2.3.10).



Significativamente diferente é a análise dos ***casamentos católicos que resultaram em divórcio***, pois, foi no Norte, seguido de Lisboa que mais casamentos católicos se celebraram e que resultaram em divórcios. 2002, continua, também em relação à dissolução dos ***casamentos católicos***, a ser o ano que atinge os picos mais elevados, verificando-se uma descida referente aos anos de 2003 e 2004; contudo, esta tendência é significativamente diferente para a região do Centro, que atinge o grau mais elevado de divorcialidade, tendo tido a celebração católica, em 2003 (cf.: F. 2.3.11).

Casamentos Católicos dissolvidos, por divórcio, por distribuição geográfica de residência, entre 2000 e 2004 — **Figura 2.3.11**



Fonte: INE, *Demografia e Censos, entre 2000 e 2004*

Tendo por base os dados anteriormente referidos assim como as explicações apontadas, apercebe-se que, cada vez mais, muitos são os que vêem o casamento como um projecto negociável e não como um compromisso para toda a vida. Assim se contribui para a explicação do aumento de divórcios, nos últimos anos.

A isto tem ajudado os meios de comunicação social que vêm exibindo desde há anos, como notícia principal, as peripécias em torno das negociações dos casamentos. Vemos como as personagens produzidas pelos média, paradigmáticas da nossa sociedade, tais como os modelos, os futebolistas, os animadores e os humoristas, não só se casam e descasam com tremenda facilidade, como também assumem os seus compromissos conjugais como um espectáculo, como produtores profissionais, chegando, por vezes, a vender os direitos exclusivos de transmissão e informação do casamento em determinados meios de comunicação.

Não nos estranha que em muitos casamentos se gaste mais energias e se dedique mais tempo aos aspectos visuais e de produção, como a decoração do templo, o vestido de noiva, a filmagem da cerimónia e o banquete, do que o próprio sentido da união.

O casamento, deste modo e tal como se vem organizando, chega a converter-se, em grande medida, em espectáculo, em ornato, consumo ou negócio, isto é, trata-se de um acto meramente social, o que chamaríamos de *casamento social*.

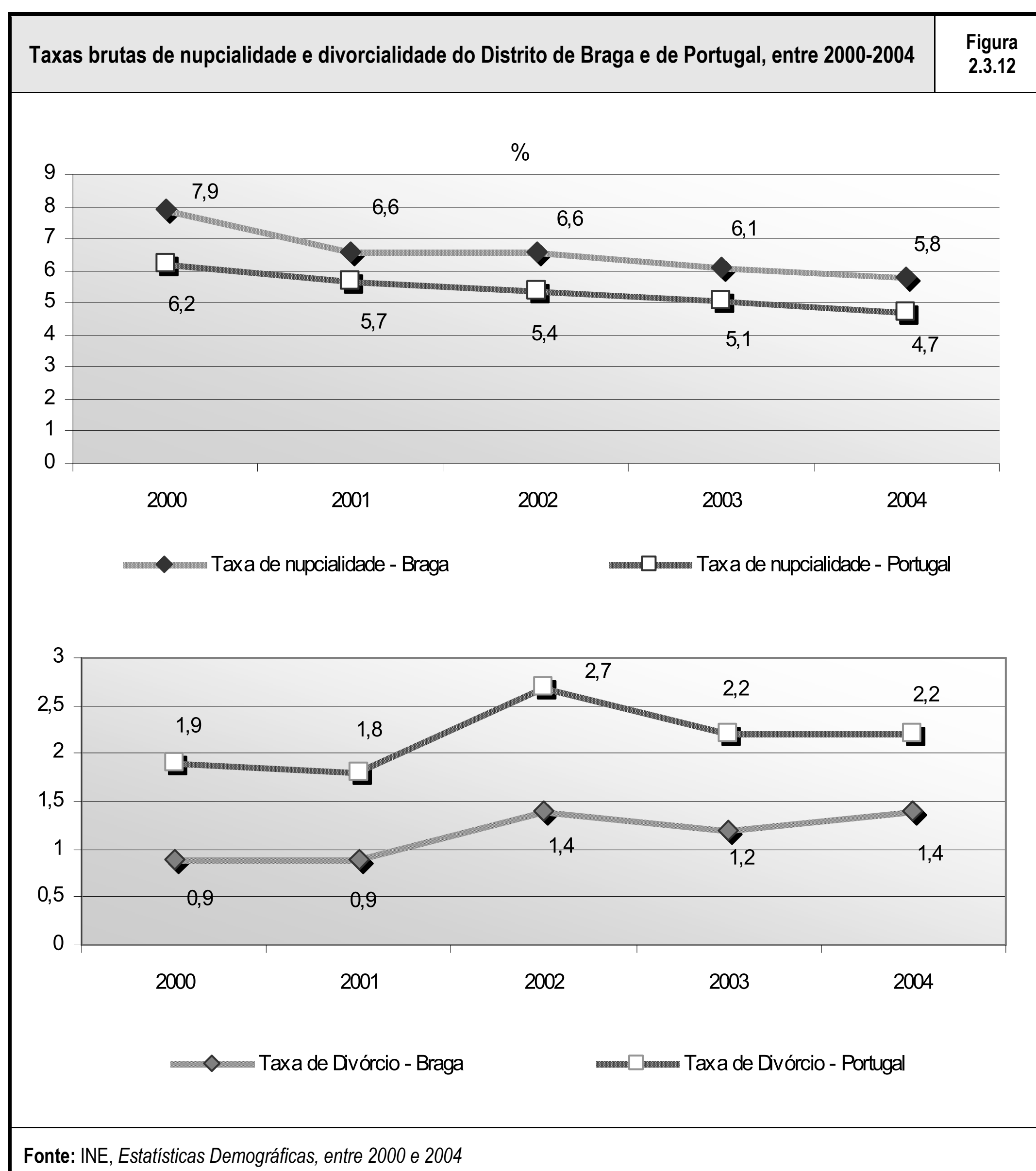
Esta metamorfose que vem desvirtuando o casamento deve-se, de um modo muito especial, à transformação que a família tem vindo a viver. É comum dizer-se que o actual ambiente sócio-cultural não favorece a saudável relação familiar. É natural que se as diversas instituições modernas estão em declínio, ou pelo menos em adaptação aos tempos modernos, também é compreensível que a identidade familiar seja reconfigurada em relação aos novos desafios sociais.

Segundo o inquérito "Conflito de Gerações, Conflito de Valores", realizado em 1986 a jovens universitários, concluiu-se que estes, na sua maioria, não estranham a ideia do divórcio, sendo apenas 4% os que consideram o casamento como indissolúvel. Do total dos jovens inquiridos, 42% concordam com o divórcio, porque consideram que é a "solução para situações muito graves de desarmonia conjugal", 23% dizem que é a "expressão natural da liberdade" e 13% dizem que o divórcio "possibilita a verdade total do amor" (cf.: Figueiredo, 1988).

A tendência registada nos últimos 10 anos, em relação aos casamentos dissolvidos em divórcio, demonstra um crescimento acentuado dos divórcios em casamentos com poucos anos (de 0 aos 4 anos) que, em termos relativos, passaram de 12,2%, em 1995, para 19,7%, em 2002. Contudo, até nos casamentos que mais perduraram, se observou uma tendência do crescimento das rupturas. Nos últimos 10 anos, os divórcios de casamentos com 25 ou mais anos aumentaram, passando de 13,0% (1993) para 14,7% (2002) (cf.: INE, *Estatísticas Demográficas*).

Distrito de Braga

Tal como podemos observar na Figura 2.3.12, Braga, ainda que exibindo outras percentagens, segue as tendências da divorcialidade e da nupcialidade de Portugal. Também nesta figura se pode constatar o acréscimo contínuo do número de divórcios que, em 2004, atinge a taxa bruta de divorcialidade em 1,4 divórcios por mil habitantes, tendente a convergir com a taxa bruta de nupcialidade.



Taxas brutas de nupcialidade e divorcialidade do Distrito de Braga e de Portugal, entre 2000-2004 — **Figura 2.3.12**

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas, entre 2000 e 2004*

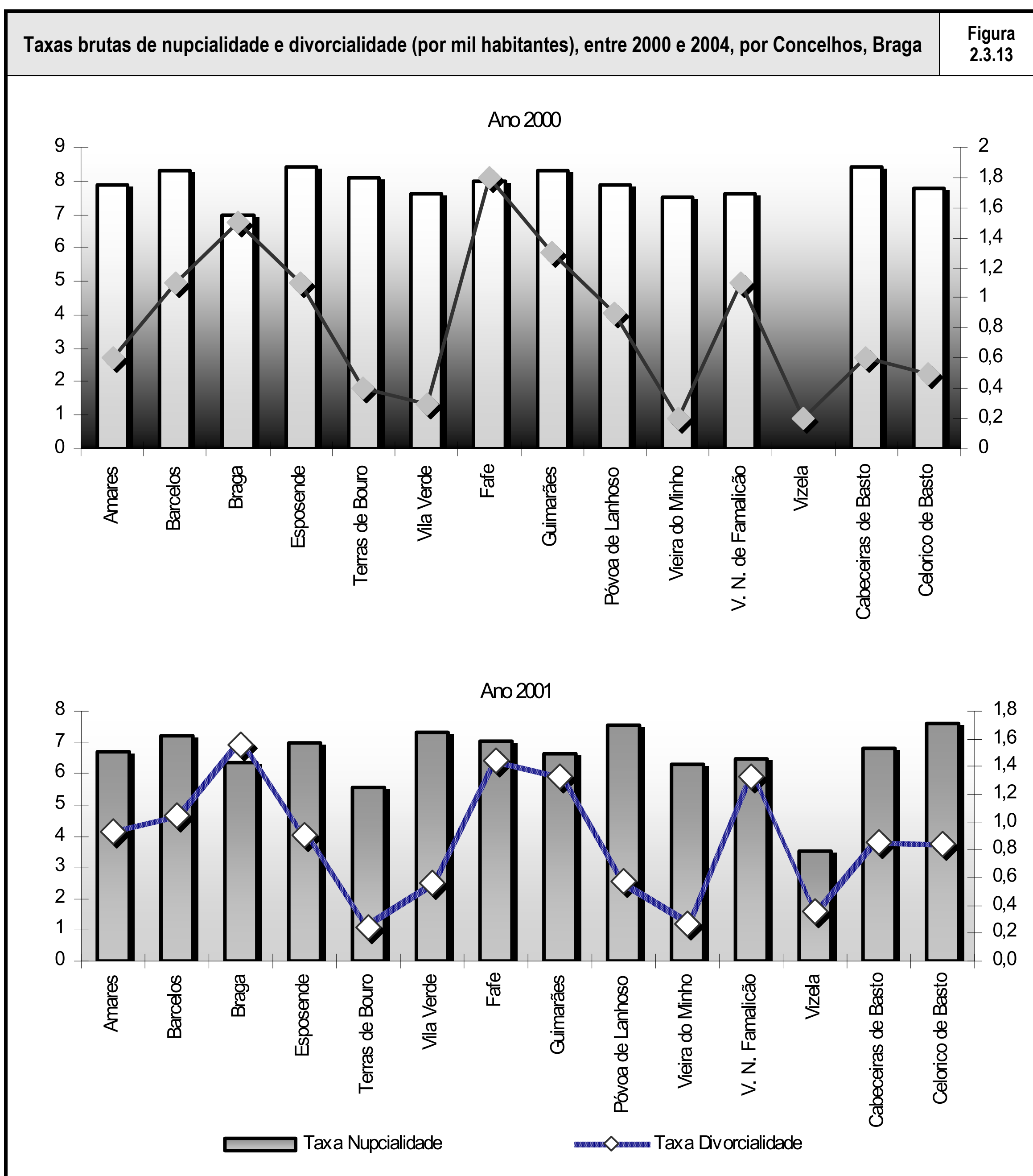
Quanto à taxa de ***divorcialidade*** nos Concelhos, verifica-se que o Concelho de Braga foi o que registou, entre 2000 e 2004, o *valor mais alto*, revelando que, 3 em cada mil pessoas, se divorciaram, contudo esta taxa diminuiu um ponto no ano seguinte, voltando a mostrar uma tendência gradativa em 2004. Além de Braga, entre 2003 e 2004, também Esposende, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Vizela, Amares, Celorico de Basto e Barcelos revelam acréscimos significativos no número de divórcios, sendo, o último, o que revela um acréscimo mais envergonhado (de 1,3‰, em 2003 para 1,4‰, em 2004). Há, todavia, Distritos onde *não se verificam alterações*, como é o caso de Cabeceiras de Basto e Famalicão, este último mantém a mesma taxa de 1,7‰, de 2002 a 2004; há também aqueles que apresentam *tendências para um decréscimo*, é o caso de

Terras de Bouro, Guimarães e Fafe, não obstante este último apresentar uma taxa de divórcios muito alta (2,5 divórcios por 1000 habitantes em 2002 e 2003 e 2,4 divórcios em 2004). Em relação a este aspecto da *divorcialidade*, não se manifestam ocorrências de diferenciação entre as regiões rurais e citadinas.

Quanto à conjugação entre a ***formação e a dissolução de casamentos,*** nestes mesmos Concelhos, verifica-se que, no ano 2000, Cabeceiras de Basto e Esposende, ambos com a mesma taxa, foram os Concelhos que apresentaram as taxas mais elevadas de nupcialidade, enquanto que, Fafe e Braga foram os que registaram um maior número de divórcios. No ano de 2001, os Concelhos em que se registaram mais casamentos foram Celorico de Basto e Póvoa de Lanhoso e os que apresentaram mais divórcios foram Braga e Fafe; em 2002, Póvoa de Lanhoso, Vila Verde e Amares foram os Concelhos que registaram um maior número de casamentos, enquanto que Braga e Fafe continuaram a manifestar as mesmas tendências; já em 2003, Póvoa de Lanhoso e Esposende registam o maior número de casamentos e Fafe e Braga voltam a apresentar o maior número de divórcios. Em 2004, os Concelhos de Amares, Terras de Bouro e Cabeceiras de Basto têm o maior número de casamentos e Braga e Fafe – desta vez, ambos com a mesma taxa –, o maior número de divórcios. Em género de resumo, entre 2000 e 2004, os Concelhos que apresentaram as ***taxas de nupcialidade*** mais altas foram Barcelos e Celorico de Basto (ambos com uma taxa de 35‰) e mais baixas foram Vizela (21 ‰) e Vieira do Minho 30‰); da mesma forma, os que registaram as ***taxas de divorcialidade*** mais elevadas foram Fafe e Braga (com 11‰ e 10‰, respectivamente) seguidos de Guimarães e Vila Nova de Famalicão (ambos com 8‰) e mais baixas Terras de Bouro e Vizela (2‰ e 3‰, respectivamente) (cf.: F. 2.3.13).

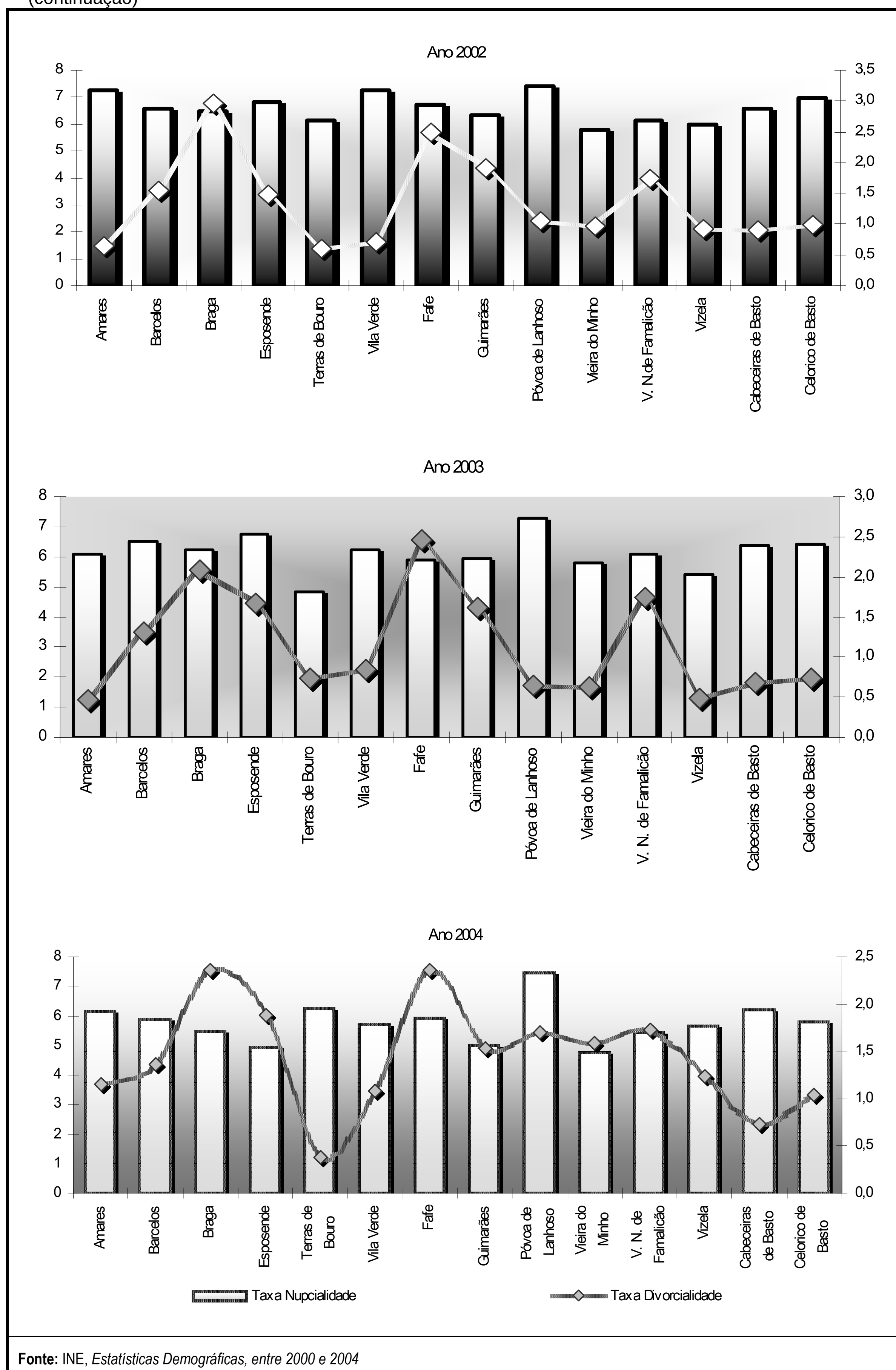
Convém notar que estas taxas, sendo brutas, não têm em conta a estrutura etária das populações em comparação, o que merece, sempre, algumas reservas na interpretação.

Taxas brutas de nupcialidade e divorcialidade (por mil habitantes), entre 2000 e 2004, por Concelhos, Braga — **Figura 2.3.13**



...segue...

(continuação)



Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas, entre 2000 e 2004*

Tal como aconteceu na análise da ***população jovem*** em relação ao casamento, também relativamente ao Divórcio se abordará somente o número de jovens divorciados no Distrito de Braga, não tendo assim em conta o número de casamentos dissolvidos em divórcio, mas de jovens que estavam divorciados aquando os Censos de 2001.

População Jovem Separada e Divorciada, por Concelhos, 2001, Braga				**Quadro 2.3.6**	
		Separado		**Divorciado**	
	NN	**N**	**%**	**N**	**%**
Amares	4.666	9	0,2	17	0,4
Barcelos	32.221	80	0,2	81	0,3
Braga	41.500	124	0,3	150	0,4
Esposende	8.429	29	0,3	28	0,3
Terras de Bouro	1.805	3	0,2	2	0,1
Vila Verde	11.627	24	0,2	18	0,2
Fafe	12.880	39	0,3	38	0,3
Guimarães	40.436	107	0,3	128	0,3
Póvoa de Lanhoso	5.751	9	0,2	12	0,2
Vieira do Minho	3.377	11	0,3	3	0,1
V. N. de Famalicão	31.243	103	0,3	112	0,4
Vizela	5.654	10	0,2	16	0,3
Cabeceiras de Basto	4.276	8	0,2	11	0,3
Celorico de Basto	4.999	14	0,3	4	0,1
Distrito	**208.864**	**570**	**0,3**	**620**	**0,3**

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001

No Distrito em estudo, somente 0,3% dos jovens são divorciados, sendo este valor inferior à percentagem dos jovens a nível nacional (0,5%), bem como à das diferentes Regiões de Portugal (cf.: Q. 2.3.2 e Q.2.3.6).

Debruçando-nos sobre a realidade concelhia, verifica-se que é nos Concelhos de Amares, Braga e Vila Nova de Famalicão onde se regista a maior percentagem de *jovens divorciados*, tendo em conta a população jovem desses mesmos Concelhos, os três com 0,4%, valor acima da média do Distrito (0,3%); com as percentagens mais reduzidas encontramos Terras de Bouro, Vieira do Minho e Celorico de Basto, com 0,1%, respectivamente.

Apesar de se ter abordado somente a questão do divórcio, é importante tornar presente também a questão dos **"separados"**, visto que a percentagem dos jovens que se *encontra separada* é quase equivalente à população *jovem divorciada*. Isto leva-nos a pensar que, embora as percentagens que aferimos pareçam irrisórias na população jovem do Distrito, de facto, estes valores representam já alguma preocupação pela faixa etária em que se enquadram, situação agravada pelo mencionado prolongamento da *idade do casamento*. Esta realidade deixa transparecer algumas transformações comportamentais e de atitude que se vão desvelando na sociedade bracarense, à imagem das sociedades ocidentais e em Portugal.

2.5. União de Facto

Diante do leque de possibilidades familiares que a modernidade oferece aos indivíduos, nenhuma delas se pode arrogar de definitiva, posto que a união de facto não corresponde como uma alternativa simétrica ao casamento. A opção pela união de facto para a vida, não implica necessariamente a rejeição do casamento, até porque, muitas vezes, surge como uma etapa precedente ao próprio casamento e, por vezes, como um meio de evitar o seu fracasso (cf.: Chalvon-Demersay, 1983: 166-167). A verdade é que, de uma ou de outra forma, entre as recentes formas familiares, a convivência de duas pessoas sem se casar, ou seja, a *união de facto*, tem alcançado uma crescente importância, talvez mais no campo teórico do que prático, visto que a opção pelo casamento é ainda a preferência da larga maioria.

Não são muitos os dados de que se dispõe sobre as uniões de facto, visto que se trata de uma realidade nova, pois somente nos resultados definitivos do *XIII e XIV Recenseamento Geral da População* (*Censos 1991 e 2001*, respectivamente), se optou por distinguir, na variável estado civil, as categorias de "casado com registo" e "casado sem registo". Além dos *Censos*, dispõe-se também do *Inquérito à Fecundidade e à Família*, realizado em 1997, também pelo INE, onde se incluía a opção "casados de facto", na variável estado civil.

Utilizamos, neste contexto, as expressões "casado com registo" como casamento em situação legal e "casado sem registo" como sinónimo de "casado de facto" ou a "viver em união de facto" para designar a "situação de toda a pessoa que, independentemente do seu estado civil legal, viva com uma pessoa do sexo oposto, em situação idêntica à de casado, sem que essa situação tenha sido objecto de registo civil"[60].

Panorama Europeu

A contradizer a tendência europeia da diminuição dos casamentos, estão as *uniões de facto* que atingem as taxas mais elevadas nos países nórdicos, entre eles, situa-se a Suécia (27%), a Dinamarca (22%) e a Finlândia (21%), e, paradoxalmente, com as taxas mais baixas, partilhando a mesma percentagem, encontra-se a

---

[60] Cf. Expressões utilizadas nos *Censos* (cf. INE).

Espanha, Grécia e Itália (cada uma com 2%). Em Portugal, segundo esta fonte, cerca de 3% dos casais vivem em uniões de facto (cf.: *Eurostat, Démographie*, 2000 e *Statistiques en bref, Populations et conditions sociales*, 17/2002).

Panorama Nacional

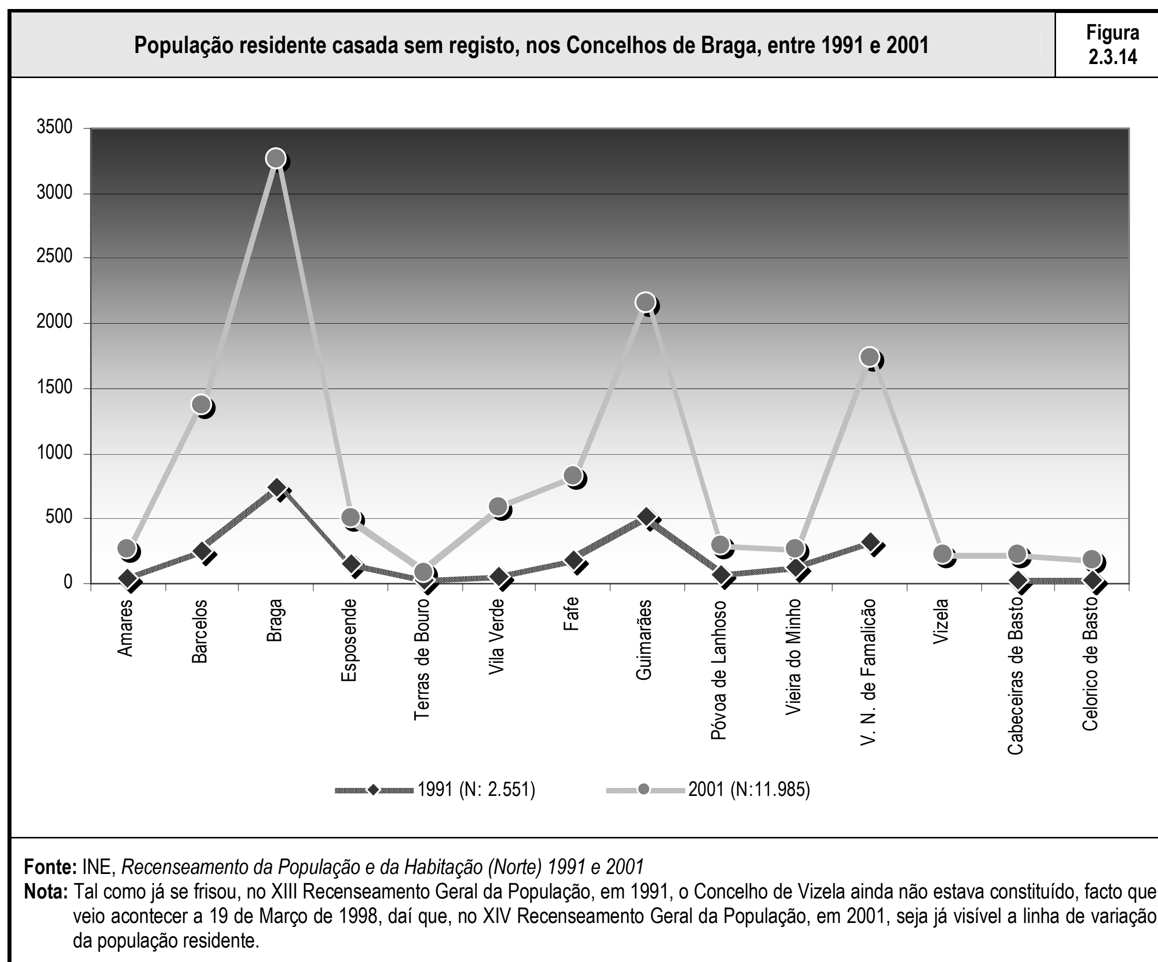
Segundo os dados estatísticos, a coabitação em Portugal continua a ser baixa, embora tenha praticamente duplicado entre 1991 e 2001. Segundo os Censos de 2001, 381.120 indivíduos coabitam, o que corresponde a um aumento de cerca de 96%, comparado com os resultados dos Censos de 1991 (194.315 indivíduos). Cerca de metade da população residente é casada legalmente, ou seja, "casada com registo" (48,8% em 1991 e 49,6% em 2001) e 3,7 pessoas em cada 100, no total da população de 2001, vivia em *união de facto* (em 1991, a percentagem dos "casados sem registo" era de 2%). Entre o total dos *casados*, cerca de 93%, em 2001, estão "casados com registo" e apenas 7 em cada 100 vivem em *união de facto* (cf.: INE, *Demografia e Censos,* 1991 e 2001*).*

Se analisarmos a distribuição geográfica, encontramos a Região Autónoma dos Açores como a região onde se regista o menor número de *uniões de facto* (2%) e, no pólo inverso, situa-se o Algarve, que apresenta uma taxa de cerca de 4% superior à média das *uniões de facto* em Portugal (3,7%). O Norte continua a ser, no panorama continental, a região que trata a conjugalidade de um modo mais institucional, registando o *menor número de uniões de facto* (2,1%), percentagem que contraria as tendências do Sul, tanto do Alentejo (4,9%), como Lisboa e Vale do Tejo (5,6%) e, no extremo, o Algarve, com uma taxa de 7,3% de uniões de facto. Contudo, foi no Norte que se registou o maior aumento, entre 1991 e 2001, de *uniões de facto*, passando-se de 30.265 indivíduos em 1991, para 76.426 em 2001. Este acréscimo, na ordem dos 153%, foi muito acima das variações verificadas em Portugal, que apresentou, entre 1991 e 2001, um aumento de cerca de 96% de *uniões de facto* (cf.: INE, *Demografia e Censos,* 1991 e 2001*).*

Distrito de Braga

Debruçando-nos sobre os Censos de 1991 e 2001, verifica-se que o Distrito de Braga continua a manter uma *baixa taxa de coabitação*, pese embora o aumento, entre 1991 e 2001, em cerca de 5 vezes mais, de *uniões de facto*, passando de 2.551 pessoas que, em 1991, coabitavam, para 11.985, em 2001 (cf.: F. 2.3.14).

População residente casada sem registo, nos Concelhos de Braga, entre 1991 e 2001 — **Figura 2.3.14**



Fonte: INE, *Recenseamento da População e da Habitação (Norte) 1991 e 2001*
Nota: Tal como já se frisou, no XIII Recenseamento Geral da População, em 1991, o Concelho de Vizela ainda não estava constituído, facto que veio acontecer a 19 de Março de 1998, daí que, no XIV Recenseamento Geral da População, em 2001, seja já visível a linha de variação da população residente.

Não obstante, mais de metade da população residente no Distrito, como se pode ler na Figura 2.3.16, é *casada com registo* (50,2%), sendo apenas 1,4% do total da população *casada sem registo*, isto é, vive em situação de *união de facto*.

Observando a realidade concelhia, verifica-se que a percentagem das *uniões de facto* não é homogénea, posto que há Concelhos que apresentam *valores superiores* à média do Distrito, nomeadamente o Concelho de Braga com 2%, Vieira do Minho com 1,8% e Vila Nova de Famalicão com 1,6%; e outros com *valores*

inferiores, dos quais se destacam Celorico de Basto com 0,9%, Vizela e Terras de Bouro com 1% (cf.: Q. 2.3.7).

Na verdade, as *uniões de facto* são uma realidade que vem ganhando, no decurso dos tempos, novas dimensões; todavia, a realidade do Distrito de Braga apresenta ainda *valores inferiores* aos do panorama nacional, dado que em Portugal 3,7% da população se encontra *casada sem registo* e no Distrito de Braga apenas 1,4%.

Este valor pode ser um indicador mais para reforçar a ideia de que o Distrito de que temos vindo a falar continua a manifestar fortes tradições ao nível dos modelos familiares.

População residente segundo o estado civil, Braga, 2001 — **Figura 2.3.15**

União de facto 1,4%
Viúvo 4,9%
Separado 0,5%
Divorciado 0,9%
Solteiro 42,1%
Casasado 50,2%

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001
Base: Total da população do Distrito de Braga (N: 831.366)

População residente *casada sem registo*, por Concelhos, 2001, Braga — **Quadro 2.3.7**

	NN	N	%		NN	N	%
Amares	18.521	263	1,4	**Póvoa de Lanhoso**	22.772	290	1,3
Barcelos	122.096	1.373	1,1	**Vieira do Minho**	14.724	266	1,8
Braga	164.192	3.257	2,0	**V. N. Famalicão**	127.567	1.739	1,4
Esposende	33.325	506	1,5	**Vizela**	22.595	219	1
Terras de Bouro	8.350	81	1	**Cabeceiras de Basto**	17.846	228	1,3
Vila Verde	46.579	591	1,3	**Celorico de Basto**	20.466	185	0,9
Fafe	52.757	830	1,6	**Distrito de Braga**	**831.366**	**11.985**	**1,4**
Guimarães	159.576	2.157	1,4				

Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001

Se nos fixarmos nas ***faixas etárias entre os 15 e os 29 anos***, damo-nos conta que 1,5% destes jovens vivia, segundo os Censos de 2001, em *união de facto*. Esta percentagem, embora pareça reduzida, é significante, quando comparada com a da população geral do Distrito, que é de 1,4% (cf.: F. 2.3.15). Ao observarmos as percentagens por Concelhos, verifica-se que existem algumas disparidades entre os mesmos. Encontramos, por exemplo, o Concelho de Braga com 2,1% de jovens em *união de facto* e o Concelho de Fafe com 1,8%, números acima da média da população jovem do Distrito; por outro lado, o Concelhos de Celorico de Basto com 0,9% e de Vizela com 1%, valores inferiores à média do Distrito (cf.: Q. 2.3.8).

Analisando de um modo mais pormenorizado esta temática por idades, verifica-se que, em 2001, no Distrito de Braga, 363 pessoas, com idades entre os 15 e os 19 anos, viviam em *união de facto* (este valor representa 0,6% do total da população residente no Distrito, com estas idades); 1.076 com idade entre os 20 e os 24 anos (que representa 1,5%) e 1.723 com idade entre os 25 e os 29 anos (valor que representa 2,4% do total da população do Distrito, com estas idades) (cf.: INE, *Demografia e Censos*, 2001). Ao olharmos para estes valores, somos levados a pensar que as *uniões de facto*, além de serem já uma realidade – ainda que a sua expressão não seja muito significativa no Distrito de Braga –, são uma expressão de uma conjugalidade que tende a aumentar, nomeadamente nas camadas mais jovens. Exemplo disso, é número dos jovens que perante a decisão do casamento optam pela *união de facto*, pois, dos 1.451 jovens casados entre os 15 e os 19 anos, 1.088 *casaram com registo* e 363 *sem registo,* correspondendo este número a 25% dos casamentos nesta faixa etária.

Este juízo que fazemos a propósito dos jovens do Distrito é condizente com a situação juvenil europeia que, desde 1996, aponta para um aumento das *uniões de facto*: enquanto que a média europeia de coabitação do *total da população*, nessa altura, era de 8%, a realidade da *população jovem*, entre os 16 e os 29 anos, disparava para 31% (cf.: *Eurostat*, *Living Conditions in Europe – Statistical Pocketbook*, 2000).

Em síntese, podemos dizer que, por um lado, o fenómeno do *casamento, do divórcio e das uniões de facto* parecem desvalorizar os valores das relações familiares, correspondendo ao que alguns autores consideram ser a "crise" ou o "fim da família"; por outro, através de uma observação mais pormenorizada por parte de muitos sociólogos destas temáticas, poder-se-á dizer que a ideia da

transformação da família não significa necessariamente a seu abatimento, nem tampouco o seu fim[61].

População residente jovem *casada sem registo*, por Concelho, 2001, Braga							Quadro 2.3.8
	NN	N	%		NN	N	%
Amares	4.666	74	1,6	**Póvoa de Lanhoso**	5.751	72	1,3
Barcelos	32.221	360	1,1	**Vieira do Minho**	3.377	53	1,6
Braga	41.500	889	2,1	**V. N. Famalicão**	31.243	435	1,4
Esposende	8.429	140	1,7	**Vizela**	5.654	58	1
Terras de Bouro	1.805	21	1,2	**Cabeceiras de Basto**	4.276	64	1,5
Vila Verde	11.627	185	1,6	**Celorico de Basto**	4.999	47	0,9
Fafe	12.880	233	1,8	**Distrito de Braga**	**208.864**	**3.162**	**1,5**
Guimarães	40.436	531	1,3				
Fonte: INE, *Demografia e Censos,* 2001							

[61] (cf. Almeida, Ana, 1995: 34; Fernandes, 1994: 1153-1154; Roussel, 1992[a]: 116; Roussel, 1992: 169; Shorter, 1995: 296; Torres, 1996: 13).

3. INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS CATÓLICOS NA IGREJA

3.1. Pertença e colaboração com a paróquia

O compromisso prioritário da nova evangelização, nos tempos modernos, exige a total recuperação da consciência de índole secular da missão do cristão.

Este compromisso abre, de par em par, os horizontes imensos de quem deseja inserir-se – alguns deles todavia por explorar – no compromisso com o mundo da cultura, da arte, do espectáculo, da investigação científica, do trabalho, dos meios de comunicação, da política, da economia, etc., e pede-lhes a genialidade de criar sempre modalidades mais eficazes para que nestes ambientes encontrem os valores da Igreja.

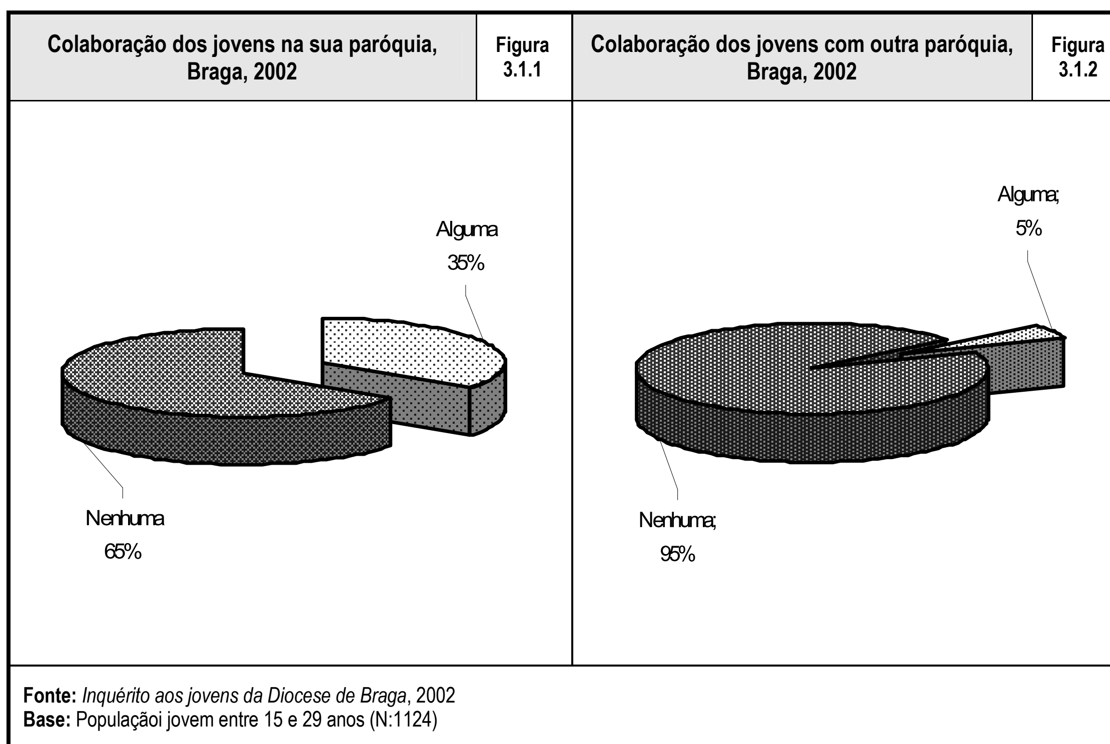
Nos tempos que correm, a Igreja tem que estar aberta à participação de todos e propiciar um bom ambiente a todos quantos queiram ser cristãos nos mais variados trabalhos e momentos da vida. Só assim se compreende o sentido da Igreja na sociedade, estabelecendo pontes entre o religioso e o social.

A paróquia como um espaço intermediário **Etapas do crescimento dos jovens na paróquia**
1. Os jovens, inseridos na sociedade, sentem-se aceites pela paróquia. *2. Os jovens iniciam um processo de amadurecimento pessoal partindo da aceitação de si mesmos.* *3. Os participantes defininem as suas opções de vida, a nível pessoal e grupal, para serem integrados em compromissos concretos e no testemunho de unidade entre a vida e a fé.* *4. Os jovens adquirem um compromisso pessoal a nível paroquial, num processo constante de crescimento, pessoal e comunitário.*

5. Os jovens participam activamente a nível social, dando testemunho da sua fé, como estudantes ou trabalhadores, participando activamente em acções a favor do crescimento íntegro e harmonioso da sociedade.

No *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, em 2002, 4 em cada 10 jovens dizem que pertencem e colaboram com a sua paróquia e apenas 5% afirmam que colaboram com outra paróquia que não a sua. Estes números ou percentagens compreendem-se pela mobilidade que existe no mundo do trabalho e estudantil (cf.: F. 3.1.1 e 3.1.2 e T. 3.1).

De toda a população do Distrito de Braga, 26% são jovens e destes quase a totalidade se declara católica. Contudo, nem 50% colabora com a paróquia.



Colaboração dos jovens na sua paróquia, Braga, 2002 — **Figura 3.1.1**

Colaboração dos jovens com outra paróquia, Braga, 2002 — **Figura 3.1.2**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: Populaçãoi jovem entre 15 e 29 anos (N:1124)

Dos que dizem que colaboram com a paróquia, as actividades em que mais participam são, por ordem decrescente, o *ministério de leitor, membros do coro* e *catequistas.*

Estas são as actividades onde participam mais jovens, o que não é de estranhar, porque, em geral, são nestas actividades e ministérios onde participam grande parte dos católicos que colaboram com a paróquia.

Tanto os *leitores* como o *membro do coro* exercem funções na Eucaristia, enquanto que o *catequista* prepara e forma as pessoas para a vida cristã. A missão do catequista, em particular, depende em grande medida do seu compromisso e da sua generosidade ao serviço da Igreja.

Existem outras funções paroquiais, como por exemplo, o *Ministério Extraordinário da Comunhão, o Conselho Económico e o Conselho Pastoral*, que são desempenhadas por pessoas um pouco mais experientes, uma vez que se trata de funções que exigem um saber e um maturidade peculiar. Por esta razão, é pouco significativa a percentagem de jovens que assumem estas funções (cf.: F. 3.1.3 e T. 3.1).

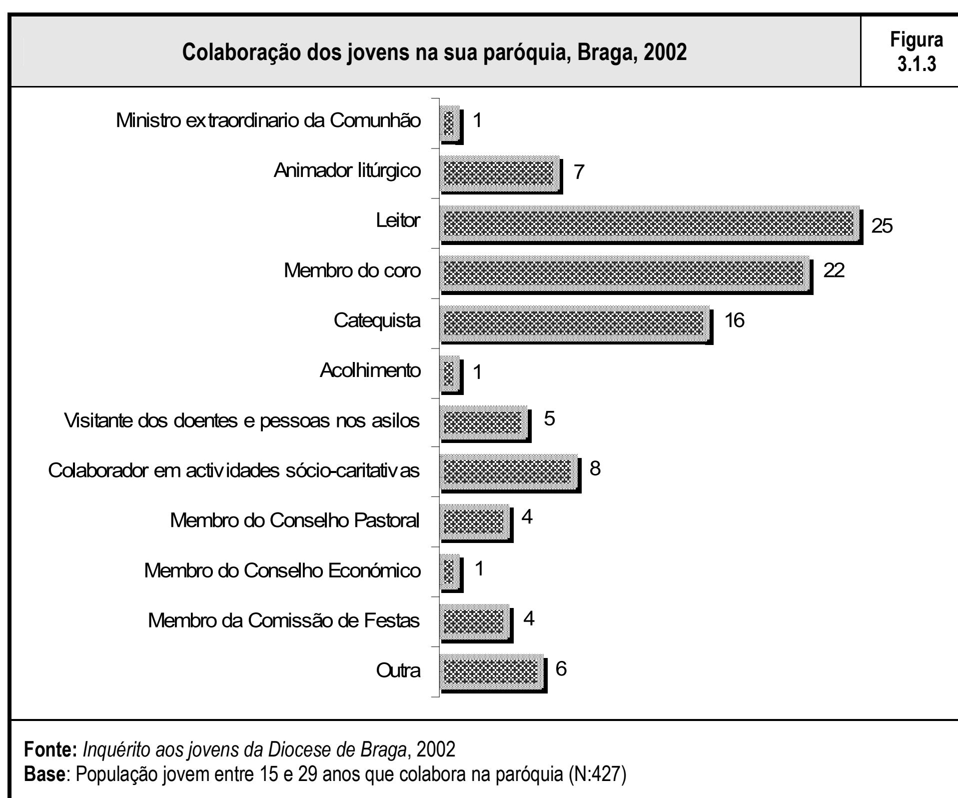
Tal como temos vindo a dizer no decorrer destas páginas, a mulher desempenha um papel diferente do homem dentro da Igreja, comprometendo-se e dando mais de si. Pois, ainda que se trata de atitudes que deveriam ser típicas de todos os baptizados, na realidade a mulher vive com especial intensidade e naturalidade as distintas actividades desempenhadas na Igreja. Por esta razão, compreende-se que sejam mais as mulheres que tenham uma participação e colaboração mais activa nas diferentes actividades da paróquia. Sobressai a participação no *acolhimento*, na *catequese*, no *coro* e no ministério de *leitor*.

É interessante realçar que, visto que as mulheres se entregam mais às actividades de relação mais directa com os outros[62], os homens desempenham funções mais consultivas e formais, tais como, ser membro do Conselho Pastoral e da Comissão de Festas (cf.: F. 3.1.4 e T. 3.1).

Em género de conclusão deste capítulo, cremos que dá que pensar o facto de que uma percentagem significativa dos jovens que se consideram *católicos praticantes* não colaboram nem desempenham nenhuma actividade na paróquia, levando-nos a crer que estes jovens definem a sua prática religiosa apenas pela participação nas modalidades da prática religiosa (Missa, Comunhão e Confissão).

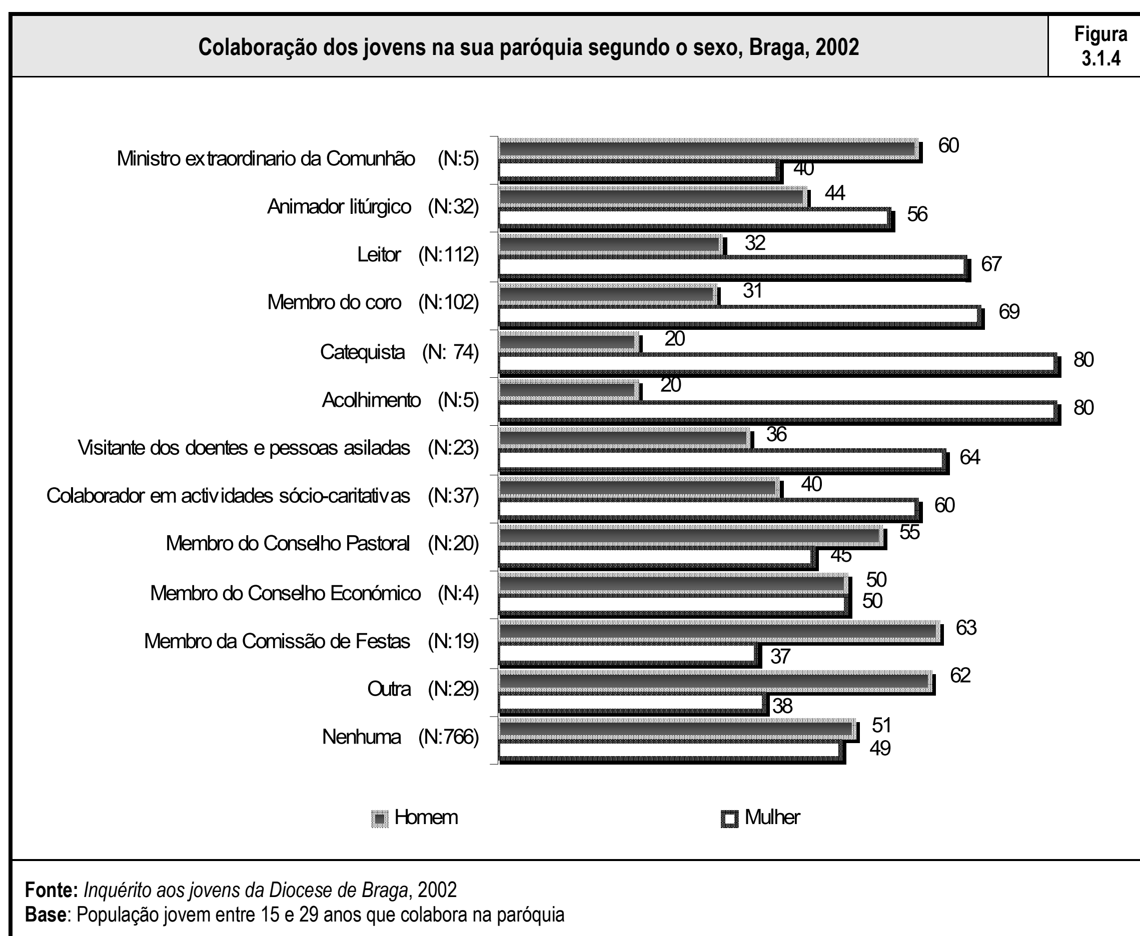
[62] Nesta perspectiva, o que se chama "feminilidade" é mais que um simples atributo do sexo feminino. A palavra designa, com efeito, a capacidade fundamental humana de viver para o outro e graças ao outro. Portanto, a promoção da mulher dentro da sociedade tem que ser compreendida e procurada como uma humanização, realizada graças aos valores redescobertos pelas mulheres.

Colaboração dos jovens na sua paróquia, Braga, 2002 — Figura 3.1.3



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que colabora na paróquia (N:427)

Colaboração dos jovens na sua paróquia segundo o sexo, Braga, 2002 — Figura 3.1.4

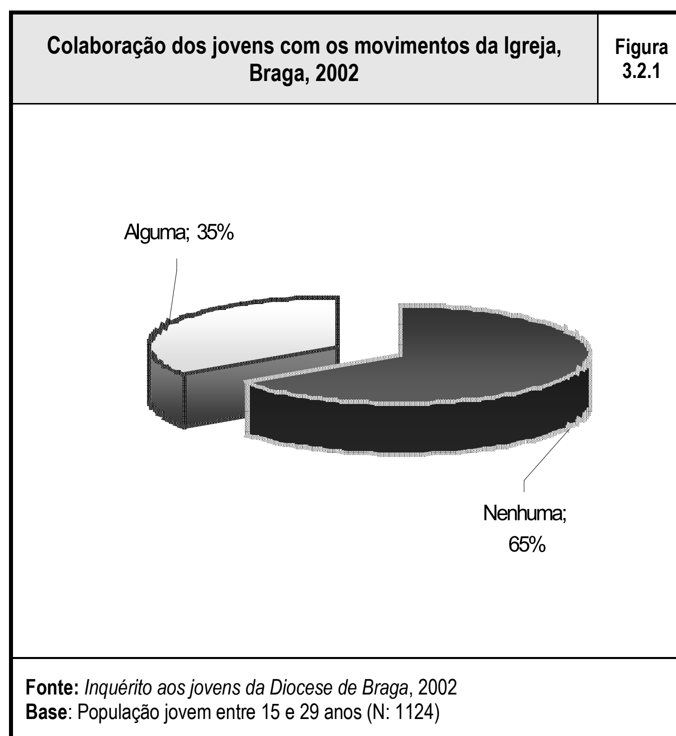


Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que colabora na paróquia

3.2. Colaboração com os movimentos ou grupos da Igreja

Neste capítulo, vamos tratar dos movimentos que a Igreja dispõe ao serviço dos jovens; diferenciamos estes movimentos dos do capítulo anterior porque, os primeiros estão associados à organização e à estrutura paroquial (muitos dos quais estão inter-ligados intrinsecamente à Eucaristia), os segundos envolvem os jovens numa dinâmica espiritual e social, na medida em que fomentam a maturidade da fé, a convivência com os outros e com a própria sociedade, pois muitos destes grupos ou movimentos trabalham no serviço da comunidade.

À pergunta se *pertencem a algum dos seguintes grupos ou movimentos da Igreja*, 35% dos jovens responderam positivamente, os quais disseram pertencer, de uma forma mais significativa, aos grupos juvenis paroquiais e ao movimento de escutismo (cf.: F. 3.2.1, Q. 3.1.1 e T. 3.2).



Colaboração dos jovens com os movimentos da Igreja, Braga, 2002 — **Figura 3.2.1**

Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos (N: 1124)

Movimentos da Igreja a que os Jovens pertencem, Braga, 2002 %	Quadro 3.1.1
Os pontos aqui apresentados estão por ordem de preferência dos jovens	
Grupo juvenil paroquial/Jovens em "Caminhada"	47.
Corpo Nacional de Escutas/Associação Guias de Portugal	31.
Convívios fraternos/"Shalom"	6.
Legião de Maria/Acção Católica	2.
Movimento "Focolares"/Jovens sem Fronteira/Equipas Jovens de Nossa Senhora/"Renovação" Carismática/Comunidade de Vida Cristã	5.
Outro(s)	9.
Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002	

Por que se ligam a estes grupos os jovens? Entre outras hipóteses, preferimos a tese sustentada por Almond e Verba (cf.: 1989), dizendo que é devido à existência de um certo nível de confiança interpessoal entre os indivíduos que pertencem ao mesmo grupo. De facto, é verdade que, em certa medida, os grupos relacionados com a Igreja estimulam, em primeiro lugar, as relações interpessoais.

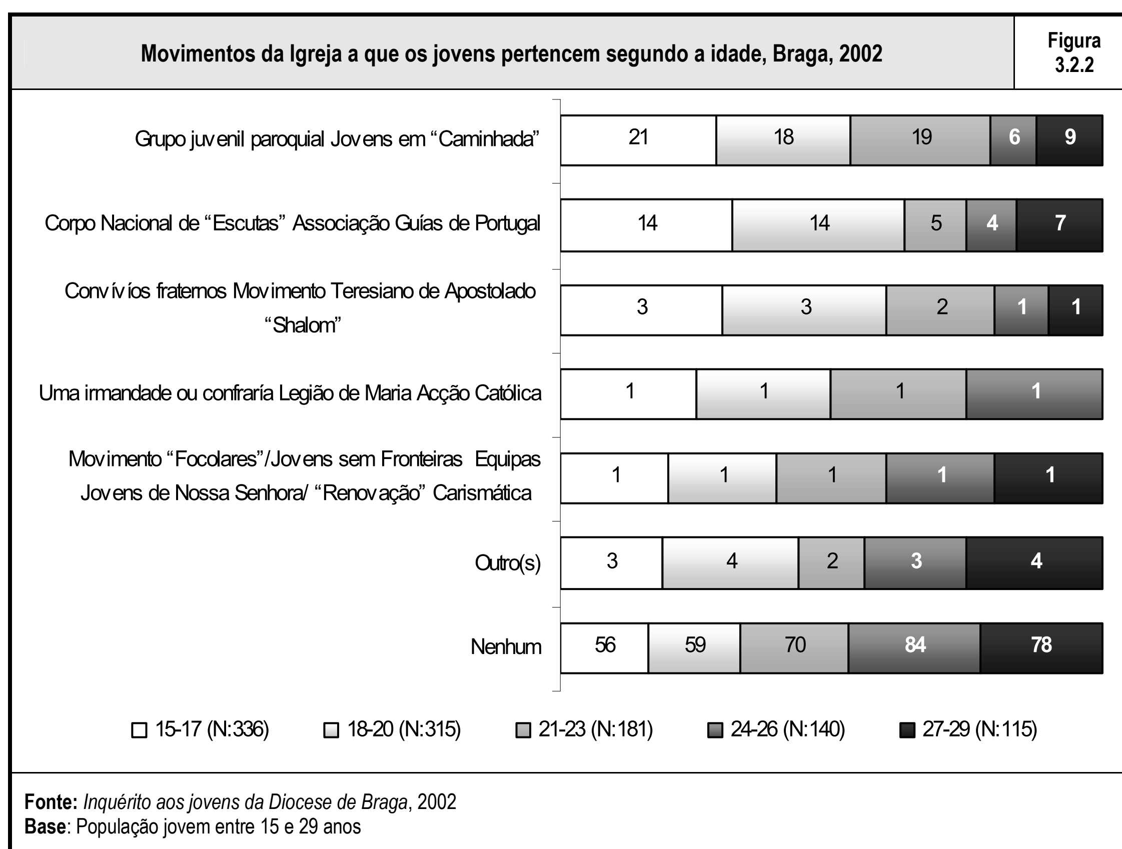
Mas é legitimo perguntar as razões pelas quais os jovens escolheram, em primeiro lugar, estes grupos e não outros?

Em relação ao *grupo juvenil*, compreende-se a grande participação dos jovens pelo facto de ser um grupo aberto a todos os que desejam participar, pelos temas que se debatem e reflectem no interior do grupo e pela necessidade que os jovens têm de intercambiar experiências acerca de problemas e questões que são pertinentes e actuais em relação à fase da vida em que se encontram; para além disto, o grupo juvenil é um espaço de encontro, de partilha e de amizades.

No Distrito de Braga, os Escuteiros têm uma importância significativa, visto que surgem como o segundo movimento preferido pelos jovens. Os Escuteiros têm como objectivo melhorar a qualidade do cidadão, particularmente no que se refere ao carácter e à saúde; substituir o "eu" pelo "nós"; fazer das pessoas indivíduos eficazes, moral e materialmente, com o objectivo de que essa eficiência pode ser aproveitada em serviços ao próximo.

Para alcançar este objectivo, este movimento propõe actividades de convivência em pequenas equipas, intercâmbios entre grupos, desafios de vida ao ar livre, alegria obtida através do serviço às pessoas, aos desfavorecidos, aos idosos, etc. Estas propostas feitas por este movimento, com mais de 90 anos, segue vigente e ganha maior força devido à realidade tantas vezes egocêntrica pelo que atravessam os jovens.

Se cruzarmos esta pergunta com a *idade* permite-nos retirar mais uma conclusão: à medida que a idade vai avançando, são mais os jovens que se desligam dos movimentos ou grupos da Igreja; em relação aos grupos que citamos acima, concluímos que os jovens com mais idade, isto é aqueles que já trabalham e em alguns casos se casaram, estão menos ligados a estes grupos, situação que é compreensível pelo facto de estarem numa fase de vida diferente e de ter outras necessidades e prioridades que estes grupos não oferecem (cf.: F. 3.2.2 e T. 3.2).



Fonte: *Inquérito aos jovens da Diocese de Braga*, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

CONCLUSÕES

Iniciamos este estudo, ***"Os jovens e a religião na sociedade actual: comportamentos, crenças, atitudes e valores no Distrito de Braga"***, com a esperança de obter algum clarificação acerca do que ocorre na forma como os jovens se situam e vivem na sociedade moderna. Daí que este livro pretenda abordar e reflectir sobre a génesis, os mecanismos e as raízes sociais que estão na base dos valores que expressam os jovens.

Assim, e de acordo com os nossos objectivos, cremos ser possível chegar a resultados que ofereçam uma *visão das vivências juvenis – nas suas diversas formas e expressões - no Distrito de Braga*.

De seguida, expomos um resumo dos dados que, com maior detalhe, estão analisados nas páginas precedentes.

1. **Identificação Religiosa:** A população geral da Arquidiocese de Braga apresenta uma *prática religiosa* superior à nacional, pois enquanto que, a nível nacional, 22% de indivíduos se afirma *praticante* (se tivermos em conta o universo dos católicos) na Arquidiocese de Braga este número aumenta para 34,4% de *praticantes*. Quanto à população jovem (15 aos 24 anos), verifica-se que somente 5% se diz *praticante* (cf.: nota 38). Também em Braga, tal como a nível nacional, são as mulheres que *mais manifestam uma prática religiosa*, sendo 41% de homens e 59% de mulheres. Quanto à ***comunhão***, verifica-se que, em 2001, da população *praticante*, 7,4% tem entre os 15 e os 24 anos, sendo mais *as jovens* que os rapazes a frequentarem a *comunhão* (36,8% *versus* 63,2%).

2. **Os jovens têm as suas próprias razões para *praticar ou não* a religião**. Os que ***praticam*** advogam como razões primárias da sua *prática religiosa* a *herança familiar* (32%), a *fé* (22%) e a *paz de consciência* (16%); estes mesmos, quando divididos por *género*, mantêm as mesmas razões da sua prática; como em todas as *idades*.

As razões são distintas quando falamos dos ***não praticantes***, que dizem que para ser uma pessoa *religiosa* não é necessário *praticar a religião* (31%), alegando que não têm tempo para *praticar* (26%). Em relação aos jovens que dizem

não ter religião, os números não nos permitem tecer grandes considerações, visto tratar-se de uma percentagem residual.

3. Os jovens e as suas vivências: quando nos fixamos na ocupação dos tempos livres, verifica-se que os jovens do Distrito de Braga atribuem um grande valor à *amizade*, visto que há uma grande reciprocidade nas opiniões, gostos e desejos. Os *amigos* ocupam o centro de todos os interesses dos jovens (36%); excepto quando se trata de questões mais sérias – tais como, com quem se *aconselham mais nas suas decisões* (47%). Deixam-se aconselhar pelos seus *pais*. Merece ser realçada a posição que ocupa o noivo/cônjuge na vida dos jovens na última faixa etária (entre os 24-29 anos). É com eles com quem se sentem melhor (39%), têm mais opiniões em comum (49%) e ocupam os tempos livres (57%).

Os jovens manifestam-se com bastante ***confiança e optimismo*** com o que os rodeia. Mantêm *boas relações* com os seus *pais* (95%) e com os seus *amigos* (95%), sentem-se bem na sua casa (87%) e com *Deus* dizem ter uma boa relação (74%). Esta estabilidade relacional deve-se, em parte, ao facto dos jovens viverem com os seus pais até uma idade mais avançada.

Recordamos que os jovens de que estamos a falar são filhos das gerações que sofreram na pele o impacto da *secularização* e da consequente abertura a novos hábitos, modas, comportamentos, costumes, ritos, etc. Contudo, é de conhecimento público, que este processo não foi tão acentuado em Portugal como em outros países, revelando ainda menos afectação no Norte, onde se situa o Distrito de Braga.

O crescente número dos que se dizem *sem religião* (3,9% - cf.: Q. 1.1 Parte I) pode-se dever ao facto de nos encontrarmos, pela primeira vez, com pais que sofreram a crise religiosa e que carecem já de convicções religiosas firmes para transmiti-las aos seus filhos. Especialmente temos as primeiras gerações de mães que deixaram de ser as "primeiras catequistas" dos seus filhos porque já *não são crentes* (pelo menos da mesma forma que eram seus pais) ou as suas crenças e práticas cristãs são muito débeis. Segundo A. Touraine, estamos a assistir a uma perda de referentes, procedentes de costumes, tradições e instituições (cf.: (Touraine, 2002: 91). Esta perda pode conduzir, ou já conduz, à ruptura na transmissão de referentes de sentido, o que pode fazer com que vá *desaparecendo a religiosidade institucional*, substituindo-se naturalmente, sem que passe, assim, de

geração em geração, mantendo-se, apenas um revigoramento dos imperativos interiores: o respeito pelo outro, a dignidade, a solidariedade, etc.

Apesar da perda dos *referentes da religião*, os pais continuaram a baptizar os seus filhos (94%). Quem sabe se estes *casarão* catolicamente, por mera tradição ou para não ter problemas com as suas famílias, mas, o facto é que, os mais novos vivem uma vida *secularizada*, longe dos referentes eclesiais. Este contexto familiar vai sendo prática corrente no Distrito de Braga.

4. O futuro dos jovens: quando se pergunta aos jovens **pelo seu futuro,** eles manifestam *preocupação* (44%), sendo esta inquietude mais expressa pelas *mulheres* (52%). Uma parte menor diz que prepara o seu *futuro com calma* (39%) e esta é a opção mais escolhida pelos *homens* (45%). Esta preocupação acerca do *futuro* revela, por parte dos jovens, uma insegurança e uma indeterminação sobre as questões centrais da vida, tais como: a família, o trabalho, a situação financeira, etc., dado que são estes os problemas que mais se evidenciam na sociedade portuguesa.

Envoltos nestes sentimentos, os jovens manifestam dois grandes sentimentos: por um lado, **manifestam preocupação e angústia** (54%), por outro, **sentem esperança e confiança no futuro do país** (37%).

Esta preocupação manifesta pela maioria dos jovens deve-se, em grande parte, à crise que afecta as sociedades, ao espaço europeu, e em particular, à sociedade portuguesa. Deste modo, podemos dizer que estes *dois sentimentos* manifestos pelos jovens estão interligados, pois ao sentir *preocupação* pelo *futuro do seu país*, sentem e depositam também *esperança* na resolução dos problemas actuais que angustiam a sociedade.

Para eles, tanto para os *rapazes como para as raparigas*, independentemente das *idades*, os grandes problemas são: a *saúde* (23%), o *emprego* (18%) e a *educação* (16%), sendo estes os campos de actuação que eles consideram prioritários para melhorar a sociedade portuguesa.

No contexto de alguma *insegurança e perplexidade*, os jovens crêem que há factores podem influenciar o *seu futuro*, como os *estudos (21%), a sua capacidade de trabalho (20%) e Deus (17%)*, sendo Deus, para as *mulheres*, a segunda prioridade que poderá influenciar o *seu futuro* (20%), só depois vem o *trabalho*

(18%). Assim, os jovens crêem mais nas suas capacidades (no estudo e trabalho) e em Deus para resolver o *seu futuro*, do que nas políticas da União Europeia (1%), nas "cunhas" e nos amigos (4%).

5. As organizações e os jovens: os jovens de hoje não querem estar vinculados a *nenhuma* organização, pois não é neste tipo de ocupação que eles investem o seu tempo. Não obstante este afastamento generalizado do vínculo destes grupos, as organizações nas quais os jovens mais participam são os *grupos ou movimentos religiosos* (25%), *grupos desportivos* (18%) e os *grupos musicais* ou *recreativos* (9%). Ao olhar para estes números, verificamos que a tendência europeia se inverte nas prioridades do Distrito de Braga, pois são os grupos desportivos, com cerca de 28%, os que, de uma forma significativa, envolvem o maior número de jovens e os movimentos religiosos apenas surgem com 9%. Chamou-nos a atenção, também, a percentagem de jovens do Distrito de Braga e de jovens europeus que *não pertencem* a alguma organização, nem tampouco demonstram interesse em pertencer, em ambos os casos acima dos 50%.

Há, de facto, algumas actividades nas quais os jovens ocupam, independentemente do *género e da idade*, o seu tempo livre: agrada-lhes *ver televisão (18%), ouvir música (15%), cantar e ir ao cinema (13%);* isto é, preferem ocupar o seu tempo divertindo-se e descansando.

Faz-nos reflectir que os jovens, independentemente do *género e da idade*, preferem passar o seu tempo livre em casa do que participar em actividades sociais, culturais e relacionais.

As razões invocadas para a falta de participação nas instituições são, na generalidade, a ***pouca confiança*** que os jovens depositam nas próprias instituições. A maioria dos jovens consideram que a estas instituições faltam-lhes estruturas que sejam adequadas, que possam gerar mudanças efectivas na sociedade. Esta atitude de desinteresse aparecia já no inquérito do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ, *opus cit.*), de 1982, como no inquérito do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED, *opus cit.*), de 1983.

Os jovens do Distrito de Braga manifestam que confiam e esperam ***mais*** nas instituições como a *Igreja Católica* (39%) e nas *escolas* (28%) do que nas instituições democráticas de grande envergadura na organização das nossas sociedades, como são os partidos políticos (1%) e os presidentes de câmara (2%).

6. Causas que podem levar os jovens a mudar de vida: as três grandes causas que movem os jovens do Distrito de Braga são a *paz (27%), a defesa da família (26%) e a luta contra a miséria (14%).* Esta postura dos jovens de Braga pela defesa destas grandes causas é coincidente com as causas dos jovens europeus, embora em escalas de prioridade distintas, assim, *a paz no mundo, a protecção do meio ambiente e dos direitos humanos* foram as grandes causas escolhidas que fariam mudar de vida os jovens europeus.

É de salientar que *a paz* foi escolhida como o primeiro motivo, tanto pelos jovens de Braga como pelos europeus. Não há dúvidas que a *paz* é uma causa extremamente relacionada com a consolidação de uma cultura democrática e um dos seus requisitos necessários é precisamente a coligação e a amizade, no sentido da aceitação e o respeito diante das ideias e opiniões dos outros.

7. **Escola e trabalho:** com frequência surgem críticas sobre a pouca criatividade das novas gerações ou que têm escasso espírito de luta. Mas que lugar ocupam as novas gerações no trabalho e na escola?

Contra a opinião de muitas vozes, a **realização profissional** é um desejo que os jovens procuram concretizar nas suas vidas. A preocupação por esta realização e a obtenção de um trabalho que complemente a mesma está relacionada com a necessidade de emancipação que em tempos críticos, como os actuais, se torna acutilante apesar de dificultoso para os jovens. De todas as formas, os jovens não esquecem o ideal de um *emprego*, se possível bom, para alcançarem o almejado progresso pessoal.

Em 2001, da *população activa*, uma ampla maioria de jovens estava ***empregada***, apresentando uma *taxa de actividade* na ordem dos 66,2%, superior à do total da população do Distrito. Quanto ao ***desemprego***, também em 2001, manifestava-se uma taxa na população jovem de 7,3%.

Relacionado com o *desemprego* está o ***grau de escolaridade***, visto que uma percentagem significativa de jovens *desempregados*, tal como se observa no capítulo referente, apresenta níveis baixos de escolaridades. Pese embora que, o nível de escolaridade não seja o único factor interveniente na situação de empregado ou desempregado.

Quanto ao *nível de instrução* dos jovens do Distrito de Braga, verifica-se que estes, em 2001, tinham maioritariamente o *2º Ciclo e o Secundário*; 0,7% não tinha *qualquer grau académico* e 13,1% seguiam para o Ensino Superior. É manifesta aqui a diferença entre homens e mulheres: pois enquanto que estes se vão desleixando após o Ensino Básico, aquelas vão progredindo nos estudos. Poder-se-á dizer que os jovens do Distrito de Braga não atingem níveis de escolaridade tão altos como os jovens portugueses.

8. Relativamente à forma como os jovens **vêem** e **desejariam transformar** a Igreja, os jovens do Distrito de Braga manifestam, maioritariamente que a Igreja é *acolhedora* (87%), *alegre* (83%), *atractiva* (82%), *entusiasta* (77%), embora também *tradicionalista* (78%) e *conservadora* (74%). As opiniões diferem de acordo com a *prática religiosa*. Isto é, os *não praticantes* anotam que a Igreja é *triste* (49%), *fria* (47%) e *repulsiva* (41%), sendo estas as razões que levam os jovens a *não praticar*. Os *praticantes* caracterizam a Igreja como *progressista* (89%), *atractiva* (88%) e *entusiasta* (87%). Estes jovens realçam mais o clima de *acolhimento* e *alegria* na Igreja que o ambiente frio e triste. Não há diferenças substanciais de *idade* nem tampouco de *género*, embora, no conjunto, é mais positiva a relação das mulheres com a Igreja que a dos homens, em todos os itens.

Em relação às *mudanças que os jovens desejariam ver na Igreja,* merece algum destaque a variável *idade*, pois, à medida que a idade vai avançando existe um maior desejo de que a Igreja se *modernize*, bem como torne a *prática religiosa* mais *cativante;* contudo, são os mais jovens que necessitam que a Igreja mude na forma como os escuta.

9. Reflectindo sobre a pergunta ***como se sentem os jovens em relação à Igreja*** subjaz o facto de que *quase a totalidade* dos jovens, independentemente da sua *prática religiosa*, se sentem *aceites* (99%) e *valorizados* (96%) pela Igreja. Também neste ponto continuamos a constatar que as *mulheres* manifestam uma relação mais próxima com a Igreja, que se exterioriza na *intervenção* (60%), na *participação* (59%) e na *individualização* (56%) por parte delas na Igreja. Também aqui a variável *idade* tende a crescer, pois é na idade dos 18 aos 23 anos que os jovens se sentem mais *intervenientes* (48%) e *participativos* (46%) na Igreja; paradoxalmente, é também nestas idades que dizem sentir-se *massificados* (46%) e

indiferentes (45%). Consequentemente, nestas idades, surge alguma *insegurança* e *inconstância* em relação à Igreja, o que se traduz, em muitos casos, na diminuição da *prática dominical*.

10. *A educação religiosa dos jovens na Igreja:* um estilo educativo implica sempre a promoção de certos valores éticos, sociais e religiosos. A educação tem sempre um alcance moral. Deste modo, a família assume um valor central na transmissão de valores entre as várias gerações, daí que seja natural que os pais transmitam os valores em que acreditam e que julgam ser os mais correctos aos seus filhos.

No Distrito de Braga, 94% dos pais, independentemente da *sua postura religiosa*, *baptizaram* os seus filhos; 88% dos filhos dizem que fizeram a Primeira Comunhão; todavia, apenas 59% da população juvenil inquirida manifestou ter recebido uma *educação religiosa*. Isto leva-nos a crer que os jovens entendem a ***educação religiosa*** num sentido mais amplo, que vai mais longe dos actos eclesiais, como o *Baptismo*, a *Primeira Comunhão* ou até mesmo a *Profissão de Fé*.

11. O casamento, Divórcio e União de Facto: as mudanças de costumes e de hábitos, ampliados pelo desenvolvimento tecnológico têm metamorfoseado os modelos familiares. Exemplo disso é a ***instituição do casamento*** que, ao longo dos anos, tem sentido uma grande transformação, tanto no *número* de casamentos realizados, na *forma de celebração*, bem como no prolongamento da própria decisão do casamento.

Quanto a este último item, a *população jovem* do Distrito de Braga, à imagem das tendências modernas, tem protelado a decisão do casamento para a idade posterior aos 25 anos, já que, é na faixa etária entre os 25 os 29 anos que a maioria dos jovens contrai o casamento, 58%, sendo que apenas 1,7% casa na idade entre os 15 e os 19 anos e 22,7% entre os 20 e os 24 anos de idade.

A transformação da *instituição do casamento* não se tem dado de uma forma isolada, mas enquadra-se numa teia de outros fenómenos. Falamos de um modo especial no aumento de jovens ***divorciados***, ***separados e a viver em união de facto***.

Quanto à ***dissolução dos casamentos em divórcio***, embora esta realidade não seja tão acentuada na população jovem do Distrito de Braga como

entre os jovens a nível nacional (0,3% *versus* 0,5%, respectivamente), facto é que o divórcio se está a tornar cada vez mais expansível, mesmo entre os jovens do Distrito de Braga. Tal como o divórcio, também o número dos ***jovens separados*** vai ganhando novas proporções na sociedade moderna. Apesar de no Distrito de Braga somente 0,3% dos jovens, nos Censos de 2001, viver numa situação de *separados*, este número ganha outra relevância quando se reflecte que nos reportamos *somente* à faixa jovem e não à população no seu todo. Assim, ao observar-se que no Distrito existiam, em 2001, 620 jovens *divorciados* e 570 *separados*, entreve-se que a população juvenil tem sido sujeito de uma "destradicionalização" da instituição do matrimónio.

A reconfigurar a estrutura conjugal está a ***união de facto***, fenómeno que não é recente mas que tem tido novas abordagens e sentidos, pela sua legitimidade e pelo grau de reconhecimento social. No Distrito este fenómeno, em 2001, observava-se em 1,5% da população jovem, percentagem superior à da população em geral do Distrito, que era de 1,4% de indivíduos, os quais viviam em união de facto.

Em síntese, poder-se-á dizer que estes números que acabamos de evidenciar manifestam novas trajectórias conjugais que têm reconfigurado toda a dinâmica familiar não somente dos jovens – objecto de estudo deste livro – mas também da sociedade portuguesa em geral.

12. **Pertença e colaboração dos jovens com paróquia:** No Distrito de Braga, 4 em cada 10 jovens afirmam que *pertencem e colaboram* com a sua paróquia e apenas 5% diz que colabora com *outra paróquia* que não a sua. Dos 26% de jovens que constituem o total da população do Distrito de Braga, nem 50% colaboram com a paróquia.

Dos que declaram que colaboram com a paróquia, as actividades em que mais participam são, por ordem, o ministério de leitor (25%), membro do coro (22%) e catequista (16%). É interessante realçar que são as *mulheres* as que se entregam mais às actividades nas quais se estabelece uma relação mais directa com os outros (dos catequistas e do acolhimento, 80% são mulheres), os *homens* desempenham mais funções consultivas e formais, tais como, o Conselho Pastoral (55%) e a Comissão de Festas (63%).

13. **Colaboração com os movimentos ou grupos da Igreja:** à pergunta *pertence a algum dos seguintes grupos ou movimentos da Igreja?* 35% dos jovens responderam que pertenciam, especialmente mostraram o seu envolvimento com *grupos juvenis paroquiais* (47%) e com o *movimento do escutismo* (31%).

O cruzamento desta pergunta com a variável idade permite estabelecer uma conclusão: à medida que a idade vai avançando, são mais os jovens que se desligam dos movimentos ou grupos da Igreja (na idade entre os 15-17 anos, 57% dos jovens manifestam *não pertencer* a nenhum movimento da Igreja e na idade entre os 27-29 anos, o número aumenta até os 78%).

Em síntese do que aqui foi dito, podemos reconhecer que estamos a assistir a um distanciamento dos jovens em relação aos *actos institucionalizados*. Todavia, não é só a Instituição da Igreja Católica que é posta em questão, mas todas as demais instituições e formas de participação e implicação dos jovens, tais como a *família, a escola, a participação social e política, a vida associativa*, etc.

À medida que a idade dos jovens vai avançando, vai-se produzindo uma metamorfose nos seus comportamentos e atitudes: por um lado, apoiam mais intensamente a existência de grupos *não institucionalizados*, por outro, tornam-se mais *passivos e pouco participativos* e intervenientes na estrutura associativa e pública, deixando de assistir, por exemplo, a manifestações políticas. Deste modo, a população jovem parte do princípio de que a nossa sociedade é complexa, na qual há uma *pluralidade de valores* que devem ser aceites e respeitados, independentemente de serem ou não partilhados. Este princípio torna-se evidente na aceitação de comportamentos como a facilidade em que se recorre ao divórcio, a convivência em união de facto, ter filhos fora do casamento, etc., comportamentos que são, aos olhos dos jovens, conciliáveis com as cerimónias religiosas, como o casamento pela Igreja, ser padrinho de Baptismo, etc.

Este seria o referente fundamental que define os jovens da modernidade: *a tolerância e a permissividade moral, sem compromissos*, pelo menos para eles.

Esta forma de agir e de pensar conduz, ou pode conduzir, a um *relativismo moral* que concilia o que parecia inconciliável: a *modernidade* com a *tradição*, na medida em que se aceita, por um lado, os valores modernos (por exemplo, a liberdade sexual) e, por outro, os tradicionais (o casamento pela Igreja, a título de exemplo). Os jovens seriam, assim, uma excelente imagem para representar a *pós-*

modernidade, posto que superam, com naturalidade, a antinomia entre a *modernidade e a tradição*.

Apesar desta “crise” das *instituições*, a Igreja de Braga conserva ainda uma maioria de jovens, não obstante o facto de irem dando sinais de uma certa desvalorização da mediação eclesial e da frágil observância das suas orientações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS E ESTUDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

A.A.V.V. *Jovens de Hoje e de Aqui. In* Cadernos Estudos Locais. Loures: Câmara Municipal de Loures.

ALMEIDA, Ana Nunes, (1986), *Perspectivas dos jovens sobre a família e o casamento – notas críticas*. In "Análise Social", vol. XXII (90), 1º.

ALMEIDA, Ana Nunes, *et al.* (1995), *Os padrões recentes da fecundidade em Portugal*. In "*Cadernos Condição Feminina*", nº 41, Lisboa: CIDM.

ALMEIDA, João Ferreira de, (1990), *Portugal. Os Próximos 20 Anos – Valores e Representações Sociais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

IDEM, (1995), *Evoluções Recentes e Valores na Sociedade*. In Eduardo de Sousa Ferreira e Helena Rato (Coord.), *Portugal Hoje*. Instituto Nacional de Administração.

ANDRADE, Madalena, (1989) *O trabalho, o emprego e a profissão*. In *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações. Resultados Globais*. Vol. I, Lisboa: ICS.

ANTUNES, M. L. Marinho (1998), Vida Religiosa. In PAIS, J. M. (coord.), *Gerações e valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea* (1998). Lisboa, Secretaria de Estado da Juventude.

BANDEIRA, Mário Leston, (1996) *Demografia e Modernidade. Famílias e Transição Demográfica em Portugal*. In "Análise Social".

BARRETO, António & PRETO, Clara Valadas, (1996), *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: ICS.

BARROS, Fernanda, & BARÃO, Helena, *A comunicação na família e projectos de vida: procura da identidade social e pessoal dos jovens*. In "*Cadernos Juvenis*", vol. XIII, Lisboa: IED.

BENAVENTE, A. *et al.,* (1994), *Renunciar à Escola. O Abandono Escolar no Ensino Básico*. Lisboa: Fim de Século.

CABRAL, M. V. (2001), *Prática religiosa e atitudes sociais dos portugueses numa perspectiva comparada*. In PAIS, J. M., CABRAL, M. V. y VALA, J. (Org.), *Religião e Bioética*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

CABRAL, M. V. & PAIS, J. M. (coords.), (1998), *Jovens Portugueses de Hoje, Resultados do Inquérito de 1997*. Secretaria de Estado da Juventude, "Estudos sobre Juventude/1", Observatório Permanente da Juventude Portuguesa, Oeiras: Celta.

CABRAL, M. V.; FREITAS, Eduardo & RODRIGUES, Maria de Lurdes, *Atitudes da população portuguesa perante o desenvolvimento*. In Gouveia, Teresa Patrício (coord.), (1993), *Sociedade. Valores. Cultura e Desenvolvimento,* Lisboa, Dom Quixote.

CASANOVA, José Luís, (1993), *Estudantes Universitários. Composição Social, Representações e Valores,* Lisboa, Instituto de Ciências Sociais – Instituto da Juventude.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª ed., (1999), ed. Gráfica de Coimbra.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO (1983), 2ª ed. Bilingue, anot., Theologica, BR.

CONCÍLIO VATICANO II, "Sacrosanctum Concilium" [SC], Const. sobre a *Sagrada Liturgia*.

CONDE, Idalina, *A Identidade Social e Nacional dos Jovens*. In Cadernos da Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações, vol. VIII, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais – Instituto de Juventude, s.d.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, (1991), *Alguns aspectos da actual sociedade portuguesa*. Lisboa: ed. Secretariado Geral do Episcopado.

IDEM, (1993), *O Domingo numa sociedade em mudança*. Nota Pastoral de 11 de Novembro. Lisboa: Ed. Secretariado Geral do Episcopado, 10.

IDEM, *Censos da Prática Dominical de 1977, 1991 e 2001*.

COSTA, A. Firmino da; MACHADO, F. Luís & ALMEIDA, J. Ferreira, (1990), *Estudantes e amigos – trajectória de classe e redes de sociabilidade*. In "Análise Social", vol. XXV, nº105-106.

CRUZ, Manuel Braga da *et al.*, (1984), *A condição social da juventude portuguesa*. In "Análise Social", vol. XX, nº81-82.

CRUZ, Manuel Braga da, (1985), *A participação politica da juventude em Portugal*. In "Análise Social", vol. XXI, nº87-88-89.

DUQUE, J. M. (1998-99), *Apocalíptica e Teologia na pós-modernidade*. In "Cenáculo" 38, 150, 27.

IDEM, (2003), *Dizer Deus na Pós-Modernidade*. Lisboa: Alcalá.

FERNANDES, António, T. (1992), *Espaço Social e suas representações*. In "Sociologia", Vol. II.

FERNANDES, António, T. (1994), *Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos*. In "*AnáliseSocial*", vol. 39 (129), Lisboa: ICS, 1149-1191.

IDEM (1996), *Ensino e participação democrática*. In "Saber Educar", nº 1.

FERREIRA, Eduardo Sousa & RATO, Helena (Coord.), (1995), *Portugal Hoje*, Lisboa: I.N.A.

FERREIRA, Paulo Antunes, (1993), *Valores dos Jovens Portugueses nos anos 80*. "Cadernos do Instituto de Ciências Sociais", nº 3, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude.

FERREIRA, Pedro Moura (1997), *Delinquência Juvenil, família e escola*. In "Análise Social", vol. 143.

FIGUEIREDO, C. C. & SILVA, A. S., (1999), *A educação para a cidadania no sistema educativo português*. LISBOA: GAERI/IIE.

FIGUEIREDO, E., (1988), *Portugal – Os Próximos 20 Anos*., vol. II, In *Conflito de Gerações, Conflito de Valores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FRANÇA, Luís de (Coord.), (1993), *Portugal: Valores Europeus, Identidade Cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

FREIRE, A., (2001), *Religião e Política em Portugal, na Irlanda e na Noruega*. In PAIS, J. M., CABRAL, M. V. & VALA, J. (Org.), *Religião e Bioética*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

FREIRE, J. (2000), *Orientações sobre modelos de trabalho e percepções sobre condições sociais, técnicas e económicas do trabalho*. In FREIRE, J., CABRAL, M. V., & VALA, J. (Org.), *Trabalho e Cidadania*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

IDEM, (2001), *Atitudes sociais dos portugueses perante o trabalho*. Lisboa: Celta Editora.

GOUVEIA, Teresa Patrício, (Coord.), (1993), *Sociedade, Valores Culturais e Desenvolvimento*. Lisboa: Dom Quixote.

GRÁCIO, Sérgio, (1990), *Crise juvenil e invenção de juventude. Notas para um programa de pesquisa. A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século. In Actas do I Congresso Português de Sociologia*, vol. I, Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa, Editorial Fragmentos.

INSITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), *Resultados definitivos dos Censos de 2001.*

IDEM, *Estadísticas Demográficas*. 1996-2003.

ITURRA, Raul (1991), *A religião como teoria da reprodução social*. Lisboa: Escher.

LEANDRO, M. E. & FERREIRA, L. M. (1997), *Flexibilidade e rigidez das organizações. A relação entre família, o trabalho e as organizações de segurança social*. In "Cadernos Noroeste" 10, 2, 434-450.

MENDES, Maria Filomena; PEREIRA, Pedro Telhado & PINTO, José Eliseu, (1994), *A Família Portuguesa: Linhas de Reflexão do Ano Internacional da Família*. Lisboa: DGF/MESS.

NAZARETH, J. M., (Coord.), (1993), *Relatório: Situação Actual da Família Portuguesa,* Lisboa: DGF/MESS.

NUNES, Adérito Sedas (1967), *As Gerações na Sociedade Moderna*. In "Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento". Lisboa: Moraes Editores.

NUNES, João Sedas; PAIS, J. M. & SCHMIDT, Luísa, (1989), *A convivialidade e a relação com os outros*. In *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações*. Vol. I, "Resultados Globais", Lisboa: ICS.

PAIS, J. M., (1985), *Família, Sexualidade e Religião*. In "Análise Social", nº86.

IDEM, (org.), (1994), *Jovens Europeus*. Estudos de Juventude, nº8, Lisboa; ICS.

IDEM, (1990), *Lazeres e sociabilidades juvenis*. Um ensaio de análise etnográfica. In "Análise Social", vol. XXV, nº 108-109, 4º e 5º.

IDEM, (1991), *Emprego Juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida*. In "Análise Social", vol. XXVI, nº114.

IDEM, (1993), *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

IDEM, (coord.), BORGES, G. Calvão; PIRES, Leonor; ANTUNES, Marinho; FERREIRA, Paulo Antunes; VASCONCELOS, Pedro & FERREIRA, V. Sérgio, (1998), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

IDEM, (coord.) *et al* (1999), *Traços e riscos de vida*. Porto: Ambar.

IDEM, (2001), *O que explica a religiosidade dos portugueses? Um ensaio de análise tipológica*. In PAIS, J. M., CABRAL, M. V. & VALA, J. (Org.), *Religião e Bioética*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

RAMOS, A. (2000), *Centralidade do trabalho*. In FREIRE, J., CABRAL, M. V., & VALA, J. (Org.), *Trabalho e Cidadania*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

REIS, M. Luísa Braula, (1985), *Inserção e participação social dos jovens*. In *Cadernos Juventude*, vol. IX, Lisboa: IED.

REIS RODRIGUES, António, (1991), *Doutrina Social da Igreja. Pessoa, Sociedade e Estado*. Lisboa: Rei dos Livros.

SCHMIDT, Luísa, (1989), *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações, Dinheiro e Bens Materiais*. Lisboa: ICS.

IDEM, (1989), *O Discurso Publicitário e a Construção da Juventude como Categoria Social*. Lisboa: ICS.

IDEM, (1990), *Jovens: família, dinheiro, autonomia*. In "Análise Social", nº108-109.

TORRES, Anália Cardoso, (1996), *Casamento em Portugal – entre o sim e o porque não? Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros Olhares*. Lisboa: ICS.

IDEM, (1996), *Famílias*. In A.A.V.V. *Jovens de Hoje e de Aqui. In* Cadernos Estudos Locais. Loures: Câmara Municipal de Loures.

IDEM, (1996), *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos: uma Análise Sociológica*. Oeiras: Celta.

TORRES, Anália Cardoso, (*et al.*), (2000), *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*. Relatório de Pesquisa. Lisboa: CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE.

VALA, Jorge, (1986), *Representações sociais dos jovens: valores, identidade e imagens da sociedade portuguesa*. In *Cadernos Juventude*, vol. XI. Lisboa: IED.

IDEM, (2000), *Mudanças nos valores associados ao trabalho e satisfação com o trabalho*. In FREIRE, J., CABRAL, M. V., & VALA, J. (Org.), *Trabalho e Cidadania*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

VILAÇA, H., (2001), *Identidades, práticas e crenças religiosas*. In PAIS, J. M., CABRAL, M. V. & VALA, J. (Org.), *Religião e Bioética*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

OBRAS E ESTUDOS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

ACTA APOSTOLICAE SEDIS [AAS] (publicação periódica dos documentos oficiais do Papa) 56 (1964).

ALBERT-LLORCA, M. (1996), "Renouveau de la religion locale en Espagne". In DAVIE, G. *Identités religieuses en Europe*. Paris: La découverte.

ALMOND, G. VERBA, S. (1989), *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Princeton: Princeton University Press, [1963].

ANDRES ORIZO, F. (1991), *Los nuevos valores de los Españoles. España en la encuesta europea de valores*. Madrid: Fundación Santa María.

ANTÓN HURTADO, F. (1996), *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*. In "Revista de estudios Juventud", 53.

AUGE, M. (1998), *Dios como objeto*. Barcelona: Gedisa.

BALANDIER, G. (1990), *Modernidad y poder*. Gijon: Jucar.

BATAILLE, G. (1981), *Teoría de la religión*. Taurus: Madrid.

BECK, Ulrich (1986), *Risk Society, Towards a New Modernity*. Trad. del alemán por Mark Ritter, London: Sage Publications.

BÉJAR, Helena (1990), *El Ámbito Íntimo. Privacidad, Individualismo y Modernidad*. Madrid: Alianza Universidad, 216-218.

BELL, D. (1992), *El fin de las ideologías*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad.

BERGER, P. (1981), *Para una teoría sociológica de la religión*. Barcelona: Kairós.

BERIAIN, J. (1995), *La integración en las sociedades modernas*. Barcelona: Anthropos.

BOURDIEU, Pierre (1971), *Genèse et structure du champ religieux*. In "Revue Française de Sociologie", Vol. XII, 3: 295-334.

BURGUIÈRE, André, (*et al.*) (1999), *História da Família*. 4º Vol., Lisboa: Terramar.

CALLOIS, R. (1983), *El hombre y lo sagrado*. Méjico: F. C. E.

CANTERAS MURILLO, Andrés (1992), *Jóvenes y sectas: un análisis del fenómeno religioso sectario en España*. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales.

IDEM, (1998), *La religiosidad de los jóvenes: nuevas formas de espiritualidad.* Madrid, INJUVE.

IDEM, (2001), *Los nuevos modos de creer de los jóvenes:* una interpretación sociológica. In "Revista de Estudios Juventud", 53.

IDEM, (2003), *Sentido, valores y creencias en los jóvenes*. Madrid. INJUVE.

CENTRO DE INVESTIGACIONES SOCIOLÓGICAS (1992), *Evolución del sistema de valores*. Estudio nº 2001. Madrid: CIS.

IDEM (1987), *Relaciones interpersonales, actitudes y valores*. Estudio nº 1703, Madrid: CIS.

IDEM (1987), *Secularización*. Estudio nº 1698, Madrid: CIS.

CHALVON-DEMERSAY, Sabine (1983), *Concubin, concubine*. Paris: Seuil.

D. HERVIEU-LÉGER (1985), *Secularization et Modernité Religieuse*. In "Espirit" 106, 50-62.

IDEM, (1993), *La religión pour memoire*. París: Cerf.

DELGADO, J. M. y GUTIERREZ, J. (Eds.) (1994), *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Síntesis.

DELUMEAU, Jean (dir.) - *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

DÍAZ SALAZAR, R., GINER, S. & VELASCO, F. (1991), *Religión y sociedad en España*. Madrid: CIS.

IDEM, (Eds.), (1994), *Formas modernas de religión*. Madrid: Alianza.

DIEZ NICOLAS, Juan & INGLEHART, R., (edit), (1994), *Tendencias mundiales de cambio en los valores sociales y políticos*. Madrid: Fundesco.

DURKHEIM, E., (1968), *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.

IDEM (1897-1898), *De la définition des phénomènes religieux*. In "Année sociologique" II, 1-28, rubrica *Mémoires originaux*, Paris : PUF.

FERNÁNDEZ DEL RIESGO, Manuel (1997), *La ambigüedad social de la religión*. Estella: Verbo Divino.

FLECK, L. (1986)*, La génesis y el desarrollo de un hecho científico,* Alianza, Madrid.

GEERTZ, C. (1972), *La religion comme système culturel*. In *Essais d'anthropologie,* Paris: Gallimard.

GELLNER, E. (1994), *Pós-modernismo, razão e religião*. Lisboa : Instituto Piaget.

GIDDENS, Anthony (1995), *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1995.

GIL CALVO, E. (1985), *Depredadores audiovisuales*. Madrid: Tecnos.

GÓMEZ CAFFARENA, J. & MARDONES, J. M. (eds.), *Teorías sociológicas. Materiales para una filosofía de la religión*, IV, Barcelona: Anthropos.

GONZÁLEZ BLASCO, P. & GONZÁLEZ ANLEO, J. (1992), *Religión y sociedad en la España de los 90*. Madrid: SM.

GONZÁLEZ NORIEGA, Santiago (1993), *Lo sagrado en las sociedades secularizadas*. In "ISEGORIA" 8, 132-150.

HABERMAS, J. (1999), *Teoría de la Acción Comunicativa II. Crítica de la razón funcionalista,* Taurus, Buenos Aires.

HEELAS, Paul, MARTIN, David & MORRIS Paul, (1998), *Religion, modernity and postmodernity*. Oxford: Blackwell.

IBARROLA Y GALLART (comp.) (1994), *Democracia y productividad*. UNESCO.

INGLEHART, R. (1977), *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Wester Publics*. Princeton: Princeton University Press.

IDEM (1992), *Cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: CIS.

JACOB, A. (1995), *Emergence de la valeur sociale du travail dans la pensée économique du XVIII siècle.* In JACOB, A. y Vérin, H., (comp.), (1995), *L´ inscription social du marché.* Paris: L´Harmattan.

JODELET, D. (1989), *Les Représentations sociales. In "Sociologie d'aujourd'hui". Paris: PUF.*

KAUFMANN, Jean-Claude (1993), *Sociologie du Couple.* Paris: PUF.

LETOCHA, Danièle (2000), *¿Cómo definir la Modernidad si aún nos gobiernan sus imperativos?*, (1991), Trad. in "Ideas y Valores - Revista de Filosofia", 112, 77-86.

LIPOVETSKY, Gilles (1989), *A Era do Vazio. Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo.* Lisboa, Relógio de Água.

LUHMANN, N. *(1998), Complejidad y modernidad.* Madrid: Trotta.

LYOTARD, J. F. (1983), *La Condition Postmoderne: Rapport sur le Savoir*, Les Editions de Minuit, Paris.

MARDONES, J. M. (1988), *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento.* Santander: Sal Terrae, 123.

IDEM, (1994), *Para comprender las nuevas formas de religión.* Estella: Verbo Divino.

IDEM, (1996), *Adónde va la Religión? Cristianismo e Religiosidad en nuestro tiempo.* Santander: Sal Terrae.

MARTIN CRIADO, Enrique (1993), *Estrategias de Juventud. Jóvenes, estudios, trabajos, clases sociales.* Tesis Doctoral. Facultad de CC. Políticas y Sociología. Universidad Complutense de Madrid.

MARTIN SERRANO, M. (1986), *Demandas informativas de los jóvenes.* Madrid: Instituto de la Juventud. Ministerio de la Cultura.

IDEM, (1991), *Los valores actuales de la juventud en España.* Madrid: INJUVE, Ministerio de Asuntos Sociales.

IDEM, (1994), *Historia de los cambios de mentalidades de los Jóvenes entre 1960-1990.* Madrid: INJUVE.

IDEM, (1998), *Juventud y consumo.* Madrid: Instituto Nacional de Consumo, Ministerio de Sanidad y Consumo.

MARTIN SERRANO, M. e Otros (1994), *Historia de los cambios de mentalidades de los jóvenes entre 1960-1990*. Madrid: INJUVE, Ministerio de Asuntos Sociales.

MARTIN SERRANO, M. & VELARDE, O. (1996), *Informe Juventud en España 1996*. Madrid: INJUVE, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.

IDEM, (2001), *Informe Juventud en España 2000*. Madrid: INJUVE, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.

MARX, K. & ENGELS, F. (1974), *Sobre la religión*. Salamanca: Sígueme.

MENENDEZ VERGARA, E. & GIL CALVO, E. (1985), *Ocio y prácticas culturales de los jóvenes*. Madrid: IJ, Ministerio de Cultura.

MOSER, A. (1996), *O pecado. Do descrédito ao aprofundamento*. Petropólis: Vozes.

NAVARRO, M. & MATEO, Maria J., (Dir.), (1993), *Informe Juventud en España 1992*. Madrid: INJUVE, Ministerio de Asuntos Sociales.

PAULO VI (1969), *Celebração do Mistério Pascal. Carta apostólica dada por motu proprio aprovando as normas universais do ano litúrgico e o novo calendário romano geral.*

RIVIER, R. B. (1982), El desarrollo social del niño y del adolescente. Barcelona: Herder.

ROUSSEL, Louis (1992), *O futuro da família*. In "*Sociologia: Problemas e Práticas*", nº 11, Lisboa: ISCTE, 165-179.

SEGALEN, Martine (1999), *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.

SERRANO PASCUAL (1995), *Procesos paradójicos de construcción de la juventud en un contexto de crisis del mercado de trabajo*. In "REIS", 71/72, 177-200.

SHORTER, Edward (1995), *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar.

SOTO, J. L. (1983), *Ocio y juventud*. Tesis doctoral. Madrid: U.C.M. Fac. Ciencias Políticas y Sociología.

SPANGLER, D. (1991), *Emergencia. El renacimiento de lo sagrado*. Barcelona: Plaza y Janés.

SPIRO, M. E. (1972), *La religión. Problèmes de définition et d'explication*. In "Essais d'anthropologie religieuse", Paris: Gallimard.

TOHARIA, J. J. (1984), *Los jóvenes y la religión*. Informe sociológico sobre la juventud española 1960/82, Madrid: Fundación Santa María.

TOURAINE, A. (1993), Crítica de la modernidad. Madrid: Temas de Hoy.

IDEM, (1998), *Las transformaciones sociales del siglo XX*. RICS, 156.

TRÍAS, E. (1999), *La razón fronteriza*. Barcelona: Destino.

TROST IN SARACENO, Chiara (1997), *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

TURNER, S. Bryan (1991), *Religion and Social Theory*, 2ª ed., London: Sage Publication.

VATTIMO, G. (1997), "*O Rasto do rasto*", DERRIDA, J. *et al.*, *A religião*. Lisboa: Relógio D'Água.

VELASCO, Juan, M. (1993), *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: Ediciones Paulinas.

WEBER, M. (1984), *Ensayos sobre Sociología de la Religión*. Madrid: Taurus.

ZARRAGA, José Luis de (Dir.), (1984), *Encuesta sobre los hábitos y prácticas culturales de la población*. Encuesta Cultural y Ocio. Madrid: I.J. Ministério de Cultura.

INQUÉRITOS SOBRE OS JOVENS PORTUGUESES

Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses (2000). José Machado Pais, Manuel Villaverde Cabral (et. al.). Oeiras: Celta.

Inquérito aos jovens da arquidiocese de braga (2002). Centro de Estudos Sociais e Pastorais da Universidade Católica Portuguesa (UCP).

Gerações e valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea (1998). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações (1987). Resultados Globais, Colecção Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações, nº. 1, Lisboa: IPJ/ICS.

Inquérito Nacional à Juventude (1983). Lisboa: Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ).

Práticas Culturais dos Lisboetas (1994). José Machado Pais (coord.), Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Valores e Atitudes dos Jovens (1983). Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED).

European Values Survey, 1980, 1990 e 2000.

ANEXOS

I PARTE

1. Identificação Religiosa

1.1. Católicos Praticantes, segundo o Arciprestado

Tabela 1.1

Arciprestado	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Amares	18.521	8.367	**45,2**	1.297	7	8.367	4.133	49,4	616	7,4
Barcelos	122.096	54.262	**44,4**	8.988	7,4	54.262	27.676	51	4.208	7,8
Braga	164.192	48.922	**29,8**	6.755	4,1	48.922	23.860	48,8	2.852	5,8
Cabeceiras de Basto	17.846	7.342	**41,1**	1.198	6,7	7.342	4.291	58,4	661	9
Celorico de Basto	19.282	9.475	**49,1**	1.552	8	9.475	4.870	51,4	826	8,7
Esposende	33.325	14.555	**43,7**	2.405	7,2	14.555	9.608	66	1.543	10,6
Fafe	53.941	19.859	**36,8**	2.695	5	19.859	10.254	51,6	1.178	5,9
Guimarães e Vizela	173.474	64.324	**37,1**	9.753	5,6	64.324	32.954	51,2	4.718	7,3
Póvoa de Lanhoso	17.651	10.455	**59,2**	1.679	9,5	10.455	5.489	52,5	947	9,1
Terras de Bouro	9.251	3.867	**41,8**	498	5,4	3.867	1.581	40,9	181	4,7
Vieira do Minho	14.724	5.889	**40**	868	5,9	5.889	2.840	48,2	372	6,3
Vila Verde	45.678	20.424	**44,7**	3.287	7,2	20.424	11.643	57	1.626	8
Vila do Conde/Póvoa de Varzim	183.940	33.127	**18**	4.763	2,6	33.127	19.114	57,7	2.660	8
Vila Nova de Famalicão	142.148	48.669	**34,2**	6.869	4,8	48.669	26.010	53,4	3.338	6,9
Total:	**1.016.069**	**349.537**	**34,4**	**52.607**	**5,2**	**349.537**	**184.323**	**52,7**	**25.726**	**7,4**

Obs:

1. O diferencial no Arciprestado de Terras de Bouro em menos 161 indivíduos em relação aos resultados dos RPDs e este estudo deve-se ao facto de enquadrarmos Valbom (S. Pedro) no Arciprestado de Vila Verde. – Somas mal feitas quando passou para o ficheiro dos resultados do Distrito.
2. O diferencial em relação ao Arciprestado de Vieira do Minho deve-se ao facto de não se ter tido em conta a soma das paróquias de Agra e Anissó.
3. Há um diferencial em Relação à paróquia da Sra da Conceição, visto que na base de dados encontramos que 1042 indivíduos comungaram, contudo depois não subdivide este número nem por idades nem por sexo, daí que optamos por o retirar.

1.2. Católicos Praticantes, segundo o sexo, idade e paróquia

Tabela 1.2

		Praticantes				Comungantes					
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos		Dos 15-24 anos		Dos 7-70 e + anos		Dos 15-24 anos		Lug. de Culto	N.º de Celeb.
		H	M	H	M	H	M	H	M		
Arciprestado											
Amares	8.367	3.485	4.882	547	750	1.459	2.674	217	399	26	53
Barcelos	54.262	22.583	31.679	3.747	5.241	10.293	17.383	1.585	2.623	109	222
Braga	48.922	19.728	29.194	2.792	3.963	8.266	15.594	1.049	1.803	124	240
Cabeceiras de Basto	7.342	3.019	4.323	477	721	1.516	2.775	230	431	37	44
Celorico de Basto	9.475	3.862	5.613	611	941	1.790	3.080	288	538	32	40
Esposende	14.555	5.652	8.903	984	1.421	3.345	6.263	613	930	23	56
Fafe	19.859	7.413	12.446	1.024	1.671	3.258	6.996	384	794	54	93
Guimarães e Vizela	64.324	26.316	38.008	4.019	5.734	11.971	20.983	1.728	2.990	98	244
Póvoa de Lanhoso	10.455	4.228	6.227	702	977	2.012	3.477	449	498	37	60
Terras de Bouro	3.867	1.558	2.309	193	305	568	1.013	72	109	21	29
Vieira do Minho	5.889	2.420	3.469	377	491	1.017	1.823	146	226	33	44
Vila Verde	20.424	8.189	12.235	1.318	1.969	4.193	7.450	579	1.047	63	104
Vila do Conde/Póvoa de Varzim	33.127	12.430	20.697	1.820	2.943	6.237	12.877	915	1.745	52	114
Vila Nova de Famalicão	48.669	19.745	28.924	2.884	3.985	9.039	16.971	1.210	2.128	75	179
Total:	**349.537**	**140.628**	**208.909**	**21.495**	**31.112**	**64.964**	**119.359**	**9.465**	**16.261**	**784**	**1.522**
%		(40,2)	(59,8)	(40,9)	(59,1)	(35,2)	(64,8)	(36,8)	(63,2)		

1.3. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Amares

Tabela 1.3

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 Anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Amares	1293	683	**52,8**	92	7,1	683	252	36,9	21	3,1
Barreiros	702	383	**54,6**	56	8,0	383	131	34,2	14	3,7
Besteiros	615	192	**31,2**	22	3,6	192	79	41,1	12	6,3
Bico	528	253	**47,9**	43	8,1	253	91	36,0	15	5,9
Bouro (Santa Maria)	909	569	**62,6**	57	6,3	569	237	41,7	30	5,3
Bouro (Santa Marta)	565	219	**38,8**	38	6,7	219	124	56,6	14	6,4
Caíres	956	454	**47,5**	81	8,5	454	310	68,3	53	11,7
Caldelas	1013	522	**51,5**	66	6,5	522	259	49,6	27	5,2
Carrazedo	759	336	**44,3**	66	8,7	336	128	38,1	26	7,7
Dornelas	523	326	**62,3**	66	12,6	326	174	53,4	42	12,9
Ferreiros	2879	1189	**41,3**	166	5,8	1189	958	80,6	158	13,3
Figueiredo	1040	375	**36,1**	62	6,0	375	185	49,3	18	4,8
Fiscal	638	352	**55,2**	58	9,1	352	124	35,2	14	4,0
Goães	647	311	**48,1**	48	7,4	311	150	48,2	19	6,1
Lago	1955	389	**19,9**	50	2,6	389	123	31,6	14	3,6
Paranhos	155	92	**59,4**	10	6,5	92	27	29,3	3	3,3
Paredes Secas	156	112	**71,8**	23	14,7	112	72	64,3	12	10,7
Portela	198	91	**46,0**	11	5,6	91	57	62,6	7	7,7
Prozelo	653	249	**38,1**	31	4,7	249	146	58,6	27	10,8
Rendufe	1126	559	**49,6**	126	11,2	559	208	37,2	40	7,2
Sequeiros	273	116	**42,5**	19	7,0	116	29	25,0	5	4,3
Seramil	223	182	**81,6**	42	18,8	182	86	47,3	14	7,7
Torre	402	214	**53,2**	31	7,7	214	46	21,5	5	2,3
Vilela	313	199	**63,6**	33	10,5	199	137	68,8	26	13,1
Total:	**18521**	**8367**	**45,2**	**1297**	**7,0**	**8367**	**4133**	**49,4**	**616**	**7,4**

1.4. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Barcelos

Tabela 1.4

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Abade de Neiva	1869	783	**41,9**	102	5,5	783	506	64,6	66	8,4
Aborim	971	347	**35,7**	46	4,7	347	117	33,7	12	3,5
Adães	739	331	**44,8**	60	8,1	331	189	57,1	39	11,8
Aguiar	574	250	**43,6**	46	8,0	250	123	49,2	13	5,2
Airó	946	481	**50,8**	97	10,3	481	271	56,3	61	12,7
Aldreu	855	378	**44,2**	70	8,2	378	181	47,9	26	6,9
Alheira	1108	573	**51,7**	76	6,9	573	463	80,8	47	8,2
Alvelos	2168	886	**40,9**	141	6,5	886	422	47,6	58	6,5
Alvito (SãoMartinho)	379	263	**69,4**	47	12,4	263	131	49,8	28	10,6
Alvito (São Pedro)	549	294	**53,6**	63	11,5	294	136	46,3	14	4,8
Arcozelo	13375	1317	**9,8**	149	1,1	1317	873	66,3	95	7,2
Areias	1092	442	**40,5**	76	7,0	442	228	51,6	49	11,1
Areias de Vilar	1457	710	**48,7**	92	6,3	710	384	54,1	42	5,9
Balugães	863	387	**44,8**	46	5,3	387	195	50,4	21	5,4
Barcelinhos	1899	751	**39,5**	129	6,8	751	382	50,9	67	8,9
Barcelos	5213	5714	**109,6**	754	14,5	5714	2452	42,9	299	5,2
Barqueiros	2033	582	**28,6**	78	3,8	582	284	48,8	45	7,7
Bastuço (São João)	694	280	**40,3**	57	8,2	280	221	78,9	41	14,6
Bastuço (Santo Estêvão)	456	170	**37,3**	28	6,1	170	120	70,6	18	10,6
Cambeses	1346	430	**31,9**	66	4,9	430	305	70,9	39	9,1
Campo	992	452	**45,6**	86	8,7	452	188	41,6	38	8,4
Carapeços	2186	623	**28,5**	112	5,1	623	184	29,5	30	4,8
Carreira	1584	694	**43,8**	128	8,1	694	209	30,1	46	6,6
Carvalhal	1614	848	**52,5**	179	11,1	848	479	56,5	89	10,5
Carvalhos	781	257	**32,9**	53	6,8	257	65	25,3	7	2,7
Chavão	733	372	**50,8**	71	9,7	372	208	55,9	52	14,0

Chorente	758	377	**49,7**	63	8,3	377	123	32,6	25	6,6
Cossourado	927	572	**61,7**	104	11,2	572	405	70,8	79	13,8
Courel	518	472	**91,1**	71	13,7	472	201	42,6	33	7,0
Couto	349	201	**57,6**	29	8,3	201	122	60,7	11	5,5
Creixomil	858	1347	**157,0**	260	30,3	1347	827	61,4	188	14,0
Cristelo	1917	950	**49,6**	184	9,6	950	490	51,6	94	9,9
Durrães	785	344	**43,8**	67	8,5	344	129	37,5	13	3,8
Encourados	559	237	**42,4**	49	8,8	237	148	62,4	22	9,3
Faria	583	300	**51,5**	45	7,7	300	140	46,7	15	5,0
Feitos	534	298	**55,8**	68	12,7	298	131	44,0	24	8,1
Fonte Coberta	609	256	**42,0**	52	8,5	256	100	39,1	16	6,3
Fornelos	763	382	**50,1**	68	8,9	382	126	33,0	26	6,8
Fragoso	2285	1142	**50,0**	189	8,3	1142	786	68,8	152	13,3
Galegos (Santa Maria)	3081	1146	**37,2**	188	6,1	1146	529	46,2	79	6,9
Galegos (São Martinho)	2051	632	**30,8**	100	4,9	632	388	61,4	53	8,4
Gamil	838	247	**29,5**	20	2,4	247	152	61,5	15	6,1
Gilmonde	1525	463	**30,4**	73	4,8	463	396	85,5	64	13,8
Góios	567	250	**44,1**	44	7,8	250	94	37,6	12	4,8
Grimancelos	861	386	**44,8**	70	8,1	386	299	77,5	52	13,5
Gueral	417	280	**67,1**	54	12,9	280	145	51,8	26	9,3
Igreja Nova	445	213	**47,9**	26	5,8	213	131	61,5	13	6,1
Lama	1330	787	**59,2**	174	13,1	787	319	40,5	53	6,7
Lijó	2191	1012	**46,2**	197	9,0	1012	495	48,9	78	7,7
Macieira	1967	726	**36,9**	120	6,1	726	551	75,9	95	13,1
Manhente	1587	626	**39,4**	103	6,5	626	274	43,8	38	6,1
Mariz	428	177	**41,4**	24	5,6	177	85	48,0	16	9,0
Martim	2411	1389	**57,6**	254	10,5	1389	756	54,4	114	8,2
Midões	457	209	**45,7**	40	8,8	209	139	66,5	24	11,5
Milhazes	984	423	**43,0**	63	6,4	423	307	72,6	38	9,0
Minhotães	883	483	**54,7**	63	7,1	483	353	73,1	45	9,3
Monte de Fralães	270	177	**65,6**	29	10,7	177	69	39,0	15	8,5
Moure	949	468	**49,3**	105	11,1	468	185	39,5	28	6,0
Negreiros	1724	1037	**60,2**	186	10,8	1037	365	35,2	57	5,5
Oliveira	1038	568	**54,7**	81	7,8	568	143	25,2	10	1,8
Palme	1072	616	**57,5**	99	9,2	616	310	50,3	46	7,5
Panque	750	355	**47,3**	65	8,7	355	258	72,7	47	13,2

Paradela	853	487	57,1	70	8,2	487	339	69,6	43	8,8
Pedra Furada	466	185	39,7	35	7,5	185	80	43,2	17	9,2
Pereira	1307	772	59,1	153	11,7	772	399	51,7	70	9,1
Perelhal	1603	596	37,2	82	5,1	596	249	41,8	42	7,0
Pousa	2290	1363	59,5	284	12,4	1363	684	50,2	116	8,5
Quintiães	693	388	56,0	74	10,7	388	176	45,4	32	8,2
Remelhe	1410	688	48,8	137	9,7	688	334	48,5	54	7,8
Rio Covo (Santa Eugénia)	1399	544	38,9	81	5,8	544	358	65,8	55	10,1
Rio Covo (Santa Eulália)	1033	329	31,8	60	5,8	329	182	55,3	28	8,5
Roriz	2152	1000	46,5	200	9,3	1000	589	58,9	95	9,5
Sequiade	804	307	38,2	60	7,5	307	179	58,3	14	4,6
Silva	998	683	68,4	123	12,3	683	321	47,0	53	7,8
Silveiros	1108	349	31,5	64	5,8	349	205	58,7	43	12,3
Tamel (Santa Leocádia)	768	311	40,5	52	6,8	311	76	24,4	10	3,2
Tamel (São Pedro Fins)	551	226	41,0	22	4,0	226	118	52,2	9	4,0
Tamel (São Veríssimo)	3115	1044	33,5	188	6,0	1044	390	37,4	76	7,3
Tregosa	695	329	47,3	57	8,2	329	157	47,7	16	4,9
Ucha	1359	622	45,8	89	6,5	622	212	34,1	19	3,1
Várzea	1648	881	53,5	156	9,5	881	403	45,7	53	6,0
Viatodos	2027	736	36,3	127	6,3	736	350	47,6	45	6,1
Vila Boa	1640	1085	66,2	131	8,0	1085	419	38,6	37	3,4
Vila Cova	1970	997	50,6	175	8,9	997	371	37,2	56	5,6
Vila Frescainha (São Martinho	2219	648	29,2	81	3,7	648	429	66,2	50	7,7
Vila Frescainha (São Pedro)	1655	441	26,6	66	4,0	441	294	66,7	32	7,3
Vila Seca	1275	590	46,3	87	6,8	590	336	56,9	45	7,6
Vilar de Figos	651	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0	0
Vilar do Monte	660	498	75,5	55	8,3	498	229	46,0	40	8,0
Total:	122096	54262	44,4	8988	7,4	54262	27676	51,0	4208	7,8

1.5. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Braga

Tabela 1.5

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Adaúfe	3959	955	**24,1**	153	3,9	955	493	51,6	62	6,5
Arcos	731	197	**26,9**	29	4,0	197	133	67,5	14	7,1
Arentim	1040	491	**47,2**	71	6,8	491	276	56,2	35	7,1
Aveleda	2253	602	**26,7**	121	5,4	602	436	72,4	90	15,0
Cabreiros	1638	617	**37,7**	117	7,1	617	283	45,9	39	6,3
Celeiros	2998	990	**33,0**	185	6,2	990	863	87,2	151	15,3
Braga (Cividade)	1884	481	**25,5**	121	6,4	481	273	56,8	72	15,0
Crespos	991	303	**30,6**	46	4,6	303	193	63,7	27	8,9
Cunha	612	221	**36,1**	39	6,4	221	106	48,0	16	7,2
Dume	3081	621	**20,2**	89	2,9	621	364	58,6	50	8,1
Escudeiros	1050	221	**21,0**	34	3,2	221	126	57,0	21	9,5
Espinho	1334	3698	**277,2**	629	47,2	3698	Não existem dados			
Esporões	1845	663	**35,9**	136	7,4	663	385	58,1	89	13,4
Este (São Mamede)	1709	634	**37,1**	112	6,6	634	349	55,0	41	6,5
Este (São Pedro)	1806	224	**12,4**	32	1,8	224	150	67,0	21	9,4
Ferreiros	6857	1009	**14,7**	135	2,0	1009	496	49,2	65	6,4
Figueiredo	1218	547	**44,9**	91	7,5	547	311	56,9	48	8,8
Fradelos	678	274	**40,4**	45	6,6	274	161	58,8	23	8,4
Fraião	2131	298	**14,0**	39	1,8	298	158	53,0	17	5,7
Frossos	1423	242	**17,0**	30	2,1	242	155	64,0	15	6,2
Gondizalves	1409	225	**16,0**	29	2,1	225	144	64,0	19	8,4
Gualtar	3807	670	**17,6**	83	2,2	670	358	53,4	37	5,5
Guisande	453	326	**72,0**	66	14,6	326	132	40,5	27	8,3
Lamaçães	1364	232	**17,0**	24	1,8	232	126	54,3	14	6,0
Lamas	708	183	**25,8**	35	4,9	183	103	56,3	19	10,4
Lomar	5546	719	**13,0**	100	1,8	719	360	50,1	33	4,6
Braga (Maximinos)	10030	2273	**22,7**	299	3,0	2273	1153	50,7	112	4,9
Merelim (São Paio)	2365	907	**38,4**	116	4,9	907	335	36,9	26	2,9
Merelim (São Pedro)	1710	601	**35,1**	79	4,6	601	265	44,1	24	4,0

Mire de Tibães	2389	768	**32,1**	138	5,8	768	391	50,9	55	7,2
Morreira	796	309	**38,8**	73	9,2	309	176	57,0	41	13,3
Navarra	454	164	**36,1**	19	4,2	164	57	34,8	6	3,7
Nogueira	4815	352	**7,3**	49	1,0	352	207	58,8	19	5,4
Nogueiró	2118	495	**23,4**	44	2,1	495	330	66,7	19	3,8
Oliveira (São Pedro)	568	279	**49,1**	57	10,0	279	128	45,9	27	9,7
Padim da Graça	1580	564	**35,7**	95	6,0	564	209	37,1	23	4,1
Palmeira	4594	1111	**24,2**	182	4,0	1111	462	41,6	65	5,9
Panóias	1630	548	**33,6**	85	5,2	548	211	38,5	12	2,2
Parada de Tibães	798	235	**29,4**	37	4,6	235	116	49,4	14	6,0
Passos (São Julião)	697	338	**48,5**	56	8,0	338	124	36,7	18	5,3
Pedralva	1150	640	**55,7**	104	9,0	640	396	61,9	55	8,6
Penso (Santo Estêvão)	400	301	**75,3**	49	12,3	301	173	57,5	30	10,0
Penso (São Vicente)	366	Não existem dados								
Pousada	474	226	**47,7**	38	8,0	226	125	55,3	17	7,5
Priscos	1301	422	**32,4**	79	6,1	422	195	46,2	34	8,1
Real	4871	487	**10,0**	85	1,7	487	239	49,1	31	6,4
Ruilhe	1306	600	**45,9**	107	8,2	600	230	38,3	37	6,2
Santa Lucrécia de Algeriz	485	157	**32,4**	35	7,2	157	46	29,3	6	3,8
Santa Maria Maior e Sé Primaz	3587	2017	**56,2**	199	5,5	2017	937	46,5	87	4,3
São João do Souto	932	3718	**398,9**	326	35,0	3718	1760	47,3	137	3,7
São José de São Lázaro	14830	4044	**27,3**	348	2,3	4044	2025	50,1	159	3,9
Santo Adrião	**1)**	1419	**9,6**	136	0,9	1419	854	60,2	70	4,9
São Vicente	12162	3045	**25,0**	334	2,7	3045	1786	58,7	153	5,0
São Vítor	25407	3176	**12,5**	395	1,6	3176	1917	60,4	252	7,9
Semelhe	847	224	**26,4**	36	4,3	224	149	66,5	17	7,6
Sequeira	2030	594	**29,3**	86	4,2	594	206	34,7	34	5,7
Sobreposta	1199	728	**60,7**	124	10,3	728	354	48,6	70	9,6
Tadim	886	401	**45,3**	55	6,2	401	199	49,6	18	4,5
Tebosa	1096	323	**29,5**	47	4,3	323	162	50,2	12	3,7
Tenões	1067	896	**84,0**	106	9,9	896	382	42,6	31	3,5
Trandeiras	703	307	**43,7**	61	8,7	307	182	59,3	43	14,0
Vilaça	893	272	**30,5**	43	4,8	272	130	47,8	13	4,8
Vimieiro	1131	338	**29,9**	42	3,7	338	313	92,6	40	11,8
Total:	**164.192**	**48.922**	**29,8**	**6.755**	**4,1**	**48.922**	**23860**	**48,8**	**2852**	**5,8**

Obs:

1. *A paróquia de Santo Adrião foi instituída com paroquianos de S. Lázaro, Nogueira, S. Vítor e Fraião.*
2. *Não existem dados em relação às "Comunhões" na paróquia de Espinho.*
3. *Não existem referências sobre a paróquia de Penso (S. Vicente).*

1.6. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Cabeceiras de Basto

Tabela 1.6

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Abadim	668	273	**40,9**	39	5,8	273	175	64,1	22	8,1
Alvite	1022	392	**38,4**	59	5,8	392	225	57,4	37	9,4
Arco de Baúlhe	1808	641	**35,5**	106	5,9	641	264	41,2	41	6,4
Basto	829	350	**42,2**	72	8,7	350	182	52,0	33	9,4
Buços	615	296	**48,1**	43	7,0	296	155	52,4	21	7,1
Cabeceiras de Basto	868	491	**56,6**	75	8,6	491	290	59,1	41	8,4
Cavez	1599	603	**37,7**	83	5,2	603	386	64,0	59	9,8
Faia	687	280	**40,8**	48	7,0	280	139	49,6	23	8,2
Gondiães	314	165	**52,5**	12	3,8	165	86	52,1	9	5,5
Outeiro	1057	231	**21,9**	23	2,2	231	88	38,1	10	4,3
Painzela	926	398	**43,0**	57	6,2	398	175	44,0	26	6,5
Passos	273	240	**87,9**	31	11,4	240	167	69,6	16	6,7
Pedraça	895	303	**33,9**	55	6,1	303	152	50,2	28	9,2
Refojos de Basto	4445	1765	**39,7**	334	7,5	1765	1183	67,0	191	10,8
Riodouro	1210	616	**50,9**	113	9,3	616	462	75,0	78	12,7
Vila Nune	370	133	**35,9**	21	5,7	133	78	58,6	12	9,0
Vilar de Cunhas	260	165	**63,5**	27	10,4	165	84	50,9	14	8,5
Total:	**17846**	**7342**	**41,1**	**1198**	**6,7**	**7342**	**4291**	**58,4**	**661**	**9,0**

1.7. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Celorico de Basto

Tabela 1.7

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Agilde	1.294	611	**47,2**	111	8,6	611	331	54,2	55	9,0
Arnoia	1.919	869	**45,3**	128	6,7	869	345	39,7	60	6,9
Basto (São Clemente)	1.587	909	**57,3**	155	9,8	909	594	65,3	90	9,9
Basto (Santa Tecla)	279	134	**48,0**	22	7,9	134	72	53,7	9	6,7
Borba da Montanha	1.255	633	**50,4**	111	8,8	633	237	37,4	48	7,6
Britelo	2.542	846	**33,3**	116	4,6	846	339	40,1	51	6,0
Caçarilhe	455	220	**48,4**	37	8,1	220	172	78,2	22	10,0
Canedo	1.028	430	**41,8**	68	6,6	430	191	44,4	35	8,1
Carvalho	838	340	**40,6**	51	6,1	340	222	65,3	35	10,3
Codeçoso	503	226	**44,9**	38	7,6	226	115	50,9	28	12,4
Corgo	324	215	**66,4**	50	15,4	215	101	47,0	24	11,2
Fervença	1.410	864	**61,3**	137	9,7	864	267	30,9	41	4,7
Gagos	632	270	**42,7**	42	6,6	270	166	61,5	34	12,6
Gémeos	626	285	**45,5**	44	7,0	285	148	51,9	34	11,9
Infesta	316	146	**46,2**	26	8,2	146	53	36,3	9	6,2
Molares	518	278	**53,7**	49	9,5	278	172	61,9	33	11,9
Moreira do Castelo	615	395	**64,2**	66	10,7	395	99	25,1	7	1,8
Ourilhe	393	276	**70,2**	40	10,2	276	195	70,7	28	10,1
Ribas	1.229	829	**67,5**	153	12,4	829	655	79,0	119	14,4
Vale de Bouro	812	330	**40,6**	58	7,1	330	179	54,2	33	10,0
Veade	707	369	**52,2**	50	7,1	369	217	58,8	31	8,4
Total: 1)	**19.282**	**9.475**	**49,1**	**1.552**	**8,0**	**9.475**	**4.870**	**51,4**	**826**	**8,7**

Obs:

1. A população do Arciprestado (19.282) não coincide com a população do Distrito (20.466) em 1.184 indivíduos, visto que estes pertencem à paróquia de *Rego*, a qual está integrada no Arciprestado de Fafe.

1.8. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Esposende

Tabela 1.8

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Antas	2.163	1.062	**49,1**	161	7,4	1.062	878	82,7	142	13,4
Apúlia	4.323	1.745	**40,4**	291	6,7	1.745	1.309	75,0	235	13,5
Belinho	2.146	1.198	**55,8**	266	12,4	1.198	851	71,0	162	13,5
Curvos	831	438	**52,7**	79	9,5	438	313	71,5	54	12,3
Esposende	3.470	1.996	**57,5**	291	8,4	1.996	962	48,2	121	6,1
Fão	2.843	927	**32,6**	119	4,2	927	523	56,4	44	4,7
Fonte Boa	1.298	544	**41,9**	97	7,5	544	238	43,8	30	5,5
Forjães	2.577	1.371	**53,2**	235	9,1	1.371	834	60,8	165	12,0
Gandra	1.254	527	**42,0**	101	8,1	527	394	74,8	76	14,4
Gemeses	1.115	545	**48,9**	90	8,1	545	473	86,8	78	14,3
Mar	1.381	807	**58,4**	133	9,6	807	573	71,0	84	10,4
Marinhas	5.677	1.698	**29,9**	245	4,3	1.698	1.203	70,8	166	9,8
Palmeira de Faro	2.161	808	**37,4**	135	6,2	808	475	58,8	80	9,9
Rio Tinto	676	284	**42,0**	43	6,4	284	144	50,7	20	7,0
Vila Chã	1.410	605	**42,9**	119	8,4	605	438	72,4	86	14,2
Total	**33.325**	**14.555**	**43,7**	**2.405**	**7,2**	**14.555**	**9.608**	**66,0**	**1.543**	**10,6**

1.9. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Fafe

Tabela 1.9

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Aboim	418	224	**53,6**	24	5,7	224	118	52,7	15	6,7
Agrela	271	145	**53,5**	23	8,5	145	63	43,4	8	5,5
Antime	1.589	413	**26,0**	50	3,1	413	297	71,9	30	7,3
Ardegão	342	203	**59,4**	33	9,6	203	117	57,6	17	8,4
Armil	820	344	**42,0**	41	5,0	344	235	68,3	32	9,3
Arnosela	292	186	**63,7**	23	7,9	186	112	60,2	17	9,1
Arões (Santa Cristina)	1.352	519	**38,4**	77	5,7	519	251	48,4	33	6,4
Arões (São Romão)	3.258	1.047	**32,1**	162	5,0	1.047	380	36,3	52	5,0
Cepães	1.590	601	**37,8**	89	5,6	601	264	43,9	36	6,0
Estorãos	1.588	431	**27,1**	49	3,1	431	196	45,5	21	4,9
Fafe	15.323	3.907	**25,5**	447	2,9	3.907	2.204	56,4	238	6,1
Fareja	877	246	**28,1**	42	4,8	246	144	58,5	27	11,0
Felgueiras	135	128	**94,8**	24	17,8	128	97	75,8	12	9,4
Fornelos	1.430	382	**26,7**	50	3,5	382	173	45,3	14	3,7
Freitas	745	364	**48,9**	46	6,2	364	207	56,9	17	4,7
Golães	2.157	802	**37,2**	130	6,0	802	306	38,2	31	3,9
Gontim	127	85	**66,9**	10	7,9	85	77	90,6	10	11,8
Medelo	1.604	489	**30,5**	66	4,1	489	231	47,2	22	4,5
Monte	393	280	**71,2**	40	10,2	280	143	51,1	15	5,4
Moreira de Rei	1.992	852	**42,8**	129	6,5	852	333	39,1	55	6,5
Passos	1.113	572	**51,4**	84	7,5	572	243	42,5	21	3,7
Pedraído	321	187	**58,3**	17	5,3	187	122	65,2	13	7,0
Queimadela	616	359	**58,3**	45	7,3	359	298	83,0	35	9,7
Quinchães	2.344	750	**32,0**	122	5,2	750	428	57,1	55	7,3
Regadas	1.794	754	**42,0**	121	6,7	754	305	40,5	30	4,0
Rego	1.184	943	**79,6**	136	11,5	943	492	52,2	61	6,5
Revelhe	820	365	**44,5**	53	6,5	365	261	71,5	35	9,6
Ribeiros	732	Não apresenta dados								
São Gens	1.888	709	**37,6**	89	4,7	709	533	75,2	49	6,9
Seidões	621	358	**57,6**	57	9,2	358	194	54,2	27	7,5

Serafão	1.195	617	**51,6**	76	6,4	617	281	45,5	32	5,2
Silvares (São Clemente)	551	261	**47,4**	29	5,3	261	166	63,6	16	6,1
Silvares (São Martinho)	1.451	609	**42,0**	84	5,8	609	284	46,6	28	4,6
Travassós	1.621	835	**51,5**	121	7,5	835	329	39,4	32	3,8
Várzea Cova	447	325	**72,7**	37	8,3	325	124	38,2	12	3,7
Vila Cova	252	233	**92,5**	18	7,1	233	114	48,9	10	4,3
Vinhós	688	334	**48,5**	51	7,4	334	132	39,5	20	6,0
Total:	**53.941**	**19.859**	**36,8**	**2.695**	**5,0**	**19.859**	**10.254**	**51,6**	**1.178**	**5,9**

Obs:

1. Não se registam dados sobre a paróquia de *Ribeiros*.
2. A paróquia de *Rego* pertence ao Arciprestado de Fafe, mas civilmente ao de *Celorico de Basto*, daí que a população do Arciprestado (53.941) exceda em 1.184 indivíduos a população do Distrito que é de 52.757 indivíduos.

1.10. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Guimarães e Vizela

Tabela 1.10

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Abação (São Tomé)	2.300	232	**10,1**	43	1,9	232	135	58,2	23	9,9
Abação (S. Cristóvão)		228	**9,9**	45	2,0	228	153	67,1	28	12,3
Airão (São João Baptista)	886	485	**54,7**	88	9,9	485	211	43,5	31	6,4
Airão (Santa Maria)	1.859	560	**30,1**	109	5,9	560	246	43,9	34	6,1
Aldão	918	214	**23,3**	35	3,8	214	109	50,9	15	7,0
Atães	2.026	392	**19,3**	81	4,0	392	234	59,7	41	10,5
Lobeira		250	**12,3**	37	1,8	250	146	58,4	25	10,0
Azurém	8.150	1.289	**15,8**	162	2,0	1.289	576	44,7	73	5,7
N. Sra. da Conceição	**1)**	1.402	**17,2**	164	2,0	1.402	Erro	Não constam dados		
Balazar	565	389	**68,8**	70	12,4	389	175	45,0	25	6,4
Barco	1.430	865	**60,5**	174	12,2	865	461	53,3	96	11,1
Briteiros (Div. Salvador)	1.248	509	**40,8**	101	8,1	509	238	46,8	40	7,9
Briteiros (Santa Leocádia)	906	247	**27,3**	47	5,2	247	120	48,6	28	11,3
Briteiros (Santo Estêvão)	1.348	464	**34,4**	96	7,1	464	285	61,4	49	10,6
Brito	4.605	1.159	**25,2**	196	4,3	1.159	618	53,3	77	6,6
Caldelas	5.252	2.878	**54,8**	514	9,8	2.878	1.555	54,0	235	8,2
Calvos	983	567	**57,7**	104	10,6	567	219	38,6	33	5,8
Candoso (São Martinho)	1.601	471	**29,4**	56	3,5	471	280	59,4	28	5,9
Candoso (Santiago)	2.004	156	**7,8**	31	1,5	156	82	52,6	11	7,1
Conde	1.437	557	**38,8**	93	6,5	557	290	52,1	62	11,1
Costa	3.450	987	**28,6**	154	4,5	987	431	43,7	65	6,6
Creixomil	9.393	1.191	**12,7**	149	1,6	1.191	653	54,8	69	5,8
Donim	989	460	**46,5**	71	7,2	460	232	50,4	29	6,3
Fermentões	4.137	679	**16,4**	88	2,1	679	422	62,2	54	8,0
Figueiredo	484	458	**94,6**	96	19,8	458	226	49,3	27	5,9
Gandarela	1.163	398	**34,2**	78	6,7	398	214	53,8	43	10,8
Gémeos	548	334	**60,9**	64	11,7	334	204	61,1	38	11,4
Gominhães	507	238	**46,9**	46	9,1	238	146	61,3	29	12,2

Gonça	1.045	597	**57,1**	115	11,0	597	196	32,8	31	5,2
Gondar	2.868	895	**31,2**	121	4,2	895	443	49,5	42	4,7
Gondomar	676	374	**55,3**	59	8,7	374	184	49,2	31	8,3
Guardizela	2.501	652	**26,1**	94	3,8	652	352	54,0	52	8,0
Infantas	1.932	525	**27,2**	112	5,8	525	278	53,0	58	11,0
Matamá		117	**6,1**	27	1,4	117	80	68,4	18	15,4
Infias	1.765	825	**46,7**	127	7,2	825	500	60,6	90	10,9
Leitões	588	311	**52,9**	50	8,5	311	183	58,8	25	8,0
Longos	1.699	489	**28,8**	108	6,4	489	232	47,4	27	5,5
Lordelo	4.641	1.959	**42,2**	254	5,5	1.959	1.245	63,6	153	7,8
Mascotelos	1.328	298	**22,4**	44	3,3	298	172	57,7	45	15,1
Mesão Frio	4.003	889	**22,2**	157	3,9	889	557	62,7	89	10,0
Moreira de Cónegos	5.828	1.617	**27,7**	211	3,6	1.617	1.064	65,8	128	7,9
Nespereira	2.862	796	**27,8**	110	3,8	796	478	60,1	87	10,9
Nossa Senhora da Oliveira	3.448	1.258	**36,5**	161	4,7	1.258	648	51,5	84	6,7
Oleiros	510	200	**39,2**	22	4,3	200	133	66,5	14	7,0
Penselo	1.444	177	**12,3**	23	1,6	177	103	58,2	18	10,2
Pinheiro	1.301	355	**27,3**	57	4,4	355	170	47,9	27	7,6
Polvoreira	3.813	405	**10,6**	54	1,4	405	252	62,2	30	7,4
Ponte	6.597	1.685	**25,5**	231	3,5	1.685	928	55,1	115	6,8
Corvite		359	**5,4**	66	1,0	359	223	62,1	46	12,8
Prazins (Santa Eufémia)	1.274	625	**49,1**	95	7,5	625	309	49,4	47	7,5
Prazins (Santo Tirso)	824	317	**38,5**	46	5,6	317	146	46,1	12	3,8
Rendufe	779	310	**39,8**	58	7,4	310	157	50,6	36	11,6
Ronfe	4.487	1.440	**32,1**	233	5,2	1.440	625	43,4	79	5,5
São Paio	3.920	2.927	**74,7**	377	9,6	2.927	1.258	43,0	191	6,5
São Sebastião	1.949	5.075	**260,4**	666	34,2	5.075	2.023	39,9	286	5,6
São Dâmaso	**2)**	680	**34,9**	112	5,7	680	498	73,2	76	11,2
São Torcato	3.624	1.808	**49,9**	217	6,0	1.808	933	51,6	101	5,6
Sande (São Clemente)	1.722	920	**53,4**	163	9,5	920	551	59,9	94	10,2
Sande (São Lourenço)	1.306	683	**52,3**	141	10,8	683	326	47,7	72	10,5
Sande (São Martinho)	2.880	901	**31,3**	157	5,5	901	502	55,7	61	6,8
Selho (São Cristóvão)	2.569	959	**37,3**	119	4,6	959	551	57,5	55	5,7
Selho (São Jorge)	5.114	1.272	**24,9**	141	2,8	1.272	669	52,6	52	4,1
Paraíso (S. Miguel) 3)	Não existem dados									
Selho (São Lourenço)	1.841	554	**30,1**	73	4,0	554	251	45,3	29	5,2
Serzedelo	4.073	1.177	**28,9**	170	4,2	1.177	514	43,7	62	5,3

Serzedo	1.480	542	**36,6**	106	7,2	542	287	53,0	56	10,3
Silvares	2.568	485	**18,9**	68	2,6	485	256	52,8	24	4,9
Souto (São Salvador)	928	448	**48,3**	90	9,7	448	218	48,7	41	9,2
Souto (Santa Maria)	831	329	**39,6**	71	8,5	329	172	52,3	27	8,2
Tabuadelo	1.723	437	**25,4**	69	4,0	437	241	55,1	28	6,4
Tagilde	1.777	562	**31,6**	82	4,6	562	438	77,9	61	10,9
Urgezes	5.124	1.296	**25,3**	185	3,6	1.296	646	49,8	70	5,4
Vermil	1.352	1.123	**83,1**	219	16,2	1.123	492	43,8	95	8,5
Sande (Vila Nova)	1.848	1.042	**56,4**	157	8,5	1.042	474	45,5	59	5,7
Vizela (São Faustino)	1.050	538	**51,2**	99	9,4	538	368	68,4	58	10,8
Caldas de Vizela (São João)	3.719	2.194	**59,0**	280	7,5	2.194	1.152	52,5	159	7,2
Caldas de Vizela (São Miguel	6.280	2.276	**36,2**	268	4,3	2.276	1.396	61,3	196	8,6
Vizela (São Paio)	1.394	562	**40,3**	96	6,9	562	419	74,6	73	13,0
Total:	**17.3474**	**64.324**	**37,1**	**9753**	**5,6**	**64.324**	**32.954**	**51,2**	**4.718**	**7,3**

Obs:

1. A paróquia de *Nossa Senhora da Conceição* foi edificada com paroquianos de *Fermentões, São Paio, Creixomil e Azurém*.

2. A paróquia de *S. Dâmaso* foi erigida com paroquianos de *Azurém, Costa e Oliveira*.

3. A paróquia do *Paraíso* foi, em tempos, freguesia, sendo que, para efeitos administrativos, em 1888, foi anexada à freguesia de *São Jorge (Selho)*, continuando religiosamente independente.

4. A paróquia de *Abação (S. Cristóvão)* pertence à freguesia de *Abação (S. Tomé)*.

5. A paróquia de *Lobeira (S. Cosme e S. Damião)* pertence à paróquia de *Atães*.

6. A paróquia de *Matamá* pertence à freguesia de *Infantas*.

7. Neste estudo não foram contabilizadas as "comunhões" na paróquia de *Nossa Senhora da Conceição* visto que apresentavam um erro estatístico, decorrendo, deste modo, um diferencial de 1.402 comunhões.

8. A paróquia de *Corvite* esteve até 2003 integrada na freguesia de *Ponte (S. João)*.

9. As paróquias de *Tagilde, Infias, Caldas de Vizela (S. João), Caldas de Vizela (S. Miguel) e Vizela (S. Paio)*, embora do Concelho de Vizela, estão integradas no Arciprestado de Guimarães e Vizela.

10. A população do Arciprestado de Guimarães e Vizela (173.474 indivíduos) é naturalmente superior à do Concelho de Guimarães (159.576), visto que este aglomera -além das freguesias que compõem o próprio Concelho, excepto *Arosa e Castelões* (com um total de 1.037 pessoas)-, 5 paróquias de Vizela, as quais perfazem um total de 14.935 indivíduos.

1.11. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Póvoa de Lanhoso

Tabela 1.11

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Águas Santas	386	208	**53,9**	37	9,6	208	380	100,0	**1)** Erro estatístico	
Ajude	164	85	**51,8**	14	8,5	85	30	35,3	4	4,7
Amparo (Nossa Senhora do Amparo)	4.602	1.458	**31,7**	209	4,5	1.458	481	33,0	41	2,8
Arosa 2)	674	372	**55,2**	47	7,0	372	205	55,1	28	7,5
Brunhais	332	191	**57,5**	33	9,9	191	95	49,7	9	4,7
Calvos	482	269	**55,8**	48	10,0	269	137	50,9	20	7,4
Campo	1.052	649	**61,7**	110	10,5	649	376	57,9	43	6,6
Castelões 2)	363	148	**40,8**	28	7,7	148	68	45,9	12	8,1
Covelas	400	178	**44,5**	33	8,3	178	60	33,7	8	4,5
Esperança	436	294	**67,4**	40	9,2	294	82	27,9	17	5,8
Ferreiros	439	225	**51,3**	39	8,9	225	95	42,2	17	7,6
Fontarcada	1.362	438	**32,2**	70	5,1	438	205	46,8	31	7,1
Frades	318	146	**45,9**	28	8,8	146	113	77,4	16	11,0
Friande	324	173	**53,4**	25	7,7	173	146	84,4	16	9,2
Galegos	629	188	**29,9**	21	3,3	188	63	33,5	12	6,4
Garfe	1.149	695	**60,5**	133	11,6	695	407	58,6	76	10,9
Geraz do Minho	548	315	**57,5**	72	13,1	315	179	56,8	37	11,7
Lanhoso	690	258	**37,4**	28	4,1	258	122	47,3	9	3,5
Louredo	403	234	**58,1**	47	11,7	234	143	61,1	24	10,3
Monsul	806	338	**41,9**	46	5,7	338	185	54,7	25	7,4
Moure	259	133	**51,4**	31	12,0	133	133	100,0	31	23,3
Oliveira	468	210	**44,9**	37	7,9	210	99	47,1	17	8,1
São João de Rei	435	214	**49,2**	38	8,7	214	115	53,7	17	7,9
Rendufinho	748	364	**48,7**	49	6,6	364	97	26,6	8	2,2
Santo Emilião	980	383	**39,1**	58	5,9	383	193	50,4	20	5,2
Serzedelo (Igreja Nova)	830	220	**26,5**	33	4,0	220	126	57,3	17	7,7
Sobradelo da Goma	1.105	544	**49,2**	87	7,9	544	186	34,2	30	5,5
Taíde	1.569	608	**38,8**	101	6,4	608	319	52,5	50	8,2
Travassos	777	376	**48,4**	65	8,4	376	218	58,0	45	12,0
Verim	405	220	**54,3**	33	8,1	220	220	100,0	33	15,0

Vilela	674	321	**47,6**	39	5,8	321	211	65,7	25	7,8
Total:	**17.651**	**10.455**	**59,2**	**1.679**	**9,5**	**10.455**	**5.489**	**52,5**	**947**	**9,1**

Obs:

1. Regista-se um erro estatístico na base de dados em relação à população jovem comungante na paróquia de *Águas Santas*.
2. As paróquias de *Castelões e Arosa*, embora pertençam ao Concelho de Guimarães, estão integradas no Arciprestado da Póvoa de Lanhoso, facto que faz exceder o total da população do Arciprestado (17.651) em 1.037 indivíduos em relação à população do Distrito (22.772).

1.12. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Terras de Bouro

Tabela 1.12

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Balança	393	149	**37,9**	18	4,6	149	50	33,6	6	4,0
Brufe	57	45	**78,9**	5	8,8	45	17	37,8	1	2,2
Campo do Gerês	187	80	**42,8**	11	5,9	80	32	40,0	6	7,5
Carvalheira	448	158	**35,3**	22	4,9	158	82	51,9	8	5,1
Chamoim	350	138	**39,4**	17	4,9	138	71	51,4	7	5,1
Chorense	582	207	**35,6**	28	4,8	207	114	55,1	12	5,8
Cibões	439	86	**19,6**	12	2,7	86	26	30,2	2	2,3
Covide	404	97	**24,0**	5	1,2	97	47	48,5	2	2,1
Gondoriz	335	87	**26,0**	13	3,9	87	33	37,9	5	5,7
Moimenta-Covas	803	301	**37,5**	36	4,5	301	110	36,5	8	2,7
Ribeira	219	126	**57,5**	25	11,4	126	58	46,0	10	7,9
Rio Caldo	993	1.072	**108,0**	134	13,5	1.072	403	37,6	50	4,7
Santa Isabel do Monte	147	76	**51,7**	14	9,5	76	49	64,5	10	13,2
Souto	564	284	**50,4**	34	6,0	284	101	35,6	12	4,2
Valbom (São Martinho)	253	149	**58,9**	21	8,3	149	56	37,6	8	5,4
Valdosende	699	Não foram apurados dados								
Valdreu	648	332	**51,2**	42	6,5	332	118	35,5	5	1,5
Vilar	200	77	**38,5**	11	5,5	77	38	49,4	6	7,8
Vilar da Veiga	1.530	403	**26,3**	50	3,3	403	176	43,7	23	5,7
Total:	**9.251**	3.867	**41,8**	**498**	**5,4**	**3.867**	**1.581**	**40,9**	**181**	**4,7**

Obs:

1. As paróquias de *Valdreu e Valbom (S. Martinho)* pertencem ao Arciprestado de Terras de Bouro, embora, civilmente, pertençam ao Concelho de Vila Verde, facto que leva a que o total da população do Arciprestado (9.251 indivíduos) não coincida com a do Distrito (8.350 indivíduos) em 901 indivíduos, os quais perfazem o total daquelas comunidades.
2. Os dados relativos à paróquia de *Balbom (S. Pedro)* foram contabilizados como se esta comunidade pertencesse ao Arciprestado de Terras de Bouro, contudo, nesta análise, foram, agora, devidamente integrados no Arciprestado de Vila Verde.

1.13. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Vieira do Minho

Tabela 1.13

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Anissó	263	175	**66,5**	21	8,0	175	60	34,3	5	2,9
Anjos	415	183	**44,1**	34	8,2	183	112	61,2	22	12
Campos	240	91	**37,9**	6	2,5	91	29	31,9	1	1,1
Caniçada	446	177	**39,7**	25	5,6	177	91	51,4	8	4,5
Cantelães	933	319	**34,2**	44	4,7	319	205	64,3	26	8,2
Cova	333	162	**48,6**	35	10,5	162	95	58,6	24	14,8
Eira Vedra	706	178	**25,2**	17	2,4	178	96	53,9	9	5,1
Guilhofrei	1.154	489	**42,4**	72	6,2	489	162	33,1	12	2,5
Louredo	479	195	**40,7**	26	5,4	195	99	50,8	14	7,2
Mosteiro	931	437	**46,9**	64	6,9	437	157	35,9	14	3,2
Parada de Bouro	529	396	**74,9**	57	10,8	396	152	38,4	19	4,8
Pinheiro	544	263	**48,3**	51	9,4	263	124	47,1	21	8
Rossas	2.071	777	**37,5**	128	6,2	777	466	60,0	84	10,8
Agra		60	**2,9**	9	0,4	60	35	58,3	4	6,7
Ruivães	931	345	**37,1**	38	4,1	345	167	48,4	14	4,1
Salamonde	484	153	**31,6**	16	3,3	153	52	34,0	8	5,2
Soengas	161	107	**66,5**	15	9,3	107	56	52,3	7	6,5
Soutelo	215	106	**49,3**	24	11,2	106	33	31,1	2	1,9
Tabuaças	901	333	**37,0**	56	6,2	333	214	64,3	31	9,3
Ventosa	408	136	**33,3**	7	1,7	136	91	66,9	6	4,4
Vieira do Minho	2.289	573	**25,0**	90	3,9	573	236	41,2	31	5,4
Vilar do Chão	291	234	**80,4**	33	11,3	234	108	46,2	10	4,3
Total:	**14.724**	**5.889**	**40,0**	**868**	**5,9**	**5.889**	**2.840**	**48,2**	**372**	**6,3**

Obs:

1. Embora religiosamente independente, a paróquia de *Agra* pertence civilmente a *Rossas*.

1.14. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Vila Verde

Tabela 1.14

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**	**N**	**Dos 7-70 e + anos**	**%**	**15-24 anos**	**%**
Aboim da Nóbrega	1.155	867	**75,1**	148	12,8	867	388	44,8	53	6,1
Arcozelo	455	278	**61,1**	50	11,0	278	227	81,7	38	13,7
Atães	**616**	245	**39,8**	43	7,0	245	99	40,4	17	6,9
Portela do Vade		278	**45,1**	39	6,3	278	215	77,3	35	12,6
Atiães	551	283	**51,4**	37	6,7	283	224	79,2	33	11,7
Azões	343	98	**28,6**	10	2,9	98	92	93,9	9	9,2
Barros	392	115	**29,3**	12	3,1	115	49	42,6	6	5,2
Cabanelas	2.015	792	**39,3**	125	6,2	792	323	40,8	44	5,6
Carreiras (São Miguel)	623	291	**46,7**	49	7,9	291	134	46,0	21	7,2
Carreiras (Santiago)	445	240	**53,9**	45	10,1	240	175	72,9	28	11,7
Cervães	2.027	736	**36,3**	112	5,5	736	430	58,4	71	9,6
Codeceda	212	120	**56,6**	17	8,0	120	63	52,5	11	9,2
Coucieiro	511	271	**53,0**	50	9,8	271	166	61,3	32	11,8
Covas	503	310	**61,6**	47	9,3	310	190	61,3	32	10,3
Doçãos	511	229	**44,8**	41	8,0	229	162	70,7	28	12,2
Duas Igrejas	1.407	803	**57,1**	138	9,8	803	640	79,7	104	13,0
Escariz (São Mamede)	395	213	**53,9**	34	8,6	213	113	53,1	19	8,9
Escariz (São Martinho)	354	163	**46,0**	24	6,8	163	90	55,2	16	9,8
Esqueiros	528	143	**27,1**	21	4,0	143	94	65,7	10	7,0
Freiriz	1.142	565	**49,5**	96	8,4	565	219	38,8	40	7,1
Geme	474	143	**30,2**	11	2,3	143	95	66,4	8	5,6
Goães	598	303	**50,7**	42	7,0	303	252	83,2	35	11,6
Godinhaços	462	286	**61,9**	48	10,4	286	220	76,9	34	11,9
Gomide	253	154	**60,9**	21	8,3	154	49	31,8	7	4,5
Gondiães	418	150	**35,9**	23	5,5	150	104	69,3	19	12,7
Gondomar	87	104	**119,5**	11	12,6	104	51	49,0	5	4,8
Lage	2.244	808	**36,0**	132	5,9	808	424	52,5	56	6,9
Lanhas	535	174	**32,5**	31	5,8	174	113	64,9	17	9,8
Loureira	1.013	204	**20,1**	38	3,8	204	119	58,3	20	9,8
Marrancos	548	211	**38,5**	35	6,4	211	165	78,2	27	12,8

Mós	321	240	**74,8**	51	15,9	240	110	45,8	17	7,1
Moure	1.593	904	**56,7**	169	10,6	904	664	73,5	91	10,1
Nevogilde	319	152	**47,6**	17	5,3	152	62	40,8	7	4,6
Oleiros	1.106	441	**39,9**	65	5,9	441	250	56,7	26	5,9
Oriz (Santa Marinha)	404	147	**36,4**	27	6,7	147	69	46,9	17	11,6
Oriz (São Miguel)	267	128	**47,9**	17	6,4	128	70	54,7	13	10,2
Paço	237	160	**67,5**	26	11,0	160	91	56,9	11	6,9
Parada e Barbudo	1.848	442	**23,9**	86	4,7	442	301	68,1	39	8,8
Parada de Gatim	781	421	**53,9**	63	8,1	421	245	58,2	24	5,7
Pedregais	362	241	**66,6**	40	11,0	241	208	86,3	38	15,8
Penascais	281	148	**52,7**	15	5,3	148	64	43,2	3	2,0
Pico	596	277	**46,5**	42	7,0	277	118	42,6	9	3,2
Pico de Regalados	865	363	**42,0**	46	5,3	363	207	57,0	21	5,8
Ponte	561	255	**45,5**	36	6,4	255	169	66,3	18	7,1
Portela das Cabras	256	124	**48,4**	29	11,3	124	82	66,1	19	15,3
Prado (São Maria)	4.381	1.426	**32,5**	250	5,7	1.426	755	52,9	84	5,9
Prado (São Miguel)	727	351	**48,3**	64	8,8	351	248	70,7	40	11,4
Rio Mau	738	265	**35,9**	38	5,1	265	169	63,8	22	8,3
Sabariz	353	133	**37,7**	22	6,2	133	97	72,9	17	12,8
Sande	592	321	**54,2**	66	11,1	321	170	53,0	29	9,0
Soutelo	1.986	1.635	**82,3**	276	13,9	1.635	610	37,3	53	3,2
Travassós	217	129	**59,4**	15	6,9	129	63	48,8	12	9,3
Turiz	1.385	515	**37,2**	73	5,3	515	273	53,0	30	5,8
Valões	183	123	**67,2**	18	9,8	123	83	67,5	18	14,6
Valbom (São Pedro)	294	161	**54,8**	17	5,8	161	43	26,7	5	3,1
Vila Verde	3.813	1.113	**29,2**	163	4,3	1.113	619	55,6	79	7,1
Vilarinho	395	232	**58,7**	26	6,6	232	118	50,9	9	3,9
Total:	**45.678**	**20.424**	**44,7**	**3.287**	**7,2**	**20.424**	**11.643**	**57,0**	**1.626**	**8,0**

Obs:

1. A paróquia de *Portela do Vade* pertence civilmente à freguesia de *Atães*.
2. A população que constitui o Arciprestado (45.678 indivíduos) é inferior à do Distrito em 901 pessoas, visto que, tal como já referenciamos, esta é a população que integra as comunidades de *Valbom (S. Martinho) e Valdreu*.

1.15. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim

Tabela 1.15

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Aguçadoura	4.530	2.109	**46,6**	392	8,7	2.109	1.655	78,5	297	14,1
Amorim	2.856	804	**28,2**	139	4,9	804	508	63,2	81	10,1
Arcos	869	519	**59,7**	85	9,8	519	295	56,8	55	10,6
Argivai	2.187	469	**21,4**	74	3,4	469	285	60,8	45	9,6
Aver-o-mar	8.962	2.192	**24,5**	286	3,2	2.192	1.368	62,4	164	7,5
Bagunte	1.662	646	**38,9**	119	7,2	646	297	46,0	62	9,6
Balazar	2.475	1.338	**54,1**	233	9,4	1.338	591	44,2	93	7,0
Beiriz	3.229	913	**28,3**	122	3,8	913	629	68,9	77	8,4
Estela	2.596	1.023	**39,4**	210	8,1	1.023	522	51,0	84	8,2
Ferreiro	660	320	**48,5**	46	7,0	320	139	43,4	23	7,2
Junqueira	2.234	900	**40,3**	138	6,2	900	584	64,9	90	10,0
Laúndos	2.131	893	**41,9**	179	8,4	893	637	71,3	131	14,7
Navais	1.683	872	**51,8**	180	10,7	872	426	48,9	96	11,0
Póvoa de Varzim (Nª. Sra. da Conceição)	27.810	4.723	**17,0**	517	1,9	4.723	2.685	56,8	289	6,1
Nª Sra da Lapa		1.445	**5,2**	170	0,6	1.445	711	49,2	48	3,3
Ribamar		2.563	**9,2**	248	0,9	2.563	1.324	51,7	107	4,2
Outeiro	378	237	**62,7**	52	13,8	237	91	38,4	20	8,4
Parada	365	181	**49,6**	41	11,2	181	101	55,8	24	13,3
Rates	2.539	1.096	**43,2**	195	7,7	1.096	645	58,9	130	11,9
Rio Mau	1.907	946	**49,6**	185	9,7	946	412	43,6	80	8,5
Terroso	2.472	893	**36,1**	165	6,7	893	679	76,0	116	13,0
Touguinha	1.410	437	**31,0**	67	4,8	437	298	68,2	52	11,9
Touguinhó	1.458	318	**21,8**	42	2,9	318	194	61,0	23	7,2
Vila do Conde	**25.731**	2.217	**8,6**	231	0,9	2.217	1.160	52,3	109	4,9
Caxinas		5.073	**19,7**	647	2,5	5.073	2.878	56,7	364	7,2
Total:	**183.940**	**33.127**	**18,0**	**4.763**	**2,6**	**33.127**	**19.114**	**57,7**	**2.660**	**8,0**

Obs:

1. O Arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim integra paróquias de *Aver-o-mar, Aguçadoura, Amorim, Argivai, Balazar, Beiriz, Estela, Laúndos, Navais, Rates, Terroso* do Concelho da Póvoa de Varzim e *Arcos, Bagunte, Cachinas, Ferreiro, Junqueira, Outeiro Maior, Parada, Rio Mau, Touguinha, Touguinhó e Vila do Conde* do Concelho de Vila do Conde.

1.16. Católicos Praticantes, segundo a idade e paróquia no Arciprestado de Vila Nova de Famalicão

Tabela 1.16

	Praticantes sobre a População Residente					Comungantes sobre os Praticantes				
Paróquia	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%	N	Dos 7-70 e + anos	%	15-24 anos	%
Abade de Vermoim	351	127	**36,2**	12	3,4	127	61	48,0	9	7,1
Antas	5.376	1.063	**19,8**	92	1,7	1.063	592	55,7	48	4,5
Areias	2.599	646	**24,9**	63	2,4	646	391	60,5	30	4,6
Arnoso (Santa Eulália)	1.122	387	**34,5**	44	3,9	387	214	55,3	13	3,4
Arnoso (Santa Maria)	1.824	650	**35,6**	93	5,1	650	495	76,2	64	9,8
Aves	8.492	2.140	**25,2**	240	2,8	2.140	1.104	51,6	102	4,8
Ávidos	1.410	299	**21,2**	46	3,3	299	142	47,5	25	8,4
Bairro	3.803	1.138	**29,9**	153	4,0	1.138	758	66,6	124	10,9
Bente	959	325	**33,9**	36	3,8	325	147	45,2	18	5,5
Brufe	2.288	898	**39,2**	116	5,1	898	462	51,4	70	7,8
Cabeçudos	1.472	510	**34,6**	56	3,8	510	287	56,3	31	6,1
Calendário	10.697	2.347	**21,9**	283	2,6	2.347	1.117	47,6	120	5,1
Carreira	1.907	807	**42,3**	148	7,8	807	449	55,6	89	11,0
Castelões	1.746	494	**28,3**	64	3,7	494	208	42,1	16	3,2
Cavalões	1.465	391	**26,7**	58	4,0	391	224	57,3	35	9,0
Cruz	1.636	546	**33,4**	83	5,1	546	206	37,7	19	3,5
Delães	3.761	1.105	**29,4**	161	4,3	1.105	696	63,0	111	10,0
Esmeriz	1.905	488	**25,6**	80	4,2	488	168	34,4	23	4,7
Fradelos	3.337	1.371	**41,1**	214	6,4	1.371	914	66,7	216	15,8
Gavião	3.729	1.225	**32,9**	184	4,9	1.225	543	44,3	67	5,5
Gondifelos	2.183	881	**40,4**	131	6,0	881	426	48,4	50	5,7
Jesufrei	666	319	**47,9**	51	7,7	319	208	65,2	34	10,7
Joane	7.528	2.467	**32,8**	363	4,8	2.467	1.134	46,0	123	5,0
Lagoa	890	199	**22,4**	25	2,8	199	74	37,2	4	2,0
Lama	1.515	382	**25,2**	46	3,0	382	215	56,3	32	8,4
Landim	2.852	791	**27,7**	98	3,4	791	471	59,5	57	7,2
Lemenhe	1.427	458	**32,1**	60	4,2	458	196	42,8	20	4,4
Louro	2.464	1.006	**40,8**	159	6,5	1.006	762	75,7	109	10,8
Lousado	3.725	956	**25,7**	91	2,4	956	542	56,7	48	5,0
Mogege	1.938	728	**37,6**	124	6,4	728	415	57,0	64	8,8

Mouquim	1.403	461	**32,9**	56	4,0	461	195	42,3	14	3,0
Nine	2.735	1.276	**46,7**	143	5,2	1.276	838	65,7	105	8,2
Oliveira (Santa Maria)	3.091	1.347	**43,6**	203	6,6	1.347	751	55,8	107	7,9
Oliveira (São Mateus)	3.075	966	**31,4**	166	5,4	966	704	72,9	110	11,4
Outiz	943	667	**70,7**	95	10,1	667	264	39,6	31	4,6
Palmeira	1.104	470	**42,6**	71	6,4	470	273	58,1	43	9,1
Pedome	2.234	804	**36,0**	148	6,6	804	470	58,5	51	6,3
Portela	635	201	**31,7**	42	6,6	201	83	41,3	14	7,0
Pousada de Saramagos	2.016	764	**37,9**	119	5,9	764	456	59,7	58	7,6
Requião	3.034	809	**26,7**	94	3,1	809	480	59,3	50	6,2
Riba de Ave	3.396	1.205	**35,5**	147	4,3	1.205	629	52,2	73	6,1
Ribeirão	8.298	3.304	**39,8**	496	6,0	3.304	1.553	47,0	184	5,6
Ruivães	2.117	653	**30,8**	85	4,0	653	413	63,2	52	8,0
Seide (São Miguel)	1.125	332	**29,5**	42	3,7	332	197	59,3	21	6,3
Seide (São Paio)	381	232	**60,9**	26	6,8	232	99	42,7	15	6,5
Sequeirô	1.769	569	**32,2**	66	3,7	569	320	56,2	33	5,8
Sezures	619	233	**37,6**	38	6,1	233	101	43,3	11	4,7
Telhado	1.799	791	**44,0**	107	5,9	791	470	59,4	60	7,6
Vale (São Cosme e São Damião)	3.054	1.490	**48,8**	259	8,5	1.490	691	46,4	112	7,5
Vale (São Martinho)	1.943	771	**39,7**	144	7,4	771	397	51,5	59	7,7
Vermoim	2.893	1.634	**56,5**	288	10,0	1.634	835	51,1	81	5,0
Vila Nova de Famalicão	8.098	4.042	**49,9**	584	7,2	4.042	1.815	44,9	231	5,7
Vilarinho das Cambas	1.319	504	**38,2**	76	5,8	504	355	70,4	52	10,3
Total:	**142.148**	**48.669**	**34,2**	**6.869**	**4,8**	**48.669**	**26.010**	**53,4**	**3.338**	**6,9**

Obs:

1. As paróquias de *Lama, Areias, Vila das Aves, Palmeira e Sequeirô*, que perfazem um total de 15. 479 indivíduos, embora pertençam ao Concelho de S. Tirso, estão integradas no Arciprestado de Vila Nova de Famalicão.
2. A freguesia de *Novais* do Concelho de V. N. de Famalicão não pertence ao mesmo Arciprestado.
3. A população do Arciprestado (composta por 142. 148 pessoas) não coincide com a do Concelho (que é de 127.567 pessoas), devido ao diferencial entre as paróquias do Concelho de S. Tirso (15. 479 pessoas) e a ausência de *Novais* (que tem uma população de 898 indivíduos).

2. Distribuição percentual de Católicos por Concelhos, a nível nacional

Tabela 2

DISTRITO/CONCELHO	População residente	População Católica %
AVEIRO		
Aveiro	61.436	84,9
Mealhada	17.603	86,2
São João da Madeira	17.446	86,4
Ílhavo	30.749	88,4
Espinho	28.567	88,7
Oliveira do Bairro	17.812	89,0
Águeda	41.252	89,4
Ovar	45.198	89,7
Anadia	26.946	90,3
Estarreja	23.513	90,6
Albergaria-a-Velha	20.476	91,1
Sever do Vouga	11.124	91,9
Oliveira de Azeméis	58.523	92,7
Santa Maria da Feira	110.936	93,3
Vagos	18.165	93,3
Vale de Cambra	20.867	93,8
Murtosa	7.804	94,6
Castelo de Paiva	14.004	94,8
Arouca	19.836	95,4
BEJA		
Aljustrel	9.197	60,7
Odemira	22.736	70,1
Beja	30.601	70,8
Castro Verde	6.558	72,4
Vidigueira	5.280	73,5
Ferreira do Alentejo	7.854	73,9
Mértola	7.707	74,0
Barrancos	1.669	75,0
Cuba	4.294	76,4
Moura	14.044	76,7
Alvito	2.338	79,3
Ourique	5.543	80,7
Serpa	14.407	81,9
Almodôvar	7.209	83,5
BRAGA		
Braga	133.459	90,1
Guimarães	128.331	93,1
Vila Nova de Famalicão	103.596	93,9
Fafe	42.871	94,3
Esposende	26.645	94,6
Terras de Bouro	6.960	94,6

DISTRITO/CONCELHO	População residente	População Católica %
BRAGANÇA		
Vimioso	4.724	90,2
Bragança	29.910	92,8
Torre de Moncorvo	8.680	92,9
Mirandela	21.867	93,8
Macedo de Cavaleiros	14.937	94,4
Mogadouro	9.834	94,7
Freixo de Espada à Cin	3.710	94,9
Vila Flor	6.881	95,3
Carrazeda de Ansiães	6.693	95,9
Alfândega da Fé	5.218	96,0
Miranda do Douro	7.133	96,5
Vinhais	9.515	97,4
CASTELO BRANCO		
Castelo Branco	48.339	90,1
Belmonte	6.486	90,4
Covilhã	46.965	91,2
Fundão	27.101	92,1
Vila Velha de Ródão	3.783	92,1
Proença-a-Nova	8.433	92,3
Idanha-a-Nova	10.612	93,1
Sertã	14.368	94,9
Penamacor	6.016	95,2
Oleiros	6.059	95,7
Vila de Rei	2.966	96,2
COIMBRA		
Coimbra	127.922	82,2
Figueira da Foz	54.107	84,4
Lousã	13.273	86,6
Vila Nova de Poiares	5.860	87,5
Pampilhosa da Serra	4.709	88,7
Condeixa-a-Nova	13.088	89,6
Montemor-o-Velho	21.942	89,7
Miranda do Corvo	10.969	89,8
Soure	18.421	90,2
Penela	5.771	90,2
Cantanhede	32.598	91,6
Mira	10.950	91,9
Penacova	14.421	92,8
Oliveira do Hospital	18.583	93,0
Tábua	10.639	93,1
Arganil	11.737	93,3

Barcelos	97.448	94,9
Vila Verde	37.418	95,8
Amares	14.940	95,8
Vizela	17.738	96,1
Vieira do Minho	12.197	96,2
Cabeceiras de Basto	14.312	96,6
Póvoa de Lanhoso	18.294	96,7
Celorico de Basto	16.529	96,9
ÉVORA		
Mourão	2.703	75,5
Alandroal	5.771	76,2
Évora	48.097	76,3
Montemor-o-Novo	16.244	78,6
Arraiolos	6.618	79,1
Viana do Alentejo	4.784	80,2
Vendas Novas	10.088	80,3
Redondo	6.301	81,9
Reguengos de Monsaraz	9.752	82,1
Borba	6.771	82,9
Portel	6.085	83,3
Estremoz	13.573	83,6
Vila Viçosa	7.595	84,2
Mora	5.151	84,9
FARO		
Aljezur	4.663	63,3
Lagos	21.366	67,4
Castro Marim	5.763	71,3
Portimão	38.152	72,7
Vila do Bispo	4.663	73,0
Faro	49.756	73,9
Olhão	34.296	74,0
Silves	29.429	75,3
Vila Real de Santo António	15.203	75,5
Lagoa	17.309	76,0
Alcoutim	3.447	77,3
Albufeira	26.277	77,4
São Brás de Alportel	8.621	77,6
Tavira	21.876	79,2
Loulé	50.459	80,3
Monchique	6.206	84,1
GUARDA		
Vila Nova de Foz Côa	7.427	88,8
Guarda	37.013	91,1
Almeida	7.497	93,2
Trancoso	9.371	93,9
Seia	24.214	94,1
Sabugal	13.393	94,5
Celorico da Beira	7.680	94,7
Pinhel	9.631	95,2
Gouveia	14.060	95,4
Manteigas	3.482	95,8
Figueira de Castelo Rodrigo	6.276	96,7
Góis	4.281	94,4
LEIRIA		
Caldas da Rainha	41.180	82,1
Marinha Grande	30.318	82,4
Peniche	22.984	85,2
Bombarral	11.391	86,5
Óbidos	9.328	86,7
Nazaré	12.782	88,0
Alcobaça	46.532	88,8
Leiria	99.289	88,9
Castanheira de Pêra	3.246	89,2
Batalha	12.499	90,8
Pedrógão Grande	3.890	91,5
Alvaiázere	7.339	91,6
Pombal	47.526	91,8
Figueiró dos Vinhos	6.360	92,3
Ansião	11.825	95,1
Porto de Mós	20.362	95,2
LISBOA		
Azambuja	17.908	73,2
Oeiras	139.443	73,8
Lisboa	499.109	74,2
Amadora	149.642	74,5
Sintra	297.762	74,6
Loures	167.549	74,6
Cascais	144.882	74,8
Odivelas	114.076	75,4
Vila Franca de Xira	102.610	75,7
Sobral de Monte Agraço	7.543	77,8
Mafra	45.612	82,3
Arruda dos Vinhos	8.827	82,5
Cadaval	12.069	83,1
Alenquer	32.990	83,4
Torres Vedras	60.939	86,7
Lourinhã	19.512	89,3
Portalegre		
Arronches	2.997	77,1
Campo Maior	7.098	79,7
Avis	4.543	81,4
Ponte de Sor	15.570	83,3
Crato	3.912	84,1
Sousel	5.044	84,6
Alter do Chão	3.463	86,3
Elvas	19.607	86,7
Portalegre	22.484	86,9

Aguiar da Beira	5.298	96,7
Meda	5.466	96,8
Fornos de Algodres	4.822	97,7
PORTO		
Porto	228.547	79,5
Matosinhos	140.340	83,4
Maia	99.171	84,2
Vila Nova de Gaia	239.527	85,5
Gondomar	135.685	85,7
Valongo	70.656	88,1
Trofa	30.375	91,4
Vila do Conde	61.022	92,3
Póvoa de Varzim	51.389	92,5
Paredes	65.787	94,4
Santo Tirso	60.203	94,8
Paços de Ferreira	41.503	95,1
Amarante	47.738	95,1
Penafiel	56.596	95,8
Marco de Canaveses	41.145	96,1
Felgueiras	44.777	96,1
Lousada	34.661	96,5
Baião	18.127	98,0
SANTARÉM		
Alpiarça	6.995	73,5
Benavente	19.326	76,6
Cartaxo	20.083	79,5
Chamusca	10.056	80,0
Almeirim	18.897	80,8
Entroncamento	15.201	82,1
Santarém	54.625	83,7
Salvaterra de Magos	17.295	83,8
Coruche	18.833	83,9
Vila Nova da Barquinha	6.576	83,9
Alcanena	12.508	85,8
Rio Maior	17.852	86,0
Abrantes	36.792	87,4
Tomar	36.780	87,4
Golegã	4.895	88,5
Torres Novas	31.822	88,7
Constância	3.274	91,4
Sardoal	3.536	91,8
Ferreira do Zêzere	8.127	93,9
Ourém	38.401	94,3
Mação	7.568	95,2
SETÚBAL		
Grândola	13.091	53,2
Sines	11.469	59,2
Alcácer do Sal	12.446	66,4
Santiago do Cacém	27.132	66,6

Castelo de Vide	3.361	88,6
Fronteira	3.251	89,9
Monforte	2.959	89,9
Marvão	3.588	90,1
Nisa	7.748	91,4
Gavião	4.442	93,3
VIANA DO CASTELO		
Vila Nova de Cerveira	7.574	91,8
Viana do Castelo	74.569	91,9
Caminha	14.605	92,6
Monção	17.581	93,1
Valença	12.150	94,6
Arcos de Valdevez	21.577	94,6
Ponte da Barca	10.805	95,0
Ponte de Lima	36.324	95,5
Melgaço	8.968	96,3
Paredes de Coura	8.381	97,1
VISEU		
Mortágua	9.133	85,7
Nelas	12.241	90,0
Santa Comba Dão	10.684	90,5
Viseu	77.713	90,6
São Pedro do Sul	16.211	90,8
São João da Pesqueira	7.181	91,4
Mangualde	17.712	92,0
Carregal do Sal	8.756	92,4
Tondela	26.707	92,6
Vouzela	10.151	93,0
Sátão	10.933	93,5
Oliveira de Frades	8.754	94,1
Vila Nova de Paiva	5.098	94,6
Moimenta da Beira	9.157	95,2
Tarouca	6.766	95,4
Penedono	2.955	95,7
Tabuaço	5.664	95,7
Lamego	23.427	96,0
Sernancelhe	5.228	96,5
Castro Daire	14.273	96,6
Armamar	6.304	96,7
Resende	10.160	96,8
Cinfães	18.474	97,1
Penalva do Castelo	7.647	97,4
VILA REAL		
Chaves	37.398	91,9
Vila Real	41.882	92,8
Alijó	12.234	94,1
Peso da Régua	15.638	94,5
Sabrosa	5.977	95,1
Valpaços	16.858	95,4
Boticas	5.596	95,5
Montalegre	11.096	96,2
Mondim de Basto	6.928	96,6

Almada	138.163	69,0	Vila Pouca de Aguiar	12.723	96,8
Moita	56.218	69,1	Murça	5.803	97,0
Barreiro	68.828	69,1	Ribeira de Pena	6.209	97,1
Palmela	44.786	70,2	Santa Marta de Penagui	7.344	97,4
Setúbal	96.248	71,6	Mesão Frio	4.114	98,3
Seixal	125.179	71,6			
Montijo	33.289	72,6			
Sesimbra	31.338	76,5			
Alcochete	10.895	78,4			
R. A. MADEIRA			**R. A. AÇORES**		
Funchal	86.303	86,8	Santa Cruz das Flores	2.059	90,5
Santana	7.397	91,6	São Roque do Pico	3.016	90,7
Santa Cruz	23.793	92,2	Vila do Porto	4.422	91,2
São Vicente	5.133	93,0	Ponta Delgada	51.322	92,0
Porto Santo	3.679	93,4	Horta	12.381	92,3
Machico	17.462	93,6	Calheta (R.A.A.)	3.354	92,4
Câmara de Lobos	25.585	94,3	Madalena	5.125	93,6
Ponta do Sol	6.456	95,0	Vila da Praia da Vitór	16.281	94,9
Calheta (R.A.M.)	9.879	96,8	Angra do Heroísmo	28.553	95,0
Ribeira Brava	9.998	97,0	Lagoa (R.A.A)	10.562	95,4
Porto Moniz	2.425	97,9	Vila Franca do Campo	8.398	95,5
			Lajes do Pico	4.244	95,6
			Ribeira Grande	20.550	95,8
			Lajes das Flores	1.261	95,9
			Velas	4.606	96,5
			Santa Cruz da Graciosa	3.964	96,7
			Nordeste	4.250	97,4
			Povoação	5.277	97,6
			Corvo	371	98,1

Fonte: INE, *Demografia e Censos*, 2001

II PARTE

1. Em que crêem os jovens

1.1.1. Os jovens perante a sua vida

Tabela 1.1.1

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		Homens	Mulheres	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto		49.	51.	30.	45.	25.
N		(1124)		(1124)		
Relações com os pais	B	93.	95.	94.	95.	94.
	B/M	6.	4.	6.	5.	5.
	M	1.	1.	1.	1.	1.
N		(519)	(555)	(317)	(496)	(265)
Relações com os amigos	B	95.	94.	97.	94.	95.
	B/M	4.	5.	2.	6.	5.
	M	1.	1.	1.	1.	1.
N		(488)	(499)	(297)	(455)	(238)
Amor	B	68.	71.	64.	70.	76.
	B/M	27.	22.	29.	25.	19.
	M	5.	7.	7.	6.	5.
N		(514)	(537)	(314)	(482)	(259)
Habitação	B	86.	88.	90.	86.	84.
	B/M	13.	11.	9.	13.	15.
	M	1.	1.	2.	1.	2.
N		(522)	(545)	(319)	(490)	(262)

Segue .../ ...

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		Homens	Mulheres	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Férias e tempos livres	B	6.	66.	75.	67.	58.
	B/M	25.	29.	21.	28.	33.
	M	7.	5.	4.	6.	9.
N		(525)	(542)	(318)	(488)	(264)
Relações com Deus	B	66.	81.	76.	71.	74.
	B/M	29.	16.	18.	26.	23.
	M	5.	3.	6.	3.	2.
N		(513)	(544)	(319)	(479)	(261)
Perspectivas do futuro pessoal	B	75.	71.	73.	76.	69.
	B/M	23.	25.	25.	23.	29.
	M	2.	2.	3.	2.	2.
N		(515)	(533)	(317)	(479)	(256)
Perspectivas do futuro profissional	B	71.	66.	69.	69.	69.
	B/M	27.	31.	30.	27.	30.
	M	2.	3.	1.	4.	2.
N		(514)	(541)	(315)	(480)	(264)

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Nota: **B** = bom; **B/M** = nem bom nem mau; **M** = mau

1.1.2. Os jovens e as suas opções de vida

Tabela 1.1.2

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto	49.	51.	30.	45.	25.
N	(1124)		(1124)		

Com quem está mais nos tempos livres:

	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Pais	24.	27.	28.	24.	24.
Irmãos/familiares	12.	16.	13.	13.	17.
Namorado/Conjugue	22.	25.	10.	25.	37.
Amigo/Companheiro	41.	32.	48.	38.	20.
Professores	---	---	---	---	---
Padre	---	---	---	---	1.
Ninguém	1.	---	---	---	1.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)

Com quem se divertem mais:

	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Pais	4.	7.	6.	6.	6.
Irmãos/familiares	10.	14.	12.	9.	16.
Namorado/Conjugue	23.	27.	12.	27.	35.
Amigo/Companheiro	63.	51.	69.	58.	42.
Professores	---	---	1.	---	---
Padre	---	---	---	---	---
Ninguém	---	---	---	---	---
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)

Segue …/ …

(Continuação)

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Com quem se conversa mais:					
Pais	24.	26.	29.	26.	20.
Irmãos/familiares	11.	12.	11.	11.	13.
Namorado/Conjugue	24.	28.	11.	26.	43.
Amigo/Companheiro	40.	33.	49.	36.	22.
Professores	---	1.	---	1.	---
Padre	---	---	---	---	1.
Ninguém	1.	---	---	---	1.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)
Com quem tem mais opiniões em comúm:					
Pais	23.	18.	23.	20.	19.
Irmãos/familiares	14.	14.	13.	15.	12.
Namorado/Conjugue	21.	26.	9.	24.	39.
Amigo/Companheiro	39.	40.	52.	40.	26.
Professores	1.	---	1.	---	1.
Padre	1.	---	---	---	1.
Ninguém	1.	2.	2.	1.	2.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)
Com quem se sente mais à vontade:					
Pais	26.	28.	28.	27.	26.
Irmãos/familiares	13.	15.	14.	14.	14.
Namorado/Conjugue	22.	27.	9.	26.	39.
Amigo/Companheiro	39.	30.	48.	33.	20.
Professores	---	---	---	---	---
Padre	---	---	1.	---	---
Ninguém	---	---	---	---	1.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)

(Continuação)

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Com quem se apoia mais nos seus problemas:					
Pais	47.	41.	51.	44.	35.
Irmãos/familiares	11.	13.	10.	13.	13.
Namorado/Conjugue	20.	25.	8.	23.	39.
Amigo/Companheiro	19.	19.	28.	19.	10.
Professores	---	---	1.	---	---
Padre	---	1.	1.	---	1.
Ninguém	2.	1.	1.	1.	2.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)
Com quem se aconselha mais nas suas decisões:					
Pais	51.	44.	54.	49.	38.
Irmãos/familiares	11.	12.	9.	12.	13.
Namorado/Conjugue	18.	23.	6.	21.	37.
Amigo/Companheiro	16.	18.	28.	16.	7.
Professores	---	1.	1.	---	---
Padre	1.	---	---	---	1.
Ninguém	3.	2.	2.	2.	4.
N	(544)	(568)	(333)	(507)	(276)

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

1.2.1. Os jovens perante a vida

Tabela 1.2.1

	Vivo o dia a dia, sem pensar no futuro	Preparo o meu futuro calmamente	Vivo com algumas dúvidas ou preocupações acerca do meu futuro	Não creio no meu futuro	N
Conjunto	**16.**	**39.**	**44.**	**1.**	**(1124)**
Segundo o género:					
Homens	18.	45.	36.	1.	**(536)**
Mulheres	15.	32.	52.	1.	**(558)**
Segundo a idade:					
15-17	22.	35.	43.	1.	**(324)**
18-20	15.	40.	44.	1.	**(315)**
21-23	10.	43.	47.	---	**(168)**
24-26	15.	38.	46.	1.	**(151)**
27-29	17.	40.	41.	3.	**(121)**
Posição religiosa:					
A	12.	36.	52.	1.	**(320)**
B	17.	42.	41.	---	**(285)**
C	18.	38.	43.	1.	**(406)**
D	13.	50.	25.	1.	**(8)**
E	23.	38.	33.	5.	**(48)**
Segundo o Nível de estudos:					
2º ciclo EB	19.	37.	43.	1.	**(211)**
3º ciclo EB	19.	35.	45.	1.	**(361)**
Secundário	14.	41.	45.	1.	**(353)**
Universitário	11.	43.	45.	1.	**(156)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de **Braga, 2002**
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

1.2.2. Factores que os jovens dizem que vão influenciar mais o futuro

Tabela 1.2.2

	Deus	Destino ou sorte	A União Europeia	As condições do país ou da região em que vive	Os estudos ou carreira que fez ou que está a fazer	Sua capacidade de trabalho	As "cunhas" e os amigos	O dinheiro que consiga ganhar	Outro	N
Conjunto	**17.**	**13.**	**1.**	**14.**	**21.**	**20.**	**4.**	**9.**	**1.**	**(1115)**
Segundo o género:										
Homens	14.	13.	2.	13.	21.	21.	3.	11.	2.	**(545)**
Mulheres	20.	13.	1.	15.	21.	18.	3.	8.	1.	**(570)**
Segundo a idade:										
15-17	17.	12.	1.	12.	27.	16.	3.	10.	2.	**(334)**
18-20	14.	13.	1.	13.	24.	20.	5.	9.	1.	**(320)**
21-23	18.	12.	1.	15.	19.	22.	2.	9.	2.	**(189)**
24-26	19.	14.	3.	16.	13.	21.	3.	9.	1.	**(153)**
27-29	21.	14.	2.	16.	9.	21.	4.	9.	3.	**(123)**
Segundo o Nível de estudos:										
2º ciclo EB	21.	16.	2.	12.	9.	19.	4.	13.	4.	**(218)**
3º ciclo EB	18.	14.	1.	14.	21.	18.	3.	10.	1.	**(363)**
Secundário	16.	11	1.	14.	25.	20.	3.	8.	2.	**(362)**
Universitário	14.	10.	1.	16.	26.	21.	5.	6.	1.	**(159)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Resposta múltipla até três respostas

2. OS JOVENS E A SOCIEDADE

2.1. Os jovens e o futuro do país

Tabela 2.1

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto	48.	52.	30.	45.	25.
N	(1060)		(1056)		

Esperança/confiança:

	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Manter a ordem no país	15.	13.	17.	14.	10.
Aumentar a participação dos cidadãos nas decisões políticas	7.	7.	5.	7.	9.
Promover a moralização dos costumes	3.	4.	1.	3.	6.
Garantir a liberdade de pensamento e expressão	9.	9.	12.	8.	7.
Impedir a entrada dos estrangeiros	4.	4.	2.	4.	5.
Resolver os problemas do emprego	17.	15.	14.	16.	20.
Resolver os problemas da saúde	24.	25.	25.	25.	22.
Resolver os problemas da educação	14.	16.	14.	17.	14.
Resolver os problemas da habitação	7.	7.	9.	6.	7.
N	(509)	(539)	(356)	(456)	(238)

Segue …/ …

(Continuação)

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)

Preocupação/angústia:

Manter a ordem no país	12.	10.	11.	11.	12.
Aumentar a participação dos cidadãos nas decisões políticas	7.	7.	8.	8.	6.
Promover a moralização dos costumes	2.	2.	4.	2.	2.
Garantir a liberdade de pensamento e expressão	10.	10.	10.	10.	10.
Impedir a entrada dos estrangeiros	6.	3.	3.	4.	4.
Resolver os problemas do emprego	19.	22.	19.	21.	20.
Resolver os problemas da saúde	21.	24.	24.	22.	22.
Resolver os problemas da educação	17.	15.	14.	16.	17.
Resolver os problemas da habitação	6.	7.	7.	6.	7.
N	(735)	(857)	(410)	(774)	(407)

Indiferença:

Manter a ordem no país	11.	8.	9.	11.	9.
Aumentar a participação dos cidadãos nas decisões políticas	13.	8.	13.	11.	9.
Promover a moralização dos costumes	2.	4.	2.	2.	6.
Garantir a liberdade de pensamento e expressão	10.	14.	11.	14.	6.
Impedir a entrada dos estrangeiros	4.	4.	2.	2.	13.
Resolver os problemas do emprego	19.	14.	17.	16.	22.
Resolver os problemas da saúde	21.	22.	27.	21.	16.
Resolver os problemas da educação	14.	18.	17.	18.	9.
Resolver os problemas da habitação	4.	6.	2.	5.	9.
N	(90)	(49)	(53)	(56)	(32)

Segue .../ ...

(Continuação)

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)

Indiferença:

Manter a ordem no país	11.	8.	9.	11.	9.
Aumentar a participação dos cidadãos nas decisões políticas	13.	8.	13.	11.	9.
Promover a moralização dos costumes	2.	4.	2.	2.	6.
Garantir a liberdade de pensamento e expressão	10.	14.	11.	14.	6.
Impedir a entrada dos estrangeiros	4.	4.	2.	2.	13.
Resolver os problemas do emprego	19.	14.	17.	16.	22.
Resolver os problemas da saúde	21.	22.	27.	21.	16.
Resolver os problemas da educação	14.	18.	17.	18.	9.
Resolver os problemas da habitação	4.	6.	2.	5.	9.
N	**(90)**	**(49)**	**(53)**	**(56)**	**(32)**

Descrédito:

Manter a ordem no país	14.	6.	13.	8.	14.
Aumentar a participação dos cidadãos nas decisões políticas	9.	8.	10.	8.	7.
Promover a moralização dos costumes	---	2.	---	2.	---
Garantir a liberdade de pensamento e expressão	12.	15.	13.	16.	7.
Impedir a entrada dos estrangeiros	12.	8.	10.	10.	14.
Resolver os problemas do emprego	21.	10.	13.	16.	17.
Resolver os problemas da saúde	12.	25.	23.	17.	17.
Resolver os problemas da educação	14.	17.	16.	17.	14.
Resolver os problemas da habitação	5.	8.	2.	6.	10.
N	**(57)**	**(48)**	**(31)**	**(51)**	**(22)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Resposta Múltipla, até três respostas.

2.2. As organizações e os jovens

Tabela 2.2

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto		49.	51.	30.	45.	25.
N		(1060)		(1056)		
Associação recreativa	P	12.	7.	6.	10.	11.
	GP	34.	42.	40.	36.	40.
	NP	54.	51.	54.	54.	49.
N		(481)	(488)	(297)	(442)	(234)
Grupo musical	P	10.	8.	12.	8.	6.
	GP	34.	39.	38.	38.	31.
	NP	56.	53.	50.	54.	63.
N		(513)	(526)	(327)	(470)	(246)
Grupo de teatro	P	2.	2.	2.	2.	2.
	GP	24.	37.	34.	32.	23.
	NP	74.	61.	64.	66.	75.
N		(502)	(520)	(323)	(457)	(245)
Cine-clube	P	4.	2.	1.	4.	4.
	GP	40.	42.	49.	39.	33.
	NP	56.	56.	50.	57.	63.
N		(502)	(507)	(317)	(450)	(244)
Grupo ou movimento religioso	P	23.	28.	27.	27.	19.
	GP	28.	35.	30.	29.	39.
	NP	49.	37.	43.	44.	42.
N		(503)	(515)	(317)	(465)	(239)

Segue …/ …

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo: H.	Sexo: M.	Idades: (15-17)	Idades: (18-23)	Idades: (24-29)
Associação de estudantes	P	6.	5.	9.	6.	2.
	GP	31.	35.	42.	34.	17.
	NP	63.	60.	49.	60.	81.
N		(502)	(509)	(323)	(463)	(228)
Associação sócio-profissional ou sindical	P	2.	2.	---	1.	7.
	GP	22.	22.	21.	22.	22.
	NP	76.	76.	79.	77.	71.
N		(494)	(501)	(309)	(450)	(238)
Partido Político	P	7.	6.	3.	9.	6.
	GP	11.	8.	9.	10.	11.
	NP	88.	86.	88.	81.	83.
N		(504)	(533)	(321)	(470)	(249)
Clube/Grupo desportivo	P	28.	8.	22.	17.	13.
	GP	54.	54.	56.	55.	47.
	NP	18.	38.	21.	28.	39.
N		(520)	(530)	(322)	(481)	(249)
Grupo ecológico	P	1.	2.	1.	2.	1.
	GP	50.	58.	53.	56.	52.
	NP	49.	40.	46.	42.	47.
N		(504)	(515)	(321)	(460)	(240)
Grupo de acção social	P	2.	2.	1.	2.	3.
	GP	37.	53.	39.	48.	49.
	NP	60.	45.	60.	50.	48.
N		(493)	(510)	(316)	(457)	(234)

Segue .../ ...

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Associação cívica	P	1.	1.	---	1.	3.
	GP	37.	42.	37.	41.	38.
	NP	62.	57.	63.	58.	69.
N		(469)	(495)	(303)	(450)	(215)

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos
Nota: P = Pertence; **GP** = Gostaria de pertencer e **NP** = não pertence.

2.3. Que esperança/confiança têm os jovens nas instituições

Tabela 2.3

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto		49.	51.	30.	45.	25.
N		(1060)		(1056)		
Bancos	Muita	20.	19.	20.	21.	18.
	Alguma	58.	60.	56.	60.	58.
	Pouca	13.	15.	12.	14.	18.
	Nenhuma	9.	6.	12.	5.	6.
N		(528)	(557)	(320)	(497)	(271)
Empresários	Muita	4.	4.	4.	3.	5.
	Alguma	44.	44.	43.	45.	43.
	Pouca	33.	38.	34.	36.	37.
	Nenhuma	19.	14.	19.	16.	15.
N		(523)	(540)	(313)	(489)	(265)
Sindicatos	Muita	5.	7.	7.	5.	7.
	Alguma	43.	46.	43.	45.	44.
	Pouca	30.	30.	27.	32.	30.
	Nenhuma	22.	17.	23.	18.	19.
N		(510)	(530)	(305)	(478)	(260)
Escolas	Muita	25.	31.	33.	26.	26.
	Alguma	59.	58.	56.	60.	58.
	Pouca	10.	8.	7.	10.	10.
	Nenhuma	6.	3.	4.	4.	6.
N		(532)	(557)	(326)	(498)	(269)
Igreja Católica	Muita	32.	46.	43.	38.	37.
	Alguma	52.	43.	47.	47.	47.
	Pouca	10.	7.	5.	10.	10.
	Nenhuma	6.	4.	5.	5.	6.
N		(520)	(562)	(323)	(494)	(268)

Segue .../ ...

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Partidos políticos	Muita	1.	1.	2.	1.	2.
	Alguma	16.	12.	13.	14.	15.
	Pouca	35.	37.	33.	39.	34.
	Nenhuma	48.	50.	52.	46.	49.
N		(524)	(558)	(317)	(497)	(269)
Televisões	Muita	6.	6.	9.	5.	4.
	Alguma	45.	48.	54.	43.	43.
	Pouca	33.	35.	25.	40.	35.
	Nenhuma	16.	11.	12.	12.	18.
N		(529)	(551)	(319)	(496)	(266)
Presidentes de Câmara	Muita	2.	2.	2.	2.	2.
	Alguma	28.	26.	24.	25.	31.
	Pouca	37.	43.	38.	42.	39.
	Nenhuma	33.	29.	35.	31.	27.
N		(516)	(554)	(314)	(489)	(270)
Tribunais	Muita	13.	10.	18.	7.	11.
	Alguma	46.	51.	46.	51.	48.
	Pouca	22.	24.	19.	25.	26.
	Nenhuma	18.	14.	17.	16.	15.
N		(517)	(548)	(314)	(487)	(267)
Polícias	Muita	14.	12.	17.	12.	11.
	Alguma	51.	59.	52.	55.	57.
	Pouca	20.	18.	14.	22.	22.
	Nenhuma	15.	11.	17.	11.	10.
N		(524)	(556)	(321)	(496)	(269)

Segue .../ ...

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo		Idades		
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Serviços de saúde	Muita	14.	12.	18.	11.	10.
	Alguma	51.	56.	55.	54.	51.
	Pouca	25.	23.	18.	25.	30.
	Nenhuma	10.	9.	9.	10.	9.
N		(526)	(556)	(322)	(496)	(269)

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

2.4. Causas que podem levar os jovens a mudar de vida

Tabela 2.4

	A igualdade dos sexos	A protecção da natureza	A paz	A luta contra a miséria	A defesa do país	A defesa da familia	A defesa da sua fé religiosa	A defesa da sua ideologia política	Os direios e liberdad. Individuais	A liberdade sexual	A revolução	Nenhuma	N
Conjunto	**3.**	**7.**	**27.**	**14.**	**5.**	**26.**	**5.**	**1.**	**7.**	**2.**	**1.**	**2.**	**(1124)**
Segundo o género:													
Homens	3.	9.	25.	11.	7.	26.	5.	1.	8.	3.	1.	1.	**(545)**
Mulheres	4.	6.	28.	16.	4.	26.	5.	1.	7.	1.	1.	1.	**(570)**
Segundo a Idade:													
(15-17)	4.	10.	25.	13.	6.	24.	4.	1.	8.	2.	1.	2.	**(334)**
(18-23)	3.	7.	27.	14.	5.	26.	5.	1.	8.	2.	1.	1.	**(509)**
(24-29)	3.	6.	28.	14.	5.	29.	5.	---	7.	2.	---	1.	**(276)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

III PARTE

1. A Igreja vista e sentida pelos Jovens

1.1.1. A forma como os jovens vêem a Igreja

Tabela 1.1.1

SEGUNDO	Sexo		Idades			
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)	
Conjunto	49.	51.	30.	5.	25.	N
N	(1124)		(1124)			
Acolhedora ou	47.	53.	32.	46.	22.	(854)
Fria	58.	42.	20.	49.	31.	(128)
Atractiva ou	46.	54.	33.	45.	22.	(673)
Repulsiva	58.	42.	30.	44.	26.	(152)
Desanimadora ou	55.	45.	29.	44.	27.	(191)
Entusiasta	46.	54.	32.	45.	23.	(636)
Alegre ou	45.	55.	32.	45.	23.	(751)
Triste	55.	45.	23.	43.	34.	(153)
Activa ou	47.	53.	33.	44.	23.	(669)
Parada	55.	45.	27.	45.	28.	(290)
Conservadora ou	50.	50.	28.	47.	25.	(711)
Actualizada	48.	52.	38.	41.	21.	(257)
Dialogante ou	47.	53.	36.	42.	22.	(629)
Fechada	53.	47.	20.	50.	30.	(295)
Progressista ou	52.	48.	33.	41.	26.	(202)
Tradicionalista	49.	51.	30.	45.	25.	(733)

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

1.1.2. A forma como os jovens desejariam transformar a Igreja

Tabela 1.1.2

A Igreja devia:

	Ir ao encontro das pessoas	Modernizar-se	Apoiar os jovens nos seus problemas / Projectos	Permitir uma maior participação	Tornar a prática religiosa mais cativante	Ter mais compreensão sobre a moral sexual	Escutar os jovens	Ser mais simples e menos formal	Ser mais convincente e coerente	N
Conjunto	12.	19.	17.	8.	15.	7.	10.	8.	4.	**(1124)**
Segundo o género:										
Homens	12.	20.	16.	8.	13.	7.	11.	8.	4.	**(512)**
Mulheres	12.	19.	17.	8.	17.	6.	10.	7.	4.	**(547)**
Segundo a idade:										
(15-17)	12.	17.	18.	9.	13.	6.	13.	8.	4.	**(311)**
(18-23)	12.	20.	17.	8.	15.	7.	10.	7.	4.	**(486)**
(24-29)	14.	21.	16.	6.	16.	7.	9.	8.	3.	**(264)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

1.2. A forma como os jovens católicos se sentem na Igreja

Tabela 1.2

SEGUNDO:	Sexo		Idades			
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)	N
Conjunto	**49.**	**51.**	**30.**	**45.**	**25.**	**(1124)**
Aceite ou	46.	54.	31.	45.	24.	**(889)**
Rejeitado	77.	23.	31.	38.	31.	**(13)**
Valorizado ou	45.	55.	32.	46.	22.	**(754)**
Desprezado	63.	37.	43.	33.	23.	**(29)**
Responsabilizado ou	45.	55.	32.	46.	22.	**(698)**
Desresponsabilizado	64.	36.	27.	41.	32.	**(115)**
Individualizado ou	44.	56.	33.	44.	23.	**(447)**
Massificado	52.	48.	30.	46.	23.	**(270)**
Interveniente ou	40.	60.	32.	48.	20.	**(386)**
Espectador	55.	45.	30.	43.	27.	**(476)**
Participativo ou	41.	59.	30.	46.	24.	**(553)**
Indiferente	59.	41.	33.	45.	22.	**(332)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem católica entre 15 e 29 anos
Respondem em cada item.

2. Aspectos da socialização religiosa

2.1.1. Educação religiosa dos jovens na Igreja

Tabela 2.1.1

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)
Conjunto	**49.**	**51.**	**30.**	**45.**	**25.**
N	**(1124)**		**(1124)**		
Sou baptizado	93.	95.	93.	96.	93.
N	**(1001)**		**(1004)**		
Frequentei a catequese até a Primeira Comunhão	85.	89.	85.	88.	86.
N	**(925)**		**(926)**		
Fiz a Primeira Comunhão	88.	92.	89.	91.	90.
N	**(959)**		**(960)**		
Frequentei a catequese até a Profissão de Fé	74.	82.	79.	80.	75.
N	**(835)**		**(836)**		
Fiz a Profissão de Fé	75.	82.	79.	80.	76.
N	**(838)**		**(838)**		
Frequentei a catequese ou um grupo de jovens até a Confirmação	58.	64.	52.	65.	64.
N	**(650)**		**(649)**		
Fiz a Confirmação	57.	65.	36.	70.	74.
N	**(650)**		**(650)**		

Segue …/ …

(Continuação)

SEGUNDO:	Sexo		Idades		
	H.	**M.**	**(15-17)**	**(18-23)**	**(24-29)**
Recebi uma educação religiosa em casa	63.	73.	66.	70.	68.
N	**(726)**		**(727)**		
Pertenci a um grupo ou movimento	27.	36.	23.	36.	32.
N	**(336)**		**(336)**		

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

2.1.2. Práticas religiosas dos pais quando os jovens tinham 10 anos, e qual é essa prática actualmente

Tabela 2.1.2

Posição Religiosa	10 anos		Actual ou última	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
	(1124)	(1124)	(1124)	(1124)
Vai ou ia à Missa semanalmente	58.	56.	59.	58.
Reza ou rezava diariamente	28.	32.	27.	32.
Pertence ou pertenceu a um ou mais movimentos religiosos	6.	6.	5.	5.
Desempenha(va) tarefas regularmente na Paróquia ou Comunidade	8.	6.	9.	5.

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos

2.2.1. Em que sentido se modificou a posição religiosa

Tabela 2.2.1

	Deixei de ser praticante	Deixei de ser católico e converti-me a outra religião	Passei a ser católico	Deixei de estar ligado a qualquer religião	Outro	N
Conjunto	**58.**	**---**	**6.**	**18.**	**18.**	**(152)**
Segundo o género:						
Homens	58.	---	9.	18.	15.	**(79)**
Mulheres	57.	---	4.	18.	21.	**(73)**
Em que idade se deu essa modificação?						
Com menos de 12 anos	50.	---	25.	17.	8.	**(12)**
Entre os 12 e 14 anos	64.	---	8.	17.	11.	**(36)**
Entre os 15 e 17 anos	58.	---	---	25.	17.	**(52)**
Entre os 18 e 20 anos	58.	---	8.	11.	22.	**(36)**
Entre os 21 e 24 anos	54.	---	---	15.	31.	**(13)**
Entre os 25 e 29 anos	33.	---	33.	---	33.	**(3)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que responderam que em determinado momento da sua vida mudaram a sua posição religiosa

2.2.2. Qual é o principal motivo da modificação da posição religiosa

Tabela 2.2.2

	A adolescência	Influencia/exemplo de pessoas religiosas	Novas matérias que aprendi na escola	Ter passado a viver fora da família	Namorar, relação amorosa	O casamento	A entrada na faculdadE	A entrada no mundo do trabalho	Um desgosto, sofrimento, alegria	Outro	N
Conjunto	19.	8.	13.	10.	10.	2.	5.	11.	27.	13.	**(87)**
Segundo o género:											
Homens	15.	8.	15.	10.	10.	---	2.	10.	17.	13.	**(42)**
Mulheres	17.	5.	7.	7.	7.	3.	7.	9.	29.	9.	**(45)**
Segundo a idade:											
15-17	35.	10.	20.	---	5.	---	---	---	25.	5.	**(17)**
18-20	19.	8.	14.	6.	14.	---	---	8.	14.	17.	**(25)**
21-23	9.	---	10.	10.	---	---	14.	19.	33.	5	**(16)**
24-26	15.	---	10.	10.	10.	---	10.	10.	30.	5	**(14)**
27-29	---	14.	---	19.	9.	10.	---	10.	19.	19.	**(15)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem entre 15 e 29 anos que responderam que em determinado momento da sua vida mudaram a sua posição religiosa

3. Inserção e participação dos jovens católicos na Igreja

3.1. Pertença e colaboração com a paróquia

Tabela 3.1

SEGUNDO:		Sexo		Idades			
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)	N
Conjunto		49.	51.	30.	45.	25.	(1030)
Ministro extraordinário da Comunhão	P.Res.	60.	40.	20.	40.	40.	(5)
	Outra	---	---	---	---	---	---
Animador litúrgico	P.Res.	44.	56.	31.	41.	28.	(32)
	Outra	40.	60.	20.	60.	20.	(5)
Leitor	P.Res.	32.	67.	39.	45.	16.	(112)
	Outra	38.	62.	37.	38.	25.	(8)
Membro do coro	P.Res.	31.	69.	40.	40.	20.	(102)
	Outra	56.	44.	37.	50.	13.	(16)
Catequista	P.Res.	20.	80.	27.	56.	16.	(74)
	Outra	50.	50.	25.	75.	---	(4)
Acolhimento	P.Res.	20.	80.	100.	---	---	(5)
	Outra	50.	50.	50.	---	50.	(2)
Visitador de doente e pessoas isoladas	P.Res.	36.	64.	35.	43.	22.	(23)
	Outra	33.	67.	67.	33.	---	(3)

Segue …/ …

(Continuação)

SEGUNDO:		Sexo		Idades			
		H.	M.	(15-17)	(18-23)	(24-29)	N
Colaborador de actividades sócio-caritativas	**P.Res.**	40.	60.	49.	40.	11.	**(37)**
	Outra	50.	50.	---	100.	---	**(2)**
Membro do Conselho Pastoral	**P.Res.**	55.	45.	25.	40.	35.	**(20)**
	Outra	100.	---	---	---	100.	**(1)**
Membro do Conselho Económico	**P.Res.**	50.	50.	---	25.	75.	**(4)**
	Outra	---	---	---	---	---	**---**
Membro da Comissão de Festas	**P.Res.**	63.	37.	21.	37.	42.	**(19)**
	Outra	80.	20.	40.	---	60.	**(5)**
Outra	**P.Res.**	62.	38.	24.	62.	14.	**(29)**
	Outra	20.	80.	20.	60.	20.	**(5)**
Nenhuma	**P.Res.**	51.	49.	29.	45.	26.	**(766)**
	Outra	47.	53.	30.	45.	25.	**(949)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem católica entre 15 e 29 anos
Nota: P. Res. = paróquia de residência **Outra =** Outra paróquia

3.2. Movimentos da Igreja a que os jovens pertencem

Tabela 3.2

	Grupo juvenil paroquial Jovens em "Caminhada"	Corpo Nacional de "Escutas" Associação Guias de Portugal	Convívios fraternos Movimento Teresiano de Apostolado "Shalom"	Uma irmandade ou confraria Legião de Maria Acção Católica	Movimento "Focolares"/Jovens sem Fronteiras Equipas Jovens de Nossa Senhora/ "Renovação" Carismática Comunidade de Vida Cristã	Outro(s)	Nenhum	N
Conjunto	**16.**	**11.**	**2.**	**1.**	**2.**	**3.**	**65.**	**(1090)**
Segundo o género:								
Homens	16.	13.	2.	1.	1.	3.	63.	**(521)**
Mulheres	17.	8.	2.	1.	2.	3.	67.	**(565)**
Segundo a idade:								
15-17	21.	14.	3.	1.	1.	3.	56.	**(336)**
18-20	18.	14.	3.	1.	1.	4.	59.	**(315)**
21-23	19.	5.	2.	1.	1.	2.	70.	**(181)**
24-26	6.	4.	1.	1.	1.	3.	84.	**(140)**
27-29	9.	7.	1.	---	1.	4.	78.	**(115)**

Fonte: Inquérito aos jovens da Diocese de Braga, 2002
Base: População jovem católica entre 15 e 29 anos

ÍNDICES:

FIGURAS, QUADROS E TABELAS

ÍNDICE DAS FIGURAS

INTRODUÇÃO

PARTE I

PARTE II

PARTE III

ÍNDICE DOS QUADROS

INTRODUÇÃO

PARTE I

PARTE II

PARTE III

ÍNDICE DAS TABELAS

PARTE I

PARTE II

PARTE III